

CAMILA ESCUDERO

**IMPrensa DE COMUNIDADES IMIGRANTES DE SÃO PAULO E IDENTIDADE:
estudo dos jornais ibéricos *Mundo Lusíada* e *Alborada***

Universidade Metodista de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
São Bernardo do Campo, 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CAMILA ESCUDERO

**IMPrensa DE COMUNIDADES IMIGRANTES DE SÃO PAULO E IDENTIDADE:
estudo dos jornais ibéricos *Mundo Lusíada* e *Alborada***

Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Umesp – Universidade Metodista de São Paulo, para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Círcia M. K. Peruzzo.

Universidade Metodista de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
São Bernardo do Campo, 2007

FOLHA DE APROVAÇÃO

A dissertação de mestrado sob o título “**IMPrensa DE COMUNIDADES IMIGRANTES DE SÃO PAULO E IDENTIDADE: estudo dos jornais ibéricos *Mundo Lusíada e Alborada***”, elaborada por Camila Escudero, foi defendida no dia 17 de abril de 2007, perante banca composta por Cicilia Maria Krohling Peruzzo (presidente – Póscom/Umesp), Wilson Bueno (Póscom/Umesp) e Alice Mitika Koshiyama (ECA/USP).

Assinatura do orientador: _____

Nome do orientador: Cicilia Maria Krohling Peruzzo

Data: São Bernardo do Campo, 15 de maio de 2007.

Visto do Coordenador do Programa de Pós-Graduação: _____

Área de concentração: Processos comunicacionais

Linha de pesquisa: Comunicação massiva

Projeto temático: Mídia local e comunitária

DEDICATÓRIA

Para meus pais, Nelson e Geni, meu irmão Caio e meu marido Eduardo. Cada um a seu jeito, todos, os grandes amores da minha vida.

EPIÍGRAFE

*“No começo a palavra já existia [...] Tudo foi feito por meio dela, e, de tudo o que existe, nada foi feito sem ela. Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens”
(João 1:1-3).*

AGRADECIMENTOS

À professora Cicilia Maria Krohling Peruzzo, querida e admirada mestra, pela acolhida e orientação.

A todos os professores do Poscóm/Umesp, pelo aprendizado e troca de idéias. Também aos colegas que fiz no programa, pelo convívio e carinho.

Aos funcionários do Memorial do Imigrante de São Paulo, do Centro de Estudos Migratórios (CEM) de São Paulo, da Casa de Portugal, do Clube Português, da Sociedade Hispano Brasileira, do Instituto Cervantes, do jornal *Mundo Lusíada*, das diversas associações de imigrantes que visitei, das redações dos impressos com quem falei e a todos aqueles que, compreendendo a necessidade deste estudo, sempre pronta e gentilmente, me atenderam.

Aos autores dos livros, artigos, ensaios, romances, dissertações, teses e todo o material utilizado nesta jornada. Sem o registro de suas idéias e pesquisas, não seria possível este trabalho.

Ao Eduardo, pela valiosa ajuda com as tabelas do Excel e paciência; e a Geni, pela presteza na confirmação de algumas informações junto às redações dos jornais.

A CAPES, pelo apoio financeiro.

E, especialmente, a Deus por me permitir a realização de mais este sonho.

LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

	Página
Quadros	
Q1 – Quadro do mapeamento	25
Q2 – Amostra construída do jornal <i>Mundo Lusíada</i>	28
Q3 – Amostra do jornal <i>Alborada</i>	28
Q4 – Associações portuguesas do Estado de São Paulo em 2005/2006	145
Q5 – Principais grupos de imigrantes estrangeiros para o Brasil	182
 Gráficos	
G1 – Total de ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncio’: jornal <i>Mundo Lusíada</i>	215
G2 – Total de ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncio’: jornal <i>Alborada</i>	215
G3 – Assinatura dos textos: jornal <i>Mundo Lusíada</i>	231
G4 – Assinatura dos textos: jornal <i>Alborada</i>	232
G5 – Assuntos mais freqüentes: jornal <i>Mundo Lusíada</i>	236
G6 – Assuntos mais freqüentes: jornal <i>Alborada</i>	237
G7 – Assunto ‘Imigração’ nos jornais <i>Mundo Lusíada</i> e <i>Alborada</i>	252
G8 – Localização dos anúncios: jornais <i>Mundo Lusíada</i> e <i>Alborada</i>	257
G9 – Tamanho dos anúncios: jornais <i>Mundo Lusíada</i> e <i>Alborada</i>	258
G10 – Língua dos anúncios: jornais <i>Mundo Lusíada</i> e <i>Alborada</i>	259
G11 – Anúncios X Anunciantes: jornais <i>Mundo Lusíada</i> e <i>Alborada</i>	266
 Tabelas (corpo do trabalho)	
T1 - Números sobre a imigração em São Paulo	16
T2 – Total de ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i>	214
T3 – Total de ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i>	215
T4 – Categoria ‘Seção’: jornal <i>Mundo Lusíada</i>	219
T5 – Categoria ‘Seção’: jornal <i>Alborada</i>	220
T6 – Categoria ‘País’: jornal <i>Mundo Lusíada</i>	223
T7 – Categoria ‘País’: jornal <i>Alborada</i>	223
T8 – Categoria ‘Idioma’: jornal <i>Mundo Lusíada</i>	224
T9 – Categoria ‘Idioma’: jornal <i>Alborada</i>	224
T10 – Categoria ‘Gênero’: jornal <i>Mundo Lusíada</i>	226
T11 – Categoria ‘Gênero’: jornal <i>Alborada</i>	226
T12 – Categoria ‘Autor’: jornal <i>Mundo Lusíada</i>	228
T13 – Categoria ‘Autor’: jornal <i>Alborada</i>	229
T14 – Categoria ‘Assunto – Geral’: jornal <i>Mundo Lusíada</i>	234
T15 – Categoria ‘Assunto – Geral’: jornal <i>Alborada</i>	235
T16 – Categoria ‘Personagem predominante’: jornal <i>Mundo Lusíada</i>	237
T17 – Categoria ‘Personagem predominante’: jornal <i>Alborada</i>	238
T18 – Categoria ‘Fala da colônia’: jornal <i>Mundo Lusíada</i>	240
T19 – Categoria ‘Fala da colônia’: jornal <i>Alborada</i>	240
T20 – Categorias ‘Assunto – Geral’ X ‘Fala da colônia’	243
T21 – Categorias ‘Assunto – Geral’ X ‘Personagem predominante’	244
T22 – Perfil geral dos anúncios publicados em <i>Mundo Lusíada</i>	256
T23 – Perfil geral dos anúncios publicados em <i>Alborada</i>	256
T24 – Quem anuncia mais, em que tamanho e se indica a colônia	268

Tabelas (Anexos)

T25 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 137	02
T26 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 139	02
T27 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 140	02
T28 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 143	03
T29 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 144	03
T30 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 147	03
T31 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 148	04
T32 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 151	04
T33 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 152	04
T34 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 155	04
T35 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 156	05
T36 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 159	05
T37 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 219	05
T38 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 220	05
T39 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 221	06
T40 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 222	06
T41 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 223	06
T42 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 224	07
T43 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 225	07
T44 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 226	07
T45 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 227	08
T46 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 228	08
T47 – ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 229	08
T48 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 137	10
T49 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 139	14
T50 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 140	17
T51 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 143	21
T52 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 144	24
T53 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 147	28
T54 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 148	32
T55 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 151	35
T56 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 152	38
T57 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 155	41
T58 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 156	44
T59 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 159	46
T60 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Alborada</i> 219	49
T61 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Alborada</i> 220	50
T62 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Alborada</i> 221	52
T63 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Alborada</i> 222	53
T64 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Alborada</i> 223	54
T65 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Alborada</i> 224	55
T66 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Alborada</i> 225	56
T67 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Alborada</i> 226	56
T68 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Alborada</i> 227	58
T69 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Alborada</i> 228	59
T70 – ‘Conteúdo Jornalístico’: jornal <i>Alborada</i> 229	61
T71 – ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 137	64
T72 – ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 139	65
T73 – ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 140	66

	Página
T74 – ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 143	68
T75 – ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 144	69
T76 – ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 147	70
T77 – ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 148	72
T78 – ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 151	73
T79 – ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 152	74
T80 – ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 155	75
T81 – ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 156	76
T82 – ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i> 159	77
T83 – ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 219	78
T84 – ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 220	78
T85 – ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 221	79
T86 – ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 222	80
T87 – ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 223	81
T88 – ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 224	81
T89 – ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 225	82
T90 – ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 226	83
T91 – ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 227	84
T92 – ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 228	85
T93 – ‘Anúncios’: jornal <i>Alborada</i> 229	85
T94 – Número de vezes e edições que o anunciante aparece: jornal <i>Mundo Lusíada</i> ..	88
T95 – Número de vezes e edições que o anunciante aparece: jornal <i>Alborada</i>	90
T96 – Textos destacados do jornal <i>Mundo Lusíada</i>	92
T97 – Textos destacados do jornal <i>Alborada</i>	97

SUMÁRIO

	Página
Introdução	15
Capítulo I – ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	21
1. Por que estudar os jornais imigrantes de S.Paulo	21
2. Mapeamento das principais publicações em circulação em S.Paulo	24
3. A escolha dos títulos <i>Alborada</i> e <i>Mundo Lusíada</i>	26
4. A definição da amostra	27
5. A opção e aplicação da análise de conteúdo	29
5.1. ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’ (publicidade)	32
5.2. ‘Conteúdo jornalístico’	33
5.3. ‘Anúncios’	40
5.4. Outra etapa	44
Capítulo II – A IDENTIDADE E O PAPEL DA COMUNIDADE NO PROCESSO MIGRATÓRIO	46
1. A identidade cultural no processo migratório	46
2. Comunidade e identidade cultural: correlações	53
2.1. Identidade, comunidade e imigração	57
3. Etnia, idioma e nacionalidade como bases da comunidade de imigrantes	59
3.1. O outro lado da comunidade	65
4. A sociedade híbrida, multicultural e intercultural pós-migração	66
5. Assimilação e aculturação: processos custosos, contraditórios e possíveis ..	71
Capítulo III – IMPRENSA IMIGRANTE: PASSADO E PRESENTE	75
1. O que é imprensa imigrante	75
1.1. Surgimento	76
1.2. Conteúdo	83
1.3. Leitor	91
1.4. Características físicas	93
1.5. Reflexos de momentos históricos na imprensa imigrante	104
2. A imprensa imigrante como mídia comunitária	109
3. Panorama da imprensa imigrante de S.Paulo em 2005/2006	114
4. Outras considerações	124
Capítulo IV – SÃO PAULO, ‘UMA CASA PORTUGUESA, COM CERTEZA’: IMPRENSA E IMIGRAÇÃO LUSA	128
1. Imigração portuguesa: brevemente, do princípio aos dias de hoje	128
2. Identidade e as comunidades portuguesas de São Paulo	140
2.1. Elementos da identidade portuguesa no Brasil	140
2.2. Associações, entidades, comunidades, colônias e afins	142
3. A imprensa dos portugueses de São Paulo	151
4. O jornal <i>Mundo Lusíada</i>	169
Capítulo V: UM GRITO DE OLÉ! EM SÃO PAULO: IMPRENSA E IMIGRAÇÃO ESPANHOLA	172
1. Imigração espanhola: brevemente, do princípio aos dias de hoje	172
2. Identidade e as comunidades espanholas de São Paulo	185

	Página
2.1. Elementos da identidade espanhola no Brasil	185
2.2. Associações, entidades, comunidades, colônias e afins	188
3. A imprensa dos espanhóis de São Paulo	194
4. O jornal <i>Alborada</i>	209
Capítulo VI: DO QUE FALAM OS JORNAIS <i>MUNDO LUSÍADA</i> E <i>ALBORADA</i>	214
1. Relação entre conteúdo jornalístico e anúncio publicitário	214
2. Conteúdo jornalístico	219
2.1. Divisão editorial dos jornais – Categoria ‘Seção’	219
2.2. De que lugar os jornais falam – Categoria ‘País’	223
2.3. Que língua falam os jornais – Categoria ‘Idioma’	224
2.4. Informação e opinião nos jornais – Categoria ‘Gênero’	226
2.5. Quem assina os textos – Categoria ‘Autor’	228
2.6. Do que falam os jornais – Categoria ‘Assunto’	234
2.7. De quem falam os jornais – Categoria ‘Personagem predominante’	237
2.8. Textos que falam da comunidade – Categoria ‘Fala da colônia’ ...	240
2.9. Quem escreve o quê e em que língua	241
2.10. Que assuntos falam da comunidade	243
2.11. Do que e de quem falam os principais assuntos	244
2.12. O que se fala da comunidade	248
2.13. O que se fala dos imigrantes	251
2.14. Outras considerações sobre o conteúdo jornalístico	254
3. Anúncio	255
3.1. Localização	257
3.2. Tamanho	258
3.3. Idioma	259
3.4. Indicativo explícito da colônia	262
3.5. O anunciante	266
3.6. Quem anuncia em que língua	267
3.7. Quem anuncia mais	268
3.8. Outras considerações sobre os anúncios	269
Capítulo VII – COMO FALAM OS JORNAIS: ESTILO E IDENTIDADE CULTURAL NO CONTEÚDO DE <i>MUNDO LUSÍADA</i> E <i>ALBORADA</i>	273
1. Algumas explicações introdutórias	273
2. Jornal <i>Mundo Lusíada</i>	274
3. Jornal <i>Alborada</i>	291
Conclusão	304
Referências bibliográficas	312
Anexos	01
1	02
2	09
3	63
4	87
5	92
6	98

RESUMO

Entre os veículos impressos voltados para colônias de imigrantes em circulação na cidade de São Paulo, atualmente (2005/2006), estão *Mundo Lusíada* (português) e *Alborada* (espanhol). Identificar se estes dois jornais trazem em seu conteúdo, predominantemente, assuntos que favorecem a aculturação e assimilação do estrangeiro no território receptor ou a preservação de sua identidade cultural foi o principal objetivo deste trabalho, além de apurar as características editoriais e averiguar se a relação com a comunidade em questão não é apenas uma estratégia mercadológica. O estudo foi baseado em pesquisa bibliográfica, mapeamento das principais publicações voltadas para imigrantes que circulam na capital paulista e, sobretudo, em análise de conteúdo de 12 edições do *Mundo Lusíada* e 11 de *Alborada*. Entre os resultados observados destaca-se que o conteúdo de ambos os títulos fornece elementos que propiciam um contato direto com as raízes desses grupos. Este demonstra elementos que permeiam a memória coletiva dos imigrantes luso e hispânico que vieram para o Brasil há mais de um século — independentemente de essa identidade ser real. *Mundo Lusíada*, apesar de ser um veículo voltado para a comunidade luso-brasileira é segmentado, uma vez que, entre outros fatores, se utiliza de estrutura comercial de uma micro empresa. Já *Alborada* pode ser considerado comunitário no sentido de servir à comunidade atendida pela Sociedade Hispano Brasileira – SHB (que o mantém) — embora este caráter esteja mudando. Com relação a aspectos jornalísticos verificados nos dois jornais, estes se assemelham aos da pequena imprensa, numa mistura de amadorismo e fonte de status. No entanto, ambos têm papel relevante no fortalecimento dos laços de amizade, culturais e união dos envolvidos, bem como na celebração de suas origens.

PALAVRAS-CHAVES: imprensa imigrante, jornais de colônia, mídia comunitária, comunicação e identidade.

ABSTRACT

Among the press directed toward colonies of immigrants in circulation at São Paulo city, currently (2005/2006), there are *Mundo Lusíada* (Portuguese) and *Alborada* (Spanish). To identify if those two periodicals bring in their content, predominantly, subjects that favor the cultural change and assimilation of the foreigner in the receiving territory or the preservation of its cultural identity is the main objective of this work, besides of selecting the publishing characteristics and inquiring if the relation with the community in question is not only a marketing strategy. The study was based on bibliographical research, mapping the main publications, directed toward immigrants, which circulate in São Paulo and, over all, the content analysis of 12 editions of the *Mundo Lusíada* and 11 of *Alborada*. Among the observed results, it is distinguished that the content of both provides elements that propitiate a direct contact with those groups' roots. This demonstrates elements that spread the collective memory of the Portuguese and Hispanic immigrants who had come to Brazil more than a century ago - independently if this identity is real. Although *Mundo Lusíada* is a vehicle directed toward the Portuguese-Brazilian community, it is segmented, because, among others factors, it uses the commercial structure of a small company. *Alborada* can be considered communitarian in the sense of serving the attended by the Sociedade Hispano Brasileira - SHB (that it sponsors it) - but this character is changing. About journalistic aspects verified on the two periodicals, those are similar to the small press, in a mixture of amateurish and source of status. However, both have important paper in strengthen the bows of friendship, cultural and union of the involved, as well as in the celebration of their origins.

PALAVRAS-CHAVES: immigrant press, communitarian media, colonies of immigrants' newspapers, communication and identity.

RESUMEN

Entre los vehículos impresos dirigidos a las colonias de inmigrantes en circulación en la ciudad de São Paulo, hoy (2005/2006), hay el *Mundo Lusíada* (portugués) y el *Alborada* (español). Identificar si estos dos periódicos traen en contenido, predominantemente, asuntos que favorezcan aculturación y asimilación del extranjero en el territorio receptor o la preservación de su identidad cultural fue el principal objetivo de este trabajo, además de averiguar si la relación con la comunidad en cuestión no es solo una estrategia de venta. El estudio fue basado en una pesquisa bibliografía y en un análisis de contenido de 12 ediciones del *Mundo Lusíada* e 11 del *Alborada*. Fueron identificados también las principales publicaciones dirigidas para inmigrantes que circulan en la capital paulista. Entre los resultados observados despegase que el contenido de ambos los títulos provee elementos que propician un contacto directo con las raíces de estos grupos. Esto demuestra elementos que penetran en la memoria colectiva de los inmigrantes luso e hispánico que vinieron para el Brasil desde más de un siglo – independientemente de ser real. El *Mundo Lusíada*, a pesar de ser un vehículo vuelto para la comunidad luso-brasilera es segmentado, una vez que, entre otros factores, utilizase de una estructura comercial de una microempresa. Ya el *Alborada* pode ser considerado comunitario no sentido de servir a la comunidad atendida por la “Sociedade Hispano Brasileira – SHB” (que lo mantiene) – aunque este carácter este cambiando. Con relación a los aspectos periodísticos, estos parecen con la pequeña prensa, presentando un poco amateur. Sin embargo, ambos tienen un papel importante en el fortalecimiento de los lazos de amistad, culturáis y unión de los involucrados, así como la celebración de sus orígenes.

PALABRAS-CLAVES: periódicos para inmigrantes, media comunitaria, periódicos de las colonias de inmigrantes, identidad y comunicación.

INTRODUÇÃO

Oficialmente, o início da imigração no Brasil se deu em 1818, com a chegada de 1,7 mil suíços que se instalaram no Rio de Janeiro, especialmente na região serrana, onde fundaram a cidade conhecida atualmente como Nova Friburgo. O próprio processo de colonização brasileiro, a revolução industrial, o fim da escravidão, o crescimento demográfico europeu, as Primeira e Segunda Guerra Mundial e o comunismo na Rússia e Leste Europeu podem ser apontados como fatores macrossociais que contribuíram para a chegada dos imigrantes ao território brasileiro. Mas há outros, os microssociais (na maioria decorrente dos macros e de caráter conjuntural), entre os quais se encontram, principalmente, questões de ordem local (miséria, fome, doenças, carência de oportunidades etc.) ou mesmo pessoal (busca de riquezas e aventuras, laços de parentesco e amizades etc.). Registros mostram que até 1940 — período que compreende também a chamada migração em massa, responsável por 70% do volume total de pessoas deslocadas entre os anos de 1880 e 1921 —, cerca de 4,7 milhões de estrangeiros tinham chegado ao território brasileiro. De 1944 a 1953, do total da população brasileira, 14,4% eram de espanhóis; 18,3%, de italianos; 1,1%, de japoneses; e 41,1%, de portugueses¹.

O Brasil é tradicionalmente um país de imigração. Desde o descobrimento, foi ocupado, colonizado e povoado por diferentes grupos étnicos e raciais. O Brasil recebeu o terceiro maior contingente de imigrantes, pois, embora, tenha havido algumas oscilações, podemos dizer que o primeiro contingente se dirigiu para os Estados Unidos e o segundo para a Argentina. ‘Fazer América’ era o sonho da maioria dos imigrantes. Para muitos deles não havia diferença entre a América do Norte e a do Sul. A América era a terra de oportunidades, onde haveria a possibilidade de enriquecimento para todos. (FREITAS, 1999, p.32-33).

Em São Paulo, os primeiros registros de imigrantes datam de 1827. Na ocasião, vieram alemães que se fixaram na região de Santo Amaro e Itapeverica da Serra. Deste ano até 1904, entrou no Estado — de acordo com números do Memorial do Imigrante — um total de 2.429.711 imigrantes, a maioria vindo de países da Europa. Atualmente, vivem aqui, entre imigrantes e descendentes:

¹ Fonte: Site do Memorial do Imigrante: <http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br>. Acesso em: 26 mar.2006.

T1 – Números sobre a imigração em São Paulo²		
Nacionalidade	Número	Fonte
Alemães	São Paulo (região metropolitana) = cerca de 400 mil	Fonte: Folheto São Paulo e a comunidade alemã. São Paulo, Consulado Geral da Alemanha, 1995, p.04.
Árabes e Libaneses	São Paulo (município) = 1 milhão	Fonte: O que seria do nosso cardápio sem eles? Veja São Paulo, 05 fev.2003.
Argentinos	São Paulo (Estado) = 10 mil São Paulo (município) = 5,1 mil	Fonte: Argentinos em Brasil, Clube Argentino Nuevos Aires, n. 30, fev.2003. – p.2.
Armênios	São Paulo (Estado) = 25 mil	Fonte: Armênios fazem diáspora. Folha de São Paulo, 13 set.1998, p.3–11.
Austríacos	São Paulo (município) = 5 mil	Fonte: O que seria do nosso cardápio sem eles? Veja São Paulo, 05 fev.2003.
Chineses	São Paulo (Estado) = 120 mil	Fonte: Dados do Consulado da China, 1997.
Coreanos	São Paulo (município) = 50 mil	Fonte: O que seria do nosso cardápio sem eles? Veja São Paulo, 05 fev.2003.
Cubanos	São Paulo (município) = 700	Fonte: O que seria do nosso cardápio sem eles? Veja São Paulo, 05 fev.2003.
Escandinavos	São Paulo (município) = 1,3 mil	Fonte: O que seria do nosso cardápio sem eles? Veja São Paulo, 05 fev.2003.
Espanhóis	São Paulo (Estado) = 57 mil	Fonte: Atlas do SEADE
Franceses	São Paulo (município) = 10 mil	Fonte: O que seria do nosso cardápio sem eles? Veja São Paulo, 05 fev.2003.
Gregos	São Paulo (município) = 50 mil	Fonte: O que seria do nosso cardápio sem eles? Veja São Paulo, 05 fev.2003.
Indianos	São Paulo (município) = 300	Fonte: O que seria do nosso cardápio sem eles? Veja São Paulo, 05 fev.2003.
Italianos	São Paulo (Estado) = 6 milhões	Fonte: Estimativa de 2000 do Consulado Italiano
Japoneses	São Paulo (município) = 326 mil São Paulo (Estado) = 1,4 milhão	Fonte: Dados do IBGE, 1987. Fonte: Levantamento da população de japoneses e descendentes residentes no Brasil, entre 1887 e 1988, elaborado pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiro, citado no artigo Banzai Akihito, da Revista Já, do Diário Popular, 01 jun.1997, p.17
Judeus	São Paulo (município) = 60 mil	Fonte: Vicentini, Tatiana. Penta tira o público do 1º Festival de Raízes. O Estado de São Paulo, 01 jun.2002. Cad. C, p.03.
Marroquinos	São Paulo (município) = 150	Fonte: O que seria do nosso cardápio sem eles? Veja São Paulo, 05 fev.2003.
Portugueses	São Paulo (município) = 200 mil	Fonte: Ferreira, Cristina. Portugal emigrante. Lusitano: Jornal dos Portugueses Residentes no Estrangeiro, 26 jun.1998, p.02.
Suíços	São Paulo (município) = 3,6 mil	Fonte: O que seria do nosso cardápio sem eles? Veja São Paulo, 05 fev.2003.

O fato é que estes estrangeiros recém-chegados recriaram suas tradições, não só em São Paulo, mas no Brasil. Segundo Darcy Ribeiro (1995, p.21) — na sua obra clássica *O povo brasileiro* —, os estrangeiros introduziram no país novos contingentes humanos, principalmente europeus, árabes e japoneses e “já encontrando [o brasileiro] capaz de

² ESTATÍSTICAS gerais sobre a imigração em São Paulo: imigrantes e descendentes. Disponível em: <<http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br/estatist/Estati07.html>>. Acesso em: 10 mar.2005.

absorvê-los e abrigará-los, estrangeirou alguns brasileiros ao gerar diferenciações nas áreas ou nos estratos sociais onde os imigrantes mais se concentraram”. Assim, muitos se organizaram e se firmaram perante a sociedade brasileira.

[...] esses imigrantes tanto manipularam quanto modificaram o sistema, tornando-se, rapidamente, parte integrante da nação brasileira moderna, à medida que eles desafiavam as idéias de como essa nação deveria ser imaginada e construída (LESSER, 2001, p.19).

Foi neste contexto que surgiram os jornais, boletins, revistas, enfim, veículos impressos voltados para imigrantes, ou seja, publicações feitas por colônias e comunidades de estrangeiros destinadas a seus próprios integrantes. No princípio, o objetivo primordial era estabelecer um canal próprio de comunicação entre os imigrantes que pudesse refletir suas necessidades (informações da terra natal, prestação de serviços como documentação, informações sobre emprego, moradia etc.), bem como garantir a manutenção da identidade cultural do grupo sem esbarrar no problema do idioma (eram escritos em línguas vernáculas).

Certamente, o jornal teve para os primeiros imigrantes esta função fortemente socializadora, levando ao conhecimento de todos os valores estabelecidos, e introjetando em cada um a ideologia dominante na época. Com a folha impressa, o imigrante entra em contato com um conjunto de normas, comportamento, idéias e valores organicamente sistematizados [...] (CAPARELLI, 1979, p.95-96).

De lá para cá, muita coisa mudou. Os imigrantes foram se integrando à sociedade paulista e absorvidos por ela, em processos de aculturação e assimilação. As publicações impressas acompanharam essas mudanças³. Títulos desapareceram, outros surgiram e alguns se fundiram ou se reestruturaram. Porém, nos dias de hoje, a quantidade dos jornais para imigrantes ainda é significativa — uma vez que, entre outros fatores, estão ligados a colônias tão diversas (com seus respectivos hábitos, costumes, tradições, interesses etc.) — apesar de não seguir um modelo único, com grande variedade de estilos, formatos, estrutura e conteúdo.

Infelizmente, não encontramos um número exato de quantos veículos impressos para imigrantes existem na cidade de São Paulo. Apenas como ilustração, citamos dois títulos bem conhecidos: um “clássico” e muito tradicional é o jornal *Fanfulla*, órgão da imprensa em língua italiana de São Paulo, fundado em 1893, por imigrantes. Outro, desta mais recente, é o *Notícias do Japão*, voltado para a colônia japonesa de São Paulo. Criado em 1992 e reformulado em 1999 (quando então passou a circular com o nome de *Nippo Brasil*) é escrito

³ Conforme explica Sérgio Caparelli (1979, p.91): “as mudanças no sistema de comunicação expressam as necessidades que se criam dentro da sociedade e as mudanças da estrutura social correspondem a mudanças nos conteúdos veiculados e também nos próprios canais de informação”.

em japonês e português. Ambos circulam na capital paulista especificamente com outras duas publicações que compõem o objeto de estudo deste trabalho: o jornal *Mundo Lusíada*, voltado para os luso-brasileiros e o jornal *Alborada*, informativo da Sociedade Hispano Brasileira (SHB), dirigido aos espanhóis.

Diante de todas essas informações e ciente do papel da imprensa como contribuinte da compreensão da sociedade, surge a pergunta: os jornais impressos voltados para colônias de imigrantes portugueses e espanhóis que circulam na cidade de São Paulo atualmente trazem em seu conteúdo, predominantemente, assuntos que favorecem a aculturação e assimilação do estrangeiro no novo território ou a preservação de sua identidade cultural? Neste sentido, o objetivo geral é averiguar a configuração da imprensa imigrante na cidade de São Paulo e, com ênfase nos jornais *Mundo Lusíada* e *Alborada* verificar seu perfil dentro da perspectiva de mídia comunitária — uma vez que são voltados, acima de tudo para “comunidades”.

Para irmos a fundo neste problema, fizemos um trabalho em três etapas, aqui resumidas:

1. Uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto;
2. Um mapeamento dos jornais voltados para imigrantes estrangeiros que existem na cidade de São Paulo atualmente (2005/2006); e
3. Uma análise de conteúdo de um ano de edições (2005/2006) de dois títulos em circulação na capital paulista: *Mundo Lusíada* (luso-brasileiro) e *Alborada* (hispânico-brasileiro).

Todo este processo foi detalhado no capítulo I, intitulado “ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA”, que teve, como foco, descrever, de maneira sistematizada, os objetivos da dissertação, bem como seu desenvolvimento. Trata-se de um detalhamento do projeto de pesquisa — aprovado em banca de qualificação em 11 de abril de 2006 —, enfatizando seus aspectos metodológicos. Contém explicações das decisões tomadas como, por exemplo, o porquê da escolha da técnica de análise de conteúdo, a contextualização do tema, a justificativa do trabalho, entre outros itens.

No capítulo II — “A IDENTIDADE E O PAPEL DA COMUNIDADE NO PROCESSO MIGRATÓRIO” —, discutimos os aspectos teóricos do tema da dissertação contextualizando os conceitos de identidade cultural e comunidade no processo migratório com dois objetivos principais. O primeiro foi entender como se dá a aculturação e assimilação do migrante no

novo território em meio a que Stuart Hall (2005a, p.9) chama de “descentração do sujeito” — ou seja, a perda de um sentido de si (raízes, laços familiares, origens, tradições etc.) — e ao multiculturalismo e interculturalismo que, inevitavelmente acaba se formando por meio do contato social. O segundo foi averiguar como a formação da comunidade (com todo seu sentimento de pertencimento) pode influenciar nesses efeitos e aprofundar os elos dos envolvidos a partir da etnia, da nacionalidade e do idioma.

O capítulo III, “IMPrensa IMIGRANTE: PASSADO E PRESENTE”, visa recuperar os principais pontos do processo histórico da imprensa imigrante, desde seu surgimento e desenvolvimento, a fim de compreendermos suas características atuais, relacionando-as nos conceitos de mídia comunitária. Especificamente a imprensa para colônias de imigrantes estrangeiros na cidade de São Paulo foi mais abordada — ainda que contextualizada, brevemente, no cenário nacional e mundial — por se tratar de uma das delimitações da pesquisa. É neste capítulo que se encontra o mapeamento com os principais títulos da imprensa de língua estrangeira que circulam em São Paulo nos dias de hoje (2005/2006).

Os capítulos IV e V, respectivamente, “SÃO PAULO, UMA ‘CASA PORTUGUESA COM CERTEZA’: IMPrensa E IMIGRAÇÃO LUSA” e “UM GRITO DE ‘OLÉ!’ EM SÃO PAULO: IMPrensa E IMIGRAÇÃO ESPANHOLA”, justificam-se pela análise de conteúdo dos jornais *Mundo Lusíada* (português) e *Alborada* (espanhol). Teve como objetivo fazer um resgate histórico das imigrações portuguesa e espanhola para São Paulo, abordar o estabelecimento desses imigrantes estrangeiros na cidade — seus perfis identitários, ações e atividades — e, com ênfase no surgimento de suas imprensas, conhecer como se configuram os veículos dessas duas colônias atualmente (2005/2006), entre outros aspectos. Contém ainda o histórico dos dois jornais estudados.

No capítulo VI, “DO QUE FALAM OS JORNAIS *MUNDO LUSÍADA* E *ALBORADA*” está a análise de conteúdo dos dois títulos escolhidos feita sobre suas respectivas amostras, com a aplicação do conteúdo às categorias e variáveis previamente estabelecidas e detalhadas no capítulo I. A meta foi classificar, sistematizar, interpretar e apresentar os resultados, descrevendo-os, contextualizando-os e relacionando-os entre si, além de traçar um paralelo (sobre possíveis semelhanças) entre as duas publicações.

O capítulo VII, “COMO FALAM OS JORNAIS: ESTILO E IDENTIDADE CULTURAL NO CONTEÚDO DE *MUNDO LUSÍADA* E *ALBORADA*”, resume-se, principalmente, a

análise qualitativa de textos dos jornais português e espanhol sobre uma outra amostra: que reúne matérias, reportagens, notas, editoriais, colunas ou qualquer outro tipo de gênero e formato jornalístico que, no caso de *Mundo Lusíada* foram destaques nas capas; em relação a *Alborada*, seguiu uma amostra construída por páginas (detalhada no capítulo 1). O objetivo foi verificar o estilo do texto de ambas as publicações, como alguns temas são tratados, bem como a posição do jornal em relação a eles; quais as palavras mais usadas, entre outros aspectos de caráter mais peculiar e descritivo.

Por fim, a CONCLUSÃO relacionou, numa espécie de “costura”, os dados analisados e os resultados obtidos nos capítulos VI e VII com a teoria explicitada no capítulo II, levando em consideração ainda todo o conteúdo histórico estudado nos demais capítulos. Contém ainda, de forma sintética, as principais considerações e observações identificadas ao longo do trabalho.

CAPÍTULO I

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

1. Por que estudar os jornais de imigrantes de São Paulo

Os chamados jornais de imigrantes, jornais étnicos ou jornais de colônia — e tantos outros termos que veremos com detalhes no capítulo III —, independentemente de sua estrutura física, periodicidade, regularidade etc., ocupam um espaço relevante dentro da mídia impressa que circula na cidade de São Paulo em especial porque estabelecem vínculos diretos, de reconhecimento e/ou identificação com o próprio grupo (conhecidos como comunidade ou colônia) no qual estão inseridos. Faz parte do imaginário comum, entretanto, pensar que estes vínculos podem ser estabelecidos, entre outros fatores, por meio do conteúdo deste tipo de imprensa, seja ele composto por informações referentes ao país de origem do imigrante, orientações sobre assuntos gerais (no sentido de prestação de serviços) úteis ao estrangeiro no território receptivo, reflexões e celebrações sobre a manutenção de suas raízes e identidade cultural ou notícias sobre grupos no qual o estrangeiro está inserido.

Além disso, sabe-se que é considerável a quantidade de jornais voltados para imigrantes estrangeiros que circulam na capital paulista desde 1898 (ano que marca, efetivamente, início do grande fluxo migratório brasileiro) e a permanência de alguns deles até os dias de hoje, a criação de novos títulos, bem como a sobrevivência desses grupos de imigrantes — que, muitas vezes, chegam a ser identificados ou se auto-identificam como comunidades ao reunir também seus descendentes, amigos e interessados de uma maneira geral na cultura em questão — quase 60 anos após o fim do grande fluxo migratório (1950) e sua representatividade na sociedade.

A comunicação comunitária e local não é algo exterior aos processos sociais concretos. São partes constitutivas e constituintes da dinâmica social.

[...] Mais do que uma questão de tamanho ou de alcance, o que faz mais sentido na compreensão da comunicação comunitária [...] é a confluência de propósitos e o tipo de ação concreta que é desenvolvida em diferentes partes, mas que se encontram no objetivo estratégico do desenvolvimento social (PERUZZO, 2003, p.53/60).

E ainda: mesmo sendo um assunto, ao nosso ver, de grande pertinência e relevância — não só no âmbito da comunicação, mas do social também —, infelizmente, há pouca bibliografia e trabalhos sobre o assunto. Em primeiro lugar, não encontramos nenhum levantamento ou

fonte única que nos indicasse quantos e quais foram ou são esses jornais que circularam ou circulam na cidade de São Paulo (há apenas alguns estudos — no geral, dissertações e teses — sobre determinados títulos, porém, desconexos). Em segundo, o tema da imprensa de imigrante, étnica ou de colônia (e tantos outros termos utilizados para identificá-la) em livros, quando tratado, tende a aparecer apenas em forma de ações, exemplificações e características do processo migratório como um todo de determinado povo e/ou nacionalidade¹. No entanto, há, sim, artigos esparsos publicados, principalmente, em revistas científicas e anais de congressos.

Por fim, ressaltamos que o “cenário” da nossa pesquisa é a cidade de São Paulo — reconhecida como um “caldeirão de diversidade” ou “cidade dos mil povos”² tamanha sua mistura cultural e social. Na verdade, estamos falando do município brasileiro que mais recebeu imigrantes em toda a história do país e teve, como uma das marcas de seu desenvolvimento, justamente o processo migratório — impulsionado pela atividade cafeeira no começo do século 20. Segundo Petri (2005, [s.p.]³), “a imigração para São Paulo representou sozinha 56% dos 4.100.000 imigrantes que entraram no Brasil de 1886 a 1934”. Além disso, por se tratar da cidade brasileira mais desenvolvida economicamente, concentra o maior número de títulos de jornais, não só relacionados à imprensa imigrante, mas a todos os segmentos. Dos 945 títulos de jornais filiados ao IVC (Instituto Verificador de Circulação)⁴ que circulam no Estado de São Paulo (número que representa 31,5% da região Sudeste), cerca de 70% (810 títulos) estão (tem sede ou circulação) na capital.

Dessa maneira, uma pesquisa sobre o tema da imprensa imigrante visa suprir lacunas de informações existentes sobre o assunto e dar pistas para outros trabalhos que possam surgir. E, tais fatores justificativos explicados até aqui nos motivam a investigar, principalmente, se ainda nos dias de hoje (2005/2006) estes jornais étnicos, de imigrantes ou de colônia que circulam em São Paulo trazem em seu conteúdo, predominantemente, assuntos que favorecem

¹ A exceção encontrada fica por conta de dois livros que tratam especificamente da imprensa de língua estrangeira. São eles: “PARK, Robert. **The immigrant press and its control**. New York, Harper & Brothers, 1922” e “DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. **Imigração & imprensa**. São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004”.

² A Prefeitura de São Paulo mantém atualmente o projeto *Caldeirão de diversidade* — que na gestão passada se chamava *São Paulo dos Mil Povos* — com o objetivo de desenvolver mecanismos de interlocução e ações práticas com as comunidades de oriundos(as) de outros países ou outras regiões do Brasil, organizadas em entidades ou não. Disponível em: <<http://milpovos.prefeitura.sp.gov.br>>. Acesso em: 02 mar.2006.

³ Por se tratar de um documento eletrônico, não foi possível identificar a página, daí o uso de: “[s.p.]”.

⁴ Números estaduais obtidos no *Mídia Dados 2005* (p.305); municipais, por meio de consulta telefônica ao instituto (11-32870028) realizada em 17 mar.2005.

a aculturação e assimilação do estrangeiro no novo território ou a preservação de sua identidade cultural?

Para responder a este problema, partimos das seguintes hipóteses:

1. O jornal voltado para o imigrante fornece elementos ao seu leitor que propiciam um contato direto com suas raízes e origens por meio de seu conteúdo. Dessa maneira, há uma predominância de assuntos e informações ligados à preservação e manutenção de sua identidade cultural (hábitos, costumes, tradições, língua etc.). Estes, porém, são saudosistas uma vez que reúnem em suas matérias, artigos, editoriais etc. lembranças e memórias especialmente relacionadas à pátria de origem.
2. Direcionar o conteúdo para temas de imigração e comunidade étnica não é uma necessidade dos envolvidos no processo de comunicação da publicação (emissor), mas também uma estratégia mercadológica para vender jornal, como mais um segmento da imprensa entre tantos outros existentes (imprensa feminina, esportiva, infantil etc.).
3. Ainda que esses jornais não possam ser classificados como uma mídia comunitária — porque seu conteúdo não cumpre as exigências já estabelecidas para tal (especificada na bibliografia existente sobre o assunto), — têm papel relevante no fortalecimento dos laços de amizade, familiaridade e união do grupo envolvido, bem como na celebração de suas origens. Este tipo de veículo alimenta, não só pelo seu conteúdo, mas também pelo idioma, um sentimento de pertencimento e reconhecimento do imigrante para com o grupo.

Justificativas, problema e hipóteses colocados, passamos aos objetivos. O primeiro e mais abrangente foi averiguar a configuração da imprensa imigrante na cidade de São Paulo em 2005/2006. Isso foi feito por meio de um mapeamento (detalhado a seguir), que organizou as informações dos principais veículos impressos em língua estrangeira e voltados para imigrantes e descendentes que circulam na capital paulista, no que diz respeito a seus aspectos físicos (formato, número de páginas, tiragem, distribuição etc.) e grupos aos quais são destinados. O segundo objetivo, mais específico e o principal desta pesquisa, foi, com ênfase em dois jornais que compõem este universo — *Mundo Lusíada* (luso-brasileiro) e *Alborada* (hispanico-brasileiro) — verificar seu perfil dentro da perspectiva de mídia comunitária. Este, por sua vez, compreende:

1. Apurar como é o processo de elaboração dos jornais *Mundo Lusíada* e *Alborada*, voltados para colônias de imigrantes (e descendentes) portugueses e espanhóis, respectivamente, dos pontos de vista editorial (quem escreve as notícias, qual a fonte, as editorias, origem da notícia, utilização de fotos e ilustrações etc.) e financeiro (espaço publicitário, quem anuncia, como anuncia e de que maneira sua estrutura comercial e física pode influenciar no conteúdo ou na produção do jornal).
2. Verificar se nas publicações *Mundo Lusíada* e *Alborada* predominam assuntos referentes à aculturação, assimilação, inserção e integração do estrangeiro na cidade; ou a preservação e celebração de sua identidade cultural (hábitos, costumes, tradições, língua etc.).
3. Determinar se os dois jornais analisados podem ser considerados veículos de comunicação comunitários ou se este vínculo com a “comunidade” de estrangeiros em questão é apenas uma estratégia mercadológica, isto é, existe porque há consumidores desse tipo de informação (mercado / segmento).

A pesquisa bibliográfica foi o ponto de partida deste trabalho. Centrou-se, num primeiro momento, no estudo de obras sobre mídia comunitária, identidade cultural, multiculturalismo, interculturalismo, raça, etnia, nacionalismo, imprensa e identidade com a finalidade de dar o embasamento teórico ao tema. Num segundo momento, investigou-se os conhecimentos disponíveis sobre processos migratórios brasileiros, em especial o português e o espanhol — relacionados de maneira direta ao nosso objeto de estudo — e a própria imprensa imigrante.

2 – Mapeamento das principais publicações que circulam na cidade de S.Paulo

Fazer um mapeamento dos principais (quantos e quais são) jornais voltados para as chamadas colônias de imigrantes que circulam na cidade de São Paulo de julho de 2005 a junho de 2006, bem como a que nacionalidade atende e seus aspectos físicos (formato, número de páginas, tiragem, distribuição etc.). Esta tarefa se fez necessária visto que não encontramos esse tipo de informação reunida e esquematizada; quando achamos algum dado sobre determinado veículo, este era solto e disperso. Voltamos a ressaltar que esse mapeamento não foi o foco central da pesquisa nem objeto de análise e interpretação mais profunda; tratou-se apenas de um complemento. Seu objetivo principal foi fazer um retrato básico (uma espécie de guia / fotografia) de como é constituída a imprensa imigrante da capital paulista atualmente (2005/2006), sistematizando os dados gerais, além de ajudar na escolha dos dois títulos que

foram analisados em profundidade. Dessa maneira, esse mapeamento estabeleceu o seguinte quadro para cada jornal existente:

Q1 – Quadro do mapeamento	
Título:	_____
Colônia:	_____ Ano de fundação: _____
Periodicidade:	_____ Tiragem: _____
Distribuição:	_____
Formato:	_____ Número de páginas: _____
Endereço da redação:	_____
Responsável:	_____

Com relação ao recorte do período de julho de 2005 a junho de 2006, o julgamos apropriado porque a pesquisa visou mostrar a situação da imprensa imigrante nos dias de hoje — período em que este trabalho foi realizado. Evidentemente que um resgate histórico (retratando todo seu surgimento e desenvolvimento) foi feito; porém, a meta principal foi verificar suas características atuais — como ela se apresenta nos anos 2005/2006.

Cabe destacar que informações sobre o conteúdo deste mapeamento foram buscadas (pessoalmente ou via telefone, fax ou e-mail) em consulados e entidades clubes e associações culturais ou sociais voltadas para imigrantes, em bancas de jornal, em escolas de idiomas, em câmaras de comércio, pastoral do imigrante, e em dois locais específicos da cidade de São Paulo: o Centro de Estudos Migratórios (CEM) e o Memorial do Imigrante⁵. Nestes locais, se não foi possível conhecer os próprios jornais, foi provável receber indicações de títulos que, em seguida, foram buscados e tiveram suas informações verificadas.

Por fim, ressaltamos que uma das maiores dificuldades encontradas nesse processo de classificação foi determinar o que pode ser considerado um veículo voltado para imigrantes e descendentes ou não, tamanha a diversidade cultural da cidade e os modelos de publicações em língua estrangeira existentes. Além disso, muitos anos já se passaram do período da imigração em massa e as próprias comunidades formadas na ocasião do surgimento deste tipo de imprensa, em muitos casos, nem existe mais — devido a todo processo de assimilação e aculturação pelo qual passaram, naturalmente. Dessa maneira, muitos jornais que não revelam nenhum tipo de espírito comunitário mas que são escritos no idioma original da colônia, por

⁵ O Centro de Estudos Migratórios está localizado na rua Vasco Pereira, nº 55, Liberdade. Tel.: (11) 3208-6227 – Site: www.cemsp.com.br. Já o Memorial do Imigrante fica na rua Visconde de Parnaíba, nº 1316, Mooca. Tel.: (11) 6692-7804 – Site: www.memorialdoimigrante.sp.gov.br.

exemplo, podem ter entrado no mapeamento (comum acontecer no caso de escolas de idiomas que editam suas publicações e destacam, por meio dos textos escritos muitas vezes na língua que ensinam, aspectos culturais do país ao qual está ligado). Outro caso são as publicações das câmaras de comércio de diversos países existentes em São Paulo — não deixam de ser voltadas para imigrantes e estrangeiros (de acordo com a nacionalidade), porém, direcionadas a um segmento, no caso o comercial. Há ainda as publicações literárias ou de artigos científicos de grupos de pesquisa ou estudos de determinadas nacionalidades, escritas num misto de língua vernácula e português, que podem despertar o interesse não só da nacionalidade envolvida, mas de apreciadores do tema ou do país.

3. A escolha dos títulos *Mundo Lusíada* e *Alborada*

Passada a fase do mapeamento, definimos os jornais *Mundo Lusíada* (voltado para a colônia portuguesa) e *Alborada* (destinado à colônia espanhola) como *corpus* desta pesquisa. São amostras destes dois títulos que foram submetidas à técnica de pesquisa escolhida, ou seja, à análise de conteúdo nos métodos quantitativo e qualitativo (tudo detalhado no próximo item). Lembramos que nosso objetivo não foi selecionar jornais que representem o universo deste tipo de publicação existente (determinada pelo mapeamento). A escolha destes veículos, efetivamente, partiu dos jornais descobertos pelo mapeamento, entretanto, teve por base alguns critérios que consideramos fundamentais:

- a) A língua em que é produzido: sabemos que, na grande maioria das vezes, os jornais para imigrantes são redigidos na língua de origem da colônia para qual é destinado. Assim, escolhemos publicações escritas em português e espanhol devido à facilidade de compreensão destes idiomas, bem como a proximidade cultural entre eles.
- b) Periodicidade regular: julgamos que a periodicidade regular da publicação é um dos indicadores que mostra seu caráter sólido e responsável. Não podemos escolher para análise qualquer jornal que, utilizando um dito popular, é publicado de “vez em nunca”. Seja mensal, semanal ou diário, o jornal escolhido precisou ter comprometimento de veiculação com o leitor, anunciantes e todos os seus envolvidos.
- c) Número de páginas: consideramos necessário delimitar a escolha em jornais que tenham no mínimo seis páginas, independentemente do formato (tablóide ou *standard*). Dessa maneira, excluímos os chamados boletins ou *newsletters*, comuns nesse segmento, mas que trazem, por questões físicas de espaço, bem menos conteúdo.

- d) Tiragem: outro fator que resultou na escolha dos títulos foi a tiragem. Esta, por sua vez, deveria ser revelada pelos produtores e não ser inferior a dois mil exemplares. Consideramos que esse número é suficiente para o reconhecimento da publicação, alcance de um significativo grupo de leitores e circulação, bem como reflexo da seriedade da publicação.

Ambos os jornais foram detalhados, com seus respectivos históricos, em capítulos posteriores (IV e V). Para o momento, indicamos apenas que *Mundo Lusíada* foi fundado em 1998, tem sede em São Bernardo do Campo, mas circula também na cidade de São Paulo. Além de ser voltado para os portugueses que vivem no Brasil e seus descendentes, divulga notícias das Comunidades dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)⁶ e ainda está ligado à instituição Elos Internacional da Comunidade Lusíada. Já *Alborada* é uma publicação interna da Sociedade Hispano Brasileira de Socorros Mútuos e Instrução (SHB), localizada no bairro do Ipiranga, em São Paulo. Criado em 1968, representa hoje um dos mais antigos jornais impressos voltados para uma colônia de estrangeiros da cidade.

4. A definição da amostra

Assim como no mapeamento (e pelos mesmos motivos já explicitados), foi estabelecido o período de julho de 2005 a junho de 2006 para reunião da amostra, isto é, das edições dos jornais *Mundo Lusíada* e *Alborada* submetidas à análise de conteúdo. Entretanto, há uma diferença a ser levada em conta entre os dois títulos escolhidos:

- No caso de *Mundo Lusíada*, como se trata de uma publicação quinzenal, selecionamos no *corpus* a amostra pelo sistema de amostragem construída em decorrência da quantidade muito grande de edições. Assim, reunimos um exemplar de cada mês (obviamente, entre os que foram publicados de julho de 2005 a junho de 2006), porém seguindo a seqüência alternada de: num mês, a edição da primeira quinzena, no outro, a edição da segunda até totalizarmos 12 edições (um ano de publicação). Logo, temos o seguinte quadro:

⁶ A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) é formada por: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

Q2 – Amostra construída do jornal <i>Mundo Lusíada</i>			
Ano	Mês	Quinzena	Número da edição
2005	Julho	primeira	137
	Agosto	segunda	139
	Setembro	primeira	140
	Outubro	segunda	143
	Novembro	primeira	144
	Dezembro	segunda	147
2006	Janeiro	primeira	148
	Fevereiro	segunda	151
	Março	primeira	152
	Abril	segunda	155
	Maio	primeira	156
	Junho	segunda	159
Total: 12 edições			

- Com relação a *Alborada*, como se trata de uma publicação mensal, optamos inicialmente por fazer a análise de uma amostra composta por todas as edições do jornal publicadas entre julho de 2005 e junho de 2006. Entretanto, houve uma mudança de percurso no próprio jornal. Com a troca da diretoria da Sociedade Hispano Brasileira (SHB) em 2006 (entidade produtora), o jornal sofreu uma grande reforma gráfica e editorial, além de periódica: passou a ser semestral. Outro agravante: em 2005, houve meses em que o jornal, por exceção, não saiu. Assim, nos restou delimitar como amostra (a fim de equilibrar a quantidade dos dois jornais estudados) 11 edições consecutivas: a do primeiro semestre de 2006 (já com o resultado de todas as mudanças), todas as de 2005 e ainda as duas últimas de 2004.

Q3 – Amostra do jornal <i>Alborada</i>		
Ano	Período	Número da edição
2004	novembro	219
	dezembro	220
2005	janeiro	221
	março	222
	maio	223
	junho	224
	julho	225
	agosto	226
	outubro	227
	dezembro	228
2006	primeiro semestre	229
Total: 11 edições		

Um último esclarecimento sobre a definição da amostra. É possível que surja a pergunta: por que a escolha de dois jornais e não apenas um, uma vez que se trata de comunidades diferentes (o que inclui aspectos culturais, sociais e históricos diversos e referentes a cada colônia)? Porque o objetivo da escolha de dois títulos não foi comparar as publicações —

ação que seria impraticável devido à própria estrutura díspar dos dois jornais (e, foi escolhido assim, propositadamente). Como ilustração, destacamos apenas algumas diferenças entre eles: enquanto *Mundo Lusíada* é produzido por uma empresa privada (apesar do convênio com o Elos Clube), quinzenal, vendido por assinatura e feito por jornalistas (além de utilizar agências de notícias profissionais); *Alborada* está ligado a uma instituição (Sociedade Hispano Brasileira – SHB), é mensal (e depois semestral), distribuído gratuitamente e elaborado por “não-jornalistas” (pelo menos até a última edição de 2005). Desse modo, o foco foi achar, em meio a tantas diferenças, possíveis semelhanças, ou seja, traçar um paralelo entre eles, salientando o que ambos têm em comum — consideramos que essa informação vai nos ajudar a compreender melhor as características gerais da imprensa de imigrantes, e não só de determinada colônia. Outra contribuição seria para futuros estudos que abordassem jornais para colônias completamente diferentes da portuguesa ou da espanhola, uma vez que destas duas já teriam partes estabelecidas e o paralelo poderia ser ampliado.

5. A opção e aplicação da análise de conteúdo

Como o nosso problema de pesquisa remeteu principalmente ao conteúdo dos jornais impressos para imigrantes, a técnica escolhida, ao nosso ver, não poderia ter sido outra que não a de análise de conteúdo. Isto é, partindo de teorias e conceitos existentes e já fundamentados, aplicamos a análise de conteúdo a fim de proporcionar a descrição objetiva e sistemática do conteúdo manifesto, no caso, do conteúdo de *Mundo Lusíada* e *Alborada*.

“A análise de conteúdo é uma técnica de investigação destinada a formular, a partir de certos dados, inferências reproduzidas e válidas que possam aplicar-se a seu contexto” (KRIPPENDORFF, 1990, p.28 – Tradução nossa).

A opção pelo uso dos dois métodos, quantitativo e qualitativo, se justificou pelo interesse em se verificar a frequência de aparição de certos elementos no conteúdo e obter dados descritivos para avaliarmos e testarmos as hipóteses, bem como aprofundar os resultados quantificados, destacando características e detalhes que muitas vezes passam imperceptíveis somente aos números. Nas palavras de Laurence Bardin (1977, p.114 – Tradução nossa): “A abordagem quantitativa funda-se na frequência de aparição de certos elementos da mensagem. A abordagem não quantitativa recorre a indicadores não frequenciais suscetíveis de permitir inferências”.

De início, seguimos a orientação ainda de Bardin (1977, p.95 – Tradução nossa) para organizar o que a autora chama de “pólos cronológicos”:

- a) Pré-análise
- b) Exploração do material
- c) Tratamento dos resultados, interferência e interpretação.

O item a) correspondeu ao primeiro contato com o material e com as propostas da pesquisa. Foi quando foram verificados e lidos os jornais, os livros, os trabalhos sobre o tema etc. e definidos os aspectos do projeto, tais como hipóteses e objetivos, escolha da amostra, estabelecimento do *corpus* etc. Foi nesta fase também que entrou uma das tarefas mais complexas da pesquisa, na nossa opinião, que foi o estabelecimento das categorias (e respectivas variáveis) da análise de conteúdo quantitativa que detalharemos nos próximos parágrafos. O item b) representou a fase de análise propriamente dita; segundo Bardin (1977, p.101 – Tradução nossa): “não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas”. Por fim, no item c) — ainda de acordo com a autora (1977, p.101 – Tradução nossa) — é quando “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (‘falantes’) e válidos”.

Ainda sobre o estabelecimento de categorias e variáveis, classificamos como uma fase complexa porque no caso de textos escritos é sempre possível contemplá-los sob múltiplas perspectivas e a pretensão de abordar tudo, muitas vezes, acaba tornando o trabalho inviável.

Em qualquer mensagem escrita podem se computar letras, palavras ou orações: podem se categorizar as frases, descrever a estrutura lógica das expressões, verificar as associações, denotações conotações [...]; e também podem se formular interpretações psiquiátricas, sociológicas ou políticas (KRIPPENDORFF, 1990, p.30 – Tradução nossa).

E, se por um lado, estabelecemos diversas categorias e variáveis, ainda que utilizando definições claras e objetivas buscando uma maior precisão da classificação, por outro, um grande número de categorias podia levar à dificuldade de avaliação do material.

Assim, achamos apropriado estabelecer para análise, estudo e sistematização do *corpus*, duas unidades de análise, mesmo conscientes de que as unidades nunca são absolutas.

[...] [as unidades] surgem da interação entre a realidade e seu observador; estabelecê-las é uma função dos estudos empíricos, das finalidades das investigações, e das exigências que delineiam as técnicas disponíveis (KRIPPENDORFF, 1990, p.82 – Tradução nossa).

Além das razões descritas pelo autor, destaca-se o fato de que as unidades de análise nos permitiram verificar de forma isolada, organizada (e ainda sistemática) toda a amostra. Segue, então, a descrição das unidades estabelecidas:

“Conteúdo jornalístico”: resume-se a todo conjunto de notícias (seja em que gênero ou formato for) publicadas pelos jornais *Mundo Lusíada* e *Alborada*. E, sobre notícia há duas definições para o termo. A primeira é que pode ser utilizado como sinônimo de informação. Assim, para ser notícia, a informação, de acordo com o Manual da Redação da Folha de S.Paulo⁷ (2001, p.43), precisa ter:

Ineditismo (a notícia inédita é mais importante do que a já publicada); improbabilidade (a notícia menos provável é mais importante que do que a esperada); interesse (quanto mais pessoas possam ter sua vida afetada pela notícia, mais importante ela é); apelo (quanto maior a curiosidade que a notícia pode despertar, mais importante ela é); empatia (quanto mais pessoas puderem se identificar com o personagem e a situação da notícia, mais importante ela é); proximidade (quanto maior a proximidade geográfica entre o fato gerador da notícia e o leitor, mais importante ela é).

A segunda é que a palavra pode ser usada como um gênero jornalístico (entre tantos outros existentes: reportagem, resenha, crítica, editorial etc.). Conforme o Manual (2001, p.71): “relata a informação da maneira mais objetiva possível”. Normalmente é sinônimo de matéria.

No caso desta unidade, utilizamos a primeira opção (informação), porque a questão do gênero entra como categoria e variáveis desta unidade. Ou seja, todo o material noticioso e/ou informativo, seja em que aspecto se apresentar (título, texto, expediente, editorial, coluna, foto, gráfico etc.), que compõe o conteúdo de *Mundo Lusíada* e *Alborada* foi compreendido aqui.

“Anúncios”: também conhecidos como informe publicitário ou publicidade. Ainda segundo o Manual da Redação da Folha de S.Paulo (2001, p.74): “deve ser sempre claramente identificado como tal”, a fim de que o leitor perceba que se trata de uma informação paga. No caso dos jornais estudados, incluímos nessa unidade também os classificados.

⁷ Selecionamos o Manual de Redação da Folha de S.Paulo simplesmente por facilidade de acesso. Porém, outro manual de redação de qualquer jornal poderia ter sido utilizado, uma vez que abordam definições e questões práticas do dia-a-dia de uma redação. E assim foi. Em outros capítulos desta dissertação, conforme será visto, utilizamos o Manual do Estado de S.Paulo, também por facilidade de acesso.

Na verdade, ao estabelecermos estas duas unidades de análise, dividimos o conteúdo de ambos os jornais em dois: tudo o que não for “Anúncios” (e classificados) é “Conteúdo jornalístico” e vice-versa⁸. Estabelecidas e definidas as unidades, partimos para a categorização:

[...] é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (BARDIN, 1977, p.117 – Tradução nossa).

Ainda de acordo com a autora (1977, p.118 – Tradução nossa), o processo de categorização comporta duas fases: isolar os elementos e classificá-los. Entretanto, para que alcancemos boas categorias, é necessário que as mesmas tenham algumas características básicas:

“*exclusão mútua*: esta condição estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão [...]. *Homogeneidade*: [...] um único princípio de classificação deve governar a sua organização [...]. *Pertinência*: uma categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido, e quando pertence ao quadro teórico definido [...]. *Objetividade e fidelidade*: [...] as diferentes partes de um mesmo material, ao qual se aplica a mesma grade categorial, devem ser codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetidas a várias análises. *Produtividade*: [...] um conjunto de categorias é produtivo se fornece resultados férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exatos (BARDIN, 1977, p.120-121 – Tradução nossa).

Seguem então os protocolos com as categorias e respectivas variáveis e breves explicações sobre os objetivos desta sistematização. Vale lembrar que tudo o que está descrito a seguir será aplicado ao conteúdo de toda a amostra de *Mundo Lusíada* e *Alborada*, sistematicamente.

5.1. ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’ (publicidade)

Esta classificação inicial do conteúdo (ao qual foram submetidos os dois jornais estudados) se fez necessária para separarmos, utilizando outro dito popular, o “joio do trigo”. Ou seja: foi por meio dessa divisão (explicitada no seguinte protocolo) que identificamos com exatidão em centímetros quadrados (cm²) e porcentagem (%) nossas duas unidades de análise: “Conteúdo jornalístico” e “Anúncios” — o quanto temos de cada uma; sobre esta última também foi possível saber a quantidade (QTD). Dessa maneira, aqui temos três categorias:

⁸ Excluimos aqui as Palavras-cruzadas e o Expediente, presentes em ambos os jornais.

Protocolo para identificação das unidades 'Conteúdo jornalístico' e 'Anúncios' aplicado nos jornais <i>Mundo Lusíada</i> e <i>Alborada</i>					
Edição n°:					
Data:					
Área total (em cm ²):					
Página	Conteúdo jornalístico		Anúncios		
	cm ²	%	cm ²	%	QTD
Total					

1. “Página”: indica o número da página da edição que está sendo analisada;
2. “Conteúdo jornalístico”: com as variáveis cm² e %; e
3. “Anúncios”: com as variáveis cm², % e QTD;.

O objetivo foi justamente ter uma visão geral de quanto de cada jornal, edição e página foi destinado à informação e quanto do espaço direcionado à publicidade, bem como a proporção e relação quantitativa entre elas. Lembramos que as medidas da unidade “Conteúdo Jornalístico” contabilizaram tanto texto (texto corrido em qualquer gênero e formato e ainda título, intertítulo, capitular, legendas, créditos etc.) como imagem (qualquer tipo: fotos, gráficos, ilustrações, desenhos etc.); em “Anúncios” também foi medida a publicidade como um todo (texto e imagem, se tivesse).

Cada edição ou número de ambos os jornais teve um protocolo desse transformado, com o preenchimento das informações, em tabela — 12 tabelas para *Mundo Lusíada* e 11 para *Alborada* — reunidas no Anexo 1.

5.2. ‘Conteúdo jornalístico’

Após sabermos, com exatidão, o universo da unidade “Conteúdo jornalístico”, submetemos os dados à classificação com o objetivo principal de verificar e entender quais foram os assuntos tratados pelos dois jornais, como ele foram abordados, quem os escreveu, se tinham relação com a comunidade, qual o idioma em que foi escrito entre outras informações. Assim, desenhamos o seguinte protocolo utilizado para classificação⁹ (que, além dos enunciados com

⁹ O protocolo é um só, porém, aqui foi quebrado em dois devido ao tamanho da página. Para evitar este problema, no Anexo 2, que mostra as respectivas tabelas destes protocolos, optamos por colocá-las na página com orientação “paisagem”.

as categorias e variáveis que explicaremos a seguir, está preenchido com um item hipotético que nos servirá de exemplo para explicação de seu funcionamento). Uma observação: os enunciados, ou seja, as categorias e variáveis, são os mesmos para os dois jornais, com exceção de País (de que lugar fala a notícia) e Idioma. No primeiro caso, a mudança se justifica porque, na pré-análise de *Mundo Lusíada*, verificamos que o jornal destaca notícias da CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa), então incluímos esta variável; além disso: em *Mundo Lusíada*, obviamente, temos a variável Portugal e em *Alborada*, a variável Espanha¹⁰. No segundo, sobre o idioma em que foi escrito os textos, também por razões óbvias precisamos de uma adaptação: Em *Mundo Lusíada*, temos as variáveis Port.BR (português do Brasil), Ambos e Port.PT (português de Portugal) e em *Alborada* temos Português, Ambos e Espanhol.

Protocolo para classificação do ‘Conteúdo Jornalístico’ de <i>Mundo Lusíada</i>														
Edição n°:														
Data:														
Texto	Pág.	Seção	País (de que lugar fala a notícia)						Idioma			Gênero / Formato		
			Brasil	Portugal	Ambos	CPLP	Outros	NI	Port. (BR)	Ambos	Port. (PT)	Info.	Opin.	
1	1	Política		X						X			Matéria	

Autor (quem assina o texto)	Assunto		Personagem principal	Fala da colônia		
	Geral	Específico		S	N	NI
Odair Sene	Política	Vitória de Cavaco Silva à Presidência	Eleições		X	

Protocolo para classificação do ‘Conteúdo Jornalístico’ de <i>Alborada</i>													
Texto	Pág.	Seção	País (de que lugar fala a notícia)					Idioma			Gênero / Formato		
			Brasil	Espanha	Ambos	Outros	NI	Port.	Ambos	Esp.	Info.	Opin.	
1	1	Cultura			X				X			Matéria	

Autor (quem assina o texto)	Assunto		Personagem principal	Fala da colônia		
	Geral	Específico		S	N	NI
Emílio Cano	Cultura & Variedades	Apresentação do coral de Madri junto com a OSESP	Evento e/ou Espetáculo			X

A exemplo do item anterior, cada edição ou número de ambos os jornais teve um protocolo desse transformado, com o preenchimento das informações, em tabela — 12 tabelas para *Mundo Lusíada* e 11 para *Alborada* — elaboradas no programa Excel e reunidas no Anexo 2.

¹⁰ A variável “Ambos” em *Mundo Lusíada* refere-se a notícias de Brasil e Portugal e em *Alborada* a notícias de Brasil e Espanha.

O número de colunas destas tabelas é fixo, já o de linhas difere, uma vez que varia em relação à quantidade de textos de cada edição. O mais importante, entretanto, é esclarecer que todos os textos (seja de que gênero ou formato for) de todas as edições que compõem o *corpus* foram analisados. Dessa maneira, aqui temos dez categorias (com suas respectivas variáveis), preenchidas conforme descrito a seguir:

1. “Texto”: número do texto (em algarismo) conforme a ordem que este aparece na página. Ressaltamos que esta ordem é apenas uma identificação aleatória com a finalidade de facilitar a sistematização e contagem dos dados, não seguindo assim, nenhum processo rigoroso de classificação. Por exemplo: a nota, matéria, reportagem ou qualquer outro texto (que não seja anúncio publicitário) que apareceu no alto do canto esquerdo da primeira página recebeu o número 1; a que apareceu embaixo da mesma página recebeu o número 2; o primeiro texto a aparecer na página seguinte foi o 3 e assim por diante.
2. “Página”: indica em que página está o texto analisado (em algarismo). Teve a principal função de ajudar na organização e identificação dos dados no que diz respeito à localização do texto.
3. “Seção”: trata-se da divisão por campo temático da edição do jornal. É uma maneira de organizar a redação de acordo com os temas das notícias. Segundo o Manual da Folha de S.Paulo (2001, p.112), é uma “unidade organizacional básica da Redação, responsável pela produção e pela edição de material noticioso de um determinado campo temático”. Desse modo, pode ser entendida como um dos indicativos da estrutura organizacional do jornal e ainda apontar seu processo de divisão e classificação dos assuntos por editoria (ou mesmo para verificar se esta sistematização existe). Foi preenchida conforme as palavras que apareceram em ambas as publicações, no geral, no topo da página, que indicam a seção na página em questão. Quando não foi possível identificarmos a seção, usamos “NI” (não-identificado).
4. “País” (de que lugar fala a notícia): o objetivo principal desta categoria foi verificar se a notícia publicada pelo jornal estudado se refere ao Brasil, ao país da colônia à qual a publicação é voltada ou fala de ambos. Além disso, incluímos as variáveis “NI” (utilizada quando não é possível identificar a qual país se refere o texto) e “Outros”, para quando o país for outro que não seja Brasil ou Portugal no caso de *Mundo*

Lusíada e Brasil ou Espanha no caso de *Alborada*¹¹. Foi preenchida com um “X”. Apenas mais uma observação: a variável “Ambos” foi necessária para não atrapalhar a contagem final da classificação, uma vez que se colocássemos um “X” na coluna de Brasil e outro na coluna de Portugal quando a notícia falasse de ambos os países (ainda que na mesma linha), teríamos um número duplicado na contagem final das categorias, que não representaria a realidade.

5. “Idioma”: diante de toda a importância do idioma como fonte de identificação (descrita no próximo capítulo), fez-se necessário verificar qual a língua utilizada pelo jornal em cada texto por que e quando é usada uma ou outra. Assim, conforme já explicado, temos as variáveis: “Port.BR” (português do Brasil) e “Port.PT” (português de Portugal) em *Mundo Lusíada*, “Português” e “Espanhol” em *Alborada*, e a variável “Ambos” nos dois jornais — que compreende os textos que são escritos nas duas versões do idioma ou nos dois idiomas ao mesmo tempo, respectivamente. E aqui cabe uma observação importante. No caso do jornal da SHB consideramos espanhol o galego, o castelhano ou qualquer outra língua que aparecesse falada no país Espanha. A indicação do idioma se deu por meio de um “X” na variável correspondente.
6. “Gênero/Formato”: classificar o gênero e o formato da notícia foi relevante porque nos deu informações sobre a peculiaridade da notícia (como ela se apresenta – forma, conteúdo e tema), bem como, de acordo com José Marques de Melo (1985, p.31): “permitir avanços na análise das relações sócio-culturais (emissor / receptor) e político-econômicas [...] que permeiam a totalidade do jornalismo”. Assim, utilizamos nesta pesquisa a mesma classificação proposta pelo autor (1985, p.48) no que diz respeito ao gênero: informativo e opinativo.

Os gêneros que correspondem ao universo da informação se estruturam a partir de um referencial exterior à instituição jornalística: sua expressão depende diretamente da eclosão e evolução dos acontecimentos e da relação que os mediadores profissionais (jornalistas) estabelecem em relação aos seus protagonistas (personalidades ou organizações). Já no caso dos gêneros que se agrupam na área de opinião, a estrutura da mensagem é co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas feições: autoria (quem emite a opinião) e angulação (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião).

Esta categoria seguiu duas divisões. A primeira referente ao gênero (“Informativo” e “Opinativo”); a segunda, ao formato. Assim, foi preenchida com o nome do formato (por extenso) na coluna indicativa do gênero. Com relação aos formatos, não seguimos

¹¹ Além dessas variáveis lembramos (conforme já explicado) que em *Mundo Lusíada* incluímos nesta categoria mais uma variável, CPLP — para indicar as notícias referentes aos países da CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa).

à risca os definidos por Marques de Melo (estabelecemos outros e suprimos alguns) por questões de características específicas do nosso *corpus* e também porque as definições do autor se aplicam ao jornalismo em geral (rádio, TV, impresso etc.) — nossa pesquisa se restringe ao impresso. No que diz respeito a definições de cada formato, seguimos os conceitos do autor (nos casos em que eles se aplicavam de maneira apropriada), do Manual da Folha de S.Paulo (2001) ou expomos os nossos a fim de explicar o que consideramos e/ou esperamos de cada um. Assim, seguem as definições:

- **“Entrevista”**: segundo Marques de Melo (1985, p.49): “é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade”. Pode vir redigida de maneira indireta ou no formato “ping-pong”, isto é, transcrição de perguntas e respostas.
- **“Matéria”**: também conhecida como notícia (com o sentido do segundo significado descrito anteriormente), relata as informações com detalhes, porém, de forma objetiva (sem opinião do autor) e sem maior aprofundamento do assunto. É composta de um só texto, ou seja, não tem desdobramentos (retrancas). Pode ou não ser assinada.
- **“Nota”**: é o relato da notícia de forma breve e rápida, sem detalhamento. Em linguagem jornalística, traz as informações que contém o que chamamos de *lead* (quem, como, quando, onde, por que e quando). No geral é curta, com, no máximo, dois parágrafos. Raramente é assinada.
- **“Reportagem”**: nas palavras de José Marques de Melo (1985, p.49) “é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística”. Ou, conforme o Manual da Folha de S.Paulo (2001, p.71): “traz informações mais detalhadas sobre as notícias, interpretando os fatos; é assinada quando tem informações exclusivas ou se destaca pelo estilo ou pela análise”.
- **“Artigo”**: é um texto produzido, geralmente, por um colaborador do jornal sobre temas variados (econômicos, políticos, esportivos etc.). Segundo Marques de Melo (1985, p.49), “pressupõe autoria definida e explicitada [...] Não se caracteriza pela freqüência, aparecendo aleatoriamente”. Expressa, no geral, o relato de um fato misturado com a opinião do autor.
- **“Coluna”**: conforme Marques de Melo (1985, p.49): “emite opiniões temporalmente contínuas, sincronizadas com o emergir e o repercutir dos acontecimentos”. Pode ser elaborada por um jornalista da própria instituição ou

por colaboradores (no geral, profissionais de outras áreas: economistas, intelectuais, cientistas etc.).

- **“Editorial”**: é o texto — normalmente localizado no caderno principal (segunda ou terceira página) — que exprime a opinião do jornal. De acordo com Marques de Melo (1985, p.49), “o editorial não tem autoria, divulgando-se como espaço de opinião institucional (ou seja, a autoria corresponde à instituição jornalística)”¹².
- **“Foto-legenda”**: como o próprio nome diz, é uma foto com uma breve legenda (texto) sobre seu contexto. Muito utilizada em coluna-social.
- **“Outros”**: aqui incluiremos todos os formatos identificados que não se encaixam em nenhuma das variáveis anteriores. Pode ser: frases, resenhas, comentários (frase ou brevíssimo texto que expressa a opinião de seu autor), nota oficial, texto literário etc. Nas tabelas, virá especificado o nome do formato referente a esta variável para ajudar e facilitar a interpretação dos dados.

7. **“Autor” (quem assina o texto)**: visa especificar a autoria da notícia, ou seja, se ela é de uma agência ou foi escrita por um funcionário e/ou colaborador do jornal ou pela própria “Redação”. É sempre identificada pela assinatura (seja imediatamente após o título ou no chamado “pé” do texto). Não consideraremos aqui quando o autor apareceu no meio do texto (em começo ou fim de parágrafos)¹³. Esta categoria mostra-se relevante ainda porque é um dos indicativos da estrutura física e financeira do jornal: número de jornalistas, colaboradores, colunistas, correspondentes etc. Foi preenchida pelo nome (por extenso) identificado na assinatura. Uma observação: no caso de *Mundo Lusíada* é comum aparecer na assinatura o nome de alguma agência de notícias, uma vez que o jornal assina este tipo de serviço. Então, pode ser que surja a dúvida nesta categoria entre autoria e fonte. Neste caso, especificamente, consideramos que a agência é a autora do texto, uma vez que não nos propusemos a esclarecer se os textos das agências são reescritos pela redação ou apenas transcritos do jeito que são recebidos.
8. **“Assunto”**: temos aqui uma das categorias mais complexas ao mesmo tempo uma das mais importantes para o nosso trabalho. Complexa porque exige certa classificação e

¹² Ainda segundo Marques de Melo (1985, p.79): “Mas se o editorial expressa [...] opinião das forças que mantêm a instituição jornalística, torna-se necessário indagar para quem se dirige em sua argumentação. A resposta poderia ser tranqüila: a opinião contida no editorial constitui um indicador que pretende orientar a opinião pública. Assim sendo, o editorial é dirigido à coletividade”.

¹³ Alguns exemplos: “Segundo a Agência XX”, “De acordo com a rede YZ”, “Para o editor Fulano de Tal” etc.

generalização dos dados, o que nem sempre é possível — sabemos que um mesmo texto pode abordar vários temas sob os mais variados ângulos. Dessa maneira, a solução foi dividi-la em duas variáveis: “Geral” e “Específico”. A primeira, propiciou a generalização e agrupamento dos temas em palavras-chaves (escritas por extenso nas tabelas), partindo de sua ocorrência predominante: “Política”, “Economia”, “Cultura & Variedades”, “Esportes”, “Turismo”, “Informática”, entre outras. Quando o tema geral não pôde ser identificado, usamos “NI”. A segunda, por admitir muitos detalhes, se resumiu à transcrição do assunto principal tratado naquele texto; nesta, por sua vez, se não foi possível a generalização, quando analisada do ponto de vista qualitativo, nos deu um aprofundamento do tema abordado.

9. “Personagem principal”: a exemplo da categoria anterior, nesta também houve a dificuldade de generalização e/ou agrupamento, e por isso o termo “principal” junto ao seu nome. O objetivo aqui foi identificar de quem os jornais analisados falam. Por isso, estabelecemos algumas palavras-chaves (escritas por extenso) para a categorização que representam: pessoas, instituições, eventos etc. Foram elas (em ordem alfabética):

- “Associações e/ou Membros”
- “Artistas e/ou Personalidades”
- “Bancos”
- “Clubes esportivos”
- “Consulados / Embaixadas e/ou Representantes”
- “Eleições”
- “Empresas e/ou Empresários”
- “Espetáculos e/ou Eventos”
- “Esportistas”
- “Governos”
- “Imigrantes”
- “Políticos”

Além disso, ficou estabelecido “NI” (usado quando o personagem principal não pode ser identificado) e “Outros”, que compreende todos os outros personagens que não se encaixaram nas palavras acima (nas tabelas, foi especificado o nome do personagem referente para ajudar e facilitar a interpretação dos dados).

10. “Fala da colônia”: nesta categoria foi identificado que textos, independentemente do assunto, falam (variável “Sim”) ou não (variável “Não”) da comunidade em questão.

“NI” foi incluído para quando isso não pôde ser identificado. Foi preenchida com um “X”.

Após classificação de todas as edições nas categorias e preenchimento de todas as tabelas de ambos os jornais seguiram imediatamente a análise, interpretação e considerações dos resultados obtidos de cada categoria (e respectivas variáveis). Em seguida, colocamos a combinação das categorias de maneira a esclarecer mais alguns pontos sobre o conteúdo jornalístico de *Mundo Lusíada* e *Alborada*, como: quem escreve o quê e em que língua, que assuntos retratam a comunidade em questão, do que e de quem falam os principais assuntos, o que se fala da comunidade e dos imigrantes, entre outros aspectos. Esta etapa, entretanto, não ficou restrita apenas aos números. Na combinação dos dados entre si, introduzimos algumas percepções obtidas por meio de análise qualitativa das informações.

A análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa [...] Pode funcionar sobre corpus reduzidos e estabelecer categorias mais discriminantes, visto não estar ligada, enquanto análise quantitativa, a categorias que dêem lugar a frequências suficientemente elevadas, para que os cálculos se tornem possíveis. Levanta problemas ao nível da pertinência dos índices retidos [...] (BARDIN, 1977, p.115 – Tradução nossa).

Os principais pontos destas observações, análises e interpretações apareceram sublinhados e foram retomados na Conclusão.

5.3. ‘Anúncios’

Da mesma maneira que fizemos com a unidade “Conteúdo jornalístico”, após sabermos, com exatidão, o universo da unidade “Anúncios”, submetemos os dados à classificação, com o objetivo principal de entender o que chamamos de “aspectos físicos dos anúncios”, ou seja, quem anuncia nos jornais estudados e como anuncia (que idioma utiliza, qual o tamanho do anúncio e em que página se encontra e se na propaganda existe algum vínculo explícito com a colônia a qual se destina o jornal). Dessa forma, desenhamos o seguinte protocolo utilizado para classificação (que, além dos enunciados que explicaremos a seguir, está preenchido com um item hipotético que nos servirá de exemplo para explicação de seu funcionamento).

Protocolo para classificação de ‘Anúncios’ de <i>Mundo Lusíada</i> e <i>Alborada</i>											
Edição n°: Data:											
Anúncio	Localização			Tamanho			Idioma		Indicativo explícito da colônia		Anunciante
	Capa	Capa ext.	Demais pág.	Pequeno	Médio	Grande	Port.	Esp	Sim	NI	
1		X			X		X			X	AAA
Total		1			1		1			1	

Conforme explicado nos itens anteriores, cada edição ou número de ambos os jornais teve um protocolo desse transformado, com o preenchimento das informações, em tabela — 12 tabelas para *Mundo Lusíada* e 11 para *Alborada* — elaboradas no programa Excel e reunidas no Anexo 3. As colunas, obviamente por conterem o enunciado de cada categoria, foram as mesmas para todas as edições de ambos os jornais. O número de linhas, entretanto, diferiu, uma vez que varia em relação à quantidade de anúncios de cada edição (determinada pela variável QTD do protocolo do primeiro item deste capítulo). O mais importante, entretanto, é esclarecer que todos os anúncios de todas as edições que compõem o *corpus* foram analisados, totalizando 415 anúncios em *Mundo Lusíada* e 193 em *Alborada*. Assim, aqui temos sete categorias (com suas respectivas variáveis), preenchidas conforme descrito a seguir:

11. “Anúncio”: número do anúncio (algarismo) conforme a ordem que este aparece na página. Ressaltamos que esta ordem é apenas uma identificação aleatória com a finalidade de facilitar a sistematização e contagem dos dados, não seguindo assim, nenhum processo rigoroso de classificação. Por exemplo: o anúncio que apareceu no alto do canto esquerdo da primeira página recebeu o número 1; o que apareceu embaixo da mesma página recebeu o número 2; o primeiro a aparecer na página seguinte foi o 3 e assim por diante.
12. “Localização”: indicamos com um “X” onde exatamente aquele anúncio se encontrava, ou seja, na capa (“Capa”), na Capa externa (“Capa ext.”) ou nas demais páginas (“Demais pág.”). Tal medida se fez necessária, uma vez que os anúncios da capa e capa externa são coloridos (ao contrário das demais que, no caso dos dois jornais estudados são preto-e-branco), têm maior visibilidade e, conseqüentemente, são os mais caros ou os melhores produzidos. Além disso, nos permitiu saber se a linha editorial do jornal reserva sua capa apenas para informação — considerada no

meio jornalístico a principal e a mais chamativa da publicação — ou a vende para anunciantes, entre outros fatores.

13. “Tamanho”: para evitarmos o trabalho de ficar medindo milimetricamente anúncio por anúncio, o que julgamos desnecessário, uma vez que não acrescentaria em nada nas nossas necessidades e objetivos (pouca diferença faria se tal publicidade medisse 40 ou 40,5 cm²), bem como facilitar a análise e compreensão dos dados, optamos por classificar todos os anúncios em três variáveis: “Pequeno”, “Médio” e “Grande”. Dessa maneira, de acordo com o jornal, estabelecemos variáveis em valores reais para tal categoria. Em *Mundo Lusíada*, “Pequeno” = de 0 a 45 cm²; “Médio” = de 46 a 120 cm²; e “Grande” = + de 121 cm². Em *Alborada*, “Pequeno” = de 0 a 30 cm²; “Médio” = de 31 a 65 cm²; e “Grande” = + de 66 cm². A diferenciação de cm² atribuída aos dois jornais foi necessária devido ao tamanho físico da página dos mesmos. Enquanto o jornal português tem formato *standard* com a página medindo 1.575 cm², o espanhol tem formato A4, com o tamanho da página de 560,5 cm². A existência de tal categoria se justifica porque, por meio dela, pudemos identificar quem é o pequeno, o médio ou o grande anunciante, quem anuncia mais e que diferença existe entre tais anúncios, além do tamanho físico, é claro, entre outros. A indicação do tamanho foi dada pelo preenchimento de um “X” na variável correspondente.
14. “Idioma”: temos nesta categoria uma das mais importantes, diante de toda a função da língua como fonte de identidade cultural (melhor detalhada no capítulo II). Aqui foi possível identificar, entre outras coisas, quem anuncia na língua vernácula, quem anuncia em português e como anuncia. Dependendo do jornal estudado, o nome das variáveis mudam, porém, a essência continua a mesma. Em *Mundo Lusíada* temos “Port.BR” (português do Brasil) e “Port.PT” (português de Portugal). Em *Alborada*, indicamos “Port.” (português) e “Esp.” (espanhol). E aqui cabe uma observação importante. No caso do jornal da SHB consideramos espanhol o galego, o castelhano ou qualquer outra língua que aparecesse falada no país Espanha. A indicação do idioma se deu por meio de um “X” na variável correspondente.
15. “Vínculo explícito com a colônia”: ao lado de “Idioma”, esta foi outra categoria fundamental para a parte de anúncios deste trabalho. Foi ela que nos mostrou se o anunciante dos dois jornais tem alguma relação com a comunidade envolvida, se direciona seu produto, bem ou serviço a ela ou se simplesmente anuncia em um jornal de colônia como anunciaria em qualquer outro jornal, seja de bairro, grande imprensa etc. Consideramos como “vínculo explícito” qualquer palavra, símbolo ou aspecto gráfico presente no anúncio que possa nos remeter a um indicativo de ligação com o

país em questão. Dessa maneira, pode ser o nome da empresa ou entidade, um brasão ou uma bandeira que remeta ao país indicado, o próprio idioma em que o anúncio está escrito, uma citação etc. O importante é que tal indicação estivesse explícita. Pode ser que aconteça de uma empresa ter ligações profundas com tal nacionalidade (ter sido fundada por um imigrante da nacionalidade envolvida, por exemplo), mas não ser possível identificar essa ligação apenas por meio de seu anúncio publicitário, ou seja, não havia nada explícito. Por isso optamos em nomear as variáveis em “Sim” ou “NI” (Não identificado). Tal indicação se deu por meio de um “X” na variável correspondente.

16. “Anunciante”: é simplesmente a transcrição do nome do anunciante (empresa, instituição, prestador de serviços etc.) encontrado na propaganda.

Após classificar todos os anúncios nas categorias acima, determinando assim aquilo que chamamos de “aspectos físicos”, passamos a uma outra fase, desta vez entrando na frequência dos anúncios. Julgamos que tais resultados somados aos aspectos físicos vistos anteriormente nos fornecesse um panorama melhor e mais abrangente do perfil dos anunciantes de ambos os jornais. Assim, estabelecemos mais um protocolo para os dois jornais (que, a exemplo do anterior, também foi preenchido com um item hipotético que nos servirá de exemplo para explicação de seu funcionamento):

Protocolo para classificação da frequência ‘Anúncios’ de <i>Mundo Lusíada</i> e <i>Alborada</i>													
Jornal:													
Anunciante	Edição												Total
	00	02	04	06	08	09	11	13	15	17	19	21	
AAA	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1

1. “Anunciante”: é simplesmente a transcrição do nome do anunciante (empresa, instituição, prestador de serviços etc.) encontrado no anúncio.
2. “Edição”: estabelecemos como variáveis o número que identifica cada edição analisada (12 no caso de *Mundo Lusíada* e 11 em *Alborada*), ou seja, o número que vem impresso nela. Assim, marcamos com algarismos quantas vezes tal anunciante veiculou a sua propaganda e em que edição, obtendo assim, o “Total” de quantas vezes cada empresa, entidade ou prestadora de serviço anunciou e quando. No exemplo da tabela acima, sabemos que a empresa AAA anunciou apenas uma vez durante um ano na edição de número 00.

A exemplo do que foi feito em “Conteúdo jornalístico”, após classificar todos os dados e quantificá-los (as tabelas, elaboradas no programa Excel se encontram no Anexo 4), seguiram-se a interpretação, análise e considerações sobre os resultados obtidos — etapa que também não ficou restrita apenas aos números. Na combinação dos dados entre si, incluímos algumas percepções obtidas por meio de análise qualitativa das informações. Assim, foi possível verificar, entre outros itens, quem anuncia em que língua, quem anuncia mais, diferenças entre anúncios e classificados, localidade das empresas ou entidades anunciadas (local, regional, nacional ou internacional), se há um setor que anuncia mais etc. Os principais pontos destas observações, análises e interpretações aparecem sublinhados e foram retomados na Conclusão.

5.4. Outra etapa

Após classificação, análise, interpretação e considerações de toda a amostra, selecionamos uma nova amostra de textos dentro da anterior (de ambos os jornais) a ser submetida, exclusivamente, a uma análise de conteúdo qualitativa. O objetivo foi ler alguns textos a fundo e detalhadamente para verificar: o estilo do texto, tratamento dado ao leitor e ao assunto, posicionamento da publicação em relação a determinado tema, palavras mais usadas, entre outros aspectos. Entretanto, o que consideramos mais importante é que, por meio deste processo, foi possível observarmos questões relacionadas à identidade cultural da colônia envolvida (portuguesa e espanhola). Ou seja, a análise deste material nos permitiu identificar se as características que permeiam o perfil e a memória coletiva dos imigrantes portugueses e espanhóis que vieram para o Brasil (durante o grande fluxo migratório — do fim do século XIX até 1960) permanecem até hoje (2005/2006) e estão presentes nas páginas das publicações. Lembramos que estes elementos das identidades portuguesas e espanholas foram descritos nos capítulos IV e V, respectivamente, e são eles que deram o caráter e a forma da aculturação e da assimilação desses povos no território brasileiro, além de servirem como fonte de pertencimento e, acima de tudo, de reconhecimento.

Em *Mundo Lusíada*, essa amostra reuniu os textos em destaque nas capas de todas as edições do jornal. Isto significa que submetemos à análise todas as matérias, notas, reportagens, colunas ou qualquer outro texto (independentemente de gênero e formato), que integrou a unidade de análise “Conteúdo jornalístico” e que foi destacado na capa do jornal (com chamadas, fotos, manchetes etc.). Em *Alborada*, como a capa não traz os destaques (com

exceção da edição 229, pós-reforma gráfica, que então foi analisada da mesma maneira que o jornal português), optamos pelo seguinte esquema de amostra construída, destacando textos de duas páginas por edição. Ou seja: na edição 219 foram analisados os textos da primeira e segunda página; na 220, os da terceira e quarta; na 221, os da quinta e sexta e assim sucessivamente. Quando o número de páginas terminava, voltava-se à primeira e a segunda. Neste caso, gênero e formato do texto também não foram levados em consideração — o pré-requisito era pertencer à unidade de análise “Conteúdo jornalístico” e estar localizado nas páginas determinadas. Todos os textos, de ambas as publicações, utilizados nesta etapa foram reunidos em uma tabela que pode ser verificada no Anexo 5. Os principais pontos destas análises, bem como sua interpretação e considerações aparecem sublinhados e foram retomados na Conclusão.

CAPÍTULO II

A IDENTIDADE E O PAPEL DA COMUNIDADE NO PROCESSO MIGRATÓRIO

1 – A identidade cultural no processo migratório

E agora eles [os imigrantes] estão sós. Estão consigo de novo, e a orquestra com eles, cai na realidade terrível. Acaso não teriam sido precipitados demais? ... É o desemprego, é o caminhar nas estradas do acaso, é o bater nas portas, é o mofar na impiedosa indiferença das cidades. Se sentem inermes, desprotegidos, incapazes. Têm a noção muito vaga ainda de que tudo é um crime infame. Não poderão gritar. A poeira dos caminhos vai secar a voz nas gargantas. Ou poderão gritar! Não sabem, não conhecem, não entendem. Parece que tem momentos nesta vida dura em que a gente se revolta, não é porque queira decididamente se revoltar, mas porque uma força maior move a gente e se fica sem capacidade mais pra não se revoltar (MÁRIO DE ANDRADE, [198-?], p.380).

O texto acima é apenas um trecho do poema *Café* — na verdade, a letra de uma ópera coral brasileira¹ —, de Mário de Andrade, finalizado em 1942. Nele, o modernista faz uma crítica da decadência econômica cafeeira de São Paulo, após a crise de 1929. Neste cenário, o poeta privilegia, entre outros aspectos, o olhar amargurado e sarcástico dos imigrantes estrangeiros que vieram para terras paulistas trabalhar no desenvolvimento da maior cidade brasileira no início dos anos de 1920.

O trecho nos remete, em especial, às conhecidas dificuldades enfrentadas pelo imigrante, não só no que está relacionado às precárias condições da viagem, ao desemprego ou ao regime de exploração de mão-de-obra, à fome, à discriminação etc.; mas a características de ordem mais íntima como a desestabilidade, contestação, perda, multiplicidade ou pluralização de sua identidade causada, principalmente, pela situação transitória e indefinida na qual se encontra.

Podemos entender a imigração como um mecanismo de ajuste social — um processo aleatório que tem lugar por uma coincidência de fatores no tempo. Sabemos que as pessoas migram por várias razões: pobreza, surtos de doença, seca, fome, subdesenvolvimento econômico, guerras, distúrbios políticos (regimes arbitrários), buscas pessoais, entre outras causas. De acordo com estimativas da ONU (Organizações das Nações Unidas), em 2001, 160 milhões de pessoas viviam fora de seus países de origem², um número tão grande jamais visto na

¹ Mário de Andrade tinha a intenção de dar a letra de *Café* para Francisco Mignone elaborar a parte musical da ópera, o que acabou não acontecendo devido à morte prematura, em 1945, do autor modernista.

²Fonte: Reportagem especial *O mundo em movimento*, feita pela rede BBC, disponível em <<http://www.bbc.co.uk/portuguese/migrantes/index.shtml>>. Acesso em 23 ago.2001.

história — se comparado à grande corrente migratória da Europa para a América no início do século 20, quando estima-se que 50 milhões de pessoas deixaram seus países em busca de uma vida melhor no “novo mundo”. Entretanto, o que está em jogo não são os motivos que levam as pessoas a se mudarem, mas como elas vão (e se vão) sobreviver no território receptivo com toda a carga de identidade cultural que carregam — levando em consideração que todas as pessoas pertencem a um lugar, de modo forte ou fraco, definitivo ou provisório —, ou seja, como se dará esta situação de diáspora.

Antes de prosseguirmos, achamos necessário destacar que entendemos aqui o conceito de diáspora não como dispersão de povos (ou de indivíduo) em virtude de perseguição política de grupos intolerantes³, mas como um “resultado” ou uma “conseqüência” da própria migração, conforme nos indica o sociólogo jamaicano Stuart Hall (2003, p.33):

O conceito fechado de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’ e de uma oposição rígida entre o dentro ou o fora.

Aliás, migração (ou imigração) é outro termo que vale um esclarecimento. O sociólogo argelino Abdelmalek Sayad (1998, p.105) a considera um sistema porque “é igualmente dotada de uma lógica própria, tem seus efeitos e suas causas próprias, bem como suas condições quase autônomas de funcionamento e de perpetuação”. Concordamos com esta visão, no entanto, achamos mais apropriado neste trabalho classificá-la como um processo, uma vez que estabelece uma sucessão de estados e mudanças que culminam no ponto central desta reflexão: a abordagem do conceito de identidade cultural com dois objetivos básicos: o primeiro é entender como se dá a aculturação e assimilação do migrante no novo território em meio a que Stuart Hall (2005a, p.09) chama de “descentração do sujeito” — ou seja, a perda de um sentido de si (raízes, laços familiares, origens, tradições etc.) — e ao multiculturalismo e interculturalismo que, inevitavelmente, acaba se formando por meio do contato social. O segundo é averiguar como a formação da comunidade (com todo seu sentimento de pertencimento) pode influenciar nesses efeitos e aprofundar os elos dos envolvidos a partir da etnia, da nacionalidade e do idioma.

O conceito de identidade cultural não é simples de ser entendido porque depende do contexto em que é trabalhado e de múltiplas inter-relações. A complexidade aumenta quando o

³ Definição dada pelo dicionário Aurélio. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio** – O dicionário da Língua Portuguesa. 6. ed. rev. atualiz. Curitiba: Positivo, 2004.

situamos dentro do processo migratório no qual não só ocorrem deslocamentos de espaços físicos, mas deslocamentos qualificados em diversos sentidos: socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente etc.

Como Sócrates, o imigrante é *atopos*, sem lugar, deslocado, inclassificável. Aproximação essa que não está aqui para enobrecer, pela virtude da referência. Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o ‘imigrante’ situa-se nesse lugar ‘bastardo’ de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social. Deslocado, no sentido de incongruente e de importuno, ele suscita o embaraço; e a dificuldade que se experimenta em pensá-lo [...] apenas reproduz o embaraço que sua inexistência cria (BOURDIEU apud SAYAD, 1998, p.11).

Mas, voltando à questão da identidade cultural e, tentando partir de seu conceito — mesmo entendendo que o conceito de identidade não é essencialista, mas sim estratégico e posicional. Isto é, podemos entender a identidade, num primeiro momento, como um “lugar” que se assume, uma mistura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada.

Utilizo o termo ‘identidade’ para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividade, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’ (HALL, 2005b, p.112).

Antes, porém, vale destacar que Hall explica que o conceito de identidade parece invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual ainda mantém um relacionamento e desmistifica a idéia de que as identidades estão impressas em nossos genes e que são coisas com as quais nascemos. Elas “são formadas e transformadas no interior da representação”. Nas palavras do autor (2005b, p.109):

Elas [as identidades] têm a ver [...] com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões ‘quem nós somos’ ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma de como nós podemos representar a nós próprios’. Elas têm tanto a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas nos obrigam a ler não como uma incessante reiteração mas como ‘o mesmo que se transforma’.

Outro autor que trabalha o conceito de identidade cultural (embora num plano diferente de Stuart Hall⁴) é o sociólogo espanhol Manuel Castells (1999, p.23), que acredita ser possível entendê-la como fonte de significado de um povo:

[...] entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionado, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo pode haver identidades múltiplas.

No entanto, Castells faz uma distinção entre identidade e papel. De acordo com o sociólogo (1999, p.23), identidades são fontes mais importantes de significado do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolvem. “Identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções”.

Por fim, outro autor que trouxemos para ajudar na discussão do tema é o brasileiro Muniz Sodré, que busca Aristóteles⁵ e a origem etimológica do termo identidade⁶ — para colocá-la como algo que se predica (representacionalmente) a um sujeito, “como uma propriedade ou um atributo do ser”.

A expressão ‘identidade cultural’ evoca a idéia ou o sentimento de pertencer ao Labenswelt ou ‘mundo vital’, que rege o horizonte normativo de uma determinada cultura. Nos termos de Habermas, o mundo vital é constituído tanto pela racionalidade partilhada pelos indivíduos no interior de uma comunidade quanto pela tradição ou transmissão, de uma geração a outra, de textos e narrativas pertinentes a questões historicamente levantadas pelo grupo. [...] Outro aspecto é a tendência de um grupo a explicitar a sua particularidade, aquilo que o distingue de outras formações culturais. Neste caso, identidade cultural diz respeito à totalidade dos campos identitários (psicológicos, lógicos e políticos) e à cultura como singularização do grupo (MUNIZ SODRÉ, 2000, p.47-48).

Após esses conceitos, verificamos, primeiramente, que é fundamental entender identidade (e toda carga de significados que ela traz) como algo que se constrói ao longo do tempo e não como algo com que nascemos. Por exemplo: não somos brasileiros só porque nascemos no Brasil; não somos franceses só porque nascemos na França; não somos chineses só porque nascemos na China; e assim por diante. O sentimento de pertencer a um país e de ter uma determinada nacionalidade — entre os quatro processos que Castells (1999, p.28) considera

⁴ Stuart Hall trabalha o conceito de identidade na pós-modernidade, enquanto Manuel Castells o discute no que ele chama de “sociedade em rede”.

⁵ “... o princípio da identidade [...] apresenta-se como unidade, isto é, a possibilidade de se falar repetidamente de uma coisa como sendo a mesma, garantida pela representação” (ARISTÓTELES apud MUNIZ SODRÉ, 2000, p.36).

⁶ “A palavra identidade vem de *idem* (versão latina do grego *tó autô*, ‘o mesmo’), que resulta no latim escolástico em *identitas*, isto é, a permanência do objeto, único e idêntico a si mesmo apesar das pressões de transformação interna e externa” (MUNIZ SODRÉ, 2000, p.33).

fundamentais para a construção da identidade, estão a territorialidade e o nacionalismo que veremos mais adiante (os outros são: fundamentalismo religioso e etnia) — vem à medida que o indivíduo convive numa realidade e se identifica com ela. Esta, por sua vez, não pode se dar senão dentro de um sistema de representações no qual a cultura, os hábitos, as ações, os costumes, a língua, a etnia, a tradição etc. são seus componentes formadores e cruciais. Como ilustração, lembramos de *Mogli*, o menino lobo da famosa história de Rudyard Kipling, adaptada para os cinemas por Walt Disney. O garoto, mesmo sendo humano, ao ser criado por lobos passou a agir como tal (era um lobo em forma de gente). Ou seja, a realidade de uma manilha numa floresta foi a que ele conheceu e vivenciou, se tornando assim um de seus membros. É muito comum ouvirmos pessoas que se deslocam de um país para outro dizerem algo do tipo: “Eu nasci em Angola, mas desde criança, vivo em Portugal. Então, me considero português”. Ou seja, não conviveu na realidade angolana, logo seria muito difícil construir um sistema de representações no qual se identificasse, ainda que tivesse um contato indireto, ou um vínculo de ordem emocional, com essa realidade (os pais, por exemplo).

Dessa maneira, entramos no que consideramos o segundo ponto na reflexão de identidade, que é concebê-la como algo não estático, ou seja, pode mudar a partir da experiência de vida dos indivíduos. Principalmente na diáspora, é próprio do ser-humano não se apegar a modelos unitários, fechados ou homogêneos de pertencimento cultural até mesmo por uma questão de sobrevivência física. Isto não significa abrir mão de toda a sua cultura — e entendemos aqui cultura como, nas palavras de Stuart Hall (2003, p.332), “o terreno das práticas, representações, linguagens e costumes concretos de qualquer sociedade historicamente específica”. Mas utilizá-la para encontrar alguma identificação no novo território (seja de que natureza for) que a faça sentir como parte integrante de processos mais amplos⁷. É por isso que são muito comuns os casos de imigrante que se considera, efetivamente⁸, com dupla-nacionalidade — a chamada “identidade hifenizada”, determinada por Jeffrey Lesser, que veremos mais adiante (2001) —. Ainda mais se, só depois de viver determinado tempo em um país (quando seu sistema de referências e identificações já foi construído), migra para outro.

⁷ A própria cultura não é fixa — “a cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (HALL, 2003, p.44) — e as pessoas estão sempre em processo de formação cultural seja na sociedade *x* ou *y*.

⁸ Dissemos “efetivamente” porque sabemos que, atualmente, há casos de pessoas que recorrem a seus antepassados imigrantes para pedir dupla-cidadania não por vínculo emocional, sentimento de pertencimento etc., mas por razões burocráticas como, por exemplo, facilidade de locomoção nas barreiras migratórias e alfandegárias de outros países.

... a ‘identificação associativa’ com as culturas de origem permanece forte, mesmo na segunda ou terceira geração, embora os locais de origem não seja mais a única fonte de identificação (HALL, 2003, p.26).

Esse ponto se torna mais claro se pensarmos essa significação no contexto da globalização. Resumidamente: chegou-se a afirmar que as culturas (identidades locais) menores seriam “engolidas” pela massificação e homogeneização que a globalização — liderada por nações mais desenvolvidas — estaria impondo nos quatro cantos do globo. Porém, o que acabou se percebendo é um fenômeno contrário. Algumas identidades nacionais e outras locais ou particularistas estão sendo reforçadas justamente pela resistência à globalização.

O terceiro aspecto compreende a pluralidade da identidade cultural. Ao mesmo tempo em que um indivíduo pode ter múltiplas identidades, estas se sobrepõem umas as outras, dependendo do contexto vivido. Ou seja, predomina determinada identidade de acordo com o controle que o indivíduo faz de seu ambiente. Nesses casos, o que Castells chama de papéis se confunde com a própria identidade (função e significado) porque depende do momento vivido. Como exemplo, lembramos o caso do ex-presidente do Peru Alberto Fujimori que, enquanto estava na presidência do país (de 1990 a 2000), se considerava (e dizia isso em seus discursos, veementemente), um peruano legítimo. Após denúncias de escândalos de corrupção e assassinato que culminaram na sua saída do cargo, Fujimori pediu exílio no Japão, mudou de nome (para Ken Inomoto) e passou a enaltecer sua nacionalidade japonesa (ele é filho de japoneses) a fim de garantir a permanência no país nipônico, em meio a processo de extradição pedido pelos peruanos.

Por fim, o quarto e último aspecto que envolve o conceito de identidade é a diferença. Ou seja, é a definição do que é em relação ao que não é. Por exemplo: quando uma pessoa diz “sou brasileiro”, “sou jovem”, “sou negro” etc. a identidade parece ser uma característica independente por só ter como referência a si própria. Porém, a diferença é aquilo que o outro é: “ele é italiano”, “ele é velho”, “ele é branco” e assim por diante. Ou seja, uma pessoa só é brasileira porque não é italiana; só é jovem porque não é velha; só é negra porque não é branca etc. Da mesma forma que a identidade, a diferença também é uma auto-referência, mas colocadas lado a lado elas co-existem e são dependentes uma das outras — na verdade, são inseparáveis.

[...] é a diferença que vem em primeiro lugar. Para isso seria preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como processo mesmo

pelo qual *tanto* a identidade *quanto* a diferença (compreendida, aqui, como resultado) são produzidas (TADEU SILVA, 2005b, p.76).

Sabemos que identidade e diferença são criações culturais e sociais e, neste contexto, as diferenças desempenham um papel de regulação e recombinação de traços identitários.

A identidade afirma-se primeiro como um processo de diferenciação interna e externa, isto é, de identificação do que é igual e do que é diferente, e em seguida como um processo de integração ou organização das forças diferenciais, que distribui os diversos valores e privilegia um tipo de acento (MUNIZ SODRÉ, 2000, p.45).

Temos então que estas quatro características básicas da identidade cultural (construída, móvel, plural e apoiada na diferença) são dependentes, simultaneamente, de um espaço físico coletivo (o território — lar, bairro, cidade, Estado, país etc.) e de um espaço virtual individual (o interior da representação de cada indivíduo⁹). Por outro lado, são dependentes também da questão do tempo — passado, presente e futuro interligados numa perspectiva histórica, isto é, numa linha ininterrupta. Logo, essas duas variáveis (espaço e tempo) mapeiam toda a existência do migrante, fazendo do processo migratório a origem de todas as contradições na qual se encontra.

Não se sabe mais se [a migração] se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento da provisoriedade (SAYAD, 1998, p.45).

Logo, se a migração é um processo de deslocamento espacial e temporal e se a identidade cultural, para ser estabelecida, precisa necessariamente das variáveis espaço e tempo, a “descentração do sujeito” é inevitável porque a migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em geral, num processo que é caracterizado por grandes desigualdades. Neste contexto é que se justifica a formação da comunidade (constituída em situações de diáspora principalmente pelos componentes etnia, nacionalidade e idioma), ainda que o processo de saída da terra natal tenha sido traumático — de acordo com Sonia Maria de Freitas (QUINTO, 2001, [s.p.]¹⁰), “quanto maior foi o sofrimento ao deixar seu país, mais o imigrante lutou para preservar sua cultura e tradições” — ou que haja a perspectiva da

⁹ Muniz Sodré (2000, p.42) chega a considerar que o campo do desenvolvimento da identidade cultural é a consciência e por isso do seu caráter imaginário. “Diz respeito apenas às representações e aos objetos sobre os quais se podem fazer projeções intelectuais”.

¹⁰ Como se trata de um documento disponível em site, a identificação do número da página não é disponibilizada. Dessa maneira, usamos o símbolo “[s.p.]”.

promessa do “retorno redentor”¹¹ às terras de origem (este, por sua vez, não necessariamente precisa se concretizar).

2 – Comunidade e identidade cultural: correlações

Antes de entrarmos naquilo que consideramos peças chaves na formação de uma comunidade de imigrante — etnia, nacionalidade e idioma — vamos discorrer um pouco sobre o conceito de comunidade e suas correlações com a identidade cultural. Dissemos anteriormente que em processos migratórios, ocorre um deslocamento espacial e temporal do indivíduo (ou grupo) e, conseqüentemente, a “descentração do sujeito”. Logo a identidade cultural que, necessariamente tem como variáveis espaço e tempo, precisa de um “lugar” (o interior da representação) para se desenvolver; e esse “lugar” pode ser a comunidade (física ou não).

Nesse sentido, surge a confusão — já pertinentemente discutida por outros autores — envolvendo o termo comunidade, principalmente, no que está relacionado ao espaço físico, território ou local onde ela está inserida. De acordo com Cicilia M. K. Peruzzo, esta dificuldade principal advém da impossibilidade de delimitar os “objetos” comunitário e local em fronteiras claramente demarcadas, ou seja, a “comunidade não pode ser confundida simplesmente com um bairro, uma cidade ou segmentos étnicos, religiosos, acadêmicos etc”.

A comunidade se situa dentro de um espaço local, e o espaço local é sempre mais amplo e diversificado do que uma comunidade [...] Ela pressupõe a existência de elos mais profundos e não meros aglomerados humanos (PERUZZO, 2003, p.55).

Não que o local não estabeleça o sentimento de proximidade e familiaridade entre os indivíduos.

A história, na verdade das coisas, se passa nos quadros locais, como eventos que o povo recorda e a seu modo explica. É aí, dentro das linhas de crenças co-participadas, de vontades coletivas abruptamente erichadas, que as coisas se dão (RIBEIRO, 1995, p.269).

¹¹ O termo “retorno redentor” é usado a partir de Stuart Hall (2003, p.28) que afirma que “toda disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor”.

Porém, conforme explica o sociólogo francês Alain Bourdin (2001, p.29), o local “às vezes não passa de uma circunscrição projetada por uma autoridade, em razão de princípios que vão desde a história a critérios puramente técnicos”.

Abdelmalek Sayad nos dá um bom exemplo dessa confusão no que diz respeito ao espaço habitacional ocupado pelos imigrantes, seja um bairro todo, um condomínio ou apenas um alojamento. Segundo o autor (1998, p.85):

É, sem dúvida nenhuma, a tendência a perceber os imigrantes como uma categoria homogênea que mais incita a querer, reunindo-os num mesmo hábitat, constituí-los como uma comunidade integrada, quando formam apenas, apesar de tudo, um amálgama de indivíduos ou de grupos separados, apesar do estatuto e da condição social que partilham, toda uma série de diferenças nos percursos particulares, na história social de cada movimento nacional de emigração, na posição dos indivíduos dentro dessa história etc. [...] A percepção ingênua [...] que se tem dos imigrantes como sendo todos semelhantes encontra-se no princípio dessa comunidade ilusória.

Dessa maneira, entendemos que o sentimento comunitário não precisa de um espaço físico e delimitado para se desenvolver. Segundo Bourdin, a “família comunitária pode ser desfeita na realidade sob o efeito da revolução industrial e das migrações, mas permanece sem dúvida presente ‘em certas cabeças’, no inconsciente coletivo”.

... a idéia de comunidade, explícita ou implícita, é a de expressão do espírito coletivo, para além das exigências de tradição e território (MUNIZ SODRÉ, 2000, p.206).

Assim como a identidade cultural é independente do espaço físico, a própria comunidade também é. Ambas estão ancoradas em elos de reconhecimento, reciprocidade e conexão que dão significado à vida de um indivíduo (imigrante ou não) enquanto ser social. Aliás, o próprio conceito de integração social remete à valorização de uma afetividade na relação com o outro¹². E tudo isso não precisa de um local, mas de um espaço, ainda que virtual para acontecer.

São características da comunidade que têm perdurado no tempo, embora assumam novas feições, linguagens e interpretações: sentimento de pertença; participação; interação; objetivos comuns; interesses coletivos acima dos individuais; identidades; cooperação; confiança; cultura comum etc. [...] Comunidade nos dias de hoje carrega noções de ‘coisas’ em comum, de laços fortes entre os membros de um ‘movimento’ em torno do coletivo que supera as amarras do individualismo (PERUZZO, 2003, p.56).

¹² “A integração social e o reconhecimento pelos outros não se baseiam nem na relação a um sistema de normas fora dos indivíduos — ou que pelo menos os ultrapassa — nem na ocupação de uma posição, de um lugar, numa ordem organizada, mas na semelhança dos membros que são os próprios portadores do sistema de normas” (BOURDIN, 2001, p.79).

[...] definido-se aqui a comunidade por ao menos dois dos três fatores seguintes: fortes interações entre seus membros no cotidiano, proximidade dos modos e/ou estilos de vida, acentuadas referências comuns (identitárias, religiosas, sociais), bem como pela capacidade de exprimir esta proximidade em instituições coletivas (BOURDIN, 2001, p.199).

E como são feitas as escolhas desses lugares (físicos ou não)? Para Bourdin, “vivemos nossas pertencas sociais e territoriais como necessidades imutáveis, agradáveis ou desagradáveis”.

Uma escolha de localização procede, em termos ideais, de um conjunto de critérios explícitos, entre os quais, por exemplo, em matéria econômica, a acessibilidade e os custos que ocupam um grande lugar. [...] O lugar constitui, pois, uma utilidade para a ação, em função de três fatores: a probabilidade de nele encontrar os bens ou os serviços procurados, o nível dos recursos mobilizáveis que facilitam a procura desses bens ou serviços, a capacidade de controle da situação que o ator se atribui (BOURDIN, 2001, p.159-160).

Para concluir esta questão do espaço, lembramos que, no mundo atual, o avanço de aspectos tecnológicos nos meios de transporte e comunicação faz aumentar a possibilidade de se construir comunidades entre indivíduos espacialmente separados.

... ou seja, onde antes o espaço ocupava um fator intransponível. Assim, o homem torna-se livre para solidarizar-se, cooperar, amar uma pessoa escolhida por critérios diversos daqueles de sangue — no caso dos parentes — e de solo — os vizinhos e conterrâneos (PAIVA, 2003, p.73).

No entanto, essas comunidades, por conta da grande carga de identidade cultural que a compõem, não podem estar emparedadas em uma tradição imutável. Entramos então na variável tempo.

Assim como ocorre na maioria das diásporas, as tradições variam de acordo com a pessoa, ou mesmo dentro de uma mesma pessoa, e constantemente são revisadas e transformadas em respostas às experiências migratórias. Há notável variação, tanto em termos de compromisso quanto de prática, entre as diferentes comunidades ou no interior das mesmas — entre as distintas nacionalidades e grupos lingüísticos, no seio dos credos religiosos, entre homens e mulheres ou gerações. Jovens de todas as comunidades expressam certa fidelidade às ‘tradições’ de origem, ao mesmo tempo em que demonstram um declínio visível em sua prática concreta. Declaram não uma identidade primordial, mas uma escolha de posição do grupo ao qual desejam ser associados (HALL, 2003, p.66-67).

Nesses casos, a tradição funciona como uma espécie de repertório de significados. Ainda segundo Hall (2003, p.74), cada vez mais, os indivíduos recorrem a esses vínculos e estruturas para dar sentido ao mundo, sem serem rigorosamente atados por eles em cada detalhe da sua

existência. Não é uma questão do que as tradições fazem com o sujeito, mas do que o sujeito faz com suas tradições. E isso tudo ocorre de acordo com as experiências vividas — estamos sempre em processo de formação —, que por sua vez acontecem em um período de tempo, determinado ou não. As identidades culturais não são fixas, mas podem estar suspensas, em transição, ou seja, entre diferentes posições.

Da mesma maneira, o tempo na comunidade ou colônia não precisa ser de fato o tempo real, mas sim o tempo que seus membros acreditam ser o adequado e/ou correto. Em palestra sobre *Comunicação e identidades culturais em comunidades étnicas*, a professora Luzia Mitsue Yamashita¹³ nos deu um relato sobre a comunidade japonesa que ilustra bem essa questão do “tempo comunitário”. Conforme contou, o imigrante japonês veio para o Brasil (a partir de 1908), com toda sua família, com o sentimento de derrota e expulsão — por não ter vencido em seu país — trabalhar nas fazendas de café em regime de semi-escravidão. Ao chegar, como não poderia deixar de ser, sofreu grandes choques culturais, mas foi se adaptando, em meio a todas as dificuldades e fazendo sua vida em terras brasileiras, primeiro nas fazendas depois nas cidades. Neste tempo, agrupou-se em clubes, associações, comunidades etc. (as chamadas Kaikan) como forma de preservar sua cultura (seja ao ensinar os filhos o idioma, ao cozinhar comidas típicas, ao praticar o budismo, por exemplo.) e também se relacionar com a sociedade local (promover eventos, cursos etc.). Porém, no fim do século XX a situação se inverteu e os filhos e netos desses imigrantes é que foram para o Japão trabalhar nas indústrias e fábricas de lá. Ao chegarem, dá-se um outro grande choque cultural. O Japão que eles conheciam, por meio das tradições e cultura de seus pais, ainda era um país oriental e não o Japão ocidentalizado que se formou após a Segunda Guerra Mundial. O idioma japonês que eles haviam aprendido aqui, com seus familiares, era um japonês arcaico, que ninguém mais falava; entre tantas outras diferenças. Notamos que neste caso a comunidade japonesa no Brasil preservou um Japão que não existe mais; porém nos discursos e sistemas de representações do imigrante que veio para cá, era o que ele conhecia, era o lugar onde ele tinha construído sua identidade. O tempo da comunidade foi diferente do real. O real mudou, mas o comunitário não.

Outro exemplo neste sentido é dado por Lesser (2001. p.295):

¹³ Luzia Mitsue Yamashita é professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e da Universidade de Maringá e esteve na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) no dia 31/10/2005 proferindo a referida palestra para alunos do PÓSCOM e membros do COMUNI — Núcleo de estudos em comunicação comunitária e local.

A ocupação de Okinawa pelos Estados Unidos, após o fim da Segunda Guerra Mundial, fez que quase 54 mil pequenos proprietários e agricultores entrassem no Brasil, entre 1952 e 1988, cerca de 43% deles vindo ao encontro de parentes que haviam imigrando antes da guerra. Os japoneses que residiam há mais tempo no Brasil chocaram-se com as novas atitudes frente a tudo, desde o imperador até as relações sexuais. Os recém-chegados ficaram igualmente perplexos: eles tinham dificuldade em entender antigos dialetos cheios de palavras portuguesas japonizadas, perguntando-se se os imigrantes de tempos anteriores haviam sido ‘enlouquecidos pelo Brasil’.

2.1. Identidade, comunidade e imigração

Mas por que dentro de processos migratórios a comunidade ganha relevância? Por que ao nos referirmos aos italianos que vivem em São Paulo, por exemplo, usamos a expressão “colônia¹⁴ italiana” ou “comunidade italiana”? Como ocorre em muitos outros fenômenos sociais, encontrar respostas, oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros não é tarefa fácil porque é preciso ir além de meros conceitos — qualquer dicionário nos daria definições para identidade, comunidade ou imigração. É necessário encontrarmos as relações entre os termos e refletir sobre como essas ligações, também aliadas aos conceitos, podem nos mostrar sua influência e consequência no indivíduo ou na sociedade em que vivemos. O que o Alain Bourdin chama de “evidência da falta” pode ser um bom começo do caminho para acharmos as respostas.

Ainda quando a situação de uma minoria emigrada é satisfatória, o sentimento de exílio, a nostalgia, o desejo de encontrar novamente sua terra, de estar na própria casa muitas vezes se afirma. Eles se exprimem facilmente numa reivindicação nacional, particularmente entre as minorias em perigo, mas também na dolorosa ausência de um ‘em-casa’, no lar, no bairro, na aldeia (BOURDIN, 2001, p.32).

Dessa maneira, a formação de comunidades, isto é, a aproximação dos que têm a “evidência da falta”, é uma das saídas quase que naturais do imigrante até mesmo por uma questão de

¹⁴ O conceito de colônia, de acordo com Alexandre Hecker (apud CONSOLMAGNO, 1993, p.18), “começou a se formar a partir da década de 1870, quando a classe dominante paulista promoveu a entrada de trabalhadores europeus para suprir as necessidades de mão-de-obra para as lavouras de café” e “era utilizado para designar um conjunto de habitantes que formavam um grupo social heterogêneo que mantinham relações diferenciadas com os habitantes naturais do Estado”. Esta definição nos dada pelo autor, entretanto, é questionável, do ponto de vista do uso da palavra heterogeneidade, que pode encobrir conflitos e diferenças naturais em qualquer grupo. Por outro lado, é aceitável no sentido de diferenciação do grupo em relação ao ambiente externo e perfeitamente usada em relação ao grupo de imigrante, ou seja, ao conjunto de pessoas que se estabeleceram em terra ou região que não a sua natal que ser diferencia dos demais por determinada qualidade — que, no caso, poderia ser a nacionalidade.

sobrevivência se levarmos em consideração também que a comunidade é um meio para o “sujeito descentrado” — do qual nos fala Stuart Hall — retomar sua vida associativa ou suprir a necessidade de estar entre seus semelhantes por meio de vínculos sociais — e entende-se aqui por esses vínculos, as necessidades de complementaridade e troca, o sentimento de pertencimento e a proximidade. Por conta disso, explica Bourdin (2001, p.77), “... ainda que estes [movimentos étnicos] veiculem outras coisas, em particular referências históricas e a idéia de um destino comum que pode autorizar algumas semelhanças, eles têm um forte componente de afirmação e semelhança”.

Afirmação e semelhança aliadas à mobilização tornam-se então palavras-chave neste contexto; mas, não únicas. Termos como convivência, pertencimento, solidariedade, movimentação em torno de uma causa comum e integração não podem, de maneira nenhuma, virem separados do verdadeiro sentimento comunitário. Sabemos que é muito custoso para um indivíduo viver totalmente isolado; soma-se a isso o fato da sociabilidade ser uma característica natural do ser humano. As pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações que podem ou não se tornar uma comunidade. Isso não significa que há uma heterogeneidade nestes grupos.

Mas, então surge a questão: quando essas organizações se tornam efetivamente uma comunidade?

Apresento a hipótese de que, para que isso aconteça, faz-se necessário um processo de mobilização social, isto é, as pessoas precisam participar de movimentos urbanos (não exatamente revolucionários), pelos quais são revelados e defendidos interesses em comum, e a vida é, de algum modo, compartilhada, e um novo significado pode ser produzido (CASTELLS, 1999, p.79).

Ainda segundo Castells (1999, p.84), as comunidades, construídas por meio da ação coletiva e preservadas pela memória também coletiva constituem fontes específicas de identidades, o que o autor classifica como “identidade cultural comunal”. “Essas identidades, no entanto, consistem em reações defensivas contra as condições impostas pela desordem global e pelas transformações, incontroláveis e em ritmo acelerado”.

Nesse sentido, o autor espanhol (1999, p.84) introduz o conceito de “comuna cultural”. “As comunas culturais de cunho religioso, nacional ou territorial parecem ser a principal alternativa para a construção de significados em nossa sociedade”. Essas “comunidades culturais” seriam caracterizadas por três principais traços distintivos:

- Aparecem como reação a tendências sociais predominantes.
- Constituem identidades defensivas que servem de refúgio e são fontes de solidariedade, como forma de proteção ao mundo externo.
- São construídas culturalmente, isto é, organizadas em torno de um conjunto específico de valores cujo significado e uso compartilhado são marcados por códigos específicos de auto-identificação.

Após todos esses conceitos e reflexões, temos algumas pistas para entendermos o porquê de classificarmos como comunidade um grupo de italianos que se juntou na capital paulista, por exemplo. Sabemos que quando um imigrante chega no território receptivo se depara com inúmeras dificuldades culturais, lingüísticas, econômicas etc.; essas provocam então, a sua maneira, aglutinações conscientes e comunidades fechadas e marcadas, em especial, pela manutenção da identidade cultural.

Eles [os imigrantes] criaram importantes laços de união em seus grupos, principalmente através de clubes, associações e igrejas. Em alguns casos, fundaram escolas para ensinar a seus descendentes a língua e a cultura natal. [...] conseguiram retomar a vida associativa e deram novo impulso às comunidades (FREITAS, 1999, p.52).

Dessa maneira o exemplo da “comunidade italiana” pode ter sim, em sua origem, características reais de comunidade (que vimos anteriormente). Resta saber se, nos dias de hoje, após a passagem do tempo real ou do já discutido “tempo comunitário”, esses grupos permanecem uma comunidade por essência — o que perfeitamente pode ocorrer, uma vez que as comunidades são capazes de permanecer e resistir a todo deslocamento envolvido beneficiadas por ancoragens sólidas — ou se desenvolvem e se modificam seguindo a ordem natural do avanço da sociedade, que não é estática. Logo, só podemos compreender os significados dessas comunidades e assim defini-las se tivermos alguma idéia sobre quais posições de sujeito eles produzem e interagem, além de conhecer que tipos de elos e sentimentos unem seus integrantes.

3 – Etnia, idioma e nacionalidade como bases da comunidade de imigrantes

Até aqui, temos que a comunidade (ou o sentimento comunitário) representa o espaço e o tempo — não necessariamente físico, mas também virtual — onde ocorrem as representações

de cada um. São as comunidades e todos os seus pré-requisitos que vão garantir a preservação e a manutenção da identidade cultural, porque são capazes, como vimos, de permanecer e resistir a todo deslocamento envolvido beneficiadas por uma ancoragem sólida, no caso de processos migratórios, nacionalidade, idioma e etnia se tornam fontes de significado e reconhecimento, isto é, objetos de identidade por excelência.

Claro que esses três fatores (independentes entre si), isolados, não garantem a formação da comunidade e todas as características e conseqüências que esta deve ter ou proporcionar. Por exemplo:

[...] A etnia não fornece as bases para os paraísos comunais [...] por estar fundamentada nos vínculos primários que perdem o sentido, quando extraído de seu contexto histórico, como base para a reconstrução do significado em um mundo de fluxos e redes, de novas combinações de imagem e novas atribuições de sentidos. As matérias-primas étnicas estão integradas nas comunas culturais que são mais fortes e possuem uma definição mais ampla que a etnia [...]. Ou ainda, a etnia passa a tornar-se base para a construção de trincheiras defensivas, territorializadas em comunidades locais, ou mesmo sob a forma de gangues, na luta por seu próprio espaço. Em meio a comunas culturais e unidades territoriais de autodefesa, as raízes étnicas são distorcidas, divididas, reprocessadas, misturadas, estigmatizadas ou recompensadas de maneiras distintas, de acordo com uma nova lógica de informacionalização / globalização de culturas econômicas que produzem compostos simbólicos a partir de identidades não claramente discerníveis (CASTELLS, 1999, p.78).

Porém, os três termos juntos, podem criar um sistema de identificação que dá o embasamento, a produção e a sustentação necessários para a formação e a manutenção da comunidade. Antes de tudo, entretanto, passamos ao estudo de alguns conceitos e breves reflexões.

No caso de etnia, há autores, que, quando introduzem o termo, o diferencia de raça. É o exemplo do espanhol Manuel Castells. Conforme afirma o autor (1999, p.71-72), raça e etnia são diferentes, uma vez que suas formas de manifestação parecem ser profundamente alteradas pelas atuais tendências sociais.

Sustento a idéia de que, embora a questão racial seja importante, e provavelmente mais do que nunca uma fonte de opressão e discriminação, a etnia vem sendo especificada como fonte de significado e identidade a ser integrada não com outras etnias, mas de acordo com princípios mais abrangentes de autodefinição cultural, como religião, nação ou gênero.

Já Stuart Hall (2003, p.69), ao contrário do que acabamos de ver, diz que diferenciar raça de etnia pode ser simplista demais. “Raça é uma construção política e social”, isto é, justifica as diferenças sociais e culturais em termos de distinções genéticas e biológicas, ou seja, da

natureza. Já etnia “gera um discurso em que a diferença se funda sob características culturais e religiosas”.

Quanto maior a relevância da ‘etnicidade’, mais as suas características são representadas como relativamente fixas, inerentes ao grupo, transmitidas de geração em geração não apenas pela cultura e a educação, mas também pela herança biológica, inscrita no corpo e estabilizada, sobretudo, pelo parentesco e pelas regras do matrimônio endógeno, que garantem ao grupo étnico a manutenção de sua ‘pureza’ genética, e, portanto, cultural (HALL, 2003, p.70).

Por fim, Muniz Sodré admite — a partir de referências a Anthony Smith¹⁵ — a emergência de comunidades étnicas. Segundo o autor (2000, p.210), esta implica “um nome próprio coletivo, um mito de linhagem comum, memórias históricas partilhadas ou um ou mais elementos diferenciadores de cultura comum, associação a uma terra natal específica em sentido de solidariedade em setores significativos da população”. Muniz Sodré (2000, p.256) não define o termo etnia, mas sim o *Ethnics* e o contextualiza no cenário norte-americano como um termo genérico para “designar tanto negros e índios como as minorias originárias da Europa”. No entanto, o que nos interessa aqui é a explicação que o autor (2000, p.257) dá para o “alcance político” do termo, na sua opinião, ambíguo:

Esta [a etnicidade] se reserva, de fato, aos grupos destinados à ‘identidade da diferença’ pelo fato de uma desigualdade social. Assim como ‘racial’ é sempre o Outro, ‘étnico’ é o Outro do Mesmo hegemônico, sempre reivindicador de uma igualdade.

Dessa maneira, achamos apropriada a idéia de Jeffrey Lesser (2001) quando diz que os imigrantes desafiavam os conceitos simplistas de raça, acrescentando à mistura um elemento novo: a etnicidade, formando assim a “etnicidade-hifenizada” — integrante da chamada “identidade hifenizada” citada anteriormente.

As etnicidades trazidas e construídas por esses imigrantes eram situacionais, e não ‘identidades primordiais imutáveis’. Em diversos momentos, os imigrantes e seus descendentes puderam abraçar sua ‘nipocidade’ ou sua ‘libanicidade’, tanto quanto sua ‘brasilidade’. A etnicidade muitas vezes cruzava como nacionalismo (brasileiro ou não), tornando extremamente flexíveis essas identidades (LESSER, 2001, p.27).

Para reflexão e também exemplificação desta questão sobre etnia que acabamos de ver, introduzimos o conceito de “identidade étnica dos brasileiros” de Darcy Ribeiro (1995, p.272):

¹⁵ SMITH, A. D. **A identidade nacional**. Gradiva, 1997, p.37.

A identidade étnica dos brasileiros se explica tanto pela precocidade da constituição dessa matriz básica da nossa cultura nacional, como por seu vigor e flexibilidade. Essa última característica lhe permitirá, como herdeira de uma sabedoria adaptativa milenar, ainda dos índios, conformar-se, com ajustamentos locais, a todas as variações ecológicas regionais e sobreviver a todos os sucessivos ciclos produtivos, preservando sua unidade essencial.

No caso de idioma, Muniz Sodré (2000, p.49) reconhece que “às vezes, um idioma pode sustentar uma identidade, com finalidade eventualmente estratégica”. Para ilustrar, o autor cita como exemplo o conhecido caso do Timor Leste, que continuou adotando a língua portuguesa como forma de resistência à integração à Indonésia. Tal idéia é reforçada por Castells (1999, p.70): “a língua, como expressão direta da cultura, torna-se a trincheira da resistência cultural, o último bastião do autocontrole, o reduto do significado identificável”. É neste sentido que a língua se torna uma forma de abrigo para novas associações e memórias. Ainda que aprendam o idioma do território receptivo, as lembranças anteriores do imigrante se limitam, na maioria das vezes, com sua língua anterior.

Neste sentido, segue um exemplo, no mínimo, curioso:

A Pomerânia, terra de pescadores de arenque no Mar Báltico, já não existe mais. Durante a Segunda Guerra Mundial, essa região européia, que ficava próxima da Prússia (na atual Alemanha), foi invadida e destruída pelos inimigos poloneses. Os homens e mulheres louros de olhos azuis que ali viviam foram então obrigados a migrar para pequenas comunidades nos Estados Unidos, Canadá e, principalmente, Brasil. Mas as terras brasileiras não eram novidades para esses imigrantes. Já em fins do século XIX os pomerânios deixavam os portos da Prússia para ‘fazer a América’. Isolados de outros grupos, mas unidos em torno de uma mesma língua, cultura e das religiões católica e luterana, espalharam-se por vários cantos do país, do Rio Grande do Sul a Santa Catarina, passando por Espírito Santo e até mesmo por Rondônia. Hoje, seus descendentes chegam a 300 mil. Muitos estão agora na aconchegante Pomerode. Na próspera cidade do Vale do Itajaí, região catarinense que concentra um dos mais importantes pólos mundiais de indústrias têxteis, as crianças aprendem, em casa, a falar o alemão e o pomerânio — língua mais próxima do holandês — e, só mais tarde, quando ingressam na escola, incorporam o português e lapidam o idioma de seus familiares, que também faz parte do currículo escolar (FARIAS, 2005, p.31).

Mas como preservar a língua e o idioma em meio ao contato com outras culturas (logo, outro idioma) de um novo território? Manuel Diégues Jr. (1964, p.282) aponta um caminho que pode nos ajudar na resposta:

[...] a persistência da língua por um grupo imigrado verifica-se, mais acentuadamente, nas populações que se mantiveram, durante largo tempo, em áreas rurais isoladas, ao passo que foi bastante atenuada essa persistência, mas rapidamente desaparecendo, naquelas áreas em que se promoveu, desde cedo contato com os nacionais.

Outro problema enfrentado pelos imigrantes no caso de manter a sua identificação por meio do idioma: em alguns lugares, em nome de uma coesão e/ou integração nacional, grupos

estrangeiros foram ou são proibidos de falarem a própria língua, sendo forçados a aprenderem o idioma local. Tomoo Handa (1987, p.597) conta que no próprio Brasil e em cidades grandes, como São Paulo, isso aconteceu nos anos de 1930, época do governo de Getúlio Vargas.

[...] a educação com influência estrangeira ou mesmo o ensino do idioma estavam proibidos pelas medidas nacionalistas do governo de Getúlio. [...] na sociedade japonesa do Brasil os imigrantes ainda dependiam espiritual e psicologicamente do país de origem, sendo influenciados pelo princípio nacionalista japonês, que fortalecia sua consciência étnica.

Por fim, sobre nacionalismo, para sermos breves, vamos admitir nação como uma comunidade simbólica. Segundo Stuart Hall (2005b, p.49), nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos, ou seja, um sistema de representação cultural.

As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu ‘poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade’ (SCHWARZ apud HALL, 2005b, p.49).

[a nacionalidade] resulta antes de mais nada da percepção que os próprios cidadãos têm de formarem uma coletividade humana [...] dado que essa coletividade tem uma existência histórica, será necessário [...] não esquecer que a identidade nacional foi revestindo formas sucessivamente diferentes ao longo dos tempos (MATTOSO apud BRITO; MARTINS, 2004, p.72).

Dessa maneira o nacionalismo pode oferecer a um indivíduo tanto a condição de ser um membro do Estado-nação político quanto uma identificação com a cultura nacional; esta, por sua vez, nunca é unificada (por mais unidade que o conceito de nação tente nos passar) porque seus próprios componentes e divisões apresentam infinita variedade e é unificada, segundo Hall, “apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural”.

Para dizer de forma simples: não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional (HALL, 2005a, p.59).

... a noção de nacionalidade, para além de sua natureza política, acaba por ser resultado de uma instância simbólica, fruto de uma incessante construção discursiva cultural — que é um sistema de representação. Quer isto dizer que, não importa as diferenças de quaisquer ordens que caracterizam os indivíduos de uma nação, a idéia de uma identidade nacional acaba por, em tese, constituir uma unidade (BRITO; MARTINS, 2004, p.72).

O fato é que etnia, idioma e nacionalismo podem ser usados com finalidades estratégicas. Conforme explica Néstor Garcia Canclini (1998, p.164), todo grupo que quer diferenciar-se e

firmar sua identidade faz uso “de códigos de identificação fundamentais para a coesão interna e para proteger-se frente a estranhos”. Assim, podemos encaixar esses três componentes nesse contexto, uma vez que em uma comunidade de imigrantes, por exemplo, o ato de falar e/ou ensinar o próprio idioma, o enaltecimento de sua etnia ou a reafirmação de seu nacionalismo estão intimamente ligados com a preservação da identidade cultural do grupo, ou, por outro ângulo, com a preservação da comunidade.

Um exemplo: sabemos que a língua é um sistema social e não individual. Ela existe além do indivíduo. Falar um idioma não indica apenas expressar nossos sentimentos e pensamentos mais íntimos; é um apontamento também para se ativar e reviver o infinito conjunto de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas referenciais e culturais. É por isso que se falarmos em “comunidade dos apreciadores da língua espanhola”, necessariamente estamos nos referindo a tudo que o termo Espanha diz respeito (país, cultura, imigrante etc.).

[...] a língua, reconhecida como um processo histórico, é uma das dimensões da pertença identitária e, como tal, depende não apenas do conhecimento que dela se tem, mas também do reconhecimento que dela se faz (BRITO; MARTINS, 2004, p.70).

Claro que o nacionalismo, o idioma e os traços étnicos estão cada vez mais independentes de fronteiras, em especial em processos migratórios. Porém, esses três fatores dependem da representação coletiva e só sobrevivem graças a ela. Dependem não apenas do conhecimento de que se tem deles, mas também do reconhecimento que se faz deles. Eles estão fundamentados na construção consensual de uma forma social, isto é, é uma combinação do grupo social, da comunidade.

Fora da comunidade de sangue, a prática de um mesmo território e a referência a um conjunto de regras comuns da vida diária e de bens culturais constituem os únicos meios de ancoragem realmente eficazes (BOURDIN, 2001, p.43).

Assim, a introdução por Lesser (2001) termo “identidade hifenizada” é muito pertinente. Ítalo-brasileiros, nipo-brasileiros, teuto-brasileiros e tantos outros são muito mais marcados pelo que têm em comum como brasileiros, do que pelas diferenças devidas a adaptações regionais ou funcionais, ou de miscigenação e aculturação. Para o autor, ao possuir uma “etnicidade hifenizada” ou “identidades hifenizadas”, os imigrantes incorporam muitos dos elementos da cultura majoritária, mesmo permanecendo distintos, ou seja, é a modificação e adaptação de uma cultura em resultado do contato com uma outra.

No caso das comunidades de imigrantes, etnia, idioma e nacionalismo — ainda que com todas as suas diferenças e percepções sejam de que ordem for — caracterizam os integrantes dessa comunidade passando uma idéia de identidade unificada. Porém, sempre há o outro lado...

3.1. O outro lado da comunidade

Ainda que a comunidade — especialmente a de imigrantes — seja baseada em fontes de significado e reconhecimento (como etnia, idioma e nacionalismo) e produza entre seus membros sentimento de pertencimento, participação, interação, defesa de objetivos comuns e todas as outras características que vimos anteriormente, não podemos ser ingênuos a ponto de achar que ela é única e essencialista, ou seja, que em seu seio não há diferenças. Não podemos, como bem lembra a professora Raquel Paiva (2003, p.72), ter uma “visão romântica” do assunto.

O termo ‘comunidade’ (como em ‘comunidades de minorias étnicas’) reflete precisamente o forte senso de identidade grupal que existe entre esses grupos. Entretanto, isso pode ser algo perigosamente enganoso. Esse modelo é uma idealização dos relacionamentos pessoais dos povoados compostos por uma mesma classe, significando grupos homogêneos que possuem fortes laços internos de união e fronteiras bem estabelecidas que os separam do mundo exterior. As chamadas ‘minorias étnicas’ de fato têm formado comunidades culturais fortemente marcadas e mantêm costumes e práticas sociais distintas na vida cotidiana, sobretudo nos contextos familiar e doméstico. Elos de continuidade com seus locais de origem continuam a existir. [...] Mas existem ainda diferenças que se negam a ser consolidadas. [...] Todas essas comunidades são étnicas e racialmente miscigenadas. [...] Nenhuma é segregada em guetos raciais ou étnicos (HALL, 2003, p.65-66).

Se dentro de nós mesmos¹⁶ ou da nossa própria família há identidades contraditórias — pais e filhos a todo momento estão repensando seus significados e funções —, o que dirá dentro de uma comunidade? Neste sentido, relembramos a “ilusão comunitária” (descrita no início deste capítulo) de Abdelmalek Sayad (1998) que tem como princípio a percepção de que todos os imigrantes são semelhantes.

Muniz Sodré também revela esta preocupação ao dizer que pensar homogeneidade na comunidade, ainda mais na globalização, é complicado. Segundo o autor, é neste contexto (da “tardomodernidade”) que se torna bastante difícil a questão da identidade porque é onde

¹⁶ Segundo Foucault, nada no homem, nem mesmo seu corpo, é suficientemente estável para servir de base para o auto-reconhecimento ou para a compreensão de outros homens.

flutuam os padrões simbólicos de reprodução da realidade, sob o efeito, entre outros, da migração e das hibridizações culturais, transformando a imagem e os sentidos das coisas.

Na circulação veloz dos signos, universo próprio da cultura pública contemporânea, não há mais lugar para uma só identidade ou uma só cultura hegemônica, apesar dos reiterados esforços das elites nacionais dominantes para predefinir (identitariamente) as situações tecnoculturais. Torna-se visível o deslocamento do poder simbólico que sustenta a identidade nacional (graças à imposição de padrões de ‘raça’ ou de ‘etnia’) por diferenças humanas que podem estar presentes nos mitos fundadores da nação, mas não exercem tradicionalmente papel ativo no jogo da cidadania (MUNIZ SODRÉ, 2000, p.126).

Por fim, voltando a citar Stuart Hall (2003, p.83), a tentação de essencializar a comunidade tem que ser resistida:

As comunidades migrantes trazem as marcas da diáspora, da ‘hibridização’ e da *différance*¹⁷ em sua própria constituição. Sua integração vertical a suas tradições de origem coexistem como vínculos laterais estabelecidos em outras ‘comunidades’ de interesse, prática e aspiração, reais ou simbólico.

4 – A sociedade híbrida, multicultural e intercultural pós-migração

O hibridismo, a impureza, a mistura, a transformação que vem de novas e inusitadas combinações dos seres humanos, culturas, idéias, políticas, filmes, canções é como a novidade entra no mundo (SALMAN RUSHDIE apud HALL, 2003, p.34).

Percebemos que em um momento ou outro, a maioria dos autores que trouxemos aqui questionam ou se preocupam com as identidades culturais (hábitos, costumes, tradição, etnia, religião etc.) e sua sobrevivência num mundo globalizado (econômico e culturalmente), sem fronteiras, homogeneizado, pós-moderno, cosmopolita, desterritorializado, internacionalizado e tantos outros termos que nos dão a idéia de que as nações estão fragmentadas, ou seja, utilizando uma conhecida frase popular “viraram terra de ninguém”. Pois é justamente nesse sentido que os mesmos autores e alguns outros reconhecem que as identidades não estão se perdendo, mas se transformando, se multiplicando, se pluralizando, se tornando híbridas e renovadas.

Em um processo migratório, as questões hibridismo, multiculturalismo e interculturalismo são extremamente importantes, uma vez que, após o deslocamento, novas sociedades resultam da

¹⁷ “*Différance* caracteriza um sistema em que cada conceito (ou significado) está inscrito em uma cadeia ou em um sistema, dentro do qual ele se refere ao outro e aos outros conceitos (significados), através de um jogo sistemático de diferenças” (HALL, 2003, p.60-61).

mistura, seja de povos, etnias etc. Não que uma identidade desaparecerá automaticamente e outra entrará em seu lugar; mas as duas vão conviver, ora predominando uma, ora outra — as diásporas deslocam consideráveis contingentes populacionais favorecendo processos que afetam tanto as identidades subordinadas quanto as hegemônicas.

[...] a imigração é uma das principais experiências socioculturais que move hoje o campo acadêmico a nomear de multicultural as sociedades contemporâneas e a situar na dinamicidade e potencial de intervenção que encerra a categoria interculturalidade as possibilidades de compreensão das inter-relações e tensões entre economia e cultura, entre mercados e identidades culturais (COGO, 2004, p.465).

Sabemos que a espécie humana é o produto de uma vasta pluralidade fenotípica e a mobilidade dos indivíduos (um fenômeno de praxe na gênese dos seres-humanos) é crucial para esta característica — ela proporciona, entre outras coisas, a alteração de padrões de identidade do sujeito e redefinições de conceitos pré-estabelecidos de fronteiras nacionais e povo.

Dessa maneira, procuramos entender o hibridismo em relação com o processo de produção de identidades. Tomaz Tadeu da Silva (2005, p.87) aponta que na perspectiva da teoria cultural contemporânea, o hibridismo, ou seja, a mistura, a conjunção, a mestiçagem, o sincretismo, a miscigenação, o intercurso etc. entre diferentes nacionalidades, etnias e raças coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas e segregadas.

Porém, esta é uma afirmação que merece ser, no mínimo e em parte, repensada. Principalmente no mundo moderno, em especial nas grandes cidades, não existem mais (com raríssimas exceções) identidades culturais puras, intactas. Em qualquer grande cidade contemporânea — São Paulo ou Nova York; Tóquio ou Cidade do México — temos a impressão de ver muitas cidades diferentes: a dos ricos, a dos pobres, a das indústrias, a dos parques etc.; no entanto todas convivendo e interagindo entre si, formando uma cidade maior que tem nessa diversidade e interação seu próprio sistema de reconhecimento. Se levarmos em consideração ainda o processo migratório, isso não se aplica de maneira nenhuma porque os novos grupos que se formam, seja em comunidades ou não, são compostos por membros de várias histórias e culturas interconectadas, ou seja, são justamente nas situações de diáspora que as identidades se tornam múltiplas.

Outro autor que trabalha a questão do hibridismo, desta vez de maneira mais centrada, é o mexicano Néstor Garcia Canclini, que “demole” as camadas nas quais normalmente a cultura é dividida (massiva, popular, tradicional, moderna etc.) ao tentar entender sua hibridação.

Menciono ocasionalmente os termos sincretismo, mestiçagem¹⁸, e outros empregados para designar processos de hibridação. Prefiro este último porque abrange diversas mesclas interculturais — não apenas raciais, às quais costuma limitar-se o termo ‘mestiçagem’ — e porque permite incluir as formas modernas de hibridação melhor do que ‘sincretismo’, fórmula que se refere quase sempre a fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais (CANCLINI, 1998, p.19).

Essa hibridação ocorre, segundo o autor (1998, p.201), em diversos espaços e tempo (ou uma temporalidade histórica distinta), o que acentua a heterogeneidade e dá à sociedade um caráter de cruzamento e intercâmbio com a convivência simultânea de velhas e novas produções simbólicas. Ou seja, coloca a cultura como resultado de uma seleção e de uma combinação, sempre renovada, de suas fontes. “Dito de outra forma: é [a cultura] produto de uma encenação, na qual se escolhe e se adapta o que vai ser representado, de acordo com o que os receptores podem escutar, ver e compreender”.

Assim, trazendo as idéias do autor mexicano para o contexto da imigração, o hibridismo das culturas faz com que estas se tornem culturas de fronteiras. E vamos entender aqui fronteiras não como espaços de divisões (por exemplo, a partir dessa linha imaginária temos a divisão entre Brasil e Uruguai), mas como espaço de integração entre culturas e povos diferentes (na mesma linha, há brasileiros e uruguaios que convivem juntos, no dia-a-dia, que estabelecem o vínculo social, discutido anteriormente). As culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento. Esta relação exclusiva com seu território, fonte de uma identidade, por sua vez, não aparece mais como entidades, mas como cenários. Por meio do hibridismo, a identidade que se forma não é nem a identidade *A* nem a *B*, mas a identidade *C* (composta por partes de *A* + partes de *B*).

Quando se trata de entender o entrecruzamento nas fronteiras entre países, nas redes fluidas que intercomunicam os povos, etnias e classes, então o popular e o culto, o nacional e o estrangeiro aparecem não como entidades mas como cenários. Um cenário [...] é um lugar onde um relato é levado à cena. É preciso incluir na reestruturação a reencenação, os procedimentos de hibridação mediante os quais as rerepresentações do social são elaboradas com o sentido dramático (CANCLINI, 1998, p.362).

¹⁸ Muniz Sodré nos dá uma definição para mestiçagem que cabe colocar aqui apenas para possível contraponto ou reflexão. Segundo o autor (1999, p.82): “a mestiçagem promove uma conciliação ideológica entre diferenças étnicas, éticas e culturais, apontando para as singularidades”.

O processo de hibridização confunde a suposta pureza e insolubilidade dos grupos que se reúnem sob as diferentes identidades nacionais, raciais ou étnicas. A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas (TADEU SILVA, 2005b, p.87).

Nesse sentido, Canclini (1998, p.354) nos apresenta o termo “sociedade híbrida”.

As sociedades híbridas que as cidades contemporâneas induzem nos levam a participar de forma intermitente de grupos cultos e populares, tradicionais e modernos. A afirmação do regional ou do nacional não tem sentido nem eficácia com a condenação geral do exógeno: deve ser concebida agora como a capacidade de interagir com as múltiplas ofertas simbólicas internacionais a partir de posições próprias.

Experiências de hibridismo podem ainda ter como origem as chamadas “matrizes culturais”:

Por matrizes culturais entendemos os referentes e processos que se produzem a partir do entrelaçamento, interação, combinação e disputas envolvendo uma variedade de repertórios e experiências de identidade derivados do étnico, do rural, do urbano, do gênero etc., constitutivas de sujeitos e instituições situados socioculturalmente (COGO, 2001, p.164).

Logo, se uma sociedade pode ser híbrida (culturalmente falando), por outro lado, ela também pode ser multicultural ou ter um multiculturalismo. Na verdade:

[...] hibridização ou hibridismo [podem ser] entendidas enquanto modalidade em e através das quais as condições multiculturais são acabadas e renovadas (GLODBERG apud COGO, 2001, p.25).

Entretanto, multicultural e multiculturalismo podem não representar a mesma coisa, pelo menos, de acordo com Stuart Hall (2003, p.52):

Multicultural é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade ‘original’. Em contrapartida, o termo multiculturalismo é substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. É usualmente utilizado no singular, significando a filosofia específica ou a doutrina que sustenta as estratégias multiculturais.

O fato é que tanto o termo multicultural como multiculturalismo são hoje interdependentes — é impossível separá-los. Pensamos em uma comunidade de imigrantes. Além de possuir um multiculturalismo, este é o que Goldberg (apud HALL, 2003, p.53) classifica como pluralista, ou seja, “avalia as diferenças grupais em termos culturais e concede direitos de grupos distintos a diferentes comunidades dentro de uma ordem política comunitária”.

Aos que migram pela primeira vez, se somam os migrantes descendentes de migrantes, intensificando tensões, crises e conflitos e ao mesmo tempo significados, vivências e horizontes que vão impondo, ampliando e multiplicando as experiências de transculturação, pluralidade e relatividade (COGO, 2001, p.29).

Para Denise Cogo (2001, p.29), essa complexa teia de relações sociais repercute na conformação dos processos identitários a partir da construção de múltiplas e fluídas identidades fundamentadas ao mesmo tempo nas sociedades de origem e nas “adotivas”. Enquanto alguns migrantes identificam-se mais com uma sociedade do que com a outra, a maioria parece desenvolver várias identidades, relacionando-se simultaneamente com mais de uma nação. Daí a noção de multiculturalismo.

Numa metrópole como São Paulo, por exemplo, há mais que um multiculturalismo — existe um interculturalismo. As culturas absolutamente diferentes não só existem, mas se interagem dando uma cara única à cidade ainda que com infinitas contradições e diversidade. E isso, vemos a todo momento, sem muitas vezes nos darmos conta sequer.

Falar de interculturalidade, de cruzamento de culturas, de convivência de culturas significa, paralelamente, falar de identidade, diferença, respeito ou recusa do ‘Outro’. Este outro que pertence a outra cultura, a outra forma de ver e conceber o mundo (VELÁZQUEZ, 2001, p.47 – Tradução nossa).

O multiculturalismo (ou o interculturalismo) é uma identidade da capital da paulista, ou seja, tantas etnias, nacionalismos e línguas juntos não transformaram a cidade — não só São Paulo, mas o país todo — em guetos fechados, mas numa diversidade única muito rica¹⁹.

No plano étnico-cultural, esta transfiguração [mistura, miscigenação, sincretismo, mestiçagem etc.] se dá pela gestação de uma etnia nova, que foi unificando na língua e nos costumes, os índios desengajados de seu viver gentílico, os negros trazidos da África, e os europeus aqui querenciados. Era o brasileiro que surgia, construído com os tijolos dessas matrizes à medida que elas iam sendo desfeitas (RIBEIRO, 1995, p.30).

Só para exemplificar, segue um breve trecho de um texto de apresentação da capital paulista localizado no site da Prefeitura, intitulado “São Paulo: caldeirão de diversidade”.

¹⁹ Segundo Darcy Ribeiro (1995, p.258-259): “A imigração estrangeira, principalmente de pobres trabalhadores brancos europeus, tornados excedentes de suas economias nacionais, representou também uma enorme ameaça de transfiguração da população brasileira preexistente, tal como ocorreu no Uruguai e na Argentina. No Brasil, encontrando uma sociedade já formada e etnicamente integrada, apenas afetou seu destino, assimilando quase toda essa massa imigrante, transformando-se mais os recém-vindos do que os que aqui viviam. Através de todas essas instâncias, o povo brasileiro acabou por conformar-se com uma configuração histórico-cultural única e diferenciada de todas as outras”.

São Paulo é um grande caldeirão de diversidade étnica que muita gente no mundo ainda não conhece. Em tempos onde o respeito às diferenças e o diálogo entre os povos parece cada vez mais difícil, São Paulo tem uma longa experiência de integração e assimilação das mais diversas culturas. Uma cidade com a melhor e mais diversificada vida cultural e noturna da América do Sul, e sede das melhores universidades latino-americanas. Um dos maiores centros de gastronomia do mundo, com 13 mil restaurantes, onde a culinária de 45 comunidades étnicas aqui assentadas convive com as mais vanguardistas cozinhas de autor. Se o Brasil merecidamente está na moda pelo mundo, São Paulo está na dianteira para mostrar essa criatividade concentrada. Promover essa cidade plural, diversa e que respeita e abriga todas as diferenças, divulgar pelo mundo esse grande centro de oportunidades é nossa missão (PREFEITURA DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://milpovos.prefeitura.sp.gov.br>>. Acesso em: 19 mar.2006).

5 – Assimilação e aculturação: processos custosos, contraditórios e possíveis

Ao processo de fixação do imigrante no território receptivo cabe relacionar, no que toca sua participação, as questões da assimilação e da aculturação que muito nos interessa por estar diretamente relacionado com a formação, a preservação e a manutenção da identidade cultural. Antes de entrarmos na reflexão sobre esses processos, vale estabelecermos alguns conceitos para assimilação e aculturação e aqui, adotaremos as definições de Emilio Willems. Para o autor (1946, p. 16-17), todo processo de assimilação é caracterizado por uma fase de desorganização pessoal cuja duração e intensidade varia em função de fatores diversos.

A assimilação se afigura como processo sócio-psíquico que transforma a personalidade. [...] Seu processo consiste no aparecimento de atitudes novas emocionalmente associadas a valores culturais novos com que o imigrante vai estabelecendo contatos.

É exatamente isso, aliás, que distingue os dois termos. Enquanto assimilação (como acabamos de ver) pode ser compreendida no âmbito sócio-psíquico, a aculturação pode entender todo o processo de inserção no novo território por meio de questões culturais. Ou seja, é quando a cultura — e aí está implicado todo um sistema de valores, de padrões de comportamento, idéias e conhecimentos que adquirem significados específicos para um grupo humano — substitui a personalidade no processo de mudanças. Em outras palavras: a aculturação pode significar mudanças nas configurações culturais de dois ou mais grupos em contatos.

O conceito de aculturação compreenderia os fenômenos resultantes do contato direto e contínuo entre grupos de indivíduos representantes de culturas diversas, e as subseqüentes mudanças nas configurações culturais de um ou de ambos os grupos. [...] Ambas [a assimilação e a aculturação] são aspectos do mesmo processo: a assimilação é o seu aspecto ‘subjutivo’ porque envolve a personalidade; a aculturação lhe representa o aspecto ‘objetivo’ porque afeta os valores culturais (WILLEMS, 1946, p.37).

É claro que tanto a assimilação como a aculturação são processos custosos, penosos, sofridos e contraditórios. Vejamos, por exemplo, o que acontece com o imigrante no mundo de hoje. Ao contrário do grande fluxo migratório do início do século XX, quando a movimentação era da Europa para a América, o que se vê atualmente é o deslocamento, principalmente, da América Latina para a Europa e também para os Estados Unidos. Este último, somente na década passada, viu seu número de imigrantes totalizar 35 milhões de pessoas de origem hispânica, o que equivale a 12,5% da população norte-americana²⁰. A diferença, entretanto, está no fato de que, na primeira época o imigrante era desejado e necessário como uma força de trabalho; agora ele é indesejado (por inúmeros motivos que não cabem relacioná-los aqui), o que justifica as diversas restrições para a entrada de estrangeiros nos países desenvolvidos. Soma-se a isso a carga de derrota no país de origem (a não inclusão no mercado de trabalho, o não firmamento de suas idéias políticas ou religiosas, o não estabelecimento de boas ou mínimas condições de vida etc.) e a conseqüente necessidade de migrar. É muito comum ouvirmos palavras pejorativas quando alguém se refere a um imigrante que foi “tentar a vida” num país rico. O próprio termo refugiado — cujo conceito precisou ser estabelecido na Convenção de Genebra de 1951²¹ — é uma classificação de conotação negativa. Dessa maneira, claro que sua assimilação é penosa e custosa. Bem como sua aculturação, contraditória. Ao deixar seu lugar de origem, o migrante já sai desestabilizado, seja emocionalmente, economicamente etc. O choque cultural é inevitável e o desejo do “retorno redentor” ganha ainda mais força. Porém, com o passar do tempo indivíduos e culturas diferentes em contato (em comunidades, principalmente), como vimos, podem transformar-se perdendo certo número de seus elementos culturais e adquirindo novos, num processo de hibridização, multiculturalismo e interculturalismo.

Posta em contato com o novo meio, a atitude prévia, favorável à mudança cultural, define-se pouco a pouco, estabelecendo relações emocionais com valores novos à medida que estes vão sendo incorporados na personalidade. [...] Se o imigrante estiver isoladamente exposto ao impacto das expectativas de um grupo totalmente estranho, o ajustamento torna-se-á uma questão de sobrevivência. Da proporção em que o imigrante incorporar os valores novos, dependerá o papel que lhe será atribuído na sociedade adotiva. E inútil dizer que tais reajustamentos nunca dependem exclusivamente do imigrante, mas em grande parte da intensidade das atitudes etnocêntricas que venha a encontrar no novo meio (WILLEMS, 1946, p.14-15).

²⁰ Fonte: US DEPARTMENT of State. Census Bureau Official says hispanics now are the nation's latest minority. Disponível em: <http://usinfo.state.gov/scv/Archive/2005/May/16-662659.html>. Acesso em: 11 fev.2007.

²¹ A Convenção de Genebra de 1951 estabeleceu que refugiado é “qualquer pessoa que [...] receando com razão ser perseguida em virtude de sua raça, religião ou nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontre fora do país de que tem a nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio, não queira pedir a proteção daquele país”.

Nesse sentido, as dificuldades, em especial de ordem pessoal, ganham peso. Muitos imigrantes, apesar de tudo, não se adaptam ao território receptivo e voltam para o país de origem, quando possível, ou procuram um novo lugar. Uma ilustração:

Pude sentir, no exílio, como é difícil para um brasileiro viver fora do Brasil. Nosso país tem tanta seiva de singularidade que torna extremadamente difícil aceitar e desfrutar do convívio com outros povos. O prefeito de Natal morreu em Montevideu de pura tristeza. Nunca quis aprender espanhol, nem o suficiente para comprar uma caixa de fósforo. Alguns se suicidaram e todos sofreram demais. Basta ver uma reunião de brasileiros, do meio milhão que estamos exportando como trabalhadores, para sentir o fanatismo com que se apegam a sua identidade de brasileiros e o rechaço a qualquer idéia de deixar-se ficar lá fora (RIBEIRO, 1995, p.243-244).

Outros imigrantes, por sua vez, podem levar anos (uma vida inteira até) oscilando entre a nostalgia, o desânimo e o desejo do “retorno redentor” de um lado e a esperança num futuro melhor no território receptivo de outro. Temos um clássico exemplo disso na literatura brasileira com a obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. A história nos apresenta, entre outros personagens, Jerônimo, um português que veio com a mulher para o Rio de Janeiro tentar “fazer fortuna” e voltar para terras lusitanas. No Brasil, vive trabalhando muito e economizando, se privando até de uma moradia digna — o casal instala-se em um cortiço — porque visa o retorno. No meio do caminho, entretanto, conhece a “mulata faceira” Rita Baiana e “perde a cabeça”. Larga da mulher e vai morar com a brasileira. Não tem mais o sonho de voltar a Portugal, logo não trabalha mais que nem um “burro de carga” porque não existem mais motivos para juntar tanto dinheiro, já que a volta e o reconhecimento de que venceu em terras estrangeiras não vai acontecer. Nesse momento se dá a integração, de forma definitiva, de Jerônimo à sociedade brasileira.

À medida que os imigrantes ou seus filhos se ‘habitua’ às condições diferentes vão surgindo novas atitudes-valores fazendo com que pareça ‘natural’ o que a princípio constituía motivo de desespero. Em outras palavras: a natureza coativa das primeiras experiências em que as novas atitudes-valores se baseiam, não impede que se tornem etapas no caminho da assimilação (WILLEMS, 1946, p.16).

Quando o imigrante decide ou percebe que não vai haver mais o “retorno redentor”, sua assimilação e aculturação se completam; porém, com peculiaridades²², em especial no caso do Brasil: tal ação é mais pluralista que unilateral.

²² Uma dessas peculiaridades, ainda segundo Willems, é o fato do imigrante ter sido recebido aqui como um colaborador. Recorrendo ao autor (1946, p.15): “o imigrante foi imediatamente aceito e incorporado no patrimônio cultural das comunidades estabelecidas.”

Não é unilateral; nem o imigrante é inteiramente absorvido pela cultura nacional, nem mantém íntegra suas características culturais próprias. Ao contrário: ao passo que se integra na cultura brasileira, aceitando seus valores ou padrões, também o imigrante transmite valores ou padrões originários. Daí o sentido mais pluralista que unilateral como se tem desenvolvido, no Brasil, o processo de assimilação cultural dos grupos imigrados (DIÉGUES JR., 1964, p.278).

Nesse momento, ocorre o que Abdelmaleck Sayad (1998, p.62) classifica como “reaculturação”:

[...] os imigrantes, sua cultura de origem (ou o que se considera como tal), sua língua e, podemos acrescentar, como ponto culminante desse paradoxo, todas as iniciativas que se autodenominam ‘reaculturação’, pois elas permitiriam que eles se reencontrassem a si mesmos, que redescobrissem seu país, sua língua, sua religião, que se reconciliassem com suas tradições, sua cultura etc.

Nas palavras²³ de Mário de Andrade ([198-?], p.422):

*Mas eu entrei na cidade inimiga e os meus pés não queriam andar de saudade
E a Terrível riu seu riso de garoa (pervertida)
E me fez passar pelas sete provas da promessa.
A primeira foi obedecer mas eu me opus.
A segunda foi mandar e então eu obedeci.
A terceira foi sonhar mas eu me equilibrei num pé só e não dormi.
A quarta e a quinta foram roubar e matar
Mas eu, cheio de fragilidade, beijei de mãos abertas.
A sexta, a mais infamante de todas, foi ignorar.
Mas eu, chorando, provei o pó amargo da rua e me alembrei
Então a cidade insidiosa, cheia de música e festa,
Passou a mão de bruma nos meus olhos, me convidando a esquecer.
Mas eu com uma rosa roubada na abertura da camisa
Gritei no eco do mundo: EU SOU!
Eco fora de Cena:
— EU SOOU!... EU SOOOOOOOU!...
Pois então a cidade se fez mãe e eu descansei nela uma noite e um dia [...]*

²³ Outro trecho do poema *Café*, citado no início deste capítulo.

CAPÍTULO III

IMPrensa IMIGRANTE: PASSADO E PRESENTE

1. O que é imprensa imigrante

Através da imprensa imigrante os habitantes do grande mundo externo podem ter uma particular visão sobre o pequeno mundo do imigrante. Ler algum destes jornais estrangeiros é como olhar pelo buraco da fechadura numa sala iluminada (PARK, 1922, p.113 – Tradução nossa).

Os jornais de imigrantes — também conhecidos como jornais de colônia ou coloniais, jornais étnicos, jornais estrangeiros ou de língua estrangeira, entre outros termos — são, indiscutivelmente, um fenômeno resultante do processo migratório internacional. Seu surgimento está intimamente ligado à chegada e ao estabelecimento de um grupo de imigrantes num novo território; seu perfil, desenvolvimento e continuidade dependem da capacidade de organização e dos interesses desses grupos, bem como de seus membros, além de necessidades e fatores econômicos, políticos, técnicos, culturais e sociais de ordem regional. Tal publicação não é característica deste ou daquele país; desta ou daquela nacionalidade. Em diversos países que receberam, especialmente, grandes fluxos migratórios existem registros deste tipo de imprensa.

[...] As qualidades e características de cada grupo, assim como o número de imigrantes, lugar que se estabelecem, se mudam constantemente, se eles têm ou não o hábito da leitura, tudo isso influencia sua relação e suporte com sua própria imprensa. (PARK, 1922, p.326-327 – Tradução nossa).

Nos Estados Unidos, por exemplo, Robert Park (1922) — contratado pelo governo norte-americano para pesquisar a mídia étnica no país — estimou há cerca de 90 anos que a tiragem total de jornais editados em línguas que não o inglês batia a casa dos dez milhões de exemplares. Ainda segundo o autor, em 1908 foi criada a “American Association of Foreign Language Newspaper” (Associação Americana dos Jornais de Língua Estrangeira) que reunia 700 jornais.

Estudar estes jornais implica necessariamente ir afundo na própria história da migração. Até mesmo porque a imprensa de língua estrangeira — como qualquer outro tipo de meio de comunicação — não é algo exterior a sociedade, mas sim um canal para influir e refletir sobre ela ao mesmo tempo em que serve de espelho dos acontecimentos sociais e seus membros,

ainda que carregado de subjetividade. Num processo natural, é a própria história da imigração (com seus altos e baixos) que vai guiar a história de sua imprensa, mesmo que nesta seja necessário se fazer cortes ideológicos, étnicos, religiosos, políticos e outros de qualquer ordem, uma vez que estamos lidando com um meio de comunicação que envolve participantes dos conflitos sociais e atuantes na história.

Quem trabalha com jornais sabe que os mesmos são fonte de onde se extrai o panorama de uma comunidade. Embora sempre tendo como pano de fundo uma corrente ideológica, o jornal é um signo através do qual se pode captar o universo da sociedade em que está inserido.

[...] A imprensa e os homens que nela atuam são a consciência dos grupos sociais. Além de atuarem no sentido de registrar e comentar, eles são parte envolvida nos conflitos das comunidades, cuja atuação pode influir e, muitas vezes, modificar os próprios acontecimentos (SANTOS, 2004, p.33).

Entendemos que um jornal se constitui numa apreciável fonte de pesquisa, mas é necessário ter em mente que ele não transmite apenas a notícia em si, mas também a visão ou interpretação de alguém que a escreve. Ter consciência da existência desses elementos subjetivos de quem produz a notícia, que seleciona e omite situações, pode prevenir equívocos (RADIN, 2004, p.529).

1.1 Surgimento

Não é possível especificar a data exata de quando os jornais para imigrantes surgiram no Brasil — como dissemos, tudo depende de que grupo imigratório estamos falando (no que diz respeito à nacionalidade) e de que lugar este grupo se estabeleceu. Sabe-se, entretanto, que algumas publicações apareceram bem antes do período considerado com o grande fluxo migratório para o território brasileiro, ou seja, do fim do século XIX (a partir de 1870) até a década de 1960 do século XX. O primeiro jornal de que se tem notícia foi o *La Croce del Sud*, escrito em italiano, que circulou no Rio de Janeiro em 1765. Segundo Trento (1989, p.185), “era uma publicação dos capuchinos e teve breve duração”. Em 1825 circulou no Rio o *Giovine Itália*, de forte conotação política. Outros jornais italianos do Rio desta fase inicial foram *L’Iride italiana* (1854) e *Monitore Italiano* (1859). Também há registros neste período, mais precisamente em 1853, de jornais alemães no Rio, como o *Der Einwanderer* (bissemanário) e o *Der Deutsche Beobachter*.

Na região Sul do país, os primeiros registros de imprensa imigrante remetem aos alemães. Ainda na primeira metade do século XIX surgiram *O Colono Alemão* que, segundo Dreher (2004, p.9), era editado por Herman von Salisch e teve seu primeiro número lançado em 3 de

fevereiro de 1836; e *Der Beobachter am Mathiasstrom* [*O Observador às Margens do Rio Mathias*], de Santa Catarina — de acordo com Klug (2004, p.14), foi criado em Joinville, em 2 de novembro de 1852 por Karl Konstantin Knüppel.

Em São Paulo, Estado que recebeu o maior número de imigrantes, a história da imprensa de colônia é bem rica e ainda está toda por ser resgatada. Segundo Dreher (2004, p.92), desde as últimas duas décadas do século XIX até os anos de 1920, dos 149 jornais publicados no Estado paulista, 127 eram produzidos na capital São Paulo — destes “60 eram publicados em língua estrangeira e apenas cinco não o eram em língua italiana”. Outro dado (PETROLLI, 2005, p.4): “de 1823 até 1910, dos 1496 periódicos que circularam em São Paulo, 135 eram redigidos em italiano ou bilíngües¹”. Ângelo Trento (1989) também fez um importante levantamento da imprensa italiana no Brasil e constatou que entre 1870 e 1940 existiram 500 publicações entre diários, semanários, quinzenais, mensais, números únicos e almanaques, assim distribuídos: 295 na cidade de São Paulo e outras 40 no interior do Estado; 64 no Rio de Janeiro; 53 no Rio Grande do Sul; quatro em Santa Catarina em Minas Gerais e no Pará; dez no Paraná; três no Espírito Santo e na Bahia; e um em Pernambuco.

Mais uma vez fica explícita a relação da imprensa imigrante com a história e fatores de ordem regional. A predominância de jornais escritos em língua italiana no território paulista sobre as demais nacionalidades e sobre os demais Estados se explica devido à maior quantidade de italianos² que entraram no Estado em relação aos outros. O mesmo acontece na região Sul do país, onde predominou a imprensa escrita em alemão. De 1852 a 1941, de acordo com Gertz (2004, p.118), circularam só no Rio Grande do Sul 144 jornais e revistas em língua alemã. Em Curitiba, conforme Vechia (2004, p.140), surgiram 12 jornais em língua alemã entre 1881 até fim do século XIX. João Klug (2004) cita pelo menos 44 títulos de publicações escritas em alemão que circularam em Santa Catarina de 1852 a 1940. E, certamente, há mais bibliografia, registros e documentos de grupos de imigrantes de nacionalidade mais expressivas, quantitativamente, que outros que aqui chegaram em menor ou ínfima quantidade — e não estamos falando apenas de material referente à imprensa desses povos, mais sim ao processo de imigração deles como um todo.

¹ Valdenísio Petrolli (2005) traz neste trabalho uma lista com 135 títulos de jornais italianos que circularam em São Paulo de 1880 a 1935, contendo ainda o respectivo ano de fundação de cada um deles.

² De acordo com Sônia Maria de Freitas (1999, p.44), em termos numéricos, os principais grupos de imigrantes entrados no Estado entre 1872 e 1952 foram: italianos (878.102), portugueses (460.929), espanhóis (395.844), japoneses (189.764), alemães (69.161) e austríacos (39.305).

Tais fatores nos remetem a uma outra questão que surge quando tentamos esboçar o aparecimento da imprensa imigrante em um lugar (no caso, São Paulo). Nota-se que às vezes em outra região ela é tão desenvolvida que, na estudada, fica em segundo plano, passando a impressão ou a idéia de que seria menos importante ou menor. É o que acontece, por exemplo, com os jornais de língua italiana de São Paulo com relação a outros Estados e na imprensa de língua alemã da região Sul também em relação a outras regiões e, desta última, segue a citação:

Não que a imprensa de outros estados seja totalmente destituída de importância para um estudo de sua relação com os imigrantes e descendentes de alemães [...], mas não há dúvida de que somente com a publicação de *Brasil Post*, em São Paulo, após a Segunda Guerra, um jornal externo ao Estado [do Rio Grande do Sul] ganhou importância mais significativa também para os teuto gaúchos (GERTZ, 2004, p.101).³

A distribuição da imprensa dos vários grupos de língua estrangeira com considerável ocorrência [...] mostra a possibilidade de indicar ‘áreas culturais’ nas quais as influências de certos grupos de imigrantes são mais acentuadas que outros.[...] Desta forma é possível, não meramente definir diferentes áreas de imigrantes, mas esboçar, de uma certa maneira, sua moral psicológica e complexidade política (PARK, 1922, p.287 – Tradução nossa).

E é justamente um jornal escrito em italiano que se tem notícia de que foi a primeira publicação em língua estrangeira de São Paulo. Trata-se de *O Observador Constitucional*, fundado por Giovanni Baptista Líbero Badaró, em 1829. A partir de então, e com a chegada do período da imigração em massa (a partir das últimas décadas do século XIX), mais e mais títulos foram surgindo. Ainda no que diz respeito aos jornais italianos, em 1905, a cidade de São Paulo contava, só com relação aos diários, com quatro títulos, de acordo com Marina Consolmagno (1993, p.22-23): *Fanfulla* (matutino com publicação aos domingos criado em 1893⁴); *Avanti!* (folha cotidiana socialista surgida em 1900); *Secolo* e *La Tribuna Italiana* (vespertinos). Isto não significa, no entanto, que antes de 1905 outros periódicos italianos não tivessem surgido — como exemplo citamos: *Garibaldi* (1870), *Il Movimento* (1872), *Il Pensiero Italiano* (diário, 1882), *Il Corriere d'Italia* (1882) e *Il Messaggero* (fundado por Domenico Rangioni e Alcibiade Bertolotti, 1891).

³ René Gertz (2004, p.101) ainda pressupõe que “a imprensa imigrante de outros estados, sobretudo a de algumas capitais do Nordeste, tenha alguma semelhança com a do Rio de Janeiro e a de São Paulo”.

⁴ O *Fanfulla*, sem dúvida, foi e ainda é (circula até os dias de hoje) o jornal mais importante da colônia italiana de São Paulo ou mesmo do Brasil — para se ter uma idéia de sua circulação e leitura, em 1893, chegou a atingir uma tiragem de 15 mil exemplares contra os 20 mil de *O Estado de S.Paulo*. Sua história está registrada na dissertação de Marina Consolmagno (1993).

À medida que imigrantes de outras nacionalidades iam chegando a São Paulo, a imprensa de língua estrangeira crescia e se diversificava. A imigração japonesa, por exemplo, foi oficialmente iniciada em 1908, porém os primeiros jornais só começaram a surgir anos depois, o que confirma que a criação de um jornal imigrante não depende apenas da chegada do grupo, mas sim de seu estabelecimento e fixação no novo território (e tudo o que isso implica). No caso japonês, o primeiro jornal de que se tem notícia no Brasil, de acordo com Alice Mitika Koshiyama (2004, p.39) é o *Nambei* ou *Nabei Shuho*, semanário surgido em 1916. No mesmo ano foi criado o *Nippak Shinbun* e, em 1917, foi fundado o *Burajiru Jiho*. “Tornou-se o maior jornal da época, com tiragem de 4 mil exemplares”. Jeffrey Lesser (2001), ao estudar a história dos imigrantes não-europeus que vieram para o Brasil, constata o aparecimento destes três jornais — entretanto identifica o *Nambei* como *Shukan Nambei* e nos fornece algumas outras informações a respeito:

O *Shukan Nambei* (*Semanário Sul-Americano*), fundado em janeiro de 1916, foi o primeiro de três jornais publicados para 80% a 90% de todos os japoneses e nipo-brasileiros vivendo em áreas rurais. O *Nippak Shinbun* (*Notícias Nipo-Brasileiras*) fundado seis meses mais tarde, tinha sua sede no bairro da Liberdade, em São Paulo, e, por volta de 1920, era publicado três vezes por semana, afirmando ter uma tiragem de trinta mil exemplares (LESSER, 2001, p.167).

O autor também esclarece em seu trabalho alguns pontos da imprensa árabe do Brasil. Segundo Lesser, um estudo do visconde Phillipe de Tarrazi deu conta da existência de 95 jornais e revistas árabes no Brasil antes de 1933, sendo que os primeiros jornais escritos em árabe do país foram o *Al-Faiáh*, fundado em Campinas, em novembro de 1895, e o *Al-Brasil*, criado em Santos, seis meses depois.

Um ano mais tarde, os dois jornais foram fundidos em São Paulo, e, por volta de 1902, havia três jornais em língua árabe em São Paulo e mais dois no Rio de Janeiro. Em 1914, circulavam quatorze jornais em língua árabe, e até mesmo os imigrantes se surpreendiam com o fato de que ‘a coletividade podia sustentar tão elevado número de jornais’ (LESSER, 2001, p.103).

Mencionamos os jornais escritos em língua alemã na região Sul, porém, ainda não falamos dos de São Paulo. De acordo com informações do Consulado Geral da Alemanha em São Paulo⁵, o primeiro jornal voltado para os imigrantes alemães da Capital foi o *Germânia*, em 1878. Em 1897, porém, “um grupo de redatores dissidentes criou o *Deutsche Zeitung* (*Jornal Alemão*) que acabou comprando em 1923 o próprio jornal *Germania*”. Ainda no começo do

⁵ Disponível em: <http://www.sao-paulo.diplo.de/Vertretung/saopaulo/pt/06/Medien/Medien.html>. Acesso em 15 de jan.2007.

século XIX, circulava o *Volksfreund*. Em 1949 surgiu *Brasil Post* que, junto como o *Deutsche Zeitung*, sobrevive até os dias de hoje.

Com relação à imprensa dos imigrantes portugueses e espanhóis (que também chegaram em grandes quantidades ao Estado paulista) surgidos em São Paulo, esta será vista com maior profundidade em capítulos subseqüentes, uma vez que está diretamente relacionada ao nosso objeto de estudo (os jornais *Mundo Lusíada*, voltado para a comunidade luso-brasileira, e *Alborada*, dirigido à colônia espanhola). Para o momento, citamos que o título mais antigo de um jornal em língua espanhola de que temos notícia é *O Socialista*, veiculado na capital paulista em 1896. Sobre o português, destacamos o *Echo Portuguez*, de 1897.

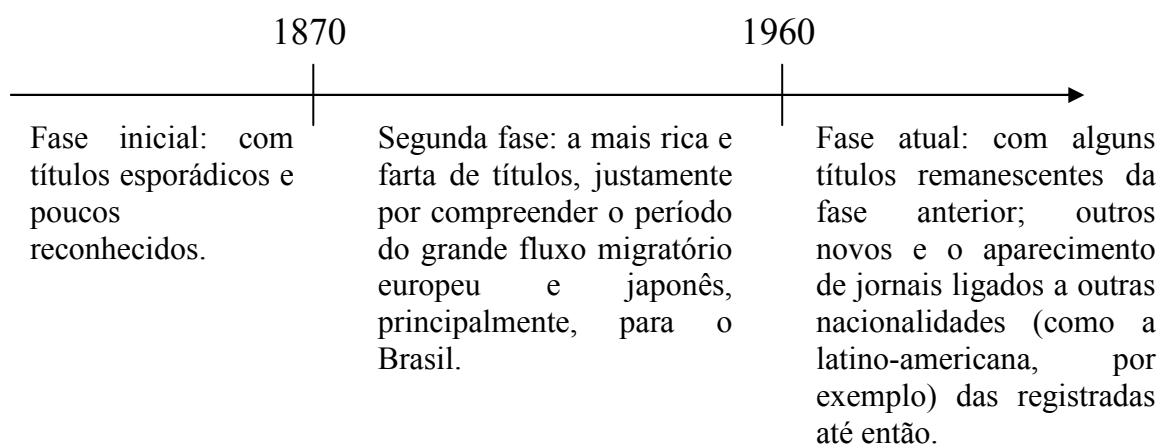
Há ainda notícias de dois jornais franceses que circularam em 1829, o *Courier du Brésil* e *Echo de l’Amerique du Sud* e um inglês, o *Literary Intelligence*, de 1830.

Sobre as demais nacionalidades que chegaram e se estabeleceram em São Paulo, infelizmente, não encontramos bibliografia ou material que pudessem nos esclarecer, ou pelo menos nos dar indicações de quais foram os primeiros jornais destes grupos. Encontramos, no entanto, algumas poucas publicações espalhadas por associações, arquivos pessoais ou em bibliotecas oficiais, como a do Memorial do Imigrante e a do CEM – Centro de Estudos Migratórios, que revelam que, em algum momento, tal grupo teve sua própria imprensa na cidade. Porém, estes, até mesmo por uma questão de armazenamento, são recentes — a maioria criado após o término da imigração em massa (depois de 1960) —, se referem a grupos minoritários e apresentam características diferentes das publicações até então mencionadas (não são necessariamente voltadas a imigrantes, mas ao idioma ou à cultura de um grupo ou país estrangeiro, por exemplo); segue, dessa maneira, (para ilustração) a lista com os grupos e títulos encontrados. Os que circulam até hoje terão dados detalhados ainda neste capítulo:

- **Húngaros:** *Hiradó* (existente atualmente) e *Hungria hoje*
- **Chineses:** *Hulaian* (do Rio de Janeiro, mas impresso em São Paulo – existente há mais de 20 anos), *Jornal Chinês para a América do Sul* (de São Paulo – 1985) e *Jornal Taiwanês* (também em São Paulo)
- **Armênia:** *Comunidade Armênia*, *O Mapeano*, *SION* e *Mer Djamp*
- **Gregos:** *OAYMIIA* (*Jornal Olímpia*)
- **Argentinos:** *Club Argentino News*
- **Ingleses:** *Sunday News*

- **Chilenos:** *Chile em Evidência*
- **Peruanos:** *Informativo da Casa de Cultura Peruana*
- **Poloneses:** *Gazeta StoLat* (feito no Paraná mas circulava também em S.Paulo)
- **Franceses:** *Franc Parle* (existente até hoje)
- **Colombianos:** *Notícias da Colômbia*
- **Lituano:** *Musu Lietuva (Nossa Lituânia)*
- **Finlandeses:** *Boletim da Igreja Escandinava*

Dessa maneira, se colocarmos a imprensa imigrante, especialmente a de São Paulo, numa linha cronológica, teremos os seguintes marcos:



No que chamamos de fase atual, faz-se necessário uma observação. Como a partir deste período (1960) o processo de aculturação e assimilação dos imigrantes que chegaram durante o grande fluxo já está praticamente concluído, com a formação de novas gerações, ainda que de descendentes, porém, nascida em terras brasileiras, observa-se uma mudança crucial na imprensa imigrante. Os jornais que antes eram conhecidos como jornais de colônia, étnicos, estrangeiros e outros termos citados no primeiro parágrafo deste capítulo, agora também são (re)conhecidos como brasileiros — este precedido de um hífen e a nacionalidade envolvida. Por isso de ser muito comum, nos dias atuais, o uso de expressões como jornais luso-brasileiros, nipo-brasileiros, ítalo-brasileiros, hispânico-brasileiros entre outros. Não que antes essas expressões não pudessem ser consideradas, afinal, se tratavam de jornais produzidos por determinado grupo no Brasil. No entanto, esse reconhecimento ganha um novo sentido no que diz respeito à integração. É o que Lesser (2001, p.22) chama de “brasileiros hifenizados” (conforme citamos no capítulo II) que, ao possuir uma “etnicidade hifenizada” ou “identidades hifenizadas, incorporam muitos dos elementos da cultura majoritária, mesmo

permanecendo distintos”, ou seja, é a modificação e adaptação de uma cultura em resultado do contato com uma outra.

Motivos para o surgimento – Não é possível estabelecer um motivo único ou principal para o surgimento dos jornais de imigrantes. Sua aparição envolve diversos fatores de inúmeras ordens. Tentaremos aqui, apontar alguns:

1. A aparição destes jornais está relacionada às necessidades e idéias que se criam dentro da comunidade à qual a publicação está inserida. Estas necessidades correspondem, entre outros aspectos, à identificação social, à busca pela informação, à quebra do isolamento e ao contato com a sociedade de adoção, à sobrevivência na nova terra e à preservação e manutenção de tradições e culturas próprias.
2. Também envolve a capacidade de mobilização de determinado grupo, bem como o nível de liberdade encontrado no país receptor. Segundo Park (1922, p.67 – Tradução nossa), a imprensa imigrante se desenvolveu porque os líderes (intelectuais) que faziam parte destes grupos encontraram no país, no caso os Estados Unidos, a chance de fazer o que era proibido nos seus países de origem: estabelecer uma imprensa em seu idioma materno.
3. Implica ainda no acesso aos meios físicos e técnicos de impressão e circulação característicos de qualquer tipo de imprensa. Talvez seja por isso que se identifique a imprensa imigrante, especialmente no Brasil, como um fenômeno tipicamente urbano, ou seja, característico das grandes cidades⁶ que proporcionam o ambiente econômico e tecnológico para sua produção, bem como a concentração de grandes quantidades de pessoas — os jornais, particularmente os diários, floresceram somente nas cidades grandes, onde existe a possibilidade de maior circulação.
4. Com relação ao fato de ela ser escrita em língua vernácula, existem dois aspectos a se observar: o primeiro, na ocasião de seu surgimento, remete à

⁶ Tomoo Handa (1987, p.611-612) destaca em seu estudo sobre a imprensa japonesa no Brasil que no interior, as notícias chegavam de outras formas aos imigrantes, entre elas pelos viajantes. “Isto não fazia parte, rigorosamente, do papel dos jornais, mas o que não podemos esquecer é a presença do cobrador. No interior, até os cobradores que faziam a coleta das taxas [...] eram chamados de jornalistas, pois os bate-papos com estes eram anunciados como notícias do interior. [...] eram aguardados com expectativa, pois as pessoas ficariam por dentro do que acontecia [...]: ‘Não posso falar alto, mas na realidade...’ era o tipo de conversa que queriam ouvir. As pessoas líderes do interior orgulhavam-se de lhes dar pousada e gostavam de beber juntos e conversar sobre assuntos da sociedade. Para este fim, também serviam os vendedores ‘viajantes’. Assim [as notícias] eram transmitidas ao interior através dos cobradores, diz-que-diz que às vezes virava calúnias absurdas”.

necessidade dos envolvidos (comentada anteriormente), uma vez que alguns grupos não tinham o conhecimento da língua do novo território ou como meio de identificação e reconhecimento; o segundo é em relação à função didática que o fato de se escrever em outro idioma representa, independentemente da menção ou envolvimento de imigrantes. É notório, especialmente nos dias de hoje, que algumas destas publicações sirvam para o aprendizado da língua e sejam até criados com esta função⁷.

5. Por vezes, as iniciativas de criação de uma publicação voltada para imigrantes são desencadeadas e mantidas por interesses econômicos, políticos e ideológicos. É preciso reconhecer a existência de veículos que não passam de empreendimentos comerciais que exploram a causa migrantista como um segmento de mercado, de alguma maneira rentável (financeira ou politicamente, no aspecto da influência, do prestígio ou do status) a seus produtores.

1.2 – Conteúdo

Assim como estudar o surgimento da imprensa imigrante implica em dizer de que grupo imigratório estamos falando (no que diz respeito à nacionalidade) e em que lugar este grupo se estabeleceu (fatores regionais), para falarmos do conteúdo desta imprensa ocorre a mesma coisa, além de ser preciso levar em consideração em que período ela se situa. Outro fator: é necessário verificarmos a que “segmento de estrangeiro” ela se dirige, uma vez que não é raro encontrarmos, por exemplo, jornais destinados a católicos italianos, a luteranos ou maçons alemães, a empresários chineses e portugueses, a jovens japoneses, a professores alemães; ou ainda publicações que focam determinada editoria: política, econômica, cultural etc.

Tentaremos aqui esboçar o conteúdo geral da imprensa imigrante ao longo do tempo a fim de termos um panorama de que assuntos estes jornais podem abordar, independentemente dos fatores citados. O objetivo é reunir pistas que nos ajudem a entender melhor a função deste

⁷ A revista *Hispania*, por exemplo, publicação trimestral redigida em espanhol que circulou em São Paulo entre 1995 e 1997, era ligada a uma escola de espanhol. Segundo sua editora (em entrevista concedida à autora no dia 24 out.2005), Maria Eulália Alzueta de Bartaburu, o “objetivo da revista era contribuir para o aperfeiçoamento do ensino aos estudantes de espanhol”. Não era ligada a imigrantes, apesar de ser uma publicação de língua estrangeira. “Nosso público são professores, alunos, apreciadores da língua espanhola e ainda pessoas que viajam para a América Latina e querem saber mais sobre a cultura de um determinado país”.

tipo de imprensa, bem como sua relação com o grupo envolvido e a relação deste grupo com o novo território.

Pelo conteúdo dessa imprensa é possível estimar a extensão pela qual o povo imigrante fincou suas raízes nos Estados Unidos e se acomodou na forma, nas condições e nas propostas concretas da vida americana (PARK, 1922, p.307 – Tradução nossa).⁸

A pauta da imprensa de língua estrangeira é fornecida por vários fatores. Entre eles, destacamos: o estímulo à manutenção da identidade e dos laços culturais e afetivos que remetem à terra de origem; o assistencialismo e prestação de serviços; o fórum de debates e idéias (de caráter político, religioso etc.); a facilitação da socialização no novo território ao mesmo tempo (contraditoriamente), baseada na defesa das tradições, valores e moral da colônia em si ou de seus membros; a divulgação cultural; e a denúncia de problemas, desigualdades e/ou irregularidades que atinge diretamente a colônia ou a região física (cidade, fazenda etc.) na qual ela se insere.

Dessa maneira, estabelecemos tópicos com os assuntos mais abordados seguidos, em alguns casos, de exemplos encontrados, principalmente, na bibliografia existente sobre estes jornais.

* Política e Religião

Quanto ao seu conteúdo [do jornal *L'Amico*, fundado por Frei Lucínio em 1904, em Blumenau-RS], os artigos e editoriais versavam, geralmente, sobre assuntos religiosos, com riqueza de argumentações e sempre repletos de conselhos e orientações aos católicos (SANTOS, 2004, p.30).

Der Bote [que significa *O Mensageiro* fundado em 1867 em São Leopoldo-RS por Julius Curtius Filho] caracterizou-se pela oposição que fazia ao *Deutsche Zeitung* de Porto Alegre. Tinha, porém, em comum [...] o fato de ser anticlerical e combater, igualmente, o *Deutsches Volksblatt (Folha do Povo Alemão)*, fundado por sacerdotes jesuítas, em 1872 (DREHER, 2004, p.93).

O jornal [*O Caxiense, Defensor das colônias Italianas e Órgão Republicano*, fundado em 1897, por Júlio Campos em Caxias-RS] se ocupava com noticiários sobre Caxias e as vilas próximas, apresentando-as sob o título: NOTICIÁRIO. Tal espaço se tornou o mais importante espaço para lutas travadas entre os católicos e os maçons locais (POZENATO; GIRON, 2004a, p.540).

O *Giornale Del'Agricoltore* [fundado em 1934, por Adolfo Randazzo, no RS] utilizava fontes internacionais, trazendo opiniões abalizadas de jornalistas estrangeiros sobre o fascismo, bem como de chefes-de-Estado. As notícias da Itália revelavam tanto a política interna como externa do fascismo, sua ação nacional e internacional. Em nenhum momento o jornal pretendeu apresentar o modelo fascista como alternativa para o Brasil.

⁸ Robert Park (1922) estudou a imprensa imigrante nos Estados Unidos, por isso tal referência a este país na citação destacada. Entendemos, no entanto, que tal consideração do autor se encaixa no contexto da imprensa imigrante de qualquer país, inclusive do Brasil.

Ao contrário, prestigiava o governo brasileiro, na estranha posição de jornalista italiano, de um jornal italiano cujos leitores eram italianos (POZENATO; GIRON, 2004b, p.99).

* Agricultura

O jornal [*La Pátria*, fundado por Giuseppe Caruso McDonald, em Santa Catarina, em 1901] era todo em língua italiana e dividido em várias sessões [sic]. Com o objetivo de orientar os colonos, mandava vir da Itália livros sobre agricultura, dos quais extraía as matérias, para a Sessão [sic] Agrícola. As outras sessões [sic] eram sobre notícias gerais da comunidade, das escolas e da prefeitura — balanços, patrimônio etc. (SANTOS, 2004, p.30).

[O *Kalender-Kunde*, do RS] destinava-se à divulgação de dados diversos, entre eles, a previsão do tempo, do qual os camponeses dependiam, informações sobre pestes, fome e outros acontecimentos ameaçadores (GRÜTZMANN, 2004, p.49).

* Colônia e/ou Comunidade

Deutsche Zeitung, de Koseritz [que circulava em Porto Alegre-RS], do dia 12 de fevereiro de 1862, tinha [...] 60% da primeira página ocupados por um editorial bastante incisivo com críticas ao ex-presidente e ao atual presidente da Província, porque a colônia estaria cheia de gente que procurava extorquir a terra aos colonos, prometendo-lhes terras devolutas (GERTZ, 2004, p.100).

O *Der Kompass* [que significa *A Bússuola*, fundado em 1902 em Curitiba] divulgava os eventos que interessavam à comunidade étnica como as festas, como as missas comemorativas às datas cívicas da Alemanha, o aniversário do Imperador daquele país e outros, como os exames escolares e a visita do Cônsul da Alemanha nas escolas étnicas (RENK, 2004, p.256).

[*Fanfulla*, jornal italiano de SP surgido em 1893] traz notícias de várias cidades do interior que tratam de temas variados, que vão desde anúncios de festas, casamentos, fatos corriqueiros, até denúncias de maus tratos e injustiças sofridas por colonos nas fazendas. [...] São muito comentados [em *Fanfulla*] os problemas da cidade de São Paulo, principalmente no que se refere às condições de saneamento, iluminação, transporte e criminalidade (CONSOLMAGNO, 1993, p.74-75).

Nesses jornais [japoneses] eram defendidos ideais de administração do núcleo de colonização pelos intelectuais do povoado, eram anunciadas as listas dos associados, notícias de matrimônio e de nascimento (HANDA, 1987, p.602).

[...] não raro encontramos anúncios como este, no jornal *El Diario Español* [circulava em SP em 1913], na seção *Personas buscadas*:

‘Vicente García, colono de Serra Grande (Mogyana) deseja saber paradeiro de Andrés Gomes del Monte, 23 anos, solteiro, de Niquella (Granada) e que teria embarcado para a Argentina em Gibraltar’ (CÁNOVAS, 2001, p.131).

Os avisos do Consulado também eram divulgados pelos jornais [japoneses]. Também pedidos de prorrogação do serviço militar dos jovens japoneses residentes no Brasil eram infalivelmente anunciados. Os pacotes ou cartas postais que tinham o endereço do Consulado, por falta de conhecimento do endereço do destinatário, também o eram.

Quando sumiam jovens, moços ou moças de família, apareciam anúncios dizendo: “Procura-se tal pessoa” (HANDA, 1987, p.612).

Muitos imigrantes que mandavam suas correspondências aos parentes tinham as mesmas reproduzidas nos jornais [de língua italiana em Santa Catarina]. (SANTOS, 2004, p.31).

Havia também notícias regionais, onde eram transmitidos os eventos programados pelos clubes de japoneses e pelos clubes de jovens.

[...] Os acontecimentos mais importantes nos agrupamentos do interior eram o ano-novo e o aniversário do imperador. Especialmente no *tenchosetsu*, realizavam-se o *undokai* e o Campeonato de *Sumô*, sendo todos estes eventos divulgados na coluna de notícias regionais (HANDA, 1987, p.610).

Às vezes saíam [nos jornais japoneses] artigos sobre moças solteiras, atraindo leitores e jovens (HANDA, 1987, p.602).

Entrementes, no Brasil, mais especificamente nas fazendas, já se delineava, precocemente a nosso entendimento, um quadro de animosidade, que pode ser aferido considerando tais informes da imprensa espanhola de São Paulo [jornal TERRA LIBRE, ano 1, n.3, de 7 de fev.1906, seção Ecos da Fazenda]:

‘Companheiros: Contai em Terra Libre como aqui somos maltratados diariamente por estes ferozes patrões, que mostram o seu contentamento pelo nosso trabalho, prometendo espancar-nos tratando-nos mal e prometendo-nos o pior. Não podemos visitarmos uns aos outros, porque quando nos vêem em grupo de 2 ou 3, parece-lhes que queremos fugir da fazenda; e por isso somos seguidos de dia e de noite pelos capangas. A vida que passamos nas fazendas é trabalhando desde as 4 da madrugada até as 7 ou mais da noite. [...] Nesta fazenda somos tratados pior do que antigamente na Espanha os mártires da inquisição’ (CÁNOVAS, 2001, p.135).

Vários temas eram tratados [no jornal *Sonntagsblatt* – Semanário de 1892 impresso em alemão editado pela Livraria Evangélica em São Leopoldo-RS], entre eles: relatos de viagem, contos, conversas sobre estados d’alma (por exemplo, irritabilidade e mansidão), budismo (no sentido de se tomar cuidado com esta religião), novo hinário para as comunidades [...] Sempre há uma reflexão em torno de algum texto bíblico; há informações sobre algumas comunidades, sobre as famílias que batizam, sobre casamentos, enterros e doações em dinheiro para a comunidade (GIERUS, 2004, p.234).

* Brasil

No entanto, não há dúvidas de que o conjunto do conteúdo de todos esses jornais [*Deutsche Zeitung*, de Porto Alegre-RS] estava profundamente enraizado na realidade brasileira. Política, economia, cultura, crônica policial — em nível local, regional, nacional, tudo isso estava presente e fornecia ao leitor um quadro muito claro da realidade brasileira, despertando seu senso de cidadania. Possivelmente tenha sido diferente com outros jornais, talvez os de caráter religioso ou mesmo os que se dedicavam a assuntos esportivos [...], mas os jornais políticos surgiram da necessidade de atender a uma população de leitores que se inseria perfeitamente na realidade brasileira, mesmo que isso se desse em língua alemã (GERTZ, 2004, p.117).

[...] O *Diario Español* possuía uma seção rotulada ‘Progreso del Brasil’ na qual se apresentavam notícias variadas em torno ao desenvolvimento das comunicações em São Paulo — através do avanço da estrada de ferro, aos experimentos que se estavam a produzir no âmbito agrícola, à política governamental de colonização e ao movimento da Hospedaria de Imigrantes (QUINTELA, 2005, [s.p.]).

[...] Questões relacionadas à vida política nacional também são tratadas [em *Fanfulla*], mas com menor ênfase (CONSOLMAGNO, 1993, p.74).

* Terra natal

Em primeiro lugar, ocupando espaço considerável no jornal [*Fanfulla*], temos as notícias da Itália. Nesse aspecto, o quadro apresentado é o mais amplo possível, indo desde questões ligadas à política externa e interna italianas, com destaque para as atitudes tomadas pelo governo italiano em relação à imigração, até as informações sobre as diferentes regiões italianas e suas políticas locais. O jornal preocupava-se ainda em noticiar fenômenos naturais, crimes, acidentes, bem como fatores cotidianos e curiosidades da vida italiana (CONSOLMAGNO, 1993, p.74).

Na época, na terceira página, eram publicadas as notícias do Japão. É impressionante como havia tantas notícias do Japão e muito pouco artigos dedicados à colônia [...] Apesar do imigrantes entrarem no Brasil, sempre tinham a cabeça voltada para a sua terra natal. Os jornais também davam muito mais importância à transformação do Japão do que aos acontecimentos brasileiros (HANDA, 1987, p.610).

* Educação

O *Der Pionier*, conforme o próprio nome indica, foi o primeiro jornal a ser editado pela comunidade alemã a partir de 1881 [em Curitiba]. Destaque especial era dado ao tema *Educação*. Publicavam-se anúncios sobre abertura de escolas dirigidas pelos imigrantes: particulares, subvencionadas, noturnas, complementares e profissionalizantes, bem como os diferentes currículos propostos, horários e professores [...] avisos de reuniões, as matérias ensinadas e festas escolares (VECHIA, 2004, p.141-142).

No que se refere ao conteúdo publicado no *Jornal do Professor (Allgemeine Lehrerzeitung für Rio Grande do Sul)*, verificamos que são abordados, além dos relatórios das assembleias e reuniões distritais de professores, temas referentes a discussões pedagógicas, sobre currículo e metodologia, inclusive artigos de professores e pedagogos alemães, ou discussões de temas relacionados à educação a partir de obras alemãs (NODARI et al., 2004, p.184).

* Literatura

Os jornais, além disso, ofereciam espaços para formas culturais específicas da vida dos imigrantes no Brasil. Jornais tais como o *Shukan Nambei* e o *Brasil Jiho (Revista do Brasil)*, fundados em 1924 [em São Paulo], geralmente traziam um número igual de páginas de poesia e de noticiário (LESSER, 2001, p.168).

O jornal que dedicava mais páginas à parte literária (crônicas sociais, de viagens, e poemas no estilo *tanka*, *haiku* ou *haikai*) era o *Notícias do Brasil*, mas outros jornais japoneses também cediam umas poucas páginas.

O papel que as poesias em estilo *tanka* e *haiku* desempenharam na sociedade pode ser avaliado pelo desenvolvimento posterior dessa atividade, o que nos leva a deduzir que a atividade literária, mais propriamente a de escrever poesias, impediu que se deteriorasse de vez a cultura das sociedades agrícolas, perpetuando o gosto que os imigrantes japoneses tanto apreciavam (HANDA, 1987, p.611).

Parte [do *Kalender-Kunde*] destina às opções de leitura, em sentido restrito, engloba diferentes gêneros, formas literárias e temas (GRÜTZMANN, 2004, p.49-50).

Os outros 40% dessa primeira página [de *Deutsche Zeitung*] são ocupados por um folhetim intitulado *Os jurados e seu juiz*, uma história de Cevin Schücking (GERTZ, 2004, p.100).

Pode-se observar também que o imigrante italiano fez várias tentativas para, através dos jornais, desenvolver a cultura da região em que habitava, pois podem-se encontrar

aspectos literários, científicos, humorísticos e críticos ao lado do aspecto informativo, em muitos deles. Nesses jornais, tanto era apresentada a produção literária local como se reproduziam poesias e crônicas de autores nacionais e internacionais. Essa constatação, ao nosso ver, vem contrariar a de que o imigrante preocupava-se apenas em fazer dinheiro nesta terra, deixando de lado o aspecto cultural. Ele procurou desenvolver também a cultura, fazendo uso dos veículos de comunicação de mais fácil impressão para a época, que eram os jornais. As gráficas da região, trabalhando com impressão manual e demorada, ainda não comportavam um trabalho ágil para a impressão de muitos livros (POZENATO; GIRON, 2004b, p.63).

* Imigração

Em segundo lugar, dentro das preocupações do *Fanfulla*, destacamos questões relacionadas com a imigração e com as condições de vida e trabalho dos italianos no Brasil. A política de imigração, as atitudes do governo brasileiro no que se refere à vinda de italianos e os problemas que daí decorrem são assuntos constantes nos editoriais. [...] O jornal ainda traz informações sobre a imigração italiana em outros locais (Estados Unidos, Canadá e Argentina), bem como notícias de outros países da Europa e da América (CONSOLMAGNO, 1993, p.74).

[No *Diario Español*] foi incorporada uma notícia a respeito da decisão que tinha sido tomada na Espanha em 1911 dirigida a frear o fluxo emigratório ao Brasil com base nos escândalos denunciados pelos inspetores enviados desde a Espanha (QUINTELA, 2005, [s.p.]).

A atuação desses ganchos — como eram conhecidos na Espanha — era temerária. Desde a implantação do sistema de subsídios, a Sociedade Promotora, e depois a Secretaria de Agricultura, receberam diversas reclamações, no tocante às arbitrariedades que cometiam e às promessas enganosas que faziam aos interessados. [...] Sua atuação era motivo de queixas [e notícias na imprensa imigrante paulista]:

‘Foram presos em Logroño, e serão processados vários recrutadores de imigrantes que, usando de meios ilegais faziam propaganda para que os camponeses emigrassem’ (EL DIARIO ESPAÑOL, São Paulo, 29 jan.1913, p.1 – Tradução nossa) (CÁNOVAS, 2001, p.129).

* Outros

[...] as aulas de português pelo jornal de Akira Mine [*Notícias do Brasil*, de SP] serviam para aprender a língua (HANDA, 1987, p.610).

[*Kalender-Kunde* informava sobre] épocas favoráveis para a sangria, a purgação, o banho e o desmame das crianças (GRÜTZMANN, 2004, p.49-50).

Os anúncios de morte eram publicados [...]: ‘Tal pessoa faleceu, sem ter remédios que a curassem...’ Os mais polidos anunciavam não só os nomes dos parentes e representantes dos amigos, mas o de toda a família (HANDA, 1987, p.612).

Na abordagem geral a respeito da imprensa alemã em Santa Catarina, devem ser mencionados os jornais que formavam um gênero muito característico: os jornais carnavalescos ou satíricos. Vários foram os jornais ou pasquins que surgiram especialmente no final da década de 1920 e ao longo da seguinte, com o objetivo único de fazer troça, insinuações, em relação especialmente às autoridades e elites locais (KLUG, 2004, p.24).

Além do conteúdo jornalístico, no geral de caráter informativo, é possível afirmar que a imprensa imigrante, desde seu início trazia também anúncios publicitários. Estes, por sua vez, iam desde produtos consumidos ou não pela colônia, ofertas de emprego, moradia etc., até serviços oferecidos por algum “profissional liberal” imigrante.

Robert Park nos chama atenção para o fato dos anúncios tornarem a publicação mais interessante e também ser uma maneira de compartilhamento da vida em sociedade. Nas palavras do autor (1922, p.134 – Tradução nossa):

Examinando os anúncios da imprensa imigrante, nós descobrimos que o imigrante, no seu próprio mundo, se comporta muito mais que nós no nosso. Ele come e bebe; procura por trabalho; vai ao teatro, compra algo altamente luxuoso quando sua condição permite [anteriormente o autor fala que existiram nos jornais imigrantes até anúncios de carro]; ocasionalmente compra um livro; e compartilha com seus amigos a vida em sociedade.

Além disso, ainda de acordo com Park (1922, p.113 – Tradução nossa), a publicidade pode revelar o nível de organização da comunidade e “age como reforço da integração com o país receptor enquanto a própria mídia inclui-se em um setor da economia como propagador da publicidade”.

Outra função do anúncio publicitário é, nitidamente, sustentar financeiramente o jornal, viabilizando sua produção e circulação. Artigo publicado no site *Observatório da Imprensa*⁹ trata justamente da questão dos anúncios publicitários nos jornais étnicos de Nova York. Tal é a importância deste tipo de imprensa — segundo o texto, são 150 publicações para colônias de imigrantes só na cidade de Nova York, cujo número de leitores cresceu 30% desde 1992, atingindo 1,2 milhão de pessoas — que a Independent Press Association (Associação da Imprensa Independente) criou um plano de ação para veicular os anúncios publicitários em conjunto, em uma espécie de agência.

[...] a Independent Press Association criou o programa All Communities Advertising Service, que permite que anunciantes comprem espaço de várias publicações étnicas em apenas uma ligação telefônica. ‘É basicamente uma agência de anúncios para os pequenos’, explica Garry Pierre-Pierre, editor e *publisher* do *Haitian Times*, usuário do serviço.

Aaron Donovan (*The New York Times*, 22/5/02) conta que a criação do programa foi incentivada pelos atentados terroristas de setembro, quando fundos de caridade pediram à associação de imprensa ajuda para contatar imigrantes vítimas dos ataques. A associação respondeu colocando anúncios em jornais étnicos, e só depois percebeu que o serviço era necessário em tempo integral: no mês passado, pesquisa da National Association of

⁹ PUBLICIDADE para os pequenos. **Observatório da Imprensa**. [s.l.], 5 dez. 2002. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/mo290520025.htm>>. Acesso em: 4 out.2006.

Hispanic Advertising Agencies mostrou que apenas 3,2% do faturamento publicitário são destinados a jornais hispânicos, que representam 12,5% da população americana.

Vale lembrar ainda que, no início, e como confirma Caparelli (1979, p.99), apesar dos anúncios este tipo de imprensa não visava, principal e unicamente, o lucro.

E, principalmente, a jornais como expressão de idéias no seu conteúdo restrito. Funcionando com a ideologia partidária como mola mestra. Sem a visão primordialmente mercantilista, estando os princípios políticos subordinando o conteúdo, e o lucro apenas como decorrência de caráter secundário.

Por outro lado, como bem coloca Park (1922, p.337 – Tradução nossa), os jornais imigrantes que sobreviveram só assim fizeram “porque houve um deslocamento do foco de notícias doutrinárias para comerciais”, isto é, só sobreviveram porque desenvolveram a parte comercial.

Assim, seguem algumas referências encontradas na bibliografia existente sobre os jornais imigrantes que nos ajudam a esclarecer do que falam os anúncios.

[..] Em um espaço publicitário dedicado à livraria do próprio periódico informa-se dos livros que, destinados aos imigrantes espanhóis, eram importados da Espanha e postos à venda em São Paulo. Os títulos destes eram *Compendio de la Historia de España*, *Amigo de los niños*, *Gramática de la Real Academia de la Lengua Española*, *Geografía*, *Album de la Guerra de Melilla* e uma completa coleção das obras de Camilo Flacmarión. O periódico completava-se com uma seção dedicada ao resumo telegráfico recebido da Espanha e com umas Notas Cômicas (QUINTELA, 2005, [s.p]).

O *Fanfulla* [...] trazia sistematicamente após 1883 anúncios pedindo trabalhadores para as fazendas (ALVIM, 1986, p.137).

Certos tipos de anúncios, como os anúncios dos navios a vapor e anúncios referentes à sociedade para qual o imigrante vai, são especialmente característicos dos jornais de língua estrangeira (PARK, 1922, p.114 - Tradução nossa).

No papel que os jornais desempenhavam não podemos nos esquecer da função que tinham os anúncios, nas chamadas para angariar fundos de ajuda entre os conterrâneos, o que seria impossível sem a existência dos jornais. Um dos exemplos foi a arrecadação de fundos para socorrer vítimas e reparar danos causados pelo grande terremoto de 1º de setembro de 1923 que assolou toda a região de Tóquio e trouxe graves conseqüências. Os responsáveis pela arrecadação enviaram cobertores comprados com esse dinheiro. Naturalmente, os nomes dos doadores eram publicados nos jornais e, por causa disso, as agências jornalísticas conseguiam uma boa verba com anúncios (HANDA, 1987, p.612).

Os anúncios de padres, médicos e advogados aparecem independentemente do tamanho da comunidade de imigrante [...] Os anúncios de médicos imigrantes e remédios às vezes ocupavam um terço ou metade do espaço do jornal de língua estrangeira (PARK, 1922, p.121 – Tradução nossa).

1.3 – Leitor

O desconhecimento da língua falada no novo território pode ser apontado como o principal fator que levam os imigrantes a lerem os jornais produzidos no seu próprio idioma. Especialmente durante o grande fluxo migratório para o Brasil (1870 a 1960) quando o acesso ao rádio e à televisão ainda era praticamente inexistente para este setor da população, o único meio de se informar sobre o que acontecia em seu país de origem, bem como em sua comunidade, com seus conterrâneos, era a imprensa imigrante.

Os imigrantes que não sabiam ler o português inteiravam-se dos acontecimentos de São Paulo e das notícias econômicas através dos jornais japoneses. Ficavam a par da lista semanal de preços e da cotação do mercado dos produtos agrícolas. Era necessário que soubessem das altas e baixas dos preços divulgados pelos jornais japoneses para não serem ludibriados pelos comerciantes intermediários do interior (HANDA, 1987, p.611).

Park (1922, p.316 – Tradução nossa), referindo-se aos jornais de língua estrangeira dos Estados Unidos, parte do pressuposto que a imprensa imigrante é mais lida, principalmente, pelos recém chegados de cada grupo de imigrante. “Eles ainda não sabem ler em inglês e por causa disso se isolam e dependem particularmente de sua própria língua para saber notícias deste país bem como de seu país de origem e de seu próprio povo”.

Porém, atribuir apenas ao desconhecimento da língua do país para qual imigrou o motivo para que o imigrante leia a sua própria imprensa, seria simplista demais. Ele pode ser o principal, mas certamente, não é o único, como já demonstrado. É preciso levar em consideração vários fatores, como:

- Extensas jornadas de trabalho: o grande número de horas que o imigrante é submetido ao trabalho lhe deixa pouco tempo disponível para a leitura ou, na atualidade, dedicação a outras mídias, como a televisão ou Internet.
- Desconhecimento da mídia local: a falta de familiaridade com a imprensa do novo território seja ela em relação aos veículos impressos (estilo, linguagem rebuscada, títulos disponíveis etc.) ou, no caso dos imigrantes mais recentes, rádio e tevê (desconhecimento ou incompatibilidade de horários com as transmissões), impossibilita sua leitura (que assista ou escute) e compreensão.
- Características próprias do jornalismo impresso: um jornal impresso pode ser lido em qualquer horário e em qualquer lugar. E, no caso dos analfabetos, pode

ser lido por outra pessoa em voz alta, permitindo assim o acompanhamento das informações.

- País de origem: a escassez de assuntos referentes a sua terra natal na imprensa local faz com que ele procure outros meios para se informar. Ernane Corrêa Rabelo (2002, p.15), ao estudar a imprensa criada por imigrantes brasileiros que se fixaram nos Estados Unidos no fim do século XX, explica que “mesmo o brasileiro fluente em inglês, que tenha hábito de leitura dos periódicos locais, teria dificuldade em localizar informações sobre o país nativo nos jornais dos Estados Unidos, posto que o espaço dedicado ao noticiário latino-americano é sabidamente reduzido”.
- Função interpretativa: a interpretação que estes jornais trazem de um fato externo ao universo do imigrante para algo que ele compreenda e assimile. Nas palavras de Park (1922, p.12 – Tradução nossa): “Enquanto houver pessoas neste país que tenham interesses nacionais ou raciais em comum eles terão jornais para interpretar os assuntos em seu próprio ponto de vista”.
- E, acima de tudo, o reconhecimento e identificação: a satisfação, muitas vezes de ordem pessoal, de poder ler em seu próprio idioma e, dessa maneira, se ver reconhecido e identificado ali em meio a tantas coisas diferentes que o rodeiam. O próprio Robert Park (1922, p.11 – Tradução nossa) reconhece: “outra razão para a existência da imprensa de língua estrangeira é os valores do imigrante e sua satisfação, meramente humana, de desejar se expressar e ler em sua língua materna”.

E já que citamos no terceiro tópico entre os fatores acima a questão do analfabetismo, cabe alguns esclarecimentos. Faz parte do imaginário comum a idéia, muitas vezes passada por novelas e minisséries, de que o imigrante que veio para o Brasil durante o período da imigração em massa é o camponês miserável, analfabeto, marginalizado em seu país e sem perspectivas de melhora de vida (tanto é que decidiu imigrar). No entanto, em trabalhos como os de Marina Consolmagno (1993), Marília Cánovas (2001) e Carla Mary Oliveira (2003), fica claro que os mais variados tipos de pessoas compunham o grupo que emigrava para o Brasil, entre eles também os pequenos proprietários de terra (que vendiam seus bens quando vinham para cá) e oriundos da pequena burguesia e de categorias sociais e econômicas mais favorecidas, e ainda os que viviam nos centros urbanos europeus — ainda que este perfil representasse a minoria. Além disso, precisamos considerar os que fizeram fortuna aqui e se tornaram grandes empresários, criando assim, uma classe econômica média e alta entre a

classe imigrantista. Claro que o número de analfabetos era alto. Porém, não era o principal empecilho para que os jornais imigrantes não fossem lidos até porque sempre havia em meio ao grupo, imigrantes alfabetizados o suficiente para ler as informações para os outros, além de leitores em potencial. Carla Mary da Silva Oliveira (2003, p.87-88) nos fala, por exemplo, de publicações voltadas para a classe média da colônia portuguesa.

[...] foi a partir da década de 10 do século passado que surgiram publicações voltadas para a classe média da colônia já no formato de revista.

[...] O que nos interessa, de modo especial, é o fato de que, em relação ao parque gráfico brasileiro, a presença estrangeira parece ter sido determinante em sua formação e seu crescimento, primeiro como nicho de profissionais atuando para um pequeno grupo de leitores que não se constituíam propriamente num grande mercado consumidor, haja vista a alta taxa de analfabetismo de então, aliada ao acesso restrito à educação em geral. Num segundo momento, a partir da crescente chegada dos imigrantes, estes profissionais gráficos, assim como os intelectuais estrangeiros, começaram a segmentar o então fervescente [...] mercado de publicações e notícias no país, passando a atender à demanda de cada grupo.

No que diz respeito à colônia italiana, temos que:

[...] devido a uma maior participação do elemento italiano no conjunto dos estrangeiros entrados no país, e mesmo sendo uma minoria desse fluxo composta por alfabetizados e pessoas com algum recurso econômico ou com formação técnico-profissional, os italianos alfabetizados representavam um contingente significativo que pode constituir-se num público leitor de periódicos em língua italiana (CONSOLMAGNO, 1993, p.30).

Por fim, com relação aos analfabetos e sobre o hábito da leitura, Robert Park (1922, p.123 – Tradução nossa) destaca que “muitos imigrantes aprenderam a ler sua língua materna no novo país [por meio até de sua imprensa] e muitos outros adquiriram o hábito da leitura aqui [nos Estados Unidos]”.

Uma das razões que os imigrantes na América lêem mais que no seu país de origem é porque há mais coisas que eles precisam saber no novo território. Há mais novidades e mais notícias (PARK, 1922, p.9 – Tradução nossa).

1.4 – Características físicas

Com tantas diferenças culturais, econômicas, sociais e ideológicas, não é possível fixar um modelo único de publicações voltadas para imigrantes. Além disso, os jornais de língua estrangeira — como os que formam a pequena imprensa, no geral — sempre se espelharam

no tipo difundido pela grande imprensa¹⁰. Quando se decide fazer um jornal é natural que a primeira atitude seja reproduzir o modelo já conhecido e, no caso dos imigrantes, o modelo conhecido nos seus países de origem.

A imprensa de língua estrangeira nos Estados Unidos era editada por um homem que trouxe para este país a concepção européia de que a imprensa era endereçada exclusivamente à alta educação, deliberadamente formal [...] Naturalmente, em primeiro eles buscaram reproduzir aqui os jornais que eles conheciam em suas casas. Para buscar muito consideravelmente a extensão do sucesso; mas a condição de vida na América, e particularmente as condições de publicação envolvendo a imprensa imigrante, seriamente modificou este efeito (PARK, 1922, p.68 – Tradução nossa).

Não havia mudança na estrutura da imprensa dos imigrantes em relação ao resto da imprensa gaúcha, até mesmo porque o primeiro jornal dos colonos, o *Der Kolonist* foi fundado e produzido na mesma tipografia de *O Mercantil*.
[...] Havia, isso sim, mudança na forma de apresentação, e o conteúdo se especializava mais nos assuntos que diziam respeito aos imigrantes (CAPARELLI, 1979, p.100).

Há registros desde revistas e jornais ou simplesmente boletins e *newsletters* manuscritos até aqueles feitos por empresas jornalísticas de pequeno e médio porte e ainda de rudimentar ou alta qualidade de impressão. Existem os de circulação restrita à colônia, com tiragens ínfimas, e os que chegavam a outros Estados brasileiros e até a outros países, em especial, da América Latina, com número grande de exemplares. Os redigidos em linguagem popular e os que preferiam um estilo um pouco mais erudito. Os diários, semanários, mensais, bimestrais, número único... Enfim, listar todas as possibilidades é um trabalho praticamente impossível. Assim, destacaremos aqui algumas do que chamamos de “características físicas” principais, ou seja, aquelas estabelecidas independentemente do conteúdo, no geral, que dizem respeito ao formato, circulação, tiragem, processo de produção,

Uma das primeiras características abordadas quando o assunto é a imprensa imigrante, é o caráter rudimentar e artesanal da publicação. De fato, os primeiros periódicos deste tipo, obviamente por questões técnicas e econômicas, até apresentavam estas características (eram manuscritos, mimeografados, datilografados etc.).

A impressão [dos jornais japoneses do início do século XX], logicamente, era rudimentar, absolutamente artesanal, pois utilizavam como matriz uma chapa de metal recoberta com uma substância gelatinosa e gravada com uma caneta-estilete, sendo a tinta passada nos sulcos formados e depois impressos em papel (HANDA, 1987, p.602).

¹⁰ Apesar de se espelharem no modelo da grande imprensa, esclarecemos que em nenhum momento estas publicações substituíam a grande imprensa e nem têm tal pretensão, mesmo no que se refere à competição. Entretanto, é certo que elas contribuíram para uma oferta mais plural e ao mesmo tempo específica de conteúdo e tipo de informação.

Ao compararmos o Nippak [1919] e o Jihô [1917], o primeiro era tipografado, porém numa impressora ‘Guttemberg’, o que tornava necessário que se imprimisse folha por folha, manualmente, entintando-se os tipos com um rolo de borracha (HANDA, 1987, p.605).

Tratava-se de um jornal [*Der Colonist*] que, por falta de prelo, era manuscrito. Foi lançado em 2 de novembro de 1852.

[...] algumas publicações mimeografadas circularam entre os japoneses. Essa imprensa artesanal foi a que restou até criação de novas publicações [no Brasil a partir da Segunda Guerra Mundial] (KOSHIYAMA, 2004, p.40).

Por outro lado, com o desenvolvimento e popularização das técnicas de impressão, a mobilidade social de alguns imigrantes e as próprias necessidades dos grupos envolvidos, a imprensa de língua estrangeira registrou periódicos de alta qualidade editorial e de impressão, chegando até a serem responsáveis pela introdução de maquinários.

Com um início modesto, em pouco tempo esse jornal [*Fanfulla*] conseguiu acompanhar as inovações técnicas que eram introduzidas no Estado [de São Paulo] e, mais tarde, seria o seu proprietário responsável por trazer novidades até então desconhecidas por outros jornais. Inicialmente impresso em máquina Aluzet, a mesma foi substituída, em 1896, por uma Marinoni à retirada e em 1899 por uma Marinoni, mais veloz, à reação (CONSOLMAGNO, 1993, p.63-64).

Outro dado interessante é que já no começo do século XX havia uma preocupação dos jornais em língua estrangeira com cores e tipo de papel. Segundo Klug (2004, p.24), o *Blumenauer Fastnachts-Zeitung* era impresso em Blumenau-SC (entre 1901 e 1907), em papel colorido (verde e azul) com oito páginas. Já Kate Fabiani Rigo (2004, p. 262) relata que o *Deutsche Volksblatt* (jornal católico escrito em alemão, lançado no Rio Grande do Sul em 10 de março de 1871) era editado em duas cores.

A alta qualidade de impressão dos modelos de imprensa de língua estrangeira se verifica, em especial, no que diz respeito às publicações impressas em formato revista. Hoje em dia, os que mais se destacam neste sentido são as publicações elaboradas pelas Câmaras de Comércio dos países, em sua maioria, coloridas, com alta qualidade de impressão, fotos (definição) e papel (gramatura).

Com relação ao formato, aliás, o mais comum encontrado, entre os impressos, é o jornal, seja tablóide ou *standard*, preto-e-branco. Porém, há inúmeros outros tipos com destaques para boletins (A4) e revistas (bi-coloridos e coloridos). Encontramos ainda formatos originários do país em questão, como o caso dos *Kalenders* (um tipo de almanaque ou anuário), elaborado por imigrantes alemães da região Sul do país, que circulou entre 1855 até cerca de 1940.

A denominação *Kalender* ou *Jahrweiser* caracteriza um tipo de produção cultural impressa, geralmente em brochura, editada anualmente, é um meio de comunicação de massa que utiliza a linguagem verbal e não-verbal, destinado à informação, ao entretenimento e à formação dos leitores, composto por uma estrutura interna que engloba três elementos básicos: o calendário, a prática e a seção dedicada às opções de leituras em sentido restrito (GRÜTZMANN, 2004, p.49).¹¹

Outro formato interessante verificado é o de *newsletters*, circulares, informativos ou páginas avulsas colocados em outros jornais que se destinam à colônia ou não. Neste caso, a publicação torna-se um encarte ou um tipo de suplemento que circula dentro de outras. Um exemplo é o *Informativo da Comunidade Armênia de Osasco-SP*¹². Trata-se de informações sobre as atividades da comunidade redigidas em uma folha A4 (frente e verso) desde 2004 que, esporadicamente, é distribuída dentro do jornal *Comunidade da Igreja Apostólica Armênia do Brasil*. No entanto, vale esclarecer que tal prática não é recente. Isabel Cristina Arendt (2004, p.180) relata que entre 1906 e 1907 os exemplares de *Allgemeine Lehrerzeitung für Rio Grande do Sul, Organ des Deutschen Evangelischen Lehrervereins (Jornal do Professor para o Rio Grande do Sul, Órgão da Associação de Professores Evangélicos Alemães)* vinham encartados no jornal *Deutsche Post*. Outro exemplo de publicação desse modelo, desta vez em circulação em São Paulo, está ilustrado no livro *Chatô, o Rei do Brasil*, de Fernando Morais (1994, p.451):

Pouco tempo depois do naufrágio da aventura de Matarazzo, ele [Giannino Carta] seria convidado por Chateaubriand para publicar diariamente no *Diário de São Paulo* uma página inteira escrita em italiano — com artigos, reportagens e análises políticas — dedicada à enorme colônia italiana que vivia em São Paulo (Mino Carta, ainda garoto, ficava fascinado com a presença em sua casa de um Chateaubriand sempre cercado de capangas armados e sempre vestido de branco — terno branco, chapéu branco, camisa branca, gravatas enormes e sapatos do tipo ‘bariri’, marrons e brancos). A permanência nos Associados, tanto de Giannino Carta quanto da página escrita em italiano, entretanto, durou pouco: meses depois ele receberia [...] um convite de Júlio de Mesquita Filho para dirigir a redação de *O Estado de S.Paulo*.

Outra característica da imprensa imigrante é a variação na sua periodicidade e tempo de circulação. A periodicidade está intimamente ligada com o formato da publicação. Dessa maneira, temos os diários, semanários e bi-semanários, principalmente no caso dos jornais, e

¹¹ Ainda segundo Grützmann (2004, p.53), o primeiro *Kalender* de que se tem notícia é o *Der neue hinkende Teufel (O Novo Diabo Coxo)*, editado em Porto Alegre-RS entre 1856 e 1858, “tendo por substituto *Deutscher Volkskalender für die Provinz S. Pedro do Sul (Almanaque Popular Alemão para a Província S. Pedro do Sul)*, impresso na tipografia do jornal *Der Deutsche Einwanderer (O Imigrante Alemão)*, tendo como redator Carl Jansen”.

¹² A Comunidade Armênia de Osasco fica localizada na R. Carlos da Costa Ramalho Jr., 498, Presidente Altino, Osasco.

os mensais, bi-mensais, trimestrais em especial no que se refere às revistas. Entretanto, isso não é estático e definitivo; é apenas uma tendência verificada. Há ainda os anuários e os que não têm periodicidade regular (são publicados de acordo com as necessidades de se divulgar a informação). Com relação ao tempo de vida deste tipo de publicação e sua estabilidade — ainda que este seja instável no sentido de mudar conforme a colônia muda, acompanhar as mudanças de sua realidade —, o mesmo implica em questões econômicas ou a fatores e necessidades intimamente relacionados ao grupo envolvido e sua localização. Do mesmo modo que há registros de números únicos de impressos de língua estrangeira, há publicações em São Paulo de vidas muito longas, como o italiano *Fanfulla* ou o espanhol *Alborada*. Por conta dessa variedade, Park (1922, p.77 – Tradução nossa) nos chama a atenção para a “instabilidade, falta de política e geral desordem” como características da imprensa imigrante.

[Essas características] refletem a desordem que inevitavelmente existe em todas as comunidades de imigrantes antes de terem sucesso na acomodação no meio ambiente americano. [...] Esta desordem significa, especificamente, que a transformação e a acomodação estão acontecendo.

Além disso o autor (1922, p.309 – Tradução nossa) aborda a questão do nascimento e morte desta imprensa:

Grande quantidade de imprensa de língua estrangeira surgiu, mas uma grande quantidade morreu. É fácil começar um jornal de língua estrangeira. A competição não é grande e não é necessário muito capital para investimento. Eles morrem porque não são bem concebidos e não são bem conduzidos. As estatísticas de nascimento e a morte dos jornais de imigrantes são mais ou menos a medida exata da imaturidade e da instabilidade desta imprensa como um todo.

O fato é que definir se um jornal de imigrante terá ou não vida longa depende de vários fatores, entre eles: a participação e o interesse dos leitores, a curiosidade misturada com os interesses financeiros e até sentimentais do conteúdo e anúncios publicitários, bem como a busca do lucro ou, pelo menos, de sua manutenção e o reconhecimento das limitações de produção. Com relação aos jornais em língua estrangeira de caráter político, ainda temos que:

Muitas causas podem ser apontadas para a curta duração de alguns jornais. Acredita-se que se possa atribuir esse fato a problemas políticos (muitos desses jornais eram partidários) e também a dificuldades de outras ordens, tais como a de conseguir a matéria-prima, a de transporte — o que vinha a onerar bastante o papel e, conseqüentemente, a causar problemas financeiros — e a de encontrar mão-de-obra qualificada para sua impressão [...] [e ainda] o baixo número de assinaturas, o que vinha a inviabilizar a publicação dos jornais (POZENATO; GIRON, 2004b, p.61).

A linguagem utilizada pela imprensa imigrante é outra característica que merece ser comentada. Obviamente, envolvem, intrinsecamente, quem produz e quem lê o jornal. Há a idéia, de fato verificada, de que a linguagem utilizada seria a popular, uma vez que, pelo menos no início, este tipo de publicação era voltada para camponeses ou pessoas muito simples

A grande maioria do povo imigrante é de camponeses; eles falam dialetos e lêem com muita dificuldade. Torna-se necessário, conseqüentemente, para o editor de um jornal de imigrante fazer todo tipo de concessão para a inteligência de seu público.

[...] A primeira concessão do editor se faz no estilo e na linguagem. A fim de garantir que seu jornal seja lido, ele necessariamente escreve numa linguagem que seu público fala. Se a forma literária dessa linguagem se diferencia extensamente da forma vernácula, ele tem que substituir esta na totalidade ou em parte pelo dialeto falado pela maioria dos leitores (PARK, 1922, p.71 – Tradução nossa).

Tal tendência de linguagem popular também se nota nas publicações imigrantes no Brasil.

[O jornal *L'Amico*, fundado por Frei Lucínio em 1904, em Blumenau] circulava quase que unicamente entre os colonos católicos de origem italiana, tinha que seguir uma orientação condizente com a capacidade intelectual de seus assinantes e leitores que, na sua maioria, dedicavam-se à pequena agricultura (SANTOS, 2004, p.30).

Pode acontecer também de, às vezes, a linguagem adotada por uma publicação ser popular porque o próprio dono do jornal (ou editor) é, como classifica Park (1922, p.72 – Tradução nossa), um “homem ignorante, ou pelo menos não-intelectual”. Outro caráter da linguagem verificado é que esta poderia ser sentimental – remetendo, num primeiro momento, a um “sentimento novo” vivenciado pelo imigrante, causado pelos processos de fixação, aculturação e assimilação e, posteriormente, às memórias e lembranças do país de origem, num aspecto saudosista. Porém, como já dito que a diversidade de modelos de jornais de língua estrangeira é grande, há os que se utilizam de uma linguagem mais rebuscada e até politizada e/ou intelectualizada ou mesmo técnica. Isso acontece em especial nas publicações em língua estrangeira literárias, econômicas e políticas, principalmente nos chamados jornais radicais, anarquistas ou operários, muito influenciados por imigrantes (ou até produzidos por eles), que veremos mais adiante neste capítulo e que tinha como um dos objetivos formar leitores de classes conscientes.

Aliás, com relação ainda ao editor ou dono do jornal, é muito comum na imprensa imigrante a questão da propriedade única e o papel do editor-faz-tudo, ou seja, o próprio dono do jornal é o editor que escolhe a pauta, apura a notícia, escreve o texto, diagrama, imprime e, alguns casos, até vende os anúncios e ainda a edição pronta. E muitas vezes nem experiência como

jornalista tal editor tem. Esta característica pode ser responsável pelo imaginário de que os jornais de língua estrangeira são amadores.

[...] não há entre os migrantes mão de obra especializada para a produção de notícias e para o gerenciamento empresarial do negócio das comunicações. Então, reina o amadorismo. (RABELO, 2002, p.53).

Há registros ainda de jornais imigrantes familiares, tanto no que diz respeito à propriedade, como no conteúdo. Citamos dois exemplos encontrados em São Paulo: o *Informativo Tomazella*, em circulação entre 1998 e 2001, e o jornal *O Vitral*, que circulou nos anos de 1995¹³. O primeiro, tem o formato tablóide, dividido em quatro colunas, preto-e-branco, de quatro a oito páginas, traz em seu conteúdo informações sobre a família de origem italiana Tomazella (chegada dos primeiros familiares ao Brasil, em que cidades estão as famílias, brasão, encontros, obituários, fotos, aniversários e até anúncios publicitários de profissionais ou estabelecimentos comerciais de algum membro da família — advogado, loja de equipamentos e montagens industriais etc.).

Inicialmente, idealizamos o *Informativo Tomazella* como registro e lembrança do 1º Encontro, que ao mesmo tempo vem informar e até mesmo lembrar fatos ocorridos e que por muitos eram desconhecidos. Todavia, descobrimos que necessitávamos de algo mais, necessitávamos de um meio de comunicação, um elo entre os membros da nossa família, não importando a distância que estivéssemos um dos outros.

Com este intuito, estamos editando o 2º volume de nosso jornal, onde vamos comentar um pouco de cada descendência, um pouco da história da nossa gente. Queremos ainda a participação do leitor, através de cartas, sugestões e informações que serão publicadas nos próximos números e editadas semestralmente. Esperamos, com isso, uma maior integração, interesse e união de nossos familiares (TOMAZELLA FILHO. Editorial: *Informativo Tomazella*, um veículo de comunicação da nossa família!. **Informativo Tomazella**. Pereiras: n.2, dez.1999, [s.p]).

O segundo se intitula como “Órgão oficial da Associação Grande família Foltran (AGFF)”. Tem cerca de 12 páginas, em formato tablóide, A4 e preto-e-branco. Não traz fotos e anúncios publicitários, nem é dividido em colunas (o texto é corrido). Da edição de n.9 foram impressos 700 exemplares.

¹³ Encontramos três exemplares do *Informativo Tomazella* e cinco de *O Vitral* na biblioteca do Memorial do Imigrante de S.Paulo. Não sabemos, entretanto, se ambos ainda estão em circulação. Na primeira publicação, o “Expediente” dos números encontrados trazia as seguintes informações: “Redação: Geraldo Tomazella Filho; Digitação: Márcio Tomazella Lima; Relações públicas responsável: Geraldo Tomazella Filho. Endereço: R. Lino de Góis, 853, Tel.: (014) 8581271, Pereiras-SP, CEP: 18580-000”. Na segunda, no “Expediente”, temos: “Sede provisória: R. América Central, 130A, Tel. (11) 246-0833, São Paulo-SP, CEP: 04755-010. Compilação: Valdemar L. Foltran; Composição Sérgio J. Foltran”.

Apesar de muitos jornais imigrantes serem feitos por pessoas não ligadas ao jornalismo, como o caso destes familiares que acabamos de ver — e talvez entre aqui a questão, já comentada, destes jornais serem espelhados na grande imprensa —, muitas publicações voltadas para colônias de imigrantes são divididas em seções jornalísticas, com editoriais (com destaque para os editoriais) e diagramados em colunas, o que faz destas publicações, principalmente no caso das amadoras, serem reconhecidas como jornais.

O *Sonntagsblatt* [Semanário de 1892 impresso em alemão gótico editado pela Livraria Evangélica em São Leopoldo-RS] tem formato tablóide, possui quatro páginas, cada página dividia ao meio, formando duas colunas (GIERUS, 2004, p.233).

Ao mesmo tempo, estas editoriais podem ser fixas ou esporádicas, de periodicidade irregular, ou seja, só são publicadas quando há assuntos referentes a ela; além de ser redigida pela mesma pessoa que escreve os demais assuntos.

E por falar em quem escreve, atualmente, muitos impressos em língua estrangeira (e até por normas legislativas) no Brasil possuem um jornalista responsável com registro no Ministério do Trabalho (a chamada MTB). Mas esta é uma tendência correspondente ao jornalismo imigrante que consideramos, no primeiro item deste capítulo, pertencentes à terceira fase, ou seja pós-grande fluxo imigratório (1960). Do mesmo modo, alguns jornais contavam com a participação de colaboradores (a maioria voluntário) e até correspondentes internacionais (mais especificamente no país de origem da colônia envolvida), formando uma equipe de redação ainda que esta não tenha recebido este nome ou tenha sido oficializada.

Em 1894, afirmavam que o *Fanfulla* era ‘o único jornal italiano que realmente tinha correspondente especial na Itália e na Argentina’. [...] Na edição de 07 de junho de 1900, o jornal apresentou, na primeira página, uma longa lista com o nome de todos os seus correspondentes de diversas localidades do país, sendo que em São Paulo foram citadas mais de sessenta cidades do interior (CONSOLMAGNO, 1993, p.71).

Ou ainda, se o jornal é bem estruturado pode contar com redações no Brasil e no país de origem.

Made in Japan, publicação mensal escrita em português e que foi o primeiro veículo brasileiro a ter duas redações, uma em cada país, circula ininterruptamente desde outubro de 1997 simultaneamente no Brasil e no Japão, tendo completado 6 anos de duração em setembro de 2003 (KOSHIYAMA, 2004, p.41).

E aqui entramos numa outra característica: como surgiam as notícias nessas publicações. Esta, por sua vez, também está relacionada ao desenvolvimento tecnológico. Se antes os jornais recorriam ao telégrafo, hoje fazem uso da Internet. O que se vê, entretanto, é que as publicações de imigrantes, não raro, retiravam informações de outros jornais vindos de seu país de origem. Já as notícias sobre o Brasil eram redigidas a partir de informações dos próprios jornais brasileiros num processo de interpretação, como já mencionado.

No início de sua publicação, o serviço telegráfico do *Fanfulla* era precário, fazendo com que a obtenção de notícias dependesse muito de outros jornais. Esse procedimento acarretava, como principal desvantagem, o atraso com que a informação chegava ao leitor (CONSOLMAGNO, 1993, p.71).

Os jornais também davam muito mais importância à transformação do Japão do que aos acontecimentos brasileiros. Chegavam até mesmo a dizer que se faziam jornais com cola e tesoura. Como não havia rádio nem correio aéreo, em grande parte o trabalho do redator consistia em recortar os jornais japoneses e colar as matérias escolhidas nas folhas enviadas para composição (HANDA, 1987, p.610).

Em primeiro lugar, eles frequentemente incluíam informações tiradas de jornais brasileiros, que não chegavam ao interior, abrindo uma janela para a vida da maioria que, de outro modo, não estaria acessível (LESSER, 2001, p.168).

Outro meio de se obter informação sobre o país de origem a ser publicado nos jornais eram as cartas trocadas entre os imigrantes com parentes e amigos que ficaram na terra natal e que acabavam sendo publicadas nos impressos da respectiva colônia. Nas palavras de Santos (2004, p.31): “muitos imigrantes que mandavam suas correspondências aos parentes, tinham as mesmas reproduzidas nos jornais”. Dessa maneira, percebe-se que, mais importante do que trazer notícias atualizadas, estes jornais se preocupavam em, simplesmente, trazer as notícias.

Atualmente, os jornais de colônia maiores e mais estruturados contam ainda com assinaturas de agências de notícias, brasileiras ou internacionais relacionadas ao país em questão. É muito comum também se obter informações da tevê a cabo — assistindo aos canais de seu país transmitidos no Brasil.

Mais um aspecto a observar é como estes jornais são distribuídos e mantidos, financeiramente. *O Colono Alemão*, primeiro jornal em língua estrangeira da região Sul, surgido em 1836, já era vendido por assinatura. Além disso, de acordo com Sérgio Caparelli (1979, p.99), nesta época a publicidade “não tinha o peso que tem hoje”. Outros eram distribuídos gratuitamente e financiados pelo próprio dono. Segundo Tomoo Handa (1987, p.605), “o Jihô era distribuído indiscriminadamente, houvesse ou não pedidos, sob o lema de

educar os imigrantes”. Tal tendência reforça o imaginário que se tem dessa imprensa como uma mídia comunitária — questão que discutiremos no próximo item deste capítulo. Há ainda os que eram distribuídos em estabelecimentos comerciais ou igrejas, em especial no que se refere a comunidades mais afastadas dos grandes centros urbanos.

O número de assinantes e leitores [do jornal *Die Serra-Post*, bi-semanário em língua alemã da região das serras gaúchas, de 1911] era considerável, havendo-os tanto na vila como no interior, onde era distribuído por intermédio dos comerciantes. Além de Ijuí, era lido nos povoados germânicos próximos, como Neu-Württemberg, dentre outros (NEUMANN, 2004, p.192).

Com a popularização da venda avulsa¹⁴, os jornais passaram a contar também com este tipo de receita. Consolmagno (1993, p.105-106) relata que *Fanfulla* obtinha recursos financeiros principalmente das vendas avulsas, assinaturas e publicidade.

Seus editores recorriam também à venda avulsa pelas ruas da cidade, o que já era prática comum quando o *Fanfulla* surgiu. Nela se empregavam, especialmente, meninos que, aos gritos, anunciavam os jornais e suas principais manchetes, atraindo a atenção dos compradores.

[...] [Mais tarde], o jornal ganhou as ruas com os jornaleiros e, aos poucos, organizaram-se pontos de vendas e estruturas para a distribuição que permitiam maior dinamismo na circulação dos jornais. Surgiam os primeiros quiosques, imitando o costume europeu, que ajudaram a multiplicar os locais de venda dos periódicos.

Mais um tipo de financiamento da imprensa imigrante é quando o jornal está atrelado ao alguma associação, entidade, escola ou órgão oficial (embaixadas, consulados etc.), prática muito comum nos jornais atuais. Neste caso, a publicação é custeada (em parte ou na totalidade) pela instituição, o que nada lhe impede de também angariar anúncios ou ter vendas avulsas ou por assinatura.

Rabelo (2002, p.79) nos chama a atenção também pelo fato de alguns jornais imigrantes publicarem as chamadas “matérias pagas”¹⁵, o que seria mais uma forma de financiamento da publicação. Tal prática também remete, principalmente, aos jornais em língua estrangeira da atualidade.

¹⁴ O costume da venda de exemplares avulsos, segundo Nelson Werneck Sodré (1977), foi implantado em São Paulo pelos proprietários do jornal *A Província de São Paulo*, em 1876. No início, causou escândalo (pelo fato do jornal ser vendido como uma mercadoria qualquer), mas logo a prática foi adotada pelas demais publicações e sobrevive até os dias de hoje.

¹⁵ Em linguagem jornalística, “matéria paga” é aquela que apresenta algum produto, serviço ou estabelecimento comercial em forma de texto (no geral, matéria jornalística), e não de anúncio publicitário. Pode ser redigida até pelo jornalista e, em jornais menos sérios, não vêm com a identificação de que se trata de matéria paga, confundindo, muitas vezes, o leitor menos familiarizado com a publicação. O pagamento pela veiculação de tal texto não precisa ser, necessariamente, em dinheiro ao dono do jornal, mas em troca de favores, permutas etc.

Uma especificidade de boa parte do material publicado [...] é a linguagem que mistura jornalismo e publicidade. Tanto em matérias noticiosas quanto em notas exalta-se a qualidade dos produtos, publica-se o telefone [...] ou endereço do estabelecimento comercial. Em alguns casos, pode-se tratar de matéria paga.

Sobre a tiragem destes jornais, é possível encontrar na bibliografia sobre este assunto alguns números. Porém, as costumeiras polêmicas envolvendo o verdadeiro número de edições de uma publicação (motivadas, no geral, para angariar publicidade — quanto maior a tiragem, maior interesse do anunciante) não ficam restritas aos jornais comuns, ou seja, a imprensa imigrante também vivencia problemas e dúvidas em relação a isso.

Na verdade, encontram-se grandes polêmicas entre os jornais sobre o verdadeiro número de suas edições. Esses números eram invariavelmente inflacionados para atrair publicidade. Quando os concorrentes [do jornal gaúcho em alemão *Neue Deutsche Zeitung*, de 1927] contestavam os números arrolados, os jornais recorriam aos mais exóticos expedientes para tentar provar a correção de seus números. No caso de Porto Alegre, iam, por exemplo, à Direção dos Correios e solicitavam atestados de que expediam determinado número de exemplares para o interior, números aos quais acrescentavam, então, as supostas vendas em bancas (GERTZ, 2004, p.112).

No geral, quando um autor menciona um jornal e tem dados sobre a tiragem, o cita. São os casos de:

Se, por exemplo, não se encontram contestações ao número de 30.000 exemplares do *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, editado pela firma Rotermund, para as décadas de 1920/30, a situação é bastante diferente quando se trata de definir o número de exemplares da *Deutshce Post*, editada pela mesma firma. Enquanto Gehse encontrou um dado oficial, público informando sobre 5.000 exemplares para o ano de 1928, fontes de bastidores apontam apenas 1.800 nas edições diárias e 3.000 para as edições semanais (GERTZ, 2004, p.111).

O jornal, em formato 32 x 48 cm, tinha uma diminuta tiragem: de 250 a 300 exemplares por edição. Como auxiliar, Frei Lucínio tinha o professor Giuseppe Zanluca, que era também o chefe da oficina gráfica. O *L'Amico* [jornal italiano em Blumenau] teve uma existência de treze anos, sobrevivendo até 1917 (SANTOS, 2004, p.29).

No exemplar de 21 de dezembro de 1890 há uma observação a respeito do número de assinantes: ‘O *Sonntagsblatt* [semanário impresso em alemão gótico em São Leopoldo-RS], que antigamente contava com poucos assinantes, tem-se propagado tão rapidamente no último meio ano, que a tiragem anual já comporta 1710 exemplares’ (GIERUS, 2004, p.233).

Por fim, uma última característica a ser mencionada é o idioma em que a publicação é redigida. Nas fases iniciais, a maioria era escrita exclusivamente na língua vernácula do grupo envolvido — daí a denominação de “imprensa de língua estrangeira” que citamos no início deste capítulo. Com o passar do tempo e o processo de assimilação e aculturação vivido pelos

imigrantes estrangeiros, além do nascimento de novas gerações no Brasil (e ainda algumas implicações históricas, como veremos no próximo item), o português foi ganhando e dividindo o espaço impresso com o idioma de origem. Hoje em dia, há jornais voltados para colônias de estrangeiros escritos em sua totalidade na língua portuguesa (obviamente isso não se aplica àqueles criados para fins didáticos de aprendizado do idioma). Isso se dá por dois motivos principais: tamanha a integração deste imigrante no território brasileiro (com os processos de assimilação e aculturação concluídos¹⁶) e o desconhecimento da língua de seus antepassados das novas gerações.

1.5 – Reflexos de momentos históricos na imprensa imigrante

Quando falamos da imprensa imigrante no Brasil, não podemos deixar passar em branco sua posição e atuação frente aos seguintes momentos históricos: os movimentos trabalhistas (anarquista, operários, radicais, sindicais etc.) de São Paulo do início do século XIX, as grandes Guerras Mundiais, especialmente a Segunda (anos de 1940), e o governo de Getúlio Vargas. Já mencionamos o fato da história da imprensa imigrante se misturar com a própria história da formação e desenvolvimento sociais, num processo natural e simultâneo de reflexão e influência. Porém, a importância destes acontecimentos históricos no cotidiano dos imigrantes estrangeiros estabelecidos aqui foi tamanha que chegou a transformar as características de convivência destes grupos e, conseqüentemente, as especificidades de suas publicações. Obviamente, este aspecto será abordado aqui de forma superficial, como uma simples menção de sua ocorrência — ir a fundo neles, significaria uma outra dissertação.

É conhecida a participação de estrangeiros — em especial italianos, portugueses e espanhóis —, tanto na base como na liderança dos movimentos sociais de São Paulo da classe operária, com repercussões políticas (anarquistas e sindicais). Nas palavras de MENEZES (2005, p.27): “Eram tempos conturbados no Brasil e no mundo com a idéia da revolução pairando no ar como alternativa a um capitalismo em crise”. Neste contexto, movimentos trabalhistas vinham combatendo a ordem burguesa e aquecendo o movimento operário desde a virada do século. A participação dos imigrantes nestes movimentos, bem como sua atuação política, se explica pelo fato de que justamente estes estrangeiros é que compunham grande parte da classe

¹⁶ Segundo Park (1922, p.308 – Tradução nossa): “Para a extensão estabelecida pelo imigrante ser absorvida na vida nacional depende do número de gerações nascida neste país e a proporção de imigrantes recentes neste grupo”.

operária da época¹⁷ (e lembramos que estamos falando aqui justamente do período da grande imigração em massa). Muitos vieram diretamente de seu país de origem e se instalaram em São Paulo. Outros, depois de passagem pelas fazendas, migraram para a capital. Nesse mesmo tempo as indústrias paulistas (especialmente do setor têxtil, ferroviário e construção civil) estavam a pleno vapor contratando mão-de-obra e são amplamente sabidas as péssimas condições de trabalho às quais estes operários eram submetidos — causa principal das greves, protestos e revoluções. Ou seja, a presença do imigrante operário refletia-se na própria situação de crescimento industrial urbanização que São Paulo vivia.

Por parte do imigrante, a aproximação ao mundo da política está assim associada a sua inserção na sociedade receptora e a sua mobilidade social ascendente. Nos primeiros anos da imigração em massa, as levas carentes de italianos e espanhóis praticamente só podiam contar com o protesto individual ou coletivo [...]. Com o passar do tempo esses recursos se tornaram insuficientes ou inadequados, não mais para atender às queixas dos desvalidos, mas sim aos interesses de quem se afirmava social e economicamente na nova terra (FAUSTO, 1995, p.11).

Porém, o que nos interessa aqui é como essa participação influiu ou refletiu na imprensa imigrante da época, conduzida por pessoas que viveram em diferentes países, portanto vivenciaram outras realidades, e que trouxeram para cá diferentes idéias e experiências.

Como as idéias circulam de diferentes formas, a introdução do ideário anarquista no Brasil não foi resultado único da circulação de indivíduos pelos diferentes continentes, mas fruto da entrada de livros, revistas e folhetos no país. O mesmo não se deu com relação ao movimento anarquista, dependente da ação dos que defendiam a teoria de combate ao capitalismo, diretamente vinculado à ação de italianos, portugueses e espanhóis chegados em terras brasileiras, à época da grande imigração, responsáveis pela edição de jornais, tradução e produção de livros, realização de conferências e palestras, produção de espetáculos teatrais, abertura de escolas e a transformação dos sindicatos em instrumento de luta no campo político (MENEZES, 2005, p.27-28).

Além da criação de publicações próprias voltadas às causas dos operários — entre elas citamos o jornal italiano *La Battaglia* (editado por Oresti Ristori entre 1904 e 1913), o espanhol *Terra Libre* (1905/1906) e o português *Amigo do Povo* (feito por Neno Vasco) —, os imigrantes utilizaram-se da imprensa como objeto de mobilização para suprir uma necessidade da ocasião e buscar uma maior interação política com a sociedade receptora¹⁸.

¹⁷ Como lembra Boris Fausto (1995, p.11), em 1920, cerca de dois terços da população de São Paulo era constituída de imigrantes estrangeiros ou de seus filhos.

¹⁸ Nesta época, em São Paulo, consolidou-se uma produção jornalística que visava atingir, prioritariamente, os operários. Esta apresentava-se como um instrumento de informação, conscientização e mobilização sobre a temática prioritária dos problemas desta classe social.

Se não existiam meios de comunicação de que necessitavam, eles [os operários] estavam aptos a criá-los. [...] Assim, desenvolveram códigos e canais capazes de transmitir suas mensagens, criando de acordo com as necessidades os meios adequados. Daí a necessidade de ensinar analfabetos a ler, de editar jornais em vários idiomas.

[...] Como não contavam com recursos, se cotizavam entre si para a aquisição de material de propaganda e para a fundação de jornais, onde procuravam circular entre os operários assuntos esclarecedores sobre a questão social, assim como as vitórias e perseguições que a classe trabalhadora sofria dentro e fora do território nacional (NAZARÉ FERREIRA, 1978, p.52/53).

Os chamados “estrangeiros ordeiros” ou “agitadores alienígenas” também tinham suas causas defendidas ou divulgadas pelos jornais de colônia já existentes.

O jornal [*Fanfulla*] propunha ao governo o desenvolvimento de uma política de conciliação entre os interesses dos patrões e dos operários e o abandono de medidas de força, como a expulsão, que serviriam apenas para tornar mais tensa a situação.

[...] Diante da movimentação operária, o *Fanfulla* apontou sempre a necessidade de uma legislação que regulamentasse o direito de greve (CONSOLMAGNO, 1993, p.303-304).

Em julho de 1917, eclodia em S.Paulo a grande greve que abalou a cidade. Foi preciso que surgisse [...] o ‘Apelo dos Jornalistas’ ao Comitê de Defesa Proletária, constituído naquela emergência pelos grevistas, para que representantes dos operários se reunissem com os dos patrões e os do governo, para negociações; [...] Aquele apelo estava assinado por [...] Umberto Serpieri, pela *Fanfulla*, [...] Paulo Mazzoldi, por *Il Piccolo* [...], José Eiras Garcia, do *Diario Español*, [...], Henrique Greenen, do *Germânia* (WERNECK SODRÉ, 1977, p.362-363).

Nesta época também estavam em circulação os jornais italianos *Avanti*, de Vincenzo Vacirca e reconhecido como “o órgão socialista e proletário”, *Anima e Vita*, dirigido por Ernestina Lesina, *Il Pingolo*, de Giovanni Capaci e F. Sisini, e o espanhol *Grito del Pueblo*, dirigido por Valentim Diego. Segundo Nelson Werneck Sodré (1977, p.356), “a vida, quase sempre curtíssima, de jornais desse tipo, não era fácil: a 30 de maio, em S.Paulo, por exemplo, a polícia invadiu a redação e apreendeu a edição do *Avanti* e *La Bataglia*”.

O anarquismo vivia em muito da atividade de imigrantes, particularmente italianos, mas também espanhóis e portugueses; a resposta das autoridades à agitação que desenvolviam foi pronta e radical; começou a ser aplicada a legislação que permitia expulsá-los. Vincenzo Vacirca, diretor do *Avanti*, foi expulso em 1908, e tornar-se-ia, pouco depois, deputado pelo Partido Socialista Italiano, fazendo campanha, então, contra os políticos e fazendeiros de café do Brasil; Oresti Ristori [de *La Bataglia*], quando vítima de idêntica medida, pela primeira vez, escreveu, na Itália, folheto que foi verdadeiro libelo contra a emigração de seus patrícios para o Brasil (WERNECK SODRÉ, 1977, p.359).

No caso das guerras mundiais, a situação se complica um pouco porque mexe com o sentimento de nacionalismo. Robert Park (1922, p.194 – Tradução nossa) fala sobre isso no caso da Primeira Guerra em relação aos Estados Unidos:

Não era fácil ser editor de um jornal de língua estrangeira na América durante a Guerra Mundial e depois dela. A excitação da guerra trouxe para a superfície velhas memórias e sentimento de lealdade há muito tempo negligenciado ou esquecido. Ela criou em muitos imigrantes na América o senso de divisão de lealdade, pelo qual os editores não eram capazes de achar fórmulas e soluções.

[...] Às vezes estes jornais mostravam as duas faces de um mesmo acontecimento, dizendo uma coisa em Inglês e outra coisa na língua do imigrante.

No Brasil, a imprensa de língua estrangeira também sofreu reflexos da Primeira Guerra (1914-1918). Porém, como a passagem do Brasil pelo conflito foi rápida, seguindo os passos da liderança dos Estados Unidos, as represálias ou problemas foram menores e atingiram, principalmente, os imigrantes alemães e italianos.

As primeiras dificuldades para a circulação do jornal ijuiense [*Die Serra-Post*, publicação em alemão do RS] foram decorrentes da declaração de guerra do Brasil à Alemanha, no primeiro grande conflito mundial, quando foi proibido o emprego da língua alemã, tanto na imprensa, como nas escolas e igrejas. Foi uma tentativa de nacionalização compulsória dos chamados quistos étnicos (NEUMANN, 2004, p.192).

A eclosão da 1ª. Guerra levou à diminuição significativa da emigração italiana e ao repatriamento de muitos emigrados. O *Fanfulla* pediu aos imigrantes aqui estabelecidos o cumprimento de seus deveres militares [já que em 1915 a Itália decide entrar no conflito] (CONSOLMAGNO, 1993, p.IX).

A Primeira Guerra Mundial colocou o Brasil e a Itália em campos opostos. Para os imigrantes italianos, que continuavam a chegar à região até 1914, a situação não era confortável (POZENATO; GIRON, 2004b, p.68).

Devido à situação, alguns jornais tiveram que abandonar a língua vernácula e passaram a ser escritos em português. O próprio *Die Serra-Post* (citado acima) precisou em 1917 trocar o nome para *Correio Serrano* e ser publicado em língua portuguesa. Anúncio do jornal reproduzido por Neumann (2004, p.193) dá conta de que até as correspondências enviadas à redação deveriam ser em português:

Medidas de censura. Toda a correspondência escrita em língua vernácula fica retida no correio. Pedimos por isso, escrever e mandar as cartas ou postais destinadas tanto para a empresa como para a redação do ‘Correio Serrano’, somente em português. Todas as cartas devem ser entregues no correio em envelope aberto (CORREIO SERRANO, 12 nov.1917, p.3).

No caso da Segunda Guerra (1939-1945) — além do Brasil ter participado mais efetivamente da luta, principalmente a partir de 1942 — precisamos também levar em consideração que neste período o país era governado por Getúlio Vargas¹⁹ e sua proposta de nacionalização

¹⁹ A imprensa no período Vargas era fiscalizada pelo DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, criado em 1939. Antes do banimento de 1941, o governo havia determinado em 1939 que os jornais de língua estrangeira

(que estabelecia, entre outras coisas, o chamado programa de homogeneização — buscando proteger a identidade brasileira da intrusão das etnicidades — e o banimento, a partir de 1941, de todos os jornais²⁰ em língua estrangeira).

Alice Mitika Koshiyama (2004, p.38) chega a dividir a história dos jornais em língua japonesa do Brasil em duas fases: antes e depois da Segunda Guerra Mundial.

No primeiro momento, os jornais eram um meio de integração e um elo dos japoneses com a terra natal. Traziam notícias sobre a colônia japonesa, assuntos ligados ao consulado e às companhias de imigração, atualidades sobre o Japão e até como fazer remessas de dinheiro para aquele país.

Na segunda fase, desempenharam o importante papel no esclarecimento sobre a real situação do Japão no pós-guerra, atuaram na união dos japoneses no Brasil, que estavam divididos entre os que acreditavam na vitória das tropas imperiais e os que aceitavam a derrota na 2ª. Guerra Mundial.

Além da imprensa japonesa, as outras afetadas, principalmente, foram a dos alemães e italianos:

Um dos incidentes mais sérios [...] deu-se em São Paulo, em 1928, quando uma multidão, liderada por estudantes de Direito, empastelou o jornal da comunidade italiana *Il Piccolo*, acusado nas páginas do *Diário Nacional*, de ter ofendido as mulheres brasileiras. Só não ocorreu o mesmo com o *Fanfulla* graças à ação da Força Pública, no curso dos tumultos que duraram vários dias (FAUSTO, 1995, p.17).

O rompimento das relações políticas do Brasil com o Eixo teve reflexos e implicações diretos na região. Os jornais em língua estrangeira foram obrigados a alterar seu nome e a publicar apenas em língua portuguesa. Na região, foram afetados diretamente o *Staffetta Riograndense* e o *Giornale Del'Agricoltore*, que circulavam em Caxias [RS] e eram publicados em língua italiana (POZENATO; GIRON, 2004b, p.94).

Durante a Guerra, a comunidade de imigrantes alemães em Curitiba passou a ser hostilizada. Não foram poucas as manifestações da sociedade brasileira, as passeatas, os comícios, pedindo o fechamento dos estabelecimentos comerciais alemães, as suas escolas, clubes e associações. O *Der Kompass*, acompanhava este processo demonstrando apreensão desta comunidade étnica, mas, de forma cautelosa.

deveriam vir acompanhados de traduções para o português. Além disso: foram impedidas as importações para o país de periódicos estrangeiros.

²⁰ Obviamente, não foi só a imprensa afetada pelo contexto mundial e nacional ocorrido na época. As comunidades de imigrantes também foram abaladas. Nas palavras de Barboza Elizabete (2004, p.488): “Como os judeus não tinham uma sede própria para a instalação da sociedade e da sinagoga, os serviços religiosos e assistenciais funcionavam em prédios alugados pela coletividade judaica rio-grandina. A partir de 1935, a Sociedade passou a funcionar no prédio da Sociedade italiana ‘Mutua Coperazione’. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi fechada e os seus pertences foram recolhidos à casa de um dos membros da comunidade”. Com relação às medidas nacionalistas de Getúlio Vargas, além da imprensa e comunidades, as escolas ligadas às colônias de estrangeiros também foram afetadas. Segundo Lesser (2001, p.230): “Decretos exigiam que todas as escolas tivessem brasileiros natos como diretores, e que todo o ensino fosse dado em língua portuguesa e incluísse tópicos ‘brasileiros’. O material didático em língua estrangeira foi proibido”.

[...] a situação de hostilidade chegou ao seu auge. [...] a redação do *Der Kompass*, que ficava nas dependências do colégio Bom Jesus, foi apedrejada e incendiada. O jornal foi fechado por determinação das autoridades durante 19 meses (RENK, 2004, p.258-259).

Sobre a política nacionalista de Vargas, em São Paulo, vários grupos (e seus jornais) foram vítimas, entre eles os árabes e os japoneses:

A vida de Antun Sa'adih, nascido numa família de intelectuais gregos ortodoxos no Líbano, em 1904, nos oferece uma boa ilustração. Pouco antes da Primeira Guerra Mundial, o pai de Antun [...] mudou-se para o Egito e, de lá, para o Brasil, onde publicou *Al-jarida*, um jornal, e a publicação mensal *Al-Majallah*. Antun reuniu-se a seu pai em São Paulo, em 1920, e passou a escrever artigos propondo a criação de um estado sírio. [...] [Muitos acontecimentos depois e em 1938] fundou em São Paulo o *Souria al-Jadida* (*A Nova Síria*), jornal que mais tarde foi proibido por Vargas. Esse fato levou a que o regime Vargas o mantivesse detido por dois meses, sob a acusação de ser um agente estrangeiro, e, em 1939, ele partiu para a Argentina [...] (LESSER, 2001, p.114-115).

A partir de abril de 1938, novos decretos tiveram como alvo diminuir a influência no Brasil, modificando as maneiras de funcionamento das comunidades japonesas e nikkei. O jornal *Gakusei* deixou de publicar artigos polêmicos sobre a identidade nipo-brasileira, passando a focar notícias comunitárias, fatos sobre as histórias japonesa e brasileira, e, ocasionalmente, artigos cumprimentando o Brasil por sua hospitalidade. E o mais importante, os editores de *Gakusei* passaram a insistir em que tanto os imigrantes quanto seus filhos haviam se 'abrasileirado'. Em setembro de 1938, saiu o último número de *Gakusei* (LESSER, 2001, p.229).

2. A imprensa imigrante como mídia comunitária

É a configuração de cada realidade específica que serve de parâmetro para a compreensão do significado comunitário de cada experiência de comunicação local (PERUZZO, 2003, p.249).

Escrevemos no capítulo anterior sobre as chamadas comunidades de imigrantes e o porquê de muitos grupos de estrangeiros que aqui chegaram serem dessa maneira reconhecidos, ou seja, como uma comunidade e/ou uma colônia, identificados, acima de tudo, por uma nacionalidade (por exemplo: comunidade italiana, colônia japonesa, comunidade espanhola, colônia alemã etc.)²¹. Talvez este seja o fator principal para se relacionar a imprensa imigrante à imprensa comunitária, uma vez que esta não deixa de ser voltada para uma comunidade. No entanto, tal fator, isolado, é simplista e, pior, pode não corresponder à realidade. Aqui cabe o que também mencionamos no capítulo I, no que se refere que só podemos compreender os

²¹ Apenas como lembrança do que já explicitamos no capítulo anterior, o conceito de colônia, de acordo com Alexandre Hecker (apud CONSOLMAGNO, 1993, p.18), “começou a se formar a partir da década de 1870, quando a classe dominante paulista promoveu a entrada de trabalhadores europeus para suprir as necessidades de mão-de-obra para as lavouras de café” e “era utilizado para designar um conjunto de habitantes que formavam um grupo social heterogêneo que mantinham relações diferenciadas com os habitantes naturais do Estado”.

significados das chamadas “comunidades de imigrantes” e assim defini-las se tivermos alguma idéia sobre quais posições de sujeito eles produzem e interagem, além de conhecer que tipos de elos e sentimentos unem seus integrantes. O mesmo se aplica à imprensa que ela produz. Só podemos classificá-la como “imprensa comunitária” se conhecermos não só a comunidade na qual ela está inserida, mas seu processo de produção, conteúdo, circulação e participação dos envolvidos (leitores e produtores).

Estabelecer conceitos e características para imprensa comunitária é complicado ainda mais se levarmos em consideração que, hoje em dia, ela está intimamente ligada aos conceitos de imprensa alternativa e popular²². Outro agravante: diferentes tipos de impresso produzidos em nível local são classificados, indiscriminadamente, como comunitários, gerando, no mínimo, distorções na compreensão do fenômeno. E, especificamente na questão da imigração há mais um problema a ser considerado: nem sempre o grupo para qual ela é destinada é, de fato, uma comunidade, isto é, tal grupo possui o chamado “espírito comunitário”²³ ou é identificado como comunidade por convenção do senso comum, por hábito? Aliás, esta última questão é tema de reflexões mais profundas como, por exemplo, a que propõe Raquel Paiva (2003, p.79): “o que se coloca em questão quando se fala de comunidade é a possibilidade da haver hoje um projeto comunitário em meio à heterogeneidade e à atomização societária reinante na grande cidade”.

Peruzzo (1998, p.152) aponta alguns aspectos que caracterizam uma mídia como comunitária²⁴. São eles: estar aberta à participação ativa dos cidadãos e suas entidades representativas; haver um revezamento de pessoas da própria comunidade enquanto produtoras e receptoras dos produtos comunicacionais; desenvolver um processo de interatividade na comunicação, ser autogerida pelas entidades representativas da própria comunidade; gozar de autonomia livre de ingerências em relação aos órgãos do Governo, grande mídia, partidos políticos e seus afiliados etc.; não ter interesses comerciais; oferecer

²² Segundo Peruzzo (1998, p.143), a comunicação comunitária pode ser entendida como resultado da evolução pela qual vem passando a comunicação alternativa ou popular. “[...] a comunicação comunitária, tal como se apresenta no final da década de 90, tem suas raízes nas manifestações comunicacionais que marcaram época na sociedade brasileira, no contexto das transformações ocorridas a partir do final da década de 70. Dos movimentos sociais são trazidos princípios e experiências, tais como de participação e democracia que vão ajudando a configurar novas experiências”.

²³ O que chamamos aqui de “espírito comunitário” remete a elos de reconhecimento, reciprocidade e conexão que dão significado à vida de um indivíduo enquanto ser social, ou seja, ao sentimento de pertencimento, participação, cooperação, interação, objetivos comuns, confiança etc., que movem um determinado grupo e seus membros.

²⁴ Esclarecemos que estes aspectos apontados pela autora não se restringem aos impressos, mas a rádios, tevês e demais mídias.

possibilidades ilimitadas de inovação e linguagens e formatos de programas; ter uma programação sintonizada com a realidade local e tratar de temas de interesse local; ser dirigida a segmentos específicos da população; ter alcance limitado em termos de cobertura, audiência ou número de leitores; ter ações desenvolvidas em torno de interesses comuns; envolver um processo de aprendizado no exercício da democracia e da cidadania. No entanto, a própria autora reconhece que estas características não são estáticas e, um veículo, para ser comunitário não precisa, necessariamente, preencher todas elas em sua completude.

Diante destas características e, ainda se somarmos os aspectos vistos em itens anteriores deste capítulo (Surgimento e Características), percebemos que em determinados momentos, situações, contextos e períodos, alguns jornais citados apresentaram características da mídia comunitária. Por exemplo: alguns deles não visavam o lucro e eram geridos, muitas vezes, por recursos próprios; outros tinham uma função de identificação social, bem como um papel importante na manutenção da cultura em questão; há ainda os que reforçaram valores, tradições e sentimento de solidariedade; existiram os que contaram com ampla participação dos envolvidos (tanto do lado da recepção como da produção), ainda que por uma questão de necessidade informação ou sobrevivência; muitos apresentavam um conteúdo sintonizado com a realidade envolvida; e assim por diante.

Dessa maneira, entendemos que a imprensa imigrante pode sim ser classificada como uma imprensa comunitária, ainda mais no que diz respeito às publicações da segunda fase determinada no início deste capítulo (1870-1960), quando as características listadas acima eram mais presentes.

Foi uma imprensa feita por comunidades fechadas, cujas dificuldades lingüísticas e culturais e cujos interesses econômicos provocaram uma aglutinação consciente, gerando a necessidade de criação de canais próprios para a expressão dos seus sentimentos étnicos e para a manutenção dos padrões culturais de origem (MARQUES DE MELO, 1979, p.52).

No entanto, o que não cabe é a generalização — e aqui entra a antia máxima: “cada caso é um caso”. No conjunto, estas publicações podem até apresentar alguns sentidos em comum, nas na realidade, quando contextualizadas, revelam especificidades que tornam cada uma única. Estas, por sua vez, podem imprimir o rótulo de comunitário à publicação, porém, tudo depende de uma análise mais profunda das distorções, contradições e mudanças presentes e naturais em qualquer grupo.

Assim sendo, a comunicação comunitária diz respeito a um processo comunicativo que requer um envolvimento das pessoas de uma ‘comunidade’ não apenas como receptoras de mensagens, mas como protagonistas dos conteúdos e da gestão dos meios de comunicação. O que não quer dizer que outras formas não tão democráticas de fazer comunicação (por exemplo, aquelas centralizadas em pessoas ou em pequenas equipes; conteúdos produzidos fora por especialistas; espaços para conteúdo de caráter público na programação de meios comerciais) possam ser prontamente descartadas como não comunitárias. Há que se observar cada caso, cada experiência, pois tudo depende das condições locais, das identificações que se consegue realizar, do significado dos ‘serviços’ prestados em cada lugar e assim por diante (PERUZZO, 2003, p.246).

Nos dias de hoje, principalmente, reconhecemos que há publicações em língua estrangeira que em hipótese nenhuma podem ser classificadas como comunitárias, uma vez que simplesmente não existe o espírito comunitário entre os envolvidos. Alguns deles não passam de veículos comerciais que se apropriam da identificação “comunidade” para obter lucro. Além disso, como bem lembra Peruzzo (2003, p.250), “há que se perceber as diferenças entre desempenhar um papel de cunho comunitário ou prestar serviços de interesse comunitário e ser efetivamente um meio comunitário de comunicação”.

Porta voz da comunidade – Não é raro encontrarmos órgãos da imprensa imigrante que se colocam como porta voz da comunidade. Na verdade, este tipo de imprensa tornou-se um órgão de discurso para estes grupos e, a maioria, produzia a sua.

Os órgãos da imprensa colonial pretendiam atingir um público identificado pela nacionalidade e propunham-se a manter aqueles que imigravam sempre ligados entre si e ao país de origem, reconhecendo-os como pertencentes a uma comunidade ou colônia, cujos interesses os jornais coloniais assumiam a tarefa de defender (CONSOLMAGNO, 1993, p.16).

E que fique claro: este papel não remete aos jornais que circularam no passado. Assim como veremos nos capítulos VI e VII, os jornais analisados (*Mundo Lusíada* e *Alborada*), em circulação nos dias de hoje, constantemente se colocam na defesa dos interesses luso e hispano brasileiro, clamam a integração e união do seu público e chegam a lamentar que entre portugueses e espanhóis predominem ainda diferenças, muitas vezes até de ordem regional, do país de origem. É como se o fato de ser português ou espanhol estivesse acima de qualquer diferença e interesse e fosse forte, o suficiente, para homogeneizar o grupo.

Entretanto, o fato de serem agrupados e reconhecidos como comunidade ou colônia não mascara as diferenças e diversidades, seja econômica, social ou de que ordem for, que existe em qualquer grupo. Neste caso a homogeneidade não passa de uma utopia. Tanto é assim que, se todos os italianos, japoneses, alemães, portugueses, espanhóis, árabes etc. fossem iguais,

por exemplo, como justificar a existência de tantos títulos diferentes voltados para as colônias italiana, japonesa, alemã, portuguesa, espanhola, árabe etc. de São Paulo? O número e a variedade de órgãos mantidos por qualquer grupo de imigrante é a maior prova da existência de sua organização e, cada organização se dá, de acordo interesses, necessidades e afinidades próprios. Talvez a união caiba aqui como forma de organização, mas, fica longe de representar a homogeneidade. Consolmagno (1993, p.19-20) aborda esta questão no caso dos italianos. No entanto, tal passagem serve para ilustrar também o que acontece praticamente com todas as nacionalidades:

A afirmação dos italianos que vivem no Brasil e seus descendentes como participantes de uma comunidade (colletivité) é um tema constante numa parte da imprensa de língua italiana no Brasil. Podia-se encontrar a defesa dessa idéia nas páginas do *Fanfulla*, do *La Tribuna Italiana* ou do *Il Piccolo*, no início do século, em como nos atuais *Il Corriere* (semanário fundado em 1985) e *La Settimana del Fanfulla*. Entretanto, são marcantes as diferentes condições financeiras entre italianos e seus descendentes tanto naquela época, quanto nos dias atuais. Ainda que possam existir alguns interesses comuns entre as pessoas oriundas de um mesmo país, a noção segundo a qual os italianos formam uma comunidade dificulta a percepção das oposições e contradições que marcavam esse grupo estratificado em classes sociais.

Uma última questão: se a comunidade ou colônia é tão homogênea, como explicar as brigas e farpas trocadas entre publicações voltadas para mesma nacionalidade? Tal atitude é mais uma evidência das diversas vertentes ideológicas, entre outras, da imprensa imigrante dentro de uma mesma nacionalidade, conforme ilustra a passagem do texto referente à circulação de dois jornais de Caxias-RS:

*O Caxiense, defensor das colônias italianas e orgam republicano*²⁵ pretendia ser o defensor dessas colônias. Na verdade, era órgão do Partido Republicano, mais ligado à política do que à região.

[...] O surgimento do *Il Colono Italiano* foi a resposta católica ao jornal *O Caxiense*, considerado maçônico pelos colonos. O primeiro número traz a data de 1º de janeiro de 1898.

[...] A criação de *Il Colono Italiano* está ligada às posições político-religiosas desse sacerdote [padre Nosadini, fundador do jornal], que encontrava pouco espaço em *O Caxiense* e no qual não raras eram os ataques que sofria.

[...] As disputas entre os padres e os maçons [refletidas nas páginas de ambos os jornais] provocaram vários incidentes.

[...] Pode-se dizer que o *Il Colono Italiano* foi o espaço de defesa da igreja católica contra os ataques de *O Caxiense* (POZENATO; GIRON, 2004b, p.38/43).

²⁵ As autoras esclarecem que optaram por manter o título original, o que explica a grafia da palavra “orgam”.

3. Panorama da imprensa imigrante de S.Paulo em 2005/2006

Verificar como está configurada a imprensa de língua estrangeira de São Paulo atualmente é o objetivo principal dos dados que se seguem. Mais uma vez, devido à enorme quantidade de modelos de publicações existentes não foi possível reunir todos os tipos aqui — e nem era essa nossa principal meta. O que tentamos fazer foi um mapeamento de quais são os principais veículos que circulam na capital paulista em 2005/2006, a que comunidade se destina, quais as características (formato, tiragem, número de páginas, periodicidade etc.), entre outras informações, no intuito de “tirar uma fotografia” deste cenário.

O resultado deste retrato nos mostrou mais de 30 publicações, que, se somadas, imprimem mais de 500 mil exemplares — número considerável, principalmente se levarmos em conta as dificuldades econômicas enfrentadas para se manter uma publicação. Estes são distribuídos gratuitamente ou vendidos em banca, associações e estabelecimentos comerciais ou ainda por assinatura (entregue via correio, motoboy ou entregador) a leitores das mais diversas nacionalidades e descendência, entre italianos, portugueses, chineses, coreanos, japoneses, lituanos, franceses, espanhóis, húngaros etc. A mesma diversidade se encontra também em relação ao conteúdo: economia, cultura, comunidade, internacional, entre outros.

Este mapeamento mostrou também que ainda predomina, em alguns casos, o caráter artesanal de algumas publicações (principalmente no que se refere aos aspectos tecnológicos²⁶); por outro lado, há que se registrar a estrutura profissional de outras — se há aqueles que não sabem nem o que é um e-mail, existem os que mantêm um atual serviço de envio de boletins on-line para assinantes com informações que não constam em suas edições impressas ou que serão destaques no próximo número. Além disso, verifica-se que algumas comunidades ainda permanecem fechadas, principalmente, em razão do idioma, como o caso das chinesas e coreanas — foram grandes as dificuldades de comunicação com jornais dessas duas nacionalidades. Outro aspecto que confirma essa característica é o processo de distribuição destes jornais. A maioria registra vendas por assinatura e distribuição em estabelecimentos comerciais e na associação à qual pertence (em mesquitas, por exemplo, no caso de publicações em árabe) e não é encontrada em bancas de jornais comuns. Ainda nos dias de hoje há o predomínio das publicações em língua italiana em relação às demais; esta também

²⁶ Poucas publicações possuem sites e os e-mails, no geral, são de provedores gratuitos. Tais características resultaram num processo de busca e checagem das informações sobre cada um deles via telefone ou pessoalmente, uma vez que a comunicação via Internet se mostrou ineficaz (foram raros os jornais que responderam aos e-mails).

se mostra mais organizada, uma vez que é a única que possui uma “Associação de Imprensa Italiana no Brasil²⁷”, presidida por Venceslao Sloigo, que reúne material sobre os mais diversos tipos de jornais escritos em italiano, de diferentes épocas. Aliás, sobre este aspecto da associação, tem-se notícia de que em 1998 foi formada em São Paulo a AMET – Associação de Mídia Étnica, na ocasião presidida por Rosa Chut e que reunia oito povos. Porém, não conseguimos confirmar se esta ainda existe, bem como sede, forma de atuação etc.

A seguir, os dados de cada publicação:

1.

Título: MUSU LIETUVA (NOSSA LITUÂNIA)

Colônia: lituana

Ano de fundação: 1947

Periodicidade: mensal

Tiragem: não informada

Distribuição: por assinatura e pelo correio

Formato: tablóide A4 - colorido

Número de páginas: de 16 a 20 páginas

Idioma: português e lituano

Responsável: Silvia Minconi (coordenadora) e Ornilo Costa Jr. (jornalista – MTB 11406)

Endereço da redação: Consulado da Lituânia – R. Manuel Pereira Guimarães, 87 – São Paulo. Tel.: 5681-9658

Internet: mulietuva@terra.com.br

2.

Título: NIKKEY SHIMBUN

Colônia: japonesa

Ano de fundação: 1998

Periodicidade: diário (de terça-feira a sábado)

Tiragem: 10 mil exemplares

Distribuição: banca (R\$ 1,80) e assinatura (R\$ 200,00 semestral)

Formato: standard – preto e branco

Número de páginas: de 8 a 12

Idioma: japonês e português

Responsável: Raul M. Takaki (presidente) e Takao Miyagui (jornalista – MTB 15167)

Endereço da redação: R. da Glória, 326/332 – Liberdade – São Paulo. Tel.: 3208-3977

Internet: www.nikkeyshimbun.com.br / nikkeybr@nikkeyshimbun.com.br

3.

Título: LE NOUVEAU FRANC-PARLER

Colônia: francesa

Ano de fundação: 1995

Periodicidade: mensal

Tiragem: 7 mil exemplares

²⁷ A Associação de Imprensa Italiana do Brasil está localizada na R. Silvia, 185, Bela Vista, São Paulo. Tel.: 287-4725.

Distribuição: em banca (R\$ 4,00) e assinatura (R\$ 60,00 anual)

Formato: tablóide – bi-color, com capa e contra-capas coloridas

Número de páginas: 16 (em média)

Idioma: francês e português

Responsável: Cosmo da Silva (jornalista – MTB 32481)

Endereço da redação: R. José Antonio Coelho, 23 – Sl. 42 – Vila Mariana – São Paulo. Tel.: 5579-8446

Internet: www.francparler.com.br / journal@francparler.com.br

4.

Título: NIPPO-BRASIL

Colônia: japonesa

Ano de fundação: 1995

Periodicidade: semanal

Tiragem: 55 mil exemplares

Distribuição: banca (R\$ 2,90) e assinatura

Formato: standard – preto e branco, com capa, contra-capas e suplementos coloridos

Número de páginas: 16 (em média), mais suplementos

Idioma: japonês e português

Responsável: Suzana Y. Muranaga Bartels (presidente) e Helder Horikawa (jornalista – MTB 26672)

Endereço da redação: R. Alberto Nepomuceno, 151 – Ipiranga – São Paulo. Tel.: 5904-6444.

Internet: www.nippobrasil.com.br / nippobr@nippobrasil.com.br

5.

Título: FANFULLA

Colônia: italiana

Ano de fundação: 1894

Periodicidade: semanal

Tiragem: 30 mil exemplares

Distribuição: em banca (R\$ 2,00) e assinatura (R\$ 50,00 semestral)

Formato: standard – preto e branco, com capa e contra-capas coloridas

Número de páginas: 8 (em média)

Idioma: italiano

Responsável: Mariana Dellarone Del Moro (diretora)

Endereço da redação: R. Catarina Braida, 284 – Casa 3 – Moóca – São Paulo. Tel.: 6291-6417 ou 6291-3206

Internet: fanfulla@uol.com.br

6.

Título: JORNAL CHINÊS ‘AMERICANA’

Colônia: chinesa

Ano de fundação: 1983

Periodicidade: diário (de terça-feira a sábado)

Tiragem: não informada

Distribuição: em banca (R\$ 2,50) e assinatura (R\$ 270,00 semestral)

Formato: standard – preto e branco

Número de páginas: 12 (em média)

Idioma: mandarim

Responsável: Sr. Lee (diretor)

Endereço da redação: R. Galvão Bueno, 724 – Liberdade – São Paulo. Tel.: 3277-0102

Internet: jca@jornalchines.com.br

7.

Título: GIORNALE EMIGRAZIONE

Colônia: italiana

Ano de fundação: 1986

Periodicidade: mensal (às vezes, bimestral)

Tiragem: 4 mil exemplares

Distribuição: em banca (R\$ 3,00) e assinatura (R\$ 60,00 – 12 edições)

Formato: standard – preto e branco, com capa e contra-capa coloridas

Número de páginas: 16 (em média)

Idioma: italiano

Responsável: Carmelo Distante (diretor) e Solange Guimarães (jornalista – MTB 23163)

Endereço da redação: Tel.: 3719-2515 ou 3768-5274

Internet: não possui

8.

Título: DEUTSCHE ZEITUNG

Colônia: alemã

Ano de fundação: 1897

Periodicidade: semanal

Tiragem: 10 mil exemplares

Distribuição: em banca (R\$ 3,50) e assinatura semestral (R\$ 100,00)

Formato: standard – preto e branco

Número de páginas: 12 (em média)

Idioma: alemão

Responsável: Egon Rodolfo Von Weidebach (redator-chefe)

Endereço da redação: R. Marquês de Itu, 95 – Cj.82 – São Paulo. Tel.: 6452-6505

Internet: deutschzeitung@flash.net.br

9.

Título: SUNDAY NEWS

Colônia: americanos, britânicos, canadenses e demais povos que falam inglês

Ano de fundação: 1990

Periodicidade: quinzenal

Tiragem: 30 mil exemplares

Distribuição: em banca (R\$ 2,00) e assinatura

Formato: standard – preto e branco, com capa e contra-capa coloridas

Número de páginas: 8 (em média)

Idioma: inglês e português

Responsável: Clélia Alonso (editora executiva)

Endereço da redação: R. Brigadeiro Tobias, 118 – Sl. 3906-2. Tel.: 3312-0712

Internet: sundaynewssundaynews@ig.com.br

10.

Título: ORIUNDI

Colônia: italiana

Ano de fundação: 2000 (antigo *Voz da Toscana*, 1996)

Periodicidade: mensal

Tiragem: 15 mil exemplares

Distribuição: em banca (R\$ 3,90) e assinatura anual (R\$ 60,00)

Formato: tablóide - colorido

Número de páginas: 16 (em média)
Idioma: italiano e português
Responsável: Vezio Nardini (editor) e Oduvaldo Donini (jornalista – MTB 2831)
Endereço da redação: R. Gabriele D’Annunzio, 1.112 – São Paulo. Tel.: 5041-4646
Internet: revista@oriundibrasil.com.br

11.

Título: ALBORADA
Colônia: espanhola
Ano de fundação: 1968
Periodicidade: mensal
Tiragem: 3 mil exemplares
Distribuição: gratuita, para sócios da Sociedade Hispano Brasileira de Socorros Mútuos e Instrução e demais interessados.
Formato: tablóide – preto e branco, com capa e contra-capas coloridas
Número de páginas: 12 (em média)
Idioma: espanhol
Responsável: Rodrigo Ventin Sanches (presidente) e Lylian Loureiro (jornalista – MTB 43199)
Endereço da redação: R. Ouvidor Portugal, 541 – Ipiranga. Tel.: 2274-2014
Internet: www.sociedadehispano.com.br

12.

Título: MUNDO LUSÍADA
Colônia: portuguesa
Ano de fundação: 1998
Periodicidade: quinzenal
Tiragem: 5 mil exemplares
Distribuição: assinatura (R\$ 50,00 – semestral) e gratuita para membros do Elos Clube e associações de São Paulo da comunidade portuguesa.
Formato: standard – preto e branco, com capa e contra-capas coloridas
Número de páginas: 12 (em média)
Idioma: português
Responsável: Odair Ricardo de Sene (jornalista – MTB 42855)
Endereço da redação: Av. Getúlio Vargas, 414 – Sl. 4 – Baeta Neves – São Bernardo do Campo – SP. Tel.: 4125-2081
Internet: www.mundolusiada.com.br / redação@mundolusiada.com.br

13.

Título: BRASIL-POST
Colônia: alemã
Ano de fundação: 1950
Periodicidade: semanal
Tiragem: 22 mil exemplares
Distribuição: em banca (R\$ 3,50) e assinatura (R\$ 105,00 – semestral)
Formato: standard – preto e branco
Número de páginas: 16 (em média)
Idioma: alemão
Responsável: Ursula Dormien (diretora)
Endereço da redação: Av. Senador Casemiro da Rocha, 701 – São Paulo. Tel.: 5589-2917
Internet: www.brasilpost.com.br / brpost@dialdata.com.br

14.

Título: L'ITALIA DEL POPOLO**Colônia:** italiana**Ano de fundação:** 1916**Periodicidade:** semanal**Tiragem:** 4 mil exemplares**Distribuição:** assinatura e gratuita para algumas instituições da comunidade italiana**Formato:** tablóide – preto e branco, com capa e contra-capa coloridas**Número de páginas:** 16 (em média)**Idioma:** italiano**Responsável:** Enzo Palermo (diretor)**Endereço da redação:** Pça. Roosevelt, 234 – cj. 21 – São Paulo. Tel.: 3231-0326**Internet:** não possui

15.

Título: IL TITANO**Colônia:** italiana**Ano de fundação:** 1990**Periodicidade:** bimestral**Tiragem:** 4 mil exemplares**Distribuição:** gratuita para a “comunidade consular” (Consulado Geral da República de San Marino)**Formato:** tablóide – colorido**Número de páginas:** 10 (em média)**Idioma:** italiano e português**Responsável:** Marcos R. L. Alabarse (diretor) e Oduvaldo Donnini (jornalista – MTB 2831)**Endereço da redação:** – R. Oswaldo Cruz, 1051 – Nova Granada – São Paulo – CEP 15440-000. Tel.: 3168-9725**Internet:** www.iltitano.com.br / iltitano@uol.com.br

16.

Título: HÍRADÓ**Colônia:** húngara**Ano de fundação:** 1987**Periodicidade:** quadrimestral**Tiragem:** 500 exemplares**Distribuição:** gratuita e interna para membros da Associação Húngara Magyar Segélyegylet**Formato:** tablóide A4 – preto e branco**Número de páginas:** 12 (em média)**Idioma:** húngaro e português**Responsável:** Charles Ráth, Hilda Budavári e Károly J. Gombert**Endereço da redação:** Associação Húngara Magyar Segélyegylet – R. Gomes de Carvalho, 823 – Vl. Olímpia – São Paulo – CEP: 04547-003. Tel.: 3849-0293.**Internet:** www.ahungara.org.br / casahungara@uol.com.br

17.

Título: REVISTA NAU'S**Colônia:** portuguesa**Ano de fundação:** 1994**Periodicidade:** mensal**Tiragem:** 10 mil exemplares**Distribuição:** por assinatura para membros da comunidade e geral (R\$ 60,00 – anual)

Formato: revista – colorida
Número de páginas: 26 (em média)
Idioma: português
Responsável: Renata Cristina Pereira Afonso (jornalista – MTB 19422)
Endereço da redação: Rua Nicolau Âncora Lopes, 127 – sl. 21 e 22. Tel.: 3271-6913.
Internet: naus@naus.com.br

18.

Título: REVISTA DA CÂMARA PORTUGUESA DE COMÉRCIO NO BRASIL-SP
Colônia: portuguesa
Ano de fundação: 1913
Periodicidade: bimestral
Tiragem: 1 mil exemplares
Distribuição: gratuita para associados e entidades de classe
Formato: revista – colorida
Número de páginas: 24 (em média)
Idioma: português
Responsável: Frederico Perry Vidal (diretor) e Ricardo Marques da Silva (jornalista – MTB: 10937)
Endereço da redação: Av. da Liberdade, 602, 2º andar – Liberdade – São Paulo – CEP: 01502-001. Tel.: 3272-9872.
Internet: www.camaraportuguesa.com.br / administrativo@camaraportuguesa.com.br

19.

Título: HEBRAICA
Colônia: judaica
Ano de fundação: 1960
Periodicidade: mensal
Tiragem: não informada
Distribuição: gratuita – pelo correio
Formato: revista – colorida
Número de páginas: 90 (em média)
Idioma: português
Responsável: Bernardo Lerer (diretor de redação)
Endereço da redação: A Hebraica de São Paulo – R. Hungria, 1000 – São Paulo. Tel.: 3818-8800
Internet: www.hebraica.org.br / hebraica@hebraica.org.br

20.

Título: PARCERIA BRASIL-CHINA
Colônia: chinesa
Ano de fundação: 2003
Periodicidade: bimestral
Tiragem: 10 mil exemplares
Distribuição: gratuita para sócios da CBCDE e distribuída em aeroportos, consulados, livrarias etc.
Formato: revista – colorida
Número de páginas: 40 (em média)
Idioma: mandarim e português
Responsável: Paul Liu (presidente) e Daniel Castro (jornalista – MTB 39462)
Endereço da redação: Câmara Brasil-China de desenvolvimento econômico – R. Purpurina, 54 – Vila Madalena – São Paulo. Tel.: 3082-2636

Internet: www.cbcde.org.br / cbcde@cbcde.org.br

21.

Título: REVISTA AFFARI

Colônia: italiana

Ano de fundação: 1995

Periodicidade: trimestral

Tiragem: 30 mil exemplares

Distribuição: gratuita para sócios da Câmara Ítalo-Brasileira de Comércio e Indústria

Formato: revista – colorida

Número de páginas: 80 (em média)

Idioma: italiano e português

Responsável: Edmundo Sansone Neto (coordenador) e Stefano Orsi (editor)

Endereço da redação: Câmara Ítalo-Brasileira de Comércio e Indústria – Av. Paulista, 2073 – 24º andar – Cj. Nacional – Horsa II – São Paulo – CEP: 01311-940. Tel.: 3179-0155

Internet: www.italcam.com.br / associados.maria@italcam.com.br

22.

Título: PORTUGAL EM FOCO SÃO PAULO

Colônia: portuguesa

Ano de fundação: 1989

Periodicidade: semanal

Tiragem: 50 mil exemplares

Distribuição: em banca (R\$ 3,80) e assinatura (anual – R\$ 150,00; semestral – R\$ 75,00)

Formato: standard – colorido

Número de páginas: 6 (em média) – A edição do Rio tem 8 (em média + suplementos)

Idioma: português

Responsável: Joaquim F. Marques Mendes (diretor - Rio) e Armando Torrão (responsável em São Paulo)

Endereço da redação: R. Dr. Francisco José Longo, 135 – Chácara Inglesa – São Paulo – CEP: 04140-060. Tel.: 5589-3309.

Internet: O site está temporariamente desativado.

Obs.: A sede desse jornal fica no Rio de Janeiro; no entanto, é produzido um caderno em São Paulo com notícias da cidade voltadas à colônia portuguesa. Ambos os cadernos são vendidos juntos em São Paulo, Rio e Belo Horizonte.

23.

Título: JORNAL DO IMIGRANTE

Colônia: portuguesa

Ano de fundação: 1978

Periodicidade: mensal

Tiragem: 80 mil exemplares

Distribuição: gratuita em associações, entidades culturais, órgãos oficiais (consulados, embaixadas etc.) de todo o país.

Formato: tablóide – colorido

Número de páginas: 28 (em média)

Idioma: português

Responsável: Sérgio Bóris Barcellos Borges (diretor-presidente) e Iara Bernardo da Cunha Garcia (jornalista responsável – MTB 1581).

Endereço da redação: R. Tordesilhas, 336 – São Paulo – CEP: 05077-020. Tel.: 3836-9914 ou 3836-8527.

Internet: jornalimigrante@uol.com.br

24.

Título: REVISTA ;SALUDOS!

Colônia: espanhola

Ano de fundação: 2005

Periodicidade: bimestral

Tiragem: 5 mil exemplares

Distribuição: por assinatura e pelo correio

Formato: revista – colorida

Número de páginas: 50 (em média)

Idioma: português

Responsável: Raquel Marques (jornalista recém-formada)

Endereço da redação: Câmara Oficial de Comércio Espanhola no Brasil – Av. Engº Luís Carlos Berrini, 1681, 14º andar – São Paulo – CEP: 04571-011. Tel.: 5508-5959.

Internet: <http://www.ecco.org.br/>

25.

Título: DIRETÓRIO DA CÂMARA

Colônia: espanhola

Ano de fundação: não informado

Periodicidade: não informado

Tiragem: 2 mil

Distribuição: gratuita para associados e colaboradores, empresas da Espanha e do Brasil; Câmaras de Comércio estrangeiras estabelecidas no Brasil; Câmaras de Comércio Regionais na Espanha, Câmaras Espanholas de Comércio no Exterior; todo tipo de associações e entidades de classe no Brasil e na Espanha, etc.

Formato: revista - colorida

Número de páginas: não informado

Idioma: português

Responsável:

Endereço da redação: Câmara Oficial de Comércio Espanhola no Brasil – Av. Engº Luís Carlos Berrini, 1681, 14º andar – São Paulo – CEP: 04571-011. Tel.: 5508-5959.

Internet: <http://www.ecco.org.br>

26.

Título: REVISTA BRASIL ESPANHA

Colônia: espanhola

Ano de fundação: 2005

Periodicidade: trimestral

Tiragem: 10 mil exemplares

Distribuição: por assinatura e em pontos específicos — R\$ 9,00 o exemplar no Brasil e 3,50 € na Espanha

Formato: revista - colorida

Número de páginas: 40

Idioma: português e espanhol

Responsável: Lylían Loureiro (jornalista – MTB: 43199)

Endereço da redação: Rua Vergueiro, 3169 – São Paulo – CEP: 04101-100. Tel.: 6194 2829

Internet: <http://www.revistabrasilespanha.com.br/> / redacao@revistabrasilespanha.com.br

27.

Título: REVISTA AL URUBAT**Colônia:** mulçumana**Ano de fundação:** não informado**Periodicidade:** bimestral ou quadrimestral**Tiragem:** 5 mil exemplares**Distribuição:** gratuita na Mesquita (onde os mulçumamos retiram). Envia também pelo correio.**Formato:** revista – colorida**Número de páginas:** 30 páginas (em média)**Idioma:** português e árabe**Responsável:** Nazih Said Saadi**Endereço da redação:** Rua Barão de Jaguará, 632 Cambuci – SP. Tel:3399-2452**Internet:** mesquitadobrasil@hotmail.com

28.

Título: REVISTA CHAMS**Colônia:** árabe**Ano de fundação:** 1991**Periodicidade:** mensal**Tiragem:** 10 mil exemplares**Distribuição:** por assinatura e pelo correio**Formato:** revista – colorida**Número de páginas:** 48 páginas**Idioma:** português e árabe**Responsável:** Raul Tárek Fajuri (proprietário) e Rose de Almeida (Jornalista responsável – MTB 21807)**Endereço da redação:** Av. Brigadeiro Luis Antônio, 2050 conj.105 – CEP:1318-002. Tel: 3285-1311**Internet:** revistachams@uol.com.br

29.

Título: REVISTA SOL NASCENTE**Colônia:** judaica**Ano de fundação:** 1957**Periodicidade:** bimestral**Tiragem:** 8 mil exemplares**Distribuição:** via correio**Formato:** revista - colorida**Número de páginas:** depende da época**Idioma:** português**Responsável:** Saul Majet (diretor de redação)**Endereço da Redação:** R. S.Vicente de Paula, 276 – São Paulo. Tel:3826-7699**Internet:** revista nascente@hotmail.com

30

Título: TRIBUNA JUDAICA**Colônia:** judaica**Ano de fundação:** 1997**Periodicidade:** quinzenal**Tiragem:** 25 mil exemplares**Distribuição:** via correio

Formato: standard
Número de páginas: 16 a 20 páginas
Idioma: português
Responsável: Oscar Nimitz (jornalista responsável – não souberam informar MTB)
Endereço da redação: Rua Tanabi 299 – CEP 05002-020 – São Paulo. Tel:38713234.
Internet: tjudaica@uol.com.br

31.

Título: REVISTA SHALOM
Colônia: judaica
Ano de fundação: 1997
Periodicidade: semanal (aos domingos)
Tiragem: 10 mil exemplares
Distribuição: via correio – tem motoristas para assinantes.
Formato: revista – colorida
Número de páginas: de 32 a 48 páginas
Idioma: português
Responsável: Nesim Hamaoui (diretor e jornalista – não souberam informar o MTB)
Endereço da Redação: R. Luis Coelho,340 – conj. 31 – CEP: 01309-000 – São Paulo.
 Tel:3259-6211
Internet: não localizada

32

Título: DIÁRIO JOONG ANG
Colônia: coreana
Ano de Fundação: não souberam informar
Periodicidade: diário
Tiragem: não souberam informar
Distribuição: assinatura – tem motoristas
Formato: standard
Número de páginas: não souberam informar
Idioma: coreano
Responsável: não souberam informar
Endereço da redação: R. Joaquim Mutinho, 42 – São Paulo. Tel.: 33262522
Internet: não souberam informar
Obs.: A comunicação (via telefone) com este jornal foi muito difícil devido ao idioma. O atendente conseguia falar pouquíssimas palavras em português.

4. Outras considerações

Se por um lado verificamos, no item anterior, que o uso da Internet ainda é restrito e difícil para alguns jornais impressos, por outro, notamos que existe, atualmente, grande quantidade de sites voltados para colônias de estrangeiros em São Paulo. Tal contradição pode ser explicada pela capacidade de organização desses grupos, atualização e nível de educação de seus membros, abertura da colônia às novidades e poder aquisitivo de seus integrantes. Outro

fator que justifica a existência dessas páginas é o baixo custo de sua manutenção se comparada a um jornal impresso.

Da mesma maneira que verificamos no impresso, os sites possuem estrutura das mais diversas. Alguns revelam produção totalmente artesanal; outros indicam até que utilizam os serviços de um *web-designer* profissional. Sobre o idioma, verifica-se o mesmo procedimento: são escritos somente na língua vernácula, somente em português ou ainda mesclam os dois idiomas (português + de origem). Um aspecto interessante é que a maioria possui uma seção de links para jornais do país natal. Outro tipo de informação que é comum a todas as páginas verificadas, é uma lista com endereços oficiais: consulados, embaixadas etc.

Como exemplo destes sites, citamos: *El Guia Latino* (www.elguialatino.com.br), voltados, principalmente, para imigrantes argentinos, chilenos, mexicanos, peruanos e uruguaios que vivem em São Paulo; o *São Paulo Accueil* (www.saopauloaccueil.org.br), mantido por uma associação de francófonos da capital paulista; e o italiano *Ecco: A comunidade italiana Online* (www.ecco.com.br).

Futuro – Outro assunto que normalmente vem à tona quando o assunto é a imprensa imigrante é em relação ao seu futuro, ou seja, até quando estes jornais, em sua versão impressa, vão existir — ainda mais se levarmos em conta as facilidades de se criar e manter um site hoje em dia.

Esta não é uma pergunta fácil de ser respondida, nem está direta e exclusivamente ligada aos impressos voltados para colônias estrangeiras, mas aos impressos no geral, mesmo se levarmos em conta a questão da aculturação e assimilação: depois que estes processos aconteceram, para que se manter uma publicação?

No começo do século XX, Robert Park (1922, p.312 – Tradução nossa) dizia que era muito cedo para concluir que a imprensa de língua estrangeira nos Estados Unidos estava em permanente declínio ou beirava a extinção. E, de fato, tal extinção não se confirmou (citamos anteriormente o artigo do Observatório da Imprensa que fala da existência de 150 publicações para colônias de imigrantes só na cidade de Nova York, cujo número de leitores cresceu 30% desde 1992, atingindo 1,2 milhão de pessoas). Ernane Corrêa Rabelo (2002) também verificou em seu trabalho sobre a imprensa dos imigrantes brasileiros nos EUA que a hipótese de que a mídia étnica brasileira começava a dar sinais de desaparecimento, com a consolidação da

segunda geração de imigrantes no país, não foi confirmada. No próprio Brasil, como mostramos, permanece a existência, em números consideráveis, deste tipo de publicação.

O fato é que, ao nosso ver, este tipo de imprensa não acaba, porém, se transforma, como a própria sociedade, uma vez que é reflexo dela. Não acaba porque o próprio processo migratório, com todos os seus altos e baixos, é constante e eterno. Se, nos Estados Unidos, por exemplo, os primeiros imigrantes a chegar foram os europeus, hoje são os hispânicos, que representam 35 milhões de moradores do país²⁸ e, só em 2004, viram surgir 14 jornais hispânicos em todo país²⁹. O Japão, que nas décadas de 1980 e 1990 recebeu grande contingente de imigrantes brasileiros (os chamados dekasseguis), registrou a criação de vários impressos em língua portuguesa voltados para estes imigrantes, entre eles, segundo Urano (2002, p.27), o *Jornal International Press* (que surgiu em 1991 e tem tiragem atual de 60 mil exemplares), o *Jornal Tudo Bem*, *Folha Mundial*, *Nova Visão*, entre outros. Então estes jornais estão diretamente ligados aos fluxos de imigrantes que chegam no país? Sim, porém isso, como fator isolado, não é suficiente para sua criação. No Brasil, por exemplo, com a vinda de grandes empresas espanholas para o país a partir do ano 2000, e o processo de privatização do setor de telecomunicação, principalmente, muitos espanhóis vieram para cá, (conforme mostraremos, de forma mais detalhada no capítulo V, quando tratamos especificamente a imprensa e imigração espanhola). No entanto, o aumento do fluxo não foi suficiente para o surgimento de novas publicações, devido ao perfil deste imigrante, no geral, enviado por grandes empresas para ocupar cargos de direção e presidência, por tempo determinado. E, ainda com relação ao Brasil é preciso levar em consideração o fato de a televisão ser o veículo de maior penetração em todas as classes sociais. Isto está relacionado diretamente com a imprensa imigrante, especificamente, à TV a cabo, que permite que o estrangeiro assista ao canal de seu próprio país, simultaneamente a seus conterrâneos, e sem qualquer interrupção — atividade impensável na ocasião do surgimento dos jornais imigrantes brasileiros.

Dessa maneira, é que, para determinarmos se este tipo de mídia está ou não com os dias contados, é preciso levar em consideração não só o contexto imigratório ao qual ela se insere, mas também a que ela se propõe. Se, em seu início, tinha a função de trazer notícias da terra

²⁸ Fonte: US DEPARTMENT of State. Census Bureau Official says hispanics now are the nation's latest minority. Disponível em: <http://usinfo.state.gov/scv/Archive/2005/May/16-662659.html>. Acesso em: 11 fev.2007.

²⁹ Fonte: CASTILHO, Carlos. Alerta vermelho para veículos de papel. Observatório da Imprensa. [s.l.], 29 mar.2005. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=3225AI003>.

natal, hoje isso não se justifica, em especial, devido às novas tecnologias (Internet e TV a cabo); se tinha como função traduzir para o idioma da colônia o que estava acontecendo na comunidade, no Brasil e no mundo — bem como facilitar o ajustamento do estrangeiro no novo território —, isso também não cabe mais, uma vez que o processo de assimilação e aculturação dos imigrantes que chegaram há mais de um século já se concluiu e, muitas das gerações posteriores nem sequer dominam este idioma. Por outro lado, se a publicação se propõe a manter viva as tradições, culturas e preservar o idioma, o nacionalismo etc. e, por que não, trabalhar a prestação de serviços ao seu público leitor, ela pode sobreviver perfeitamente e por tempo indeterminado. Assim como se a proposta for manter vivos os laços de amizade entre os países envolvidos, unir os membros da colônia, contribuir para o ensino do idioma envolvido, ou mesmo, por meio destes veículos alcançar status e reconhecimento, não só entre os membros da colônia, mas também perante a sociedade receptora. É claro que o que acabamos de expor não se aplica a todos os tipos de imprensa estrangeira. É o que dissemos anteriormente: cada caso é um caso. Vimos por exemplo, que em comunidades fechadas de São Paulo, como a dos chineses ou coreanos, a proposta de tradução e de publicação de notícias da terra natal, se mantém perfeitamente, devido à dificuldade com o idioma português.

CAPÍTULO IV
SÃO PAULO, ‘UMA CASA PORTUGUESA, COM CERTEZA’:
IMPrensa E IMIGRAÇÃO LUSA

1. Imigração portuguesa: brevemente, do princípio aos dias de hoje

Não podes vel-os, amor, mas ha, agora, nas margens americanas do nosso oceano, milhares de homens com os braços estendidos para a Europa, porque em toda parte a vida do pobre é má. Há agora, milhões de homens vogando ao sabor dum destino inclemente, homens sem patria, que não encontraram patria na sua Patria e que não puderam fundar uma Patria no exilio. Andam famélicos e lívidos — cisco humanos que rola, rola, ante a porta, ainda por abrir, dum mundo melhor. São portugueses [...] (CASTRO, 1928, p. 08)¹.

Não se pode ter uma data exata do início da imigração portuguesa para terras brasileiras. Podemos considerar, por exemplo, que já as grandes expedições de Pedro Álvares Cabral (em 1500) e Martim Afonso de Souza (em 1530) — descobridor e colonizador oficiais do Brasil, respectivamente — eram integradas por portugueses². Entretanto, a grande corrente imigratória se deu no fim do século XIX até a década de 1960 do século XX. Segundo dados do Memorial do Imigrante³, entre 1870 a 1953 chegaram ao país 1.470.687 portugueses, o que fez do fluxo imigratório português para o Brasil, embora o maior no período colonial e primeiros anos pós-independência (1822), o segundo em importância numérica nos anos que realmente compreendem a grande corrente imigratória, perdendo para a quantidade de italianos que aqui se instalaram (também de acordo com números do Memorial, no mesmo período, 1.565.835 pessoas).

Apesar de todos os laços históricos que unem Brasil e Portugal, notamos que há pouca quantidade de trabalhos, livros e estudos que abordam especificamente a imigração portuguesa para o Brasil, ao contrário do que acontece, por exemplo, com os processos imigratórios italianos, japoneses e até alemães. Tal opinião é partilhada por autores como Eulália Maria Lahmeyer Lobo (2001, p.206): “É surpreendente a escassez de trabalhos

¹ Optamos por manter o idioma das epígrafes no original por se tratar, na maioria das vezes, de trechos literários ou de textos de caráter romântico ou poético.

² De acordo com Rodrigues (2003, p.4-5), a expedição de Pedro Álvares Cabral era composta de 1.500 homens. Já a de Martim Afonso de Souza trouxe cerca de 400 pessoas. Segundo o IBGE (2000), nos primeiros dois séculos de colonização vieram para o Brasil cerca de 100 mil portugueses. No século seguinte, foram registrados 600 mil — média de 10 mil imigrantes portugueses por ano.

³ Disponível em: <<http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br>>. Acesso em: 18 jul.2006.

históricos sobre a emigração, e quando esses surgem, são, na grande maioria, dedicados à emigração italiana e alemã”; Sônia Maria de Freitas (1999, p.31): “Imigração é um assunto pouco ou quase nunca abordado por nossos livros e é fundamental para compreendermos a história contemporânea de São Paulo e do Brasil”; e Maria Aparecida Macedo Pascal (2005, p.19): “A temática da imigração em São Paulo privilegiou os italianos, sendo que o mesmo não ocorreu com os portugueses”.

Sabe-se, entretanto, que os portugueses que migravam para o Brasil vinham de navios, os chamados “vapores” (na terceira ou última classe, a chamada “classe imigrante”) que saíam de Portugal ou até mesmo da região da Galícia (na Espanha, partindo do porto de Vigo, próximo às regiões portuguesas Minho e Douro).

Da época da mineração até meados do século XIX, a maioria dos imigrantes portugueses que vieram para o Brasil era da província do Minho, na região Norte de Portugal. Posteriormente começaram a vir imigrantes de outras províncias: Trás-os-Montes, Douro, Beira Alta, Beira Litoral, dos distritos do Porto, Braga, Viana do Castelo, Vila Real, Vizeu, Bragança, Leiria, Aveiro, Coimbra (RODRIGUES, 2003, p.15).

Ou nas palavras de Lahmeyer Lobo (2001, p.21):

O emigrante português era [...] sobretudo das regiões de Aveiro, Braga, Porto, Coimbra, Guarda, Viana do Castelo, Vila Real, Vizeu (Minho, Douro, Beira Alta, Beira Litoral). O Porto ocupava o primeiro lugar na origem dos emigrantes, entre 1866 e 1898, de 1911 a 1913 este lugar coube a Vizeu, seguido de Bragança.

Portugal e Brasil têm suas justificativas para a imigração. De um lado, o fato de Portugal viver uma difícil situação econômica com falta de oportunidades de trabalho (agravada especialmente com a crise vinícola do norte do país em 1886 — na época mais de 60% da população economicamente ativa portuguesa era agrícola); de outro, o Brasil, com a abolição da escravatura em 1888 e a necessidade de trabalhadores livres (tanto para o campo como para as cidades) podem ser apontados como os principais fatores que criavam uma conjuntura favorável à migração portuguesa para cá. Mas há outros:

Deve-se considerar que, além de o Brasil oferecer as vantagens da mesma língua e religião, os salários eram mais altos no Rio de Janeiro e em São Paulo (os dois mercados de mão-de-obra mais dinâmicos do Brasil) do que em Portugal. A dificuldade de acesso à terra, a limitada oportunidade de trabalho urbano, em virtude do lento processo de instalação do capitalismo, a precária condição de vida e de saúde pública, o risco do serviço militar no país natal [...] faziam o emigrante arrostar a exploração nos preços das passagens, os riscos da travessia do oceano em condições de falta de higiene, espaço e alimentação adequados, os abusos dos agentes e companhias de engajamento nos preços do transporte e nos contratos de trabalho, a dificuldade de controle do cumprimento das

leis e contratos no Brasil, pelos cônsules portugueses. No caso da migração clandestina, os riscos e abusos ainda eram maiores (LAHMEYER LOBO, 2001, p.19).

Não esquecemos ainda os aspectos culturais semelhantes aos dois países — o que facilitava ainda mais a adaptação — e, conforme lembra Pascal (2005, p.237), a existência de todo um imaginário social que, desde os tempos coloniais, construía o Brasil como uma “terra de facilidades e abundância”.

O imigrante português que chegou ao Brasil a partir de 1888 até por volta de 1920 era o homem camponês (nesta época os profissionais liberais e artistas representavam proporção ínfima do total de migrantes), jovem (cerca de 20% dos emigrantes legais tinham 14 anos ou menos⁴) e católico. Tal perfil pode ser explicado, em parte, pelo fato de que o governo português se recusava a subsidiar a imigração, como faziam o da Espanha e da Itália, por exemplo. Conseqüência disso é que, ao contrário do imigrante subsidiado que costumava trazer a família, o português, em sua maioria, vinha só (a situação só começou a mudar a partir de 1910). Grande parte deles tinha como perspectiva trabalhar no Brasil por uns anos, juntar dinheiro e voltar em uma situação confortável para a família e a terra natal.

A grande maioria dos imigrantes chegou sozinha. Aventureiros sem medo do que os esperava na nova terra, pegavam os vapores em Portugal, na Espanha ou onde quer que estivessem, com o mínimo possível: a roupa do corpo, algumas trocas, um pouco de dinheiro, a esperança e a saudade debatendo-se no peito. Aportavam em Santos dispostos a vencer, não importava o preço que tivessem que pagar (BLASQUES; GIUFFRIDA. 1994, p.81)

Entre 1910 e 1914, a entrada de mulheres portuguesas no país praticamente duplicou. Na primeira década alcançava 25% das entradas e no início da segunda atingiu 35% e 40%. A imigração, até então individualista e masculina, passava a ser contínua e familiar (PASCAL, 2005, p.85).

Vale destacar que essa resistência do governo português em estimular a emigração era muito contraditória. Se por um lado os governantes lusitanos acreditavam que a emigração prejudicava a introdução do capitalismo no país, dificultando a proletarização do camponês⁵, por outro, sabiam que era vantajosa para o tesouro, uma vez que as remessas de dinheiro

⁴ Depoimentos de famílias de emigrantes justificam o envio de seus filhos para tentar a sorte por conta própria como uma forma de diminuir a despesa e de obter um seguro para o futuro quando o emigrante enriquecido retornaria à terra natal e poderia servir de arrimo aos pais (LAHMEYER LOBO, 2001, p.22).

⁵ Conforme explica Lahmeyer Lobo (2001, p.19), o governo tentou desencorajar a emigração, até mesmo mandando párocos lerem nas igrejas listas de portugueses mortos no Brasil e analisarem os malefícios da emigração. A iniciativa não teve êxito, continuando a crescer a emigração que alcançou um auge nas vésperas da Primeira Guerra Mundial.

feitas por seus cidadãos que moravam no Brasil para as famílias que tinham ficado no país representavam para a economia portuguesa um importante aporte de divisas.

Como o governo português não apresentava saídas concretas para os problemas estruturais do país, não oferecendo trabalho e boas condições sociais a toda população, tentava conciliar interesses e buscar equilíbrio. O governo dependia das remessas dos imigrantes do Brasil, mas temia prejudicar os interesses da elite latifundiária, que necessitava dessa mão-de-obra. Portanto, ora restringia, ora tolerava a emigração (PASCAL, 2005, p.67).

Alguns imigrantes vinham legalmente, já com contatos prévios estabelecidos por familiares e amigos⁶. Outros emigravam de forma ilegal⁷, sem garantias — o que fazia da emigração clandestina um dos negócios mais lucrativos da época explorados por agenciadores europeus, ou seja: sem passaportes ou com passaportes falsos ou ainda entregando-se nas mãos dos comandantes dos navios.

Muitos fretadores aventureiros, aproveitando-se da demanda, improvisaram cargueiros, lotando os porões com imigrantes em condições totalmente desumanas, sem alimentação fresca, ventilação ou assistência médica (FREITAS, 2006, p.48).

No caso dos imigrantes ilegais, segundo Macedo (2005, p.61), havia a conivência de autoridades portuguesas que “ignoravam” o falso documento; já em relação aos clandestinos, a situação era mais arriscada e complicada. Os imigrantes embarcavam escondidos nos vapores, eram descobertos durante a viagem pelos funcionários do navio e, de acordo com Rodrigues (2003, p.15), “nos portos brasileiros ficavam retidos até que algum patrão pagasse sua passagem, em troca de um contrato em que o imigrante se comprometia a trabalhar durante um certo tempo, para ressarcir as despesas”.

Os imigrantes portugueses deste período que aqui chegavam exerciam profissões como carregadores no porto, vendedores ambulantes, sapateiros, pescadores, agricultores, carvoeiros, leiteiros etc. Ou, como explica Rodrigues (2003, p.16): “alguns vieram para trabalhar em lojas ou armazéns, de comerciantes portugueses aqui já estabelecidos”. Muitos deles eram analfabetos. De acordo com Kawai (1980, p.159), dos 275.257 portugueses que chegaram ao Brasil entre 1908 a 1936, 242.657 tinham mais de sete anos e, destes, 125.619 eram analfabetos, ou seja, 51,8%.

⁶ Em determinadas épocas, a Junta Emigratória do Ministério do Interior português (criada em 1947) exigia que o candidato tivesse uma “carta de chamada” (fornecidas por parentes ou amigos já estabelecidos no Brasil que se responsabilizavam pelo imigrante por determinado período) ou um contrato de trabalho, o que evitava abusos e um alto índice de retorno, muitas vezes bancado pelo próprio governo português no processo de repatriação.

⁷ A emigração clandestina no início do século XX era computada em 1/3 da registrada.

Com a queda da Monarquia em Portugal, em 1910, até alguns portugueses em boa situação financeira migraram para o Brasil e aplicaram seu capital na compra de imóveis, estabelecimentos comerciais e implantação de indústrias.

[Esses] portugueses ocupavam posição de destaque na indústria, no comércio por atacado e a varejo, nos bancos; representavam um mercado consumidor considerável para os artigos de exportação lusos, constituíam parte importante da mão-de-obra rural e urbana de algumas regiões do Brasil e eram grandes proprietários de imóveis, sobretudo urbanos (LAHMEYER LOBO, 2001, p.34).

De um jeito ou de outro, o fato é que entre 1891 e 1900, a imigração total para o Brasil foi de 627.393 e a portuguesa de 202.429; entre 1875 a 1890 entraram no Brasil cerca de 270 mil portugueses e entre 1890 a 1907, aproximadamente 400 mil⁸. Até 1913, o número continuou elevado, com cerca de 80 mil portugueses por ano decaindo drasticamente em 1914, devido a Primeira Guerra Mundial.

De 1908 a 1922, a emigração portuguesa para o Brasil foi de 469.172, muito acima da espanhola, que ocupava o segundo lugar com 240.260 e da italiana, com 197.770. De 1908 a 1927, a imigração lusa (592.113 indivíduos) representava 36% do total, a espanhola (287.727) 18% e a italiana (255.684) 16% (LAHMEYER LOBO, 2001, p.44).

A Primeira Guerra e, em seguida, a crise econômica mundial de 1929 causaram queda no fluxo migratório de todas as nacionalidades para todas as partes do mundo. No Brasil, este último acontecimento fez com que o governo nacional restringisse quase que por completo a imigração, em especial devido à crise do café. Já Portugal, nesse período, teve sua vida política marcada por uma série de acontecimentos: desde 1910, com a proclamação da república, até 1926, quando ocorre o golpe que derruba a democracia e instala a era António de Oliveira Salazar.

Houve crises periódicas de desemprego em 1933 e 1938. As condições de vida dos trabalhadores rurais eram precárias: jornadas de até doze horas, alimentação insuficiente, habitação de chão de terra e telha-vã ou de colmo.

[...] Havia, portanto, fatores de expulsão do campo para a cidade e para o exterior. O crescimento inadequado limitava a atração dos centros urbanos. A alternativa de emigração era, em geral, preferida, mas foi dificultada pela depressão econômica mundial

⁸ LAHMEYER LOBO, 2001, p.24.

de 1929 a 1933-1934 e, no caso do Brasil, principal nação de destino, pela política antiemigratória de Vargas⁹ (LAHMEYER LOBO, 2001, p.174).

Dessa maneira, o número de imigrantes portugueses que chegavam aqui, variava de acordo com a situação política-econômica do momento. De acordo com Maria Eulália Lahmeyer Lobo (2001, p.180), entre 1926 e 1930 o Brasil recebeu uma média de 33.519 portugueses; entre 1931 e 1935: 7.492 (média). Segundo Freitas (2006, p.69), a baixa desse período se justifica pela política migratória brasileira adotada por Getúlio Vargas. Nas palavras da autora: “O governo federal impôs severas restrições à entrada de estrangeiros e incentivou a migração de brasileiros de outras regiões do Brasil para São Paulo”. E, voltando aos números de Lahmeyer Lobo (2001, p.180), entre 1936 a 1940 foram registradas a entrada de 8.849 portugueses no Brasil. Após 1941, o número caiu ao mais baixo desde 1866, para 3.800 (média), devido à Segunda Guerra Mundial.

Com o término da guerra, a quantidade de imigrantes portugueses voltou a subir, porém, não mais como no passado — o número era menos significativo, embora permanecesse elevado. Entre 1946 a 1950, 12.214 portugueses entraram no país.

Nesse período, o retorno de Vargas como presidente eleito do Brasil [diferente do primeiro governo] reabriu a aproximação luso-brasileira [...], favorecida pelo clima de expansão econômica dos anos cinquenta, da instalação da infra-estrutura, do fortalecimento e criação de empresas estatais que iriam resolver os pontos de estrangulamento da industrialização e fortalecer o nacionalismo. Kubitschek também estimulou a emigração portuguesa para o Brasil, julgando que o desenvolvimento do país permitia absorvê-la (LAHMEYER LOBO, 2001, p.215).

A partir de 1960, os números caem ainda mais — entre 1960 e 1969, 74.129 portugueses chegaram ao Brasil, segundo números do Memorial do Imigrante¹⁰. Neste período, vemos que o português que vem para cá, atraído principalmente, pela promessa do “milagre econômico” brasileiro tem características muito diferentes do imigrante das épocas anteriores.

São profissionais que vêm desenvolver atividades específicas, empreendedores que abrem seus próprios negócios ou jovens universitários, que contrários à política de Portugal em suas colônias africanas, preferem abandonar o país a servir o exército nas colônias

⁹ A política migratória de Vargas visava restringir a entrada de estrangeiros no Brasil e limitar suas atividades profissionais, reduzindo a concorrência no mercado de trabalho interno. Dessa maneira, o governo estabelecia cotas para a imigração, limitava os direitos dos imigrantes e chegou a proibir o ensino do idioma por estrangeiros em núcleos coloniais e a circulação de jornais e revistas feitos em língua estrangeiras, o que ele considerava uma ameaça à preservação da nacionalidade. Segundo Lahmeyer Lobo (2001, p.175), “essa política foi gradualmente sendo abolida em relação a Portugal, possivelmente por necessidade de reforçar a etnia luso-brasileira em face a estrangeiros de outras nacionalidades, ou por afinidade entre os dos Estados Novos”.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br>>. Acesso em: 18 jul.2006.

portuguesas da África, onde as guerras pela independência eclodiram em 1961 (RODRIGUES, 2003, p.18).

O Brasil, ao atingir certo grau de acumulação capitalista e de desenvolvimento, já não necessita de um fluxo de mão-de-obra indiferenciada; precisa de técnicos, quadros médios e operários qualificados. A partir da década de 1960, o país não requer comerciantes, operários sem qualificação, artesãos, ex-agricultores. Os últimos, que eram anteriormente bem-vindos, tornaram-se econômica e socialmente não rentáveis, seja porque aumentam excessivamente o setor terciário, seja por que engrossam as camadas sociais marginais e o subproletariado (LAHMEYER LOBO, 2001, p.231).

Na década de 1970, o número mais significativo de imigrantes portugueses que entraram no Brasil se dá entre 1974 e 1977, quando, segundo Rodrigues (2003, p.18), chegaram 100 mil indivíduos. Esta quantidade pode ser explicada pela conhecida Revolução dos Cravos, que colocou fim ao regime ditatorial salazarista. Além de exilados políticos e a exemplo do período anterior, essa nova leva de imigrantes portugueses se diferenciava por sua alta qualificação¹¹.

A imigração portuguesa desse período constitui-se de famílias cujo chefe ou casal tinha entre os 30 e 50 anos e geralmente possuíam boa qualificação profissional e cultural. Eram empresários, executivos, advogados, economistas, comerciantes e industriais (RODRIGUES, 2003, p.18).

Entretanto, desses, conforme indica Lahmeyer Lobo (2001, p.239-240), mais de 80% retornaram a Portugal depois da Revolução lusitana quando a expectativa de ganhos com o “milagre econômico” brasileiro — a essa altura, já em plena crise — não se concretizou.

O que se vê, a partir de então, são números pequenos de imigrantes vindos de Portugal que chegam, muitas vezes só a turismo, trabalho temporário, ou seja, não se estabelecem aqui. Entre 1981 e 1991, segundo o IBGE, a média de entrada por ano foi de 400 portugueses¹². Há apenas algum aumento, um pouco mais significativo, quando alguma grande empresa portuguesa se instala no Brasil (por exemplo, em 1994, na ocasião da chegada da Portugal Telecom). Mas nada que altere muito o quadro que se percebe desde os anos de 1980.

Para Rodrigues (2003, p.19), eles vêm “de Lisboa e da região Norte do país, os homens continuam a ser a maioria, com idades entre 15 e 40 anos”. Além disso, nos últimos anos, o fluxo se inverteu com a ida de brasileiros para Portugal em busca de emprego, melhores condições de vida especialmente após a oficialização da União Européia. Soma-se a isso o

¹¹ Segundo Conde (apud LAHMEYER LOBO, 2001, p.239), em 1975, dos 11 mil portugueses que se instalaram no Rio de Janeiro, 29% com mais de 18 anos declararam ter nível superior.

¹² Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/brasil500/index2.html>>. Acesso em: 20 jul.2006.

declínio dos índices de fecundidade que intensificou o processo de envelhecimento da população lusitana, diminuindo ainda mais os candidatos à emigração.

O longo período de recessão econômica, que sucedeu ao milagre e que ainda se prolonga hoje, foi naturalmente desfavorável à imigração para o Brasil a braços com o desemprego, a estagnação da taxa de crescimento da população, a inflação, o desequilíbrio orçamentário, a perda do poder aquisitivo dos assalariados. As décadas de oitenta e noventa foram propícias à emigração dos brasileiros para Portugal (LAHMEYER LOBO, 2001, p. 239-240).

Nos últimos cinco anos, o número de brasileiros residentes em Portugal subiu de 20 mil para 40 mil. A maioria é composta por jovens adultos, de boa qualificação profissional e grau de escolaridade. Uma parte é de profissionais liberais. Outros trabalham por conta própria como empresários da indústria, comércio e serviços. Foram atraídos pela facilidade proporcionada pela mesma língua e pelas novas condições econômicas de Portugal, favorecido pela sua inclusão na Comunidade Europeia (RODRIGUES, 2003, p.45).

No balanço geral, temos que de 1900 a 1967, o Brasil foi o país que mais emigrantes portugueses recebeu, 54% do total, seguido da França (16,4%) e dos Estados Unidos (10,9%). Vindos desde o início da colonização, o Brasil foi importante para os portugueses até a segunda metade do século XX. A partir do fim da década de 1960, as saídas para o território brasileiro diminuíram gradativamente, tornando-se insignificantes na atualidade.

Nos dados estatísticos da população das comunidades portuguesas do mundo, de 1983, o Brasil e os Estados Unidos figuram em primeiro lugar, com 1.500.000 habitantes, seguido pela França, com 900.000, pela África do Sul com 600.000 e pela Venezuela, com 500.000. Em 1940, o número de estrangeiros no Brasil era de 1.103.888, e o de portugueses, de 354.311, 27% do total.

[...] Os portugueses, em São Paulo, atingiam a cifra de 155.220, sendo superados apenas pelos italianos, com 213.091 [o que significava 44% da comunidade portuguesa do país] (LAHMEYER LOBO, 2001, p.231-232).

Hoje, a emigração portuguesa está bastante reduzida, com saídas direcionadas quase exclusivamente para a Suíça. Já os portugueses residentes na Alemanha retornam por causa da discriminação racial.

No Brasil, muitos morreram, outros têm regressado, o que coloca a ex-Colônia em vias de perder o primeiro lugar no ranking das maiores comunidades lusitanas para a França e Alemanha, onde residem um milhão de portugueses atualmente (HENRIQUES, 1994, p.63).

São Paulo - Os imigrantes portugueses que chegaram no Brasil no fim do século XIX fixaram-se, especialmente, em Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Pará, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em menor número, foram para outros Estados. Porém, o contingente maior

dirigiu-se para São Paulo e Rio de Janeiro, onde se concentrou¹³, principalmente, a partir do século XX. Segundo Eulália Maria Lahmeyer Lobo (2001, p.24), “da emigração total para o Brasil em 1900 (40.300 indivíduos), 22.802 (ou seja, 56,5%) iam para São Paulo e 13.804 (34,2%) para o Rio”. Ondina Antonio Rodrigues (2003, p.17) afirma que só na cidade do Rio de Janeiro entre 1903 e 1905, o número de portugueses correspondia a um terço da população.

No entanto, índices econômicos (impulsionados especialmente pelo ciclo do café) de 1907 a 1920 mostram que São Paulo superou o Distrito Federal (na época, o Rio) como centro industrial do país. Tais números, obviamente, refletiram no fluxo imigratório para o Estado paulista.

Até 1850, a Província de São Paulo permaneceu isolada e pobre, condições que dificultavam seu desenvolvimento. Esta situação só seria alterada com o crescimento da lavoura cafeeira, o início da industrialização, o incremento das estradas de ferro e o aumento da imigração de trabalhadores europeus, entre eles os portugueses (RODRIGUES, 2003, p.23).

Segundo o censo de 1893, realizado na cidade de São Paulo, 54,6% da população da capital era estrangeira, e dos 10.241 artesãos (incluídos os de construção civil), 85,51% tinham nascido no exterior.

[...] Segundo os dados da Diretoria-Geral de Estatística, em 1900, 92% dos operários industriais paulistas eram estrangeiros, dos quais 81% italianos (LAHMEYER LOBO, 2001, p. 42-43).

Flávio Rabelo Versiani (apud LAHMEYER LOBO, 2001, p.45) argumenta que o diferencial de remuneração rural-urbano era significativamente menor em São Paulo do que no Rio de Janeiro assim como o diferencial entre o salário do trabalhador qualificado e o do não qualificado, e que tal vantagem decorreria da maior disponibilidade de mão-de-obra imigrante na capital do Estado. Este seria fator central do crescimento relativo mais alto da indústria paulista.

Em São Paulo, a proporção de trabalhadores imigrantes na indústria era de cerca de 11% em 1872; desse ano até 1900 aumentou consideravelmente, atingindo quase 60% de imigrantes da primeira geração. (LAHMEYER LOBO, 2001, p.45)

¹³ Motivos econômicos, em especial, motivaram a concentração de imigrantes no Rio em São Paulo — Estados mais desenvolvidos, industrialmente, comercialmente e culturalmente. No Nordeste, a economia açucareira estava em declínio há muito tempo, bem como o cultivo do algodão e a tecelagem no Maranhão. No Norte, o ciclo da borracha teve curta duração. O Centro-Oeste na época era despovoado e sua agricultura, restrita ao extrativismo, não atraía mão-de-obra estrangeira. No Sul, predominava o trabalho dos imigrantes alemães.

Soma-se a isso, as políticas imigratórias que o governo brasileiro¹⁴ tomava a favor dos fazendeiros paulistas para atrair imigrantes para trabalhar na lavoura de café. Três delas ficaram muito conhecidas: o Sistema de Parcerias, a Imigração Subvencionada e o Colonato.

- Sistema de parcerias: introduzido pelo senador Vergueiro em sua fazenda, a Ibicaba, localizada em Limeira (interior de SP), a partir de 1840. Um acordo entre o dono da fazenda e o governo rendia aos imigrantes o adiantamento das despesas com a viagem, alimentação e equipamentos agrícolas. Esses gastos, porém, seriam reembolsados aos fazendeiros com juros pelo trabalhador. Chegando na fazenda, cada imigrante ou família teria que cuidar de determinado número de pés de café. Alguns recebiam também uma área para cultivar gêneros de primeira necessidade. Fracassou em função do endividamento desses trabalhadores e conflitos com os fazendeiros.
- Imigração Subvencionada: implantada a partir de 1871, a idéia foi baseada na anterior, porém, incluía a hospedagem¹⁵ e o transporte dos imigrantes para as fazendas. Além disso, o governo ficava responsável por fazer propagandas na Europa e no Japão para atrair imigrantes para as lavouras.
- Colonato: iniciado no fim dos anos de 1880. A família de imigrantes recebia dois tipos de remuneração: uma de acordo com o número de pés de café que lhe fora atribuído; outra de acordo com a quantidade de grãos obtidos na colheita. O fazendeiro cedia moradia e uma área para plantar alimentos.

Vale destacar que todos eles proporcionavam baixa-remuneração e, devido aos subsídios (passagem, moradia, alimentação, hospedagem etc.) causavam o endividamento do imigrante (não só do português, mas de todas as outras nacionalidades), que chegava a trabalhar em regime de semi-escravidão. Poucos foram os estrangeiros que encontraram brechas nos sistema para realizar o sonho de ter a própria terra.

¹⁴ Sônia Maria de Freitas (2006, p.59) explica que embora tenha sido estimulada por uma série de medidas dos governos federal e estadual, “a imigração para São Paulo foi, sobretudo, um empreendimento da iniciativa privada, na medida em que os cafeicultores do velho e do novo Oeste Paulista necessitavam de braços para a cultura do café, lucrativa e em franca expansão”.

¹⁵ A partir de 1885, os imigrantes recém-chegados eram levados para a Hospedaria do Imigrante, construída no bairro do Brás, pelo governo da então província de São Paulo. O prédio, atualmente, abriga o Memorial do Imigrante. Nas palavras de Rodrigues (2003, p.30): “Projetada para abrigar 3.000 imigrantes, em ocasiões especiais, chegou a receber mais de 8.000 de uma só vez. Na hospedaria, onde podiam permanecer por até 8 dias, eram alojados em amplos dormitórios coletivos, faziam três refeições diárias e recebiam assistência médica e odontológica”. E, de acordo com Freitas (2006, p.61), os próprios fazendeiros também freqüentavam a Hospedaria a fim de contratar os trabalhadores.

O governo paulistano, ansioso pelo progresso do Estado e carecido de braços, oferecera facilidades, prometendo o possível, não só áquelas, mas a muitas centenas, a muitos milhares de famílias que quisessem ir fecundar a terra virgem. Os seus agentes, porém, cumpriram o mandato com excessivo zelo e onde havia uma promessa, modesta e exequível, ergueram para melhor fascinação, utópicos palácios de oiro e insinuaram, aos ouvidos ingênuos, opulências que eram de fácil conquista, desde que se demandasse S.Paulo. O governo dar-lhes-ia grandes lotes de terra — terra que seria para sempre deles, terra em mui pouco tempo se converteria em fortuna (CASTRO, 1928, p.135).

Ao contrário dos italianos, cuja maioria foi para as lavouras de café, os portugueses se concentraram nas áreas urbanas — aliás, esta é uma das características principais da migração portuguesa para São Paulo.

Embora alguns tenham se dedicado à lavoura de café, o destaque da corrente portuguesa foi a fixação nas cidades em atividades do comércio e indústria (PASCAL, 2005, p.31).

E, uma vez localizados nas cidades, eram destinados às atividades urbanas e comerciais, principalmente, ambicionando o trabalho autônomo — que algumas vezes se concretizava associado a parentes ou conterrâneos — e também fazendo uso do trabalho infantil¹⁶.

O comércio de gêneros perecíveis era explorado pelos portugueses. Muitas dessas mercadorias eram produzidas por mulheres portuguesas em chácaras ao redor da cidade [de São Paulo], sendo que os excedentes negociados geravam pecúlios que se transformavam em pequenos negócios familiares.

[...] Negócios de pequeno e médio porte, tais como mercearias, bares, padarias, casas de chá e restaurantes, ofereciam oportunidades de crescimento econômico. Familiares recém-chegados trabalhavam durante meses nesses negócios, sendo intensa a exploração de parentes e compatriotas.

Algumas profissões eram quase monopólio de imigrantes portugueses: padeiros, carroceiros, motorneiros, caixeiros e trabalhos em obras públicas (PASCAL, 2005, p.24).

De acordo com Lahmeyer Lobo (2001, p.44), em 1920, dos 30 milhões de habitantes do Brasil, 1.565.961 eram estrangeiros, dos quais 433.567 portugueses; destes, 64.687 viviam em São Paulo.

O grande movimento imigratório de portugueses em São Paulo deu-se entre os anos de 1884 e 1936. Desembarcados no porto de Santos, [...] deram entrada na Hospedaria dos Imigrantes, localizada no Brás, indo em seguida para o interior do Estado, fixando-se em cidades, como: Piracicaba, São José do Rio Preto, Jaboticabal, Araraquara, Monte Mor, Mogi-Guaçu, Campinas, Santa Bárbara D'Oeste, Amparo, entre outras. Muitos se estabeleceram em Santos e São Vicente [...]. Formaram colônias como, por exemplo, Nova Louzã, situadas a poucos quilômetros da Capital, ou foram para núcleos coloniais no interior do Estado (RODRIGUES, 2003, p.24).

¹⁶ Registros mostram que era comum encontrar crianças a partir de oito anos trabalhando como engraxates, vendedores de jornais e alimentos pelas ruas, aprendizes de padarias, auxiliares de mercearias etc.

Assim, a cidade de São Paulo na virada do século XIX foi centro de inúmeras transformações relacionadas à expansão econômica do café, à industrialização e ao fim do trabalho escravo e à entrada de correntes imigratórias. Maria Aparecida Macedo Pascal (2005, p.38) argumenta que, por esses motivos, aliados “a práticas urbanísticas européias, em virtude do desenvolvimento capitalista industrial” a cidade já privilegiava e segregava sua população por meio da reordenação dos espaços urbanos.

Bairros como Brás, Pari, Mooca, Bexiga, Ipiranga, Bom Retiro, Barra Funda e Água Branca abrigaram habitações degradadas, entremeadas por chaminés de fábricas que cruzavam várzeas pantanosas e inundáveis.

Os becos, vilas e cortiços eram ocupados pela população pobre, operária, despossuídos e marginalizados, nacionais e imigrantes. As colinas, as alamedas e os espigão da Paulista, lembrando as cidades-jardins inglesas eram onde residiam as elites com seus palacetes ajardinados [...] (PASCAL, 2005, p.39-40)

Por volta de 1935, a capital paulista concentrava a maioria dos portugueses no país. Números citados por Rodrigues (2003, p.25) mostram que nesta época a cidade tinha pouco mais de um milhão de habitantes; destes, cerca de 80 mil eram portugueses. Na década de 1940, cerca de 40% do total da população de São Paulo era de portugueses.

Habitavam em diversas áreas da cidade, principalmente nos bairros da zona Norte e Leste que, nas décadas de 1940 e 1950, tinham aluguéis mais baratos: Canindé, Vila Maria, Penha, Vila Matilde e arredores. Muitos viveram na Vila Gumercindo e Vila Mariana e, em menor número, em outros bairros como: Bela Vista, Brás, Mooca, Bom Retiro e Barra Funda (RODRIGUES, 2003, p.26)¹⁷.

Mas não foi somente nos aspectos urbanos que São Paulo sentiu a presença dos imigrantes estrangeiros. Novos hábitos alimentares, culturais e religiosos surgiram com todas as colônias e, no caso dos portugueses, diferentes oportunidades de negócios e trabalhos, até então desconhecidas da grande parte da população, surgiram:

O pequeno comércio ambulante de gêneros perecíveis era explorado pelos portugueses, que utilizando carroças de madeira vendiam, de porta em porta ovos, verduras, flores, aves, peixe, leite de cabra ou de vaca, pão, cebola, batata e frutas baratas. (PASCAL, 2005, p.118)

¹⁷ No caso dessa concentração de imigrantes por bairro, entretanto, é importante destacar que com relação aos portugueses não há bairros que abrigam tradicionalmente uma colônia, como por exemplo o italiano Bixiga ou a oriental Liberdade. Um dos motivos para explicar tal falta de “personalidade” essencialmente lusitana nos bairros paulistas se relaciona às formas de inserção dos portugueses — diferenciadas das demais correntes imigratórias, já que estes se misturavam aos nacionais pela facilidade da língua e tradições culturais.

Outra mudança provocada pelos imigrantes na cidade relevante (apontada por vários autores) é a influência deles no movimento operário paulista, no qual se constata ampla presença de estrangeiros e suas associações, tanto na base como na liderança.

A presença significativa dos portugueses no movimento operário e as retaliações sofridas por esses imigrantes tornam evidentes sua participação nas lutas sociais em São Paulo. Quando se verifica que, entre 1890 e 1913, ocorreram quinze registros de greve entre carroceiros, estivadores, ferroviários, alfaiates e carpinteiros, categorias nas quais o contingente de portugueses era elevado, confirma-se a tese de que a participação por melhorias salariais e lutas sociais era expressiva (PASCAL, 2005, p.134).

2. Identidade e as comunidades portuguesas de São Paulo

Em breve, quási todos os recém-chegados colonos cercavam o recinto, assistindo, comprazidos, à refeição dos novos camaradas trabalhadores [também moradores da fazenda de café]. E quando ela terminou, lá fôram todos, em franca simpatia, acompanhá-los até casa, para lhes ensinar a arrumar as rêdes e a nelas se deitarem sem receio de trambulhão (CASTRO, 1928, p.155).

2.1 – Elementos da identidade portuguesa no Brasil

Saudade, espírito aventureiro e trabalho. É raro não encontrar um autor que, ao abordar o assunto “identidade portuguesa”, não mencione estes três elementos. Na verdade, são estas características que permeiam o perfil e a memória coletiva dos imigrantes portugueses que vieram para o Brasil, em especial, durante o grande fluxo migratório (do fim do século XIX até 1960). São elas que vão dar o caráter e a forma da aculturação e da assimilação do povo português no território brasileiro, além de servirem como fonte de pertencimento e, acima de tudo, de reconhecimento. Procuramos não nos deter muito na descrição desses três fatores. Porém, julgamos importante destacá-los por estarem intimamente ligados com a formação das chamadas comunidades ou colônias portuguesas que nos interessa neste trabalho, uma vez que estas se mostrarem peças chaves na produção de jornais, revistas e boletins, com a maioria dos títulos ligado a alguma entidade e/ou associação.

Costuma-se dizer que o português sente saudades de tudo, até mesmo daquilo que não foi. Este imaginário social está intimamente ligado ao espírito aventureiro que remete ao período das grandes navegações. Segundo Sciarretta (1994, p.162), a saudade é a manifestação de uma

cultura construída sobre a grandiosidade do Império Colonial, “um passado vivo na memória de um povo que sofre a sua decadência”.

A saudade é vista como elemento essencial do caráter português que integra a memória coletiva que se alimenta do imaginário social, passando pelos descobrimentos, a emigração e a separação da família pelo mundo, sendo enraizadas novamente pela ‘reinvenção da memória coletiva da saudade’.

[...] O Portugal mítico das grandes viagens marítimas foi reinventando o orgulho patriótico e o pertencimento lusitano. A identidade portuguesa, sob o enfoque de outra interpretação, não ressaltava o conteúdo e sim a forma da identidade, constituída pela zona fronteira (PASCAL, 2005, p.86).

[Os portugueses] são povo marítimo, quase desterrado pela geografia montanhosa e pelo clima seco que fizeram sua agricultura tão insípida. Deste destino escaparam lançando-se ao mar, buscando realizar-se além das ondas que fustigam o Cabo de São Vicente. Mas tal busca, mesmo que encerrada, nunca se basta. Resta sempre uma incompletude, uma satisfação a preencher, um *não-sei-quê* que torna os portugueses seres enigmáticos e incompreendidos, apesar de sua conhecida facilidade em mesclar-se à cultura dos locais onde aportam (OLIVEIRA, 2003, p.40).

A música (em especial o fado¹⁸), a literatura (de Camões a Pessoa — que leitor nunca sofreu com a saga de Inês de Castro), ou o próprio termo saudade (que pensou-se por muitos anos ser exclusivo da língua portuguesa) mostram a todo momento esta identidade portuguesa, ou seja, a saudade como um dogma nacional. “Um sentimento de orgulho pelo passado e uma recompensa pelos desabores que o presente reservava” (SCIARRETA, 1994, p.162).

Já o trabalho, outro elemento construtivo e constitutivo da identidade portuguesa, sempre foi visto por esses imigrantes como forma possível enriquecimento¹⁹. Por meio do trabalho duro e intenso (com privações de lazer e descanso), de aplicação do dinheiro e sacrificante economia, o imigrante português sonhava com o retorno. Fazer fortuna no Brasil e voltar: esse era o objetivo principal daqueles que aqui chegavam. Soma-se a isso o imaginário que as pessoas tinham, desde a época do descobrimento, de que o Brasil era uma terra de oportunidade riquezas que “em se plantando, tudo dá”.

E desbravar era apenas o primeiro passo. Emigrantes de sangue, trabalhadores por herança, o anseio maior e coletivo dos portugueses era construir. *Trabalhar, vencer e*

¹⁸ Segundo Oliveira (2003, p.48), “a palavra ‘fado’, no uso mais remoto da língua portuguesa, significa ‘destino’, ou seja, algo que está para além do controle do indivíduo”.

¹⁹ Como ilustração desta questão do trabalho, citamos ainda um trecho do livro do português José Saramago — *As pequenas memórias* (2006, p.125) —, bastante apropriado: “Um dia, estava eu ocupado nesta operação [de limpeza do chiqueiro], quando principiou a chover, primeiro umas quantas gotas grossas e esparsas, logo com força e insistência. Achei prudente retirar-me para a protecção da barraca da burra, mas a voz do meu avô deveu-me a meio caminho: ‘Trabalho que se começa, acaba-se, a chuva molha, mas ossos não parte’. Era certo”.

voltar para o meu país. Em algum momento, os cerca de 2.800.000 nascidos em Portugal que hoje moram no Exterior devem ter pensado nessa frase. Os 620.000 que estão no Brasil incluem-se no mesmo desejo, afinal, estar em uma ex-colônia não minimiza o impacto de ser um estrangeiro em terra estranha (CARINI, 1994, p.207).

Outro fato a destacar-se, no que diz respeito ao trabalho dos imigrantes no Brasil da Primeira República, é que sua chegada ao país representava a tentativa de dar um novo significado ao trabalho, retirando-lhe o sentido degradante e violento da escravidão e associando-o ao caráter edificante e positivo do enriquecimento moral e material. Essa postura vale não somente para a imigração portuguesa, mas também para a de italianos, alemães, japoneses, sírio-libaneses e tantas outras etnias que desde então se fixaram no Brasil.

A disposição para o trabalho foi uma das características associadas, desde cedo, ao trabalho do imigrante português. O objetivo maior era acumular uma significativa poupança, para retornar à *terrinha*, e por isso a maior parte dos lusos se sujeitava a condições de trabalho impensáveis em nossos dias (OLIVEIRA, 2003, p.77).

O fato é que a saudade, a aventura e o trabalho ajudaram a construir a vida e a identidade portuguesa no Brasil. É impossível “ser português” sem a exaltação do trabalho árduo e o sentimento de saudades tanto no contexto social e cultural de Portugal como nos das comunidades de origem portuguesa fora do território lusitano.

2.2 – Associações, entidades, comunidades, colônias e afins

Uma das características fundamentais do processo imigratório para o Brasil, não só português, mas de diversas outras nacionalidades, é o espírito associativo dos que aqui se instalaram e a formação das chamadas comunidades ou colônias de imigrantes — estas, por sua vez, se mostram peças-chaves na produção de jornais, revistas e boletins, com a maioria dos títulos esteve ou está ligado a alguma entidade e/ou associação.

E, se por um lado, há quem diga²⁰ que o imigrante português que chegou ao Brasil, se estabeleceu e conseguiu alcançar certos ganhos tinha um comportamento individualista, ou seja, não se solidarizava com o recém-chegado no que diz respeito a prestar ajuda em sua adaptação, na procura de um trabalho etc., por outro, o sistema paternalista verificado nas

²⁰ Eulália Maria Lahmeyer Lobo (2001, p.50) cita que o autor Michael Hall estudou o “comportamento individualista do imigrante”, em especial no que se refere às lutas trabalhistas dos comerciantes ou industriais portugueses, por exemplo, com os que estavam em condições inferiores. Já João Alves das Neves (1992, p.223) recorre a Ricardo Severo para mostrar que: “a missão do emigrante luso no Brasil não é mais colectiva, mas individualista. A obra colonizadora dos portugueses tem sempre por toda a parte, mesmo nas suas notáveis agremiações de mutualismo, um carácter particularista. A ‘Colônia’ — assim dita em linguagem oficial — constitui um agregado social, algum tanto disperso, ao qual as repartições diplomáticas e consulares não conseguem imprimir o sinete de “estrangeiro”.

relações trabalhistas e o grande número de associações culturais ou assistencialistas portuguesas criadas ao longo do grande fluxo imigratório indicam o contrário.

Um elemento marcante nas relações de trabalho que se estabeleciam entre os imigrantes portugueses era a de paternalismo. Não era incomum que os portugueses recém-chegados à cidade se colocassem sob os cuidados de outros patrícios, chegados há mais tempo e já estabelecidos no mercado de trabalho local como proprietários de armazéns de secos e molhados, padarias ou outros tipos semelhantes de empreendimentos comerciais (OLIVEIRA, 2003, p.77).

[...] esses imigrantes eram ajudados por vastas redes sociais de parentes e amigos, que serviam de apoio para circulação e informação, formando uma base de acolhimento e aculturação dos lusos no país (PASCAL, 2005, p.83).

Para Carla Mary S. Oliveira (2003, p.136), o imigrante tem “necessidade de (re)construir sua identidade” por meio de artifícios dos mais variados, que podem ir desde a fundação de um clube de futebol até a criação de uma associação de socorro mútuo.

[...] Estas instituições, além de serem ‘terrenos livres’, onde os imigrantes podiam exercer plenamente sua portugalidade, eram também espaços sociais que reforçavam os laços e a rede de solidariedade pré-existentes à sua chegada ao Brasil.

Além disso, só o fato de estarem na mesma situação desconhecida, solitária e de expectativa nos “vapores” ou na Hospedaria dos Imigrantes, já o tornavam mais próximos e solidários — ainda que fosse apenas pelo fato de falarem a mesma língua — estabelecendo, muitas vezes, um sentimento de fraternidade que poderia não aflorar caso estas pessoas estivessem no país de origem. Estas relações de amizade, entretanto, eram momentâneas.

[...] As amizades feitas a bordo dos navios e durante a permanência na Hospedaria dificilmente duravam muito. Em pouco tempo todo o grupo que chegava sorridente de Santos, trocando lembranças e saudades, exigindo a tradicional foto em frente ao chafariz da Hospedaria se espalhava pelo Estado de São Paulo. Jaboticabal, Assis, Ribeirão Preto... Quem sabe o endereço da nova morada? (BLASQUES; GIUFFRIDA, 1994, p.81).

Vale destacar ainda que, no caso português, apesar da facilidade da língua e aspectos culturais semelhantes, a aculturação e a assimilação do imigrante no Brasil esbarrava em valores e comportamentos diferentes dos nacionais, que a todo momento eram causadores de conflitos ou mesmo preconceitos. Sentindo-se estrangeiros e desenraizados, conforme afirma Pascal (2005, p.100), esses imigrantes buscavam reforçar as memórias da terra natal nas tradições e no convívio com os compatriotas.

As sociedades e clubes eram o espaço da convivência para manter vivos estes laços, além, evidentemente, de oferecer o aspecto previdenciário que os auxiliava a sobreviver nas péssimas condições do mundo do trabalho na época.

No romance *Emigrantes*, o escritor Ferreira de Castro relata como o personagem principal, Manuel da Bouça, se sentia na Hospedaria e sua alegria ao encontrar um conterrâneo entre tantos imigrantes de outras nacionalidades que ali se estavam.

[na hospedaria] Manuel da Bouça via-se isolado entre estes companheiros de idioma desconhecido, que o tornava ainda mais estrangeiro do que já era, mais expatriado do que já se sentia.

[...] Atento à maneira como os outros comiam, para não se mostrar um parrano sem dois dedos de educação, Manuel da Bouça nunca mais deixou de observar o patrício, que a sorte, ao cabo de uma tarde de triste isolamento, lhe punha mesmo em frente da vista.

[...] Depois da refeição, Manuel da Bouça não lhe largou o encalço e logo que o teve a jeito de palavrear sem o acanhamento que daria a presença de estranhos, perguntou-lhe:

— Vocemecê também veio de Portugal?

— Também, também. — E reparando melhor no seu interlocutor:

— Não sabia que estava aqui outro português além de mim.

— Eu cheguei hoje.

— E eu na sexta-feira passada (CASTRO, 1925, p.138/141).

Em outro romance, desta vez *Diário dum Emigrante*, o autor Joaquim Paço D’Arcos mostra o arrependimento do personagem principal, Pedro Manuel — um imigrante português que no Brasil fracassou no serviço de vendedor de um antiquário na rua Líbero Badaró, no centro de São Paulo — em não ter mantido contato com a colônia portuguesa da cidade.

Como criei, a mim próprio, tal situação? Nem eu mesmo sei. De comêço limitei o meu convívio às pessoas que apareciam pela casa do Vasco [um amigo] e poucas eram. Como a colônia portuguesa não constitua clientela de antiquário, o Vasco não a freqüentava e eu, seguindo-lhe na pegada, não a freqüentei. Nela encontraria hoje o arrimo de que preciso, se tivesse sabido impor-me no seu seio, o que me teria sido fácil, em vez de sistematicamente a ter desconhecido. Assim, no momento em que ela me poderia ser útil, e eu devera ter previsto que esse momento soaria, teria de abordar nas mesmas circunstâncias em que a aborda o mísero e anónimo imigrante vindo de Portugal (D’ARCOS, 1941, p.216).

Breve panorama — De acordo com Rodrigues (2003, p.31), a primeira instituição portuguesa fundada no território brasileiro foi o Real Gabinete Português de Leitura, em 14 de maio de 1837, no Rio de Janeiro. Foi “uma iniciativa do exilado político Coelho Lousada, vindo na década de 1830, com um grupo de intelectuais fugidos das perseguições do governo português”.

Já Eulália Maria Lahmeyer Lobo destaca que entre 1840 e 1873, o Rio contava com cinco entidades que revelavam o “espírito associativo” do português; entre 1880 e 1884, havia 18

grupos; entre 1885 e 1902, 12; e entre 1900 e 1903, três. Ainda de acordo com a autora, nas associações fundadas entre 1880 a 1896 o número de associados ascendia a 30.671. Os números são consideravelmente altos, ainda mais se levarmos em conta as dificuldades da época (comunicação, organização, falta de contato social etc.).

Os imigrantes que abandonavam a aldeia pelo centro urbano levavam para este os valores do campo, onde o ritmo vital e de trabalho era pautado pelo clima, pelas estações do ano e persistia a solidariedade comunal, que se refletia nos mutirões, no trabalho coletivo, na ajuda mútua, nos laços de consangüidade entre as famílias aldeãs (LAHMEYER LOBO, 2001, p.87).

Sobre São Paulo, infelizmente, não encontramos qual foi a primeira associação criada. Sabemos, entretanto, que, atualmente, o Conselho da Comunidade Portuguesa do Estado de São Paulo contabiliza cerca de 60 entidades, conforme o quadro²¹:

Q4 – Associações portuguesas do Estado de São Paulo em 2005/2006	
Academia Lusíadas de Ciências, Letras e Artes	Arouca São Paulo Clube
Associação Auxil. Classes Laboriosas	Associação Beneficente de São Pedro do Pari
Associação Casa de Macau	Associação Luso-Brasileira Cult. e Recreativa de Presidente Prudente
Associação Portuguesa de Desportos	Associação Portuguesa de Desportos Atlético
Beneficência Portuguesa de Araraquara	Beneficência Portuguesa de Amparo
Câmara Portuguesa de Comércio no Brasil	Casa da Madeira de Santos
Casa de Brunhosinho	Casa de Portugal da Praia Grande
Casa de Portugal de Fernandópolis	Casa de Portugal de Limeira
Casa de Portugal de Marília	Casa de Portugal de São José do Rio Preto
Casa de Portugal de São Paulo	Casa de Portugal de Tupã
Clube de Portugal do Grande ABC	Casa de Portugal de Campinas
Casa de Portugal de Ribeirão Preto	Casa do Minho de São Paulo
Casa dos Açores de São Paulo	Casa Ilha da Madeira
Centro Cultural 25 de Abril	Clube Lusitano de São Paulo
Centro de Estudos Fernando Pessoa	Centro de Estudos Pedro Alvarez Cabral
Centro Português de Campinas	Centro Português de Santos
Centro Transmontano de São Paulo	Clube de Regatas Vasco da Gama
Clube Português de Osasco	Clube Português de São Paulo
Comunidade Gebelinense de São Paulo	Elos Clube de São Paulo - Norte
Elos Clube de São Paulo - Sul	Elos Clube de São Paulo (INTL)
Elos Clube de São Paulo - Oeste "Eça de Queiroz"	Elos Clube do Grande ABC
Escola Portuguesa	Esporte Clube Recreativo Lusitano
Fundação Lusíada	Grêmio Luso-Brasileiro
Provedoria da Comunidade Portuguesa	Real e Ben. Sociedade Portuguesa Beneficente
Real Soc. Portuguesa Benef. de Campinas	Associação Atlético Portuguesa
Sociedade Ben. e Recreativa Vasco da Gama	Sociedade Beneficência Portuguesa
Sociedade Beneficente Nossa Senhora de Fátima	Sociedade dos Poveiros
Sociedade Portuguesa Ben. São Caetano do Sul	Sociedade Portuguesa Beneficente
Sociedade Portuguesa de Beneficência	Associação Portuguesa Beneficente Vasco da Gama
Sociedade Seixas de Beira Cultural Recreativa	Sociedade União Portuguesa

²¹ Esta lista com os nomes das associações portuguesas do Estado de São Paulo foi fornecida à autora em visita à sede do Conselho da Comunidade Portuguesa do Estado de São Paulo, em 16 jun.2006, localizado na Casa de Portugal (Av. Liberdade, 602 – São Paulo).

Apesar de todos estes nomes de entidades, um número que pode nos dar uma noção do tamanho da comunidade portuguesa é o apresentado pelo censo demográfico brasileiro de 2000²² realizado pelos Serviços do Ministério dos Negócios Estrangeiros português. Segundo o estudo, há um total de 213.203 portugueses e bi-nacionais morando no Brasil. Destes, 90% vivem no Estado de São Paulo com predominância absoluta da concentração urbana (quase 99%) sobre a rural (pouco mais de 1%) e “perfeitamente integrada na sociedade de acolhimento”.

Mas voltando à questão das associações, outro problema é que muitas desapareceram ao longo do tempo e seus registros se perderam. É certo, porém, que a maior incidência de aparição de entidades ocorreu no momento em que o número de imigrantes que aqui chegavam era elevado. Sabe-se ainda que, desde sua fundação, algumas sobrevivem (com transformações em seu perfil) até hoje²³. É o caso das Santas Casas de Misericórdia²⁴. No Brasil, a primeira surgiu ainda no período colonial, em 1543, quando foi fundada a cidade de Santos. A de São Paulo, sob o nome de Confraria da Misericórdia de São Paulo, foi criada em 1560 e chegou a funcionar no Pátio do Colégio e nos Largos da Glória e Misericórdia.

O objetivo inicial da fundação dessas casas de assistência foi atender imigrantes portugueses que, em grande parte, estavam desempregados e em situação de miséria, naquela época (RODRIGUES, 2001, p.33).

Hoje, essas Santas Casas (reunidas pelo nome de Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo) respondem por mais da metade dos serviços médicos prestados no país a toda a população — não só à comunidade portuguesa. O atendimento médico-hospitalar, gratuito, é voltado a pacientes carentes e do SUS (Sistema Único de Saúde).

²² Disponível em: <<http://www.embaixadadeportugal.org.br/comunidade.php>>. Acesso em: 20 jul.2006.

²³ Maria Helena Beozzo de Lima (apud LAHMEYER LOBO, 2001, p.97) diz que as associações regionais portuguesas, como agências étnicas formalizadas, tinham uma continuidade no tempo excepcional se comparadas com suas congêneres.

²⁴ A ordem das Santas Casas de Misericórdia foi instituída em Portugal pela Rainha Leonor de Lancastre, no ano de 1498. O Primeiro Regimento da Misericórdia, o chamado Compromisso, foi assinado pela Rainha Leonor, pelo Rei Dom Manuel, por Frei Contreras (confessor da Rainha), pela Infante Dona Brites e pelo Arcebispo de Lisboa, Dom Martinho da Costa. O principal objetivo da prática de obras de caridade dividia-se em 4 grandes ramos: tratar os enfermos, patrocinar os presos, socorrer os necessitados e amparar os órfãos. Fonte: Site oficial da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Disponível em: <<http://www.santacasasp.org.br/>>. Acesso em: 23 jun. 2006.

Outra entidade criada em 1912 e que sobrevive até hoje é a Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo. Tinha o objetivo inicial de promover o desenvolvimento das relações comerciais entre Portugal e Brasil. Este, aliado à promoção de atividades culturais, permanece, conforme o site oficial da entidade²⁵.

[...] Hoje a Câmara Portuguesa de Comércio no Brasil continua trabalhando pelos interesses comuns dos cidadãos luso-brasileiros, valorizando suas relações comerciais e sociais, mantendo, assim, o espírito presente desde sua fundação, há quase 91 anos.

Há ainda a que conhecemos atualmente sob o nome de Clube Portuguesa de Desportos, criada em 1920, a partir da fusão de cinco sociedades lusitanas já existentes: Luziadas Futebol Club, Associação 5 de Outubro, Esporte Club Lusitano, Associação Atlético Marquês de Pombal e Portugal Marinense²⁶.

Sua primeira sede foi no bairro de São Bento e, atualmente, localiza-se no bairro do Canindé, num espaço de 110 mil metros quadrados, com quatro campos de futebol, um estádio para 25 mil pessoas e um ginásio desportivo para 10 mil pessoas. Seu time de futebol já foi campeão paulista nos anos de 1935, 1936 e 1973 e campeão brasileiro em 1952 e 1955 (RODRIGUES, 2003, p.33).

Não podemos deixar de lado a Casa de Portugal, fundada em 1935 e localizada no bairro da Liberdade; e o Clube Português, criado em 1951 com sede atual no bairro Perdizes. Ambos, considerados instituições tradicionais e reconhecidas na cidade, dispõem de um vasto acervo e espaço (restaurante, teatro, galeria, bibliotecas, salões etc.) que ressaltam “a tradição e preservação dos valores históricos e culturais dos portugueses em São Paulo”²⁷. A Casa De Portugal, por exemplo:

[...] tem como principal preocupação apoiar os membros da comunidade e preservar e difundir a cultura portuguesa. Além de possuir uma biblioteca com mais de 20 mil volumes de autores portugueses em diversas áreas do conhecimento, a instituição mantém 15 grupos folclóricos, corais, orquestras e grupos de teatro (RODRIGUES, 2003, p.32).

Características — Nota-se que estas formas associativas, no início (no fim do século XIX) tinham caráter filantrópico, ou seja, era uma forma de suprir a necessidade de proteção e demais dificuldades experimentadas pelo imigrante no novo território causadas, em especial,

²⁵ Disponível em: <<http://www.camaraportuguesa.com.br>> Acesso em: 23 jun. 2006.

²⁶ Informações obtidas no site extra-oficial do clube (o site oficial da entidade ainda não está no ar) Disponível em: <<http://www.sitedalusa.pop.com.br/>>. Acesso em: 23 jun. 2006.

²⁷ Fonte: site oficial da Casa de Portugal. Disponível em: <<http://www.casadeportugalsp.com.br/>>. Acesso em: 23 jun. 2006.

pelas condições precárias encontradas por ele no país. Com o passar do tempo, esta característica principal de ajuda e misericórdia ou como muitas se denominam, de socorros mútuos, foi se modificando e se formaram novas comunidades, então de caráter cultural ou recreativo (e mais tarde econômico, político, esportivo etc.). Ainda que tenham surgido motivadas pelo desejo de organização e prestação de assistência ao migrante (médica, trabalhista, habitacional etc.), algumas também podiam (e podem) ser vistas com fins religiosos ou empresariais, como forma de status, de preservar a cultura lusitana ou de tentar suprir a saudade (como vimos, elemento fundamental da identidade portuguesa) que o imigrante normalmente sente de sua terra natal.

Dessa maneira, temos que, no início, essas associações — majoritariamente, criações urbanas com raízes na solidariedade tradicional do meio rural — tinham como função servir de referência solidária e dar cobertura aos imigrantes portugueses em seu processo de aculturação e assimilação no novo território, dispensando muitas vezes a ajuda governamental (quando esta existia), formando um significativo sistema assistencial, no qual predominavam laços étnicos, consangüíneos e de amizade. Não é exagero dizer que este espírito associativo constituía um alicerce de acolhimento, inserção e adaptação dos imigrantes portugueses que aqui chegavam. Hoje — classificadas em grande parte como recreativas — atuam como forma de preservação de valores culturais, garantia de status, e ainda como meio de celebração da comunidade luso-brasileira ou, nas palavras de Lahmeyer Lobo (2001, p.204), atualmente “essa busca de identidade da península ibérica e dos seus vínculos com o Brasil está dentro da preocupação reinante com a comunidade luso-brasileira”.

Prova disso é que em 1967 — data em que o fluxo migratório já apresentava declínio —, o governo brasileiro decretou o dia 22 de abril (data do descobrimento do Brasil) como o Dia da Comunidade Luso-Brasileira, o que motiva, todos os anos, em especial, nas comunidades, associações e até representações diplomáticas, vários tipos de celebrações: festas, discursos, conferências, concursos, publicações comemorativas, jantares etc.

“[...] comunidade quer dizer existência ou fruição em comum. Ora, nós temos de comum tradições, línguas e ideais. E temos em comum interesses políticos basilares, juntos somos a garantia da segurança do Atlântico Sul, juntos seremos uma cultura que se expande ao redor do globo.

A comunidade é um sentimento. A comunidade é um propósito. [...]. Pois bem: depende da vontade dos brasileiros senhores de todos nós que a comunidade brasileira seja no

mundo uma grande, uma pujante, uma imponente realidade, viva e fecunda” (LAHMEYER LOBO, 2001, p.218)²⁸.

Para Antonio Soares Amora (1994, p.25), a Comunidade Luso-Brasileira não é uma realidade política, com identidade à luz do direito internacional, como ocorre separadamente com Brasil e com Portugal, com suas soberanias, mas sim uma realidade moral, afetiva e espiritual.

É uma realidade moral porque, na consciência dos povos que a integram (brasileiros e portugueses) é um patrimônio de valores éticos que se criaram durante séculos, que se praticam, que se impõem e preservam porque são nosso ser moral: o amor da família, o amor da pátria, a fé em Deus, a honradez, o sentido do dever, são sabidamente algumas das manifestações de nosso caráter.

A Comunidade Luso-Brasileira é uma realidade afetiva porque os portugueses e os brasileiros que a integram, identificados em termo de “raça” (seja-me permitido usar a palavra), mantém na sua história uma espontânea convivência feita de estimas, de afetos, de simpatias e de compreensões. A Comunidade Luso-Brasileira é uma realidade espiritual, porque a língua que essa comunidade fala é uma única língua, a Língua Portuguesa, e todo o conteúdo dessa língua são manifestações de nosso espírito.

Ainda como característica dessas comunidades destaca-se a preocupação em manter a imagem positiva do país de origem e sua cultura — mesmo sendo um lugar em que eles não puderam se realizar plenamente (seja em que aspecto for) e por isso emigraram.

O imigrante português considerava que quem não tinha vida associativa era porque ainda não tinha conseguido subir um pouco na vida.

As associações não serviam só para garantir a coesão, mas também para argumentar junto ao grupo majoritário em favor de suas reivindicações. As associações faziam parte do processo de ajustamento do camponês português à vida urbana. Serviam para amortecer a compulsão das mudanças e o custo emocional que a vida da grande cidade impunha ao camponês emigrado (LAHMEYER LOBO, 2001, p.98).

Há autores até que caracterizam também essas associações (principalmente as de São Paulo) e o chamado mutualismo como embriões de organizações e partidos operários, sendo as antecessoras dos sindicatos.

O mutualismo estava relacionado às profundas mudanças introduzidas pela expansão da economia cafeeira, pelo fim do trabalho escravo e pela introdução de fluxos imigratórios que foram substancialmente alterando não apenas a vida econômica, mas a sociedade e a questão do espaço urbano em São Paulo, produzindo conflitos sociais e formas de resistência ao projeto das elites. Quando constituídas de operários, as mutuais estimulavam a solidariedade criando ligas e associações para enfrentar a precariedade das condições de trabalho e a ausência de proteção do Estado (PASCAL, 2005, p.98).

²⁸ Parte do discurso do presidente do Conselho de Ministros de Portugal feito em 1969, durante encontro na FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo).

Não podemos esquecer o caráter regionalista dessas entidades, ou seja, não só a etnia coletiva contava (ou conta), mas também o local de origem específico de seu membro, sobrepondo a identidade regional à nacional. Por isso de ser comum a existência de entidades como a Casa do Minho, o Centro Cultural Alentejo e Algarve, a Casa dos Filhos de Seixas, a Casa da Ilha da Madeira e demais regiões portuguesas. “Existem associações até de pequenas vilas de Portugal, como a Sociedade dos Poveiros, provisoriamente sediada num escritório de advocacia do bairro da Vila Guilherme” (RIBEIRO; GIRIN, 1994, p.46) .

Vale destacar, por fim, que essas associações não foram criadas apenas no Brasil, mas também em Portugal, especialmente por portugueses que retornavam do Brasil bem sucedido, conforme explica Maria Aparecida Macedo Pascal (2005, p.75):

Assim como ocorreu no Brasil, onde para suprir a ausência de direitos e de um Estado de Previdência os imigrantes portugueses criaram, através de socorros mútuos e movimentos associativos, uma estrutura capaz de atendê-los, aqueles que retornaram a Portugal bem sucedidos [...] exerceram também em suas pequenas vilas e comunidades ações beneméritas e transformadoras da realidade econômica e social locais.

O problema maior verificado durante a pesquisa é que a maioria dessas entidades paulistas vive de saudosismo e status. Ou seja, só são lembradas quando ocorre algum acontecimento especial envolvendo Portugal²⁹. Algumas até estão totalmente abandonadas, sem quaisquer atividades. Outras enfrentam graves problemas financeiros para se manter e o não-engajamento dos sócios. Além disso, apenas nas maiores é possível encontrar um acervo organizado e bem cuidado ou atividades regulares. Há ainda a “mistura” étnica ou de valores de algumas provocada pela total assimilação e aculturação dos portugueses na cidade.

Foi pelo Conselho da Comunidade Portuguesa que se descobriu a existência da Casa do Minho de São Paulo. Junto com o endereço, veio mais uma informação. *Esta entidade está meio desvirtuada. O presidente é italiano.* A associação está na Rua Souza Caldas, limite geográfico nebuloso, fronteira entre o Pari, que já foi território português, e o Brás, que sempre pendeu mais para os italianos (RIBEIRO, 1994, p.49).

Mas o mais preocupante: na maioria delas nota-se o desinteresse das gerações mais novas em participar da comunidade, restando apenas aos mais velhos a responsabilidade por sua manutenção e criando um abismo entre a atual realidade desses imigrantes e descendentes da distante terra natal. Se o já citado censo de 2000 mostrou que existem cerca de 200 mil portugueses vivendo em São Paulo, não significa que todos esses mantenham aceso o espírito

²⁹ Algumas entidades ou clubes foram muito procuradas na ocasião da Copa do Mundo de futebol de 2006, quando Portugal disputou sob o comando do brasileiro Luiz Felipe Scolari. Na ocasião, foi muito comum que veículos de comunicação cobrissem a repercussão dos jogos nestes locais.

associativo verificado a partir do fim do século XIX em algumas entidades. Isto é, podem ter a origem portuguesa, mas estão longe de ter a “essência comunitária” e tudo que a mesma implica: pertencimento, reconhecimento, ajuda mútua, engajamento etc.

3. A imprensa da colônia portuguesa de São Paulo

O Araújo [...] informado das minhas veleidades literárias pretende incutir-me a idéia de fundar um jornal português em São Paulo [...]. Promete, além de sua colaboração comercial, interessar no caso o pai dele, que é rico e dado a iniciativas ousadas. [...] A idéia seduz-me e seria essa uma actividade mais de acôrdo com a minha vocação. Há nesta cidade sessenta mil portugueses, no Estado cêrca de duzentos mil. O projecto seria exequível se eu encontrasse para êle o colaborador preciso (D'ARCOS, 1941, p.167)³⁰.

Segundo levantamento feito por Manuel Carlos Chaparro (1998, p.16), no fim da década de 1990, Brasil e Portugal tinham, no total, pelo menos 310 jornais diários, 2.429 jornais não diários e 1.247 revistas, 99 das quais classificadas como de interesse geral. Infelizmente, não podemos saber se nestes números estão computados os títulos voltados tanto para a colônia portuguesa que mora no Brasil, como a brasileira que vive em Portugal (cremos que não, por se tratarem de publicações muito específicas). O fato é que não encontramos um levantamento histórico ou atual sobre os jornais voltados para a colônia portuguesa³¹, pelo menos, no que diz respeito à cidade de São Paulo.

Carla Mary S. Oliveira (2003) traz, em sua tese *Saudades d'além mar: um estudo sobre a imigração portuguesa no Rio de Janeiro através da revista 'Lusitânia' (1929-1934)*, alguns dados sobre a imprensa da colônia portuguesa no Rio. Segundo a autora, “é notória a presença de outras publicações portuguesas na cidade do Rio de Janeiro, especialmente jornais, já nas últimas décadas do século XIX, e também de outras revistas, já na década de 10 do século passado”.

Exemplos de periódicos publicados no Rio de Janeiro, já no século XX, e voltados para a colônia luso-carioca: as revistas *Portugal Ilustrado*, *Portugal* e o *Almanaque Português* e, também, jornais como o *Diário Português*, o *Lusitano* e o *Jornal Português*. Na década de

³⁰ No romance *Diário dum emigrante*, já citado anteriormente, o escritor Joaquim Paço D'Arcos mostra, em outra passagem, o personagem principal, Pedro Manuel, cogitando a possibilidade de fundar um jornal para a colônia portuguesa da capital. A idéia, entretanto, não se concretiza.

³¹ João Alves das Neves (1992, p.27) considera tal pesquisa “complicada” ou até mesmo impossível. “O jornal mais antigo em circulação (*Voz de Portugal*, semanário do Rio de Janeiro) tem pouco mais de 50 anos — e as coleções dos jornais do passado quem as guardou?”.

20, destacava-se o jornal *Pátria Portuguesa*, publicado pelos mesmos editores da revista *Lusitania*. No final do Império e início da República, ainda circulavam na cidade a *Gazeta Luzitana*, o *Campeão Lusitano*, o *Correio Português*, um novo jornal com o nome de *Diário Português* e uma série de títulos efêmeros. Detalhe interessante sobre este universo é o fato de que outros periódicos cariocas, apesar de pertencerem a brasileiros ou terem sido fundados por brasileiros, tinham forte influência lusa, quer seja por empregarem jornalistas de origem portuguesa, quer seja por seus proprietários possuírem laços de parentesco com portugueses. Dentre esses se destaca o jornal *O Paiz*, fundado por brasileiros, mas que a partir dos primeiros anos do século XX passou a ter o empresário português João de Sousa Laje como diretor (2003, p.87).

Com relação a São Paulo — contexto que efetivamente nos interessa neste trabalho —, Oliveira (2003, p.87) admite que os registros destes jornais são mais esparsos e cita, baseado em Demartini³², alguns títulos: *Echo Portuguez* (1897), *O Gaiato* (em 1905), *A Bandeira Portuguesa* (1908), a *Revista Portugal e Brasil*³³ (1908) e a *Revista Portuguesa* (1930). Já Maria Beatriz Nizza da Silva (1992, p.114) — que fez um estudo reunindo documentos que traçam a historiografia da imigração portuguesa no Brasil — lista, no caso de São Paulo, os periódicos: *Dália e Pétala* (do fim do século XIX) — o primeiro dedicado às famílias que freqüentavam as reuniões do Real Clube Ginásio Português e o segundo o órgão literário do mesmo clube; e *Colônia Portuguesa no Brasil*, *O Lusíada*, *O Lusitano* e *Vanguarda Portuguesa* (do início do século XX). Dessa maneira, o que nos restou foi procurar em livros, bibliotecas, arquivos, entidades e instituições luso-brasileiras notícias de alguns títulos e/ou os próprios exemplares. Se não foi possível, por meio desse processo, traçar o panorama completo e definitivo de todos os jornais e revistas luso-brasileiras que circularam na cidade, este não deixa de ser um interessante relato para futuros estudos que tenham como foco principal esse mapeamento.

A *Revista da Câmara Portuguesa de Comércio do Brasil-SP* é o primeiro periódico de São Paulo (por ordem cronológica) que conseguimos mais informações, entre elas, uma fundamental: circula até os dias de hoje. Criada em 1916 como um boletim e, segundo o próprio título diz, uma publicação da Câmara (fundada cerca de quatro anos antes, em 1912), passou por diversas transformações ao longo do tempo, até chegar no formato atual: de revista (A4), toda colorida, de excelente qualidade gráfica e com periodicidade bimestral. No seu conteúdo, atualmente destacam-se coberturas jornalísticas de atividades patrocinadas ou promovidas pela entidade (na maioria, palestras ou demais eventos de caráter econômico), notícias sobre os associados, artigos de economia, cultura, política, entre outras informações.

³² DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. *Imigração e educação: os portugueses em São Paulo no início do século XX*. XV World Congress of Sociology. Brisbane, Australia, jul./ 2002. Trabalho não publicado.

³³ *Portugal e Brasil* era a revista do Centro Republicano Português, publicada numa época em que o governo republicano ainda não havia sido estabelecido em Portugal.

Tem tiragem de mil exemplares, é distribuída gratuitamente aos associados e tem como jornalista responsável, atualmente, Ricardo Marques da Silva (MTB 10937). Contém anúncios de grandes empresas, como dos bancos Luso Brasileiro e Espírito Santo, da TAP Portugal, da empresa Energias do Brasil, entre outros produtos e serviços que, de alguma maneira, estão relacionados com a comunidade portuguesa que pretende atingir.

Na década de 1920, circulou o semanário *Colônia Portuguesa*. Infelizmente, não tivemos acesso a nenhum exemplar. Entretanto, Miguel Ângelo Barros Ferreira (1983, p.41-42) conta que tratava-se de um publicação, sobretudo, informativa, fundada por Augusto Soares e ligada ao Centro Republicano Português (localizado na R. Quintino Bocaiúva). Segundo o autor, *Colônia Portuguesa* sustentava-se “com a publicidade de modestos estabelecimentos portugueses e de assinaturas. Sobreviveu “alguns anos” até 1930.

Em 1930, surgiu a *Revista Portuguesa* (citada por Oliveira há dois parágrafos). Elaborada pelo Clube Português de São Paulo — na época dirigido por Ricardo Severo³⁴ e localizado na Av. São João, 16 — e com o apoio da Câmara Portuguesa de Comércio (a mesma citada anteriormente), teve pelo menos cinco edições, de periodicidade irregular³⁵, até 1937. Apesar do nome de *Revista*, seu formato lembrava o de um livro, todo preto-e-branco, com cerca de 90 páginas e tamanho 24,5cm x 18,5cm. Além de um meio para divulgar os eventos e atividades do clube e de seus membros, seu conteúdo se dividia em cinco seções principais com artigos profundos e reflexivos de: história, geografia, arqueologia, etnografia e lingüística. Como bem observou João Alves das Neves (1992, p.225), a *Revista Portuguesa* era um projeto ambicioso e seu conteúdo “não interessaria aos imigrantes comuns ainda que inserisse temas que somente os prestigiariam no âmbito comunitário”. O editorial impresso no exemplar inicial da *Revista*, assinado pelo próprio Ricardo Severo, esclarece algumas características da publicação:

Denomina-se REVISTA PORTUGUESA, porque é editada por um grupo de portugueses em São Paulo, residentes alguns, emigrados outros, que por esta forma pretendem assinalar no Brasil este momento da sua passagem, acompanhando a vida actual da nação brasileira, não só com a cooperação mecânica do seu esforço e trabalho, mas também com a colaboração intelectual do seu espírito e cultura.

³⁴ O imigrante e intelectual português Ricardo Severo, por toda sua atuação no Brasil, se tornou um grande mito da colônia portuguesa de São Paulo. Nas palavras de Freitas (2006, p.183): “Grande orador, conferencista, escritor de profunda erudição, enalteceu a comunidade portuguesa, sonhando com a comunidade luso-brasileira e com a união dos povos de língua portuguesa”.

³⁵ As edições de números 1 e 2 da *Revista Portuguesa* datam de 1930; a de número 3, de 1935; a de número 4, de 1936; e a de número 5, de 1937.

[...] Ela é, porém, orgânicamente luso-brasileira; os factores de tempo e de espaço que lhe dão origem, definem este seu fundamental carácter.

O traço de união que liga as duas formulas é aqui um sinal positivo e real; não exprime qualquer ideação ou projecto de federação ou tratado.

[...] Congregará aqui portugueses e brasileiros em uma livre cooperação de superior carácter intelectual; procura ligar espíritos e não interesses; prepara exercícios de inteligência para dar à vida moderna alguns momentos de espiritualidade, de pensamento, de cultura superior [...] (SEVERO. In: Revista Portuguesa, 1930, p.3-4, n.1).

O mesmo Clube Português voltou a editar, em agosto de 1947, uma outra publicação, o jornal *Portugália*, que recebia a denominação de “órgão oficial” da entidade. Agora, sobre a direção de José de Melo Pimenta e Francisco Henrique Lopes, tinha formato tablóide (35cm x 27cm), preto-e-branco e oito páginas (em média). Os primeiros exemplares não continham anúncios publicitários, o que foi mudando ao longo do tempo. Quanto ao conteúdo — muito diferente do carácter intelectual de sua antecessora, a *Revista Portuguesa*, —, resumia-se principalmente à cobertura da agenda social do clube, além de contos, pensamentos e breves textos literários. O editorial do primeiro número traz alguns esclarecimentos:

Eis o primeiro número do ‘Portugália’, após o qual outros virão, mais vivos e certamente mais interessantes, atestando, assim, o entusiasmo admirativo pelo que é nosso e de nossos antecedentes, enquadrado no edificante e nunca desmedido programa desta entidade associativa, cujo objetivo consiste num sempre maior e mais afetuoso abraço entre as pátrias de Eça de Queiroz e Machado de Assis (REVISTA PORTUGUESA, 1947, p.01, n.1).

Neste formato, *Portugália* circulou até dezembro de 1955, num total de 100 edições. Reapareceu com nova contagem (voltou ao número 1) e formato (de livro, com cerca de 124 páginas preto-e-branco — apenas com capa bi-colorida) 12 anos mais tarde, em 1967, ainda identificada como uma publicação do Clube Português de São Paulo. Sob o *slogan* “Revista luso-brasileira de cultura”, no conteúdo, lembrava mais as edições de Ricardo Severo, com artigos densos assinados sobre educação, turismo, literatura, além de notícias sobre atos comemorativos da entidade, pronunciamentos etc. Trazia anúncios publicitários, na maioria de produtos e serviços ligados à colônia: Pão de Açúcar, Lanificio Nave S.A. (camurça e tergal), Lonaflez (pastilhas de freios), dentistas, advogados, alfaiates, entre outros profissionais liberais portugueses. A redação funcionava na Av. Ipiranga, 1246 – cj. 708. De acordo com Neves (1992, p.225), esta *Portugália* existiu até 1973 e no total foram publicados 14 números; era vendida em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Lisboa. O número avulso custava Cr\$ 8,50 e a assinatura de seis números saía por Cr\$ 50,00.

Atualmente, o Clube Português não edita nenhuma publicação.

Mas voltando aos anos de 1930, encontramos ainda o *Boletim da Casa de Portugal*. Não se tem uma idéia de quantas edições saíram; mas podemos afirmar que foi publicado durante, pelo menos, quatro anos — inicialmente com edições mensais e, a partir de 1939, a cada dois meses³⁶. De formato tablóide, os exemplares tinham, em média, 30 páginas; tudo preto-e-branco (apenas o escudo de Portugal estampado na capa era colorido). Em seu conteúdo destacavam-se: anedotas, poemas, textos literários, notícias sobre as atividades da Casa, lugares turísticos e históricos de Portugal, anúncios sobre o falecimento de algum membro da comunidade, transcrição de romances e demais obras da língua portuguesa etc. Os artigos e matérias, no geral, eram assinados. Trazia ainda informes publicitários, em sua maioria, com produtos e serviços ligados à colônia — propaganda da Souza Cruz, do Banco Português, do azeite Flor do Minho, entre outros. Conforme escrito em suas páginas, o boletim era “distribuído gratuitamente para associados e agremiações portuguesas”. A redação ficava na própria Casa, na época, localizada, na R. Riachuelo, 30, 1º andar. Neste formato, o último exemplar encontrado é de janeiro/fevereiro de 1940. Em 1969, porém, o *Boletim da Casa de Portugal* reapareceu, nos mesmos moldes, mas, com capa e contra-capas já coloridas. Começou novamente sua contagem, com o número 1 datando de dezembro daquele ano. No editorial, uma explicação:

Nem é de estranhar o aparecimento do ‘Boletim da Casa de Portugal’, o mesmo que dizer da ‘nossa Casa’.

A bem dizer existiu sempre, enquanto por longo tempo os associados receberam as nossas notícias e os nossos programas, fôsse embora resumido.

Resolveu-se, porém, que este ‘boletim menor’ fôsse um pouco ampliado [...] e aí está a razão de seu aparecimento nestes moldes.

[...] Quanto a nós poderá representar um gesto de boa vontade quando torná-lo útil, ou ao menos agradável aos associados que pela ‘Casa de Portugal’ se interessam; que se interessam pelas coisas de Portugal: que se interessam pelas coisas do Brasil [...] (BOLETIM DA CASA DE PORTUGAL, 1969, p.01).

No entanto, não sabemos até quando o *Boletim da Casa de Portugal* durou, apesar de no número citado acima dizer que a publicação é um “imperativo estatutário”. Atualmente, a Casa não publica nenhum informativo.

Nos anos de 1950, encontramos uma publicação cujo conteúdo, para nossa surpresa, difere do estereótipo que tínhamos até então das publicações voltadas para colônias de estrangeiros (de apenas noticiar eventos da comunidade, celebrar os laços históricos entre os países

³⁶ O exemplar de número 5, por exemplo, data de agosto de 1937; o 6, de setembro de 1937; o 7, de outubro de 1937; o 11, de março de 1938; e o 12, de abril de 1938.

envolvidos, prestar algum tipo de serviço etc.). Trata-se do jornal *Portugal Democrático*, um informativo independente, ou seja, desatrelado de associações ou instituições portuguesas e voltado, principalmente, para questões políticas, tanto do Brasil, mas em especial, de Portugal. Lançado em julho de 1956, *Portugal Democrático* foi publicado até março de 1975, quando carregava o *slogan* “a verdade sobre a nova realidade portuguesa”. Como circulou durante muito tempo, sofreu diversas transformações editorial e gráfica: começou com periodicidade mensal — “sai no primeiro sábado de cada mês” —, mas depois se tornou semanal; inicialmente circulava só em São Paulo e anos depois já ostentava em suas páginas a “virtude” de ter circulação nacional; tinha formato tablóide, mas após alguns anos, mudou para o *standard*; a edição de número 1 tem apenas quatro páginas, mas esta quantidade vai aumentando com o passar do tempo (a última tem oito, mas há edições com mais). No início era preto-e-branco, apenas com capa bi-colorida; em edições posteriores verifica-se que algumas páginas do meio são impressas também em duas cores. O diretor responsável era Octávio Martins de Moura, que dirigiu o jornal até a edição 152 (de setembro de 1970) e depois foi substituído por Edison Rodrigues Chaves (que assumiu a publicação até o fim)³⁷. Era vendido de forma avulsa (Cr\$ 2,00) ou por assinatura anual (Cr\$ 20,00). A redação, que até 1958 funcionou na R. Líbero Badaró, 561, sala 506, passou a ser na rua Conselheiro Furtado, 191 e, pelo jeito, funcionava também como local para debates de idéia, a julgar pela nota que informa a mudança de endereço: “local onde todas as noites os democratas portugueses de São Paulo encontrarão uma sala à sua disposição”. Podemos dizer que sua linha editorial fica muito clara, ao ser radicalmente contra o regime de Salazar — nada mais coerente uma vez que, entre seus colaboradores, destacavam-se perseguidos políticos pelo ditador português que se exilaram no Brasil. Algumas manchetes da primeira edição “50 jovens perseguidos”, “A luta do povo português”, “Ordem e desordem”, “As cartas proibidas de António Sérgio” etc. *Portugal Democrático* divulgava também notícias da comunidade portuguesa, atividades de diversas associações, sonetos, poemas, notícias esportivas (como, por exemplo, os resultados dos campeonatos portugueses de futebol), entre outros assuntos, sempre privilegiando, porém, as informações políticas. Não conseguimos saber, de fato, os motivos que levaram o jornal a deixar de ser publicado. Cogitam-se dois: o fim da ditadura em Portugal (já que o principal objetivo do jornal era criticar o regime) e problemas financeiros — na edição de número 130, de junho de 1968, publica o seguinte “apêlo aos leitores”:

³⁷ Sônia Maria de Freitas traz, em sua obra *Presença Portuguesa em São Paulo* (2006, p.138), uma lista com os nomes de todos os colaboradores de *Portugal Democrático*. Entre eles (cerca de 80), verifica-se a existência de apenas quatro mulheres, o que comprova, segundo a autora, que o “jornal foi um espaço de participação masculina”.

A situação que expusemos aos leitores em nossa última edição agravou-se. Não recebemos a ajuda financeira indispensável para cobrir o considerável deficit acumulado. Como as nossas receitas regulares são muito inferiores às despesas, a menos que os nossos leitores e amigos nos remetam com urgência contribuições extraordinárias, não estaremos em condições de editar o número de Julho.

Renovamos, por isso, o apêlo já feito. A continuidade de ‘Portugal Democrático’ está ameaçada por falta de apoio financeiro. Os cheques em divisas, pagáveis em qualquer praça europeia ou americana, bem como donativos em cruzeiros, devem ser enviados para o endereço da nossa redação (PORTUGAL DEMOCRÁTICO, 1968, p.02).

Portugal Democrático publicava ainda anúncios, mas por ser de linha radical e enfrentar problemas de censura, estes não eram em grandes quantidades. A maioria das notícias era assinada e uma coisa interessante: transcrevia, às vezes, textos publicados pela revista *Anhemi*³⁸ e também pelo *O Estado de S.Paulo*. A edição de número 16 (de setembro de 1958) traz uma nota que esclarece a abrangência e objetivos do jornal:

Portugal democrático e os leitores portugueses

Portugal democrático, além de constituir uma tribuna informativa da colônia portuguesa de São Paulo projecta-se também, na própria metrópole portuguesa e em todo seu ultramar.

As cartas que temos recebido provam-no insofismavelmente. Acusando a recepção do nosso jornal e incentivando os nossos propósitos, os leitores afirmam-nos igualmente que Portugal Democrático é, hoje, um verdadeiro órgão dos portugueses livres, aguardado mensalmente com ansiedade pela população metropolitana e do ultramar, apesar do regime de clandestinidade que os sicários da PIDE teimam em emprestar-lhe. Alguns de nossos artigos têm sido, até, copiados a STENCIL e distribuídos profusamente em Lisboa, no Porto, em Coimbra e noutras cidades, nas vilas e aldeias de Portugal (PORTUGAL DEMOCRÁTICO, 1958, p.05).

Na década de 1970 existiu *Caravela*, “uma revista dos portugueses do Brasil”. De formato revista (A4), tinha, em média, 40 páginas — algumas coloridas e outras preto-e-branco. A redação ficava localizada na R. Rego Freitas, 547. Saiu pelo menos 39 números (o número 39 é de dezembro de 1979) e o diretor responsável era Ducey G. de Freitas Andrade. Trazia anúncios publicitários ligados à colônia ou não, como o Pão de Açúcar, o Café do Ponto, as Balas Soft, os biscoitos Tuc’s, a margarina Colombo, entre outros — uma peculiaridade: todos eles de empresas grandes. Há, em suas páginas, uma informação sobre a tiragem:

Mais de 3.500 exemplares da revista ‘Caravela’ são distribuídos gratuitamente à indústria alimentícia [...] graças a uma gentileza do nosso programa ‘Caravela da Saudade’, na Rede Tupi de Televisão – Domingo, 10 Horas (CARAVELA, 1970, p.03).

³⁸ *Anhemi* foi uma importante revista cultural e literária fundada em 1950 por intelectuais de São Paulo.

Aliás, a maioria do conteúdo da edição encontrada de *Caravela* era voltado às comemorações do aniversário do programa televisivo, exibido pela extinta emissora, além de anunciar (com uma vasta cobertura) o XVI Festival Português e Internacional do Brasil, que seria realizado no Ginásio do Ibirapuera e transmitido pela TV³⁹. Porém, há notícias e artigos sobre cultura (“Inês de Castro – Mísera e mesquinha que depois de morta foi ser rainha”) e personalidades da comunidade. Não é possível afirmar se todos os números estão ligados ao programa, porque só localizamos um exemplar. Mas tudo indica que há uma mistura de assuntos culturais e o programa. Não há informações sobre vendas e preços dos exemplares.

Em 1978 surgiu o *Jornal do Imigrante*, feito com o “apoio do Consulado Geral de Portugal – Câmara Portuguesa de Comércio no Brasil – Instituto Camões, Agência Lusa e ICEP Portugal” e que circula até os dias de hoje. Possui formato tablóide, 28 páginas (em média), algumas coloridas, outras, preto-e-branco. De periodicidade mensal, tem como diretor-presidente Sérgio Bóris Barcellos Borges e jornalista responsável Iara Bernardo da Cunha Garcia (MTB 1581). A redação fica na R. Tordesilhas, 336. Contém anúncios de grandes empresas portuguesas, como Grupo Votorantim, Banco Luso Brasileiro e Pão de Açúcar. Entre seu conteúdo editorial, destacam-se matérias gerais sobre Portugal e a relação com o Brasil (ex.: “Portugueses que deram nome a ruas de São Paulo”), turismo (a cada mês é abordado um país diferente), curiosidades (ex.: “Costeletas à Lisboeta: o prato predileto de Fernando Pessoa”), notas de falecimento de membros da comunidade, política, economia, internacional etc. Algumas são assinadas, outras, da Agência Lusa. A circulação é nacional, uma vez que traz anúncios publicitários de estabelecimentos e serviços em outras cidades (Santos, por exemplo) ou Estados (Rio Grande do Sul); e pode ser encontrada em Belo Horizonte.

Nas décadas de 1980 e 1990 é quando encontramos o maior número de títulos, talvez por alguns circularem até os dias de hoje, o que facilita a localização; ou talvez por não serem tão antigos e por isso ainda estejam guardados. Mesmo assim, as informações sobre alguns deles só puderam ser obtidas por meio de uma breve e rápida análise de seu conteúdo.

Em 1983, surgiu a revista *Comunidades de Língua Portuguesa*. Até a edição de número 10/11, que data do primeiro semestre de 1997, a publicação vinha identificada como sendo a “Revista Cultural dos Países de Idioma Português”, dirigida e editada por João Alves das

³⁹ A revista publicou até a letra dos hinos nacionais de Portugal e do Brasil para que os participantes do festival (25 mil pessoas, segundo reportagem) soubessem cantá-los na ocasião da abertura do evento.

Neves (MTB 11106). A partir do número 12 (do primeiro semestre de 1998) passa a ser determinada como “Órgão do Centro de Estudos Americanos Fernando Pessoa”, presidido pelo mesmo João Alves das Neves⁴⁰. Em formato de livro (lembra uma revista científica, sem anúncios), é toda preto-e-branco, com exceção da capa, colorida. Tem em média 140 páginas e cada edição é destinada a um tema diferente. Alguns deles: “Intercâmbio Portugal/Brasil”, “Estudos sobre Fernando Pessoa e o Brasil”, “Timor: passado, presente e futuro”, “Encontro com Macau” (com artigos assinados apresentados durante o Colóquio Cultural sobre Macau, realizado em São Paulo, em 2000), “Intelectuais e artistas da diáspora” etc. É vendida nas principais livrarias do Brasil e Portugal (segundo publicado), em números avulsos (R\$ 12,00) ou por assinatura (R\$ 20,00 – dois números) e também conta com um conselho editorial português e brasileiro. Ao que tudo indica, sempre teve periodicidade semestral e o último número encontrado é o 21, que data do primeiro semestre de 2005.

Em 1985 surgiu a revista *Raízes Lusíadas*, que circulou até 2005 — quando morreu seu diretor e jornalista responsável, Victor Santos Mendes. Conforme estampado em sua capa era uma “Revista mensal publicada sob o alto prestígio do Conselho da Comunidade Luso-Brasileira do Estado de São Paulo com o apoio do seu ilustre Presidente de Honra, Comendador Valentim dos Santos Diniz”. No total foram publicadas cerca de 140 edições. De formato revista (A4), era preto-e-branco, com capa e contra-capa coloridas. A redação ficava na Av. Rio Branco, 307. Tinha, em média, 25 páginas e os últimos exemplares foram vendidos por R\$ 5,00. Continha anúncios publicitários (grupo Trasmontano e estabelecimentos comerciais de São Paulo) e trazia em seu conteúdo matérias de cultura (Carnaval, fado), personalidades portuguesas e brasileiras (Ângela Maria e Amália Rodrigues), lugares históricos e turísticos de Portugal, anedotas, charges, pensamentos e curiosidades (como, por exemplo, a história do azeite).

Em 1988, o Turismo Oficial de Portugal na América Latina lançou o informativo *Notícias Portugal*, editado em São Paulo (a redação era na rua Major Natanael, 67), mas de circulação nacional e com representações no Rio e Curitiba. Em formato de revista (A4), era todo colorido e continha, no geral, 14 páginas. Infelizmente, não conseguimos saber quantos números foram editados (encontramos apenas três exemplares). Entre o conteúdo, destacavam-se: poemas, receitas culinárias, artigos literários, matérias turísticas, agenda de

⁴⁰ O Centro de Estudos Americanos Fernando Pessoa (www.pessoano.com.br) tem sede atual na rua Manuel Guedes, 134 – Apto. 122. Tentamos, por diversas vezes, entrar em contato com seu presidente, João Alves das Neves, mas não obtivemos retorno a tempo, uma vez que este passou um período de 2006 em Portugal.

eventos e festas portuguesas. Tinha como anunciantes empresas turísticas e de transportes, como a TAP Air Portugal, hotéis etc. Dirigida por Ruy Pereira e Alvim, o jornalista responsável era M. R. Rocha (MTB 10312). Os exemplares localizados não trazem nenhuma informação sobre a distribuição, mas, supõe-se ser gratuita.

Em 1993 surgiu a revista *Voz Lusíada*, a “Revista da Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes”. Começou com periodicidade semestral, mas, a partir de 2001, virou anual; foram publicadas 21 edições — a última saiu em 2004. Funcionários da Academia nos informaram que ainda não sabem se um novo número sairá (em 2005, pelo menos, não foi publicado nenhum). A biblioteca da Casa de Portugal tem a coleção completa. *Voz Lusíada* tinha o formato de livro, com capa bi-colorida e o restante preto-e-branco. O número de páginas varia, mas a maioria se aproximava de 400. A exemplo de *Comunidades de Língua Portuguesa*, *Voz Lusíada* é semelhante a uma revista acadêmica: sem anúncios, apenas com artigos (todos assinados); cada edição trabalha um tema: Fernando Pessoa, Eça de Queiroz, São Paulo 450 anos, o ensino de literatura portuguesa, Vasco da Gama, Antonio Nobre etc. O nome do editor também muda de acordo com a época e a formação da diretoria da entidade. O último número, de 2004, foi editado por Rodrigo Leal Rodrigues.

Em 1994 começa a ser publicada a revista *Nau's*, uma das mais importantes publicações dirigidas à comunidade luso-brasileira existentes atualmente. Em formato revista, toda colorida e de excelente qualidade gráfica, tem em média 40 páginas. Com tiragem de 10 mil exemplares, publica notícias sobre eventos da colônia, pontos turísticos e históricos de Portugal, receitas culinárias, além de matérias atuais de economia, política e cultura sobre os dois países. Na edição de maio de 2006, por exemplo, trouxe reportagens sobre a Seleção de futebol de Portugal, treinada pelo brasileiro Luiz Felipe Scolari, que disputou a Copa do Mundo de 2006, na Alemanha. Tem periodicidade mensal e é vendida por assinatura (R\$ 60,00 — anual). É uma produção independente, ou seja, não está ligada a nenhuma entidade ou instituição portuguesa. A jornalista responsável é Renata Afonso (MTB 19422). Tem anúncios de bancos (Bradesco e Banif), restaurantes portugueses, pizzarias, transportadoras e demais estabelecimentos comerciais, não necessariamente ligados à colônia portuguesa. A redação fica na rua Nicolau Âncora Lopes, 127 – sl. 21 e 22.

No ano seguinte, em 1995, o ICEP (Investimentos, Comércio e Turismo de Portugal) lançou o informativo *Portugal News*. No formato revista (A4), colorido e muito semelhante a *Notícias Portugal* (talvez porque ambos eram feitos pelo mesmo jornalista — M. R. Rocha - MTB

10312), reunia matérias sobre turismo, história, eventos, entre outros assuntos. O número 2 trouxe apenas um anúncio, da TAP Air Portugal. Não foi possível saber informações sobre a distribuição e quantos números foram publicados.

Em 1998 surgiu o jornal *Mundo Lusíada*, cujas características veremos detalhadamente no item seguinte, uma vez que trata-se do nosso objeto de análise. Para o momento, vale destacar que, junto com as revistas *Nau's* e da *Câmara Portuguesa de Comércio no Brasil – SP*, além do jornal *Portugal em Foco* e do *Jornal do Imigrante* formam o conjunto de publicações luso-brasileiras mais expressivo atualmente em São Paulo.

Por fim, em 2002 foi lançado o último boletim informativo voltado à comunidade luso-brasileira de que se tem notícia: o *Ponto de Encontro*, produzido pelo Consulado Geral de Portugal em São Paulo. De formato tablóide e tamanho A4, a publicação tinha oito páginas e era toda colorida. Trazia notícias sobre atividades e eventos das associações e instituições portuguesas da cidade, informações sobre cidadania e demais documentos, entrevistas etc. Não tinha anúncios publicitários⁴¹ e era feito pelas jornalistas Tânia Gonçalves (MTB 19797) e Maria Inês Caravaggi (MTB 10313). O *Ponto de Encontro*, entretanto, teve vida muito curta: saíram apenas dois números.

Há ainda dois títulos que, infelizmente, não conseguimos achar nenhuma informação a respeito. São eles: *Voz de Portugal* e *Duas Nações*. Ambos constam nas relações de jornais voltados para a colônia portuguesa de São Paulo fornecidas pelo Consulado de Portugal da capital e pela Casa de Portugal. Porém, os dados (na verdade, apenas os endereços) estão completamente desatualizados. Suspeitamos que estes dois jornais circularam na década de 1990.

Outros modelos impressos — Além de todos esses títulos citados acima, achamos importante mencionar outros modelos de publicações voltadas para portugueses e descendentes, porém, como uma particularidade: não são destinada aos lusitanos que vivem em São Paulo ou no Brasil, mas aos que vivem fora de Portugal, seja em que parte do mundo for. O interessante é que este tipo de publicação circula na capital paulista.

⁴¹ Apenas escrevia no cabeçalho que contava com o “apoio da Telesp Celular, uma empresa do Grupo Portugal Telecom”.

Uma delas é a revista *Atlantis*, uma publicação bimestral da Tap Portugal (www.flytap.com). Criada há 26 anos, a revista é distribuída nos vôos da companhia, mas também chega, por exemplo, à Casa de Portugal e outras comunidades portuguesas de São Paulo. De aspectos gráficos sofisticados, traz em seu conteúdo matérias ligadas ao universo português e também de outros países que a companhia mantém rotas. Os assuntos abordados são: culinária, turismo, festivais de cultura, shows, além de informações sobre vôos da empresa (agenda, horários, cardápios, segurança etc.). Contém anúncios de produtos mundialmente conhecidos, como Rolex, Coca-Cola, Calvin Klain etc. e é escrita em português e inglês.

Outra é a revista *Portugal*, feita em Lisboa — na verdade uma publicação do jornal português *A Voz de Azeméis*. Lançada em 1989 e com o slogan “Estamos no mundo”, é voltada para as colônias de emigrantes portugueses espalhadas por diversas partes do mundo, não só no Brasil. Tem periodicidade mensal e é dirigida, desde sua fundação, por Nuno Araújo. É escrita toda em português, tem capa e algumas páginas coloridas (as demais são preto-e-branco) e anúncios de estabelecimentos de Portugal. Em uma de suas edições, algumas curiosidades sobre seu conteúdo:

O público alvo, esse, continuará a ser encontrado junto das comunidades portuguesas tanto na Europa, quanto fora da Europa, não obstante o interesse que, cá pelo país, a revista desperta em muitos portugueses.

Por isso, a palavra de ordem é diversificar. Por um lado, conteúdos e, por outro, colaboradores, pretendendo-se a construção de uma rede que assegure a cobertura de países onde existe uma forte implantação de emigrantes, completando assim o elenco articulista regulares já existentes, conhecidos pela sua notoriedade e conhecimentos em várias matérias. (BASTOS. In: Revista Portugal, n.161, 2005).

Por fim, destacamos o jornal *Mundo Português*, de grande porte, com tiragem mensal de 40 mil exemplares que são enviados para mais de 90 países. É todo escrito em português, tem formato tablóide, em média 40 páginas (algumas coloridas; outras, preto-e-branco) e é dividido por seções, o que nos dá uma idéia de seu conteúdo: Regional (regiões portuguesas), Percursos (turismo), Nacional (noticiário português), Comunidades (de várias partes do mundo), Desporto, Saúde, Artes & Espetáculos, Economia, entre outras. Tem anúncios de multinacionais (bancos, empresas de bebidas etc.) e produtos diversos, no entanto, com o próprio texto publicitário voltado para os portugueses: “*Cerveja Sagres: Com muito bom gosto dentro ou fora de Portugal*” ou “*Caixa Geral de Depósitos: Soluções para portugueses residentes no estrangeiro*”. *Mundo Português* é vendido por assinatura ou número avulso (cada exemplar custa 1,30 Euro e pode ser encontrado em bancas de São Paulo). A redação fica em Lisboa, mas o jornal mantém correspondentes em diversos países,

como Alemanha, Bélgica, França, Holanda, Estados Unidos, Inglaterra e Dinamarca. Há a versão on-line: <http://www.grupomundoportugues.com>.

Outras mídias – Além dos jornais, boletins e revistas impressos, vale chamar a atenção para a existência de sites, programas de rádios e até uma agência de notícias voltados para a colônia portuguesa de São Paulo.

Os sites encontrados resumem-se, basicamente, a três tipos: a versões on-line das publicações impressas, como o de *Mundo Lusíada* (www.mundolusiada.com.br); às páginas da instituição que mantém a publicação, como a da Câmara Portuguesa de Comércio do Brasil-SP (www.camaraportuguesa.com.br); ou a instituições que mantêm um boletim ou jornal apenas on-line, como é o caso do Centro de Estudos Americanos Fernando Pessoa (www.pessoano.com.br), que mantém na Internet o *Lusofonia*, “Jornal-revista dos 8 países e núcleos de língua portuguesa”. No entanto, há algumas outras características relevantes: no caso dos dois primeiros tipos, por exemplo, há um boletim eletrônico enviado aos leitores periodicamente, com informações atualizadas surgidas entre a impressão de uma e outra edição (sobre atividades da comunidade, eventos, notícias de Portugal e do Brasil etc.). Para recebê-los, basta cadastrar o e-mail na página, gratuitamente. Além disso, o site é atualizado com informações que muitas vezes podem não ser publicadas em suas versões impressas.

A *Agência Lusa*, que se auto-intitula a maior agência de notícias em língua portuguesa, disponibiliza o conteúdo jornalístico atualmente em seu site (www.agencialusa.com.br). O material é comprado e reproduzido por diversos veículos de comunicação em diversas partes do mundo (entre eles os voltados para colônias portuguesas de São Paulo, como *Jornal do Imigrante*, *Mundo Lusíada* e *Revista Nau's*), porém, é aberto na Internet para quem quiser ler. Em 2002, a agência possuía cerca de 200 jornalistas e 80 correspondentes que colaboravam com notícias de vários países⁴². No site, as informações estão divididas por países, como: *Lusa Brasil*, *Lusa Macau*, *Lusa Portugal* etc., ou por tipo de mídia: *Lusa TV*, *Lusa Rádio* etc.

Por fim, com relação às rádios, o que se nota atualmente é a existência de programas produzidos e apresentados por membros da comunidade portuguesa de São Paulo que compram ou ganham espaços em rádios da cidade (cerca de uma hora ou mais por semana). Em seu conteúdo, no geral, destacam-se músicas portuguesas, histórias da “terrinha”,

⁴² Fonte: LUSA-PT: Janela para um mundo de conteúdos. **Microsoft Electronic Commerce Service**. [s.l.:s.n.], 2002. Disponível em: <<http://download.microsoft.com/download/8/6/5/8650b90b-a5a6-42cc-bb1a-f4a50decbe53/LUSA.doc>>. Acesso em: 19 jul.2006.

declamação de poemas e sonetos, divulgação de eventos de alguma instituição ou entidade luso-brasileira, notícias sobre Portugal, entre outros. Alguns existentes em 2005/2006: *Heróis do Mar*, apresentado por Martins Araújo, na rádio 9 de Julho; *Domingo em Portugal*, apresentado por Abílio Herlander F. Leitão na Rádio FM Imprensa; e *Portugal, a Saudade de Você*, apresentado na Rádio Capital por Isabel Botelho. No passado, de acordo com Freitas (2006, p.190), verificou-se a existência de *Melodias Portuguesas* (Rádio Piratininga e Rádio 9 de Julho), de Irene Coelho; *Longe dos Olhos, Perto do Coração* (Rádio 9 de Julho), feito por Júlio Pereira; *Saudades de Além Mar* (Rádio Record), de Nuno Madiera; e *Horas Portuguesas* (Rádio Panamericana).

Uma curiosidade: sobre programas na TV voltados para a comunidade portuguesa existiram dois na década de 1950: *Caravela da Saudade*⁴³ e *Portugal no Mundo*, ambos na extinta TV Tupi. Atualmente, há a possibilidade de se assistir a emissoras diretamente de Portugal, via TV a cabo, como é o caso da RTP.

[...] e agora com essa história da TVA aí, a gente já liga direto Portugal... e a gente fica assistindo, às vezes, tem programas que são muito, muito de esporte, mas [...] quando entram fados e guitarradas minha mãe não sai de perto, isso aí é uma coisa que não deixa de assistir (depoimento de Lígia transcrito no texto de LANG apud ROCHA-TRINDADE; CAMPOS, 2003, p.118).

Outras considerações — Encontramos, ao longo da pesquisa, cerca de 20 títulos de jornais e revistas voltados para a colônia portuguesa que surgiram em São Paulo desde o fim do século XIX. Destes, pelo menos cinco estão em circulação hoje em dia. É muito difícil, entretanto, identificar se tal publicação é ou não voltada especificamente para a comunidade luso-brasileira — o que não ocorre com outras colônias devido ao idioma ser diferenciado. Como exemplo podem ser apontadas a *Revista Camoniana* (editada pelo Centro de Estudos Portugueses da USP e de circulação atual) e a *Revista de Filologia Portuguesa* (fundada por Sílvio de Almeida em 1924 e que circulou, pelo menos, até 1925 — com 18 edições). O motivo é que ambas abordam questões especificamente literárias, da língua portuguesa e não de comunidade, que é a nossa busca. Claro que entre os títulos que consideramos compor este tipo de imprensa ao longo do tempo, há publicações literárias; estas, porém, de alguma forma estão ligadas à colônia, seja com notícias, anúncios ou mesmo por seu vínculo (efetivo, moral ou emocional) a alguma associação ou entidade de caráter comunitário que procuramos — o que não ocorre com os títulos exemplificados. Outro problema com relação à identificação

⁴³ Citamos anteriormente este por motivo da existência da revista homônima, com informações sobre a atração televisiva, dirigida por Alberto Maria Andrade.

são os autores e temas tratados pela publicação. A revista *Anhemi*, por exemplo, teve entre seus colaboradores intelectuais portugueses atuantes na comunidade (como Ricardo Severo, Carlos Malheiro Dias e Sarmiento Pimentel). Além disso, publicou em suas páginas artigos de interesse dos portugueses e descendentes que aqui viviam, como os que criticavam duramente o regime de Salazar. Entretanto, não é uma revista voltada para os luso-brasileiros em sua essência, uma vez que tem como foco principal aspectos intelectuais e culturais.

Sobre as características dessas publicações encontradas na capital paulista que mais nos chamaram a atenção podemos citar, inicialmente, a variedade de temas que elas abordam, desde prestação de serviço, informações sobre as atividades de alguma instituição, passando por artigos reflexivos de cultura, economia, política etc. Algumas conseguem abranger todos; outras, se “especializam” em determinado assunto. Entretanto, a diversidade é enorme — apesar de a maioria voltar-se para questões literárias — e muito difícil de ser classificada, ou seja, não há um modelo único de imprensa voltada para os imigrantes portugueses.

Em seguida, destacamos o grande período de circulação dos títulos. Com exceção do *Ponto de Encontro* (que teve apenas dois números), temos publicações que permaneceram por décadas; outras que, desde sua fundação, ainda circulam (por exemplo a *Revista da Câmara Portuguesa de Comércio do Brasil-SP*, há 90 anos). Há também o caráter profissional dos jornais e revistas encontrados. A maioria se não é constituída por intelectuais e pessoas de renome, é elaborada por jornalistas profissionais (com MTB). Soma-se a isso, a boa qualidade física e gráfica (papel, fotos, diagramação etc.) dessa imprensa.

Tais observações fazem-nos pensar sobre o caráter esporádico e amador das publicações voltadas para colônias de imigrantes muitas vezes apontados por autores. Evidentemente que há o argumento, evocado também por Carla Mary S. Oliveira (2003), de que algumas publicações portuguesas eram destinadas para as classes média e alta que se estabeleceram no seio das colônias estrangeiras brasileiras, solidamente — no caso dos portugueses, em especial, graças ao trabalho no comércio. Dessa maneira, no que diz respeito à imprensa, começou a existir também uma sofisticação editorial, com o surgimento de títulos dedicados a este público. Não podemos esquecer ainda — e aqui incluímos outra observação sobre o material encontrado — que os títulos, quando ligados a algum centro cultural, associação ou entidade luso-brasileira (o que compõe a maioria), estes são bem estabelecidos, de significativa estrutura (física, cultural ou econômica) e os mais reconhecidos, de maior visibilidade. Ou seja, não é qualquer comunidade, pequena e pobre, que edita um jornal (ou se

o faz, os mesmos não se tornam conhecidos ou sequer registrados). São entidades que possuem (ou possuíram no passado) uma intensa atividade cultural, política, econômica, esportiva, entre outras, que estão à frente dessa imprensa. Tudo isso reflete na idéia de amadorismo e periodicidade inconstante que muitas vezes se tem da imprensa imigrante, o que deve ser repensado e revisto, pelo menos no que diz respeito à colônia portuguesa paulista — ainda quando estas publicações trazem informações e notícias sobre ajuda, socorros, ofertas de trabalho, documentos e até processos de repatriação — temas ligados, num sentido maior, às pessoas mais “carentes” que compõem o público desses periódicos.

Outro ponto relevante é o aspecto religioso. Nas características do imigrante português que veio para cá, como vimos, verifica-se uma tendência de a maioria ser católico. Porém, não encontramos nenhum título de jornal ligado a alguma igreja, por exemplo, embora no conteúdo achado, destacam-se sempre notícias sobre datas especiais de algum santo, festas religiosas típicas etc.

Com relação aos anúncios publicitários divulgados pela imprensa luso-brasileira, destacamos que, à primeira vista, boa parte é de grandes empresas que de alguma forma são ligadas à colônia portuguesa. Os anunciantes mais freqüentes encontrados foram: grupos Pão de Açúcar, Votorantim e Transontano, TAP Air Portugal. Bancos Luso-Brasileiro e Espírito Santo e profissionais liberais portugueses ou descendentes (muitos freqüentadores do centro ou entidade ao qual o título está ligado).

Sobre o conteúdo em si destes periódicos, a principal tendência identificada é que a imprensa da colônia portuguesa quase sempre se pautou pelo estímulo à manutenção da identidade e dos laços culturais e afetivos que remetiam a Portugal, sejam eles reais ou imaginários, num aspecto mais recreativo. Ou, nas palavras de Oliveira (2003, p.21), tinham como objetivo “louvar a terrinha, cultivar as tradições, reviver a História da Nação Lusa, informar-se sobre o cotidiano das colônias africanas, sentir-se parte do ‘vasto império português’”. Não podemos deixar de destacar que há certos títulos que se aproveitaram da questão luso-brasileira e surgiram apenas em busca de anúncios publicitários geradores de renda para seu fundador; outros foram criados pela simples necessidade de comunicação da entidade com seus sócios / membros; há ainda os que serviram ao longo de sua circulação como forma de status ou divulgação e reconhecimento social; e ainda: aqueles que realmente sentiram a necessidade de servir como espaço para reflexões, divulgações de notícias e idéias e apontamentos de

questões que interessam aos dois países; por fim, têm-se também os que mesclam um pouco de cada uma de todas essas características.

A chamada imprensa portuguesa do Brasil desempenhou um papel importante dentro das comunidades. De um lado, como veículo de divulgação da vida portuguesa, de seus valores e de suas vicissitudes, de suas transformações e de sua modernização; de outro, como instrumento aglutinador dos membros dessas comunidades, atraindo-os e juntando-os em torno de projetos e realizações associativas, de caráter cívico, cultural, assistencial, desportivo etc. (COSTA, 1983, p.39).

Concordamos plenamente com o argumento de Costa quando ele fala do primeiro lado do papel dessas publicações na comunidade (divulgação da vida portuguesa, transformação etc.) e ainda ressaltamos e reconhecemos o mérito (levando em conta todas as dificuldades, de ordem financeira, informacional, operacional etc.) dos produtores desses jornais. Porém, sentimos a necessidade de fazer uma ressalva quando o autor aponta o outro lado, o de servir como “instrumento aglutinador” dos membros dessas comunidades. Conforme vimos, uma publicação desse tipo pode ser uma forma simplesmente de status, influência, ou de lucro (foram em alguns casos empreendimentos individuais). Características que muitas vezes se sobrepõem ao chamado “espírito comunitário”, que não deixa de ser uma visão romântica integrante do imaginário deste tipo de imprensa, que se concretiza em alguns casos, mas não em outros. O que não cabe é a generalização. Percebe-se é que a função de celebrador das raízes deixadas na terra de origem, bem como a de órgão assistencialista, de defensor da respeitabilidade, de formação moral, de divulgador cultural, de fórum de debates e idéias pode não ter sido a tônica da totalidade dos jornais e revistas imigrantistas que circularam (ou ainda circulam) em São Paulo. Estes, por sua vez, podem ter servido apenas de “vitrine” das condições sociais e suas diferenças existentes dentro da própria colônia.

Uma coisa é fato: analisar o conteúdo dessas publicações é de grande valia para a compreensão de um grupo em determinada época, seja de que aspecto for. Foi isso que fez Carla Mary S. Oliveira, Eulália Maria Lahmeyer Lobo, Maria Manuela Ramos de Sousa Silva, entre outros autores. A primeira (2003, p.25) conclui que os leitores de uma dessas publicações (a revista *Lusitânia*, do Rio de Janeiro):

[...] estavam interessados nos destinos políticos da Nação portuguesa mas, também, nos jogos disputados por clubes de *football* como o Vasco da Gama e o Botafogo, nos bailes de carnaval, nas festas do Dia da Colônia, na leitura de artigos sobre a História de Portugal e em notícias sobre as colônias lusitanas espalhadas pelo mundo afora. Suas páginas eram feitas para informar mas também para, principalmente, *entreter* os portugueses bem sucedidos e suas famílias ⁵ e alimentar a construção de sua nova identidade em terras

estrangeiras, reforçando elementos e signos considerados dignos de atenção por seus editores.

A segunda (2001) se aproveitou também de análises do jornal carioca *O Mundo Português* e das revistas *Litoral* e *Atlântico* como fonte de informação para entender melhor os aspectos gerais da emigração portuguesa para o Brasil.

As revistas *Litoral* e *Atlântico* (luso-brasileiras) publicavam contos, poesias, ensaios de literatura, histórias, sociologia, etnografia de brasileiros e portugueses, além de reproduções de gravuras, pinturas, esculturas e de notícias de interesse para os dois países (LAHMEYER LOBO, 2001, p.189).

O Mundo Português, jornal da colônia portuguesa no Rio de Janeiro, de tendências salazaristas, comentava que, apesar do Tratado de Amizade e Consulta, não havia reciprocidade no intercâmbio comercial luso-brasileiro (LAHMEYER LOBO, 2001, p. 216).

A terceira, Maria Manuela Ramos de Sousa Silva (1991, p.7), se utilizou da *Gazeta Lusitana*, publicada no Rio entre 1883 e 1889, para entender a “saga” dos imigrantes portugueses introduzidos no Brasil e “reconstituir as varias refrações do olhar do jornal sobre a sociedade portuguesa e brasileira de seu tempo”.

Através de seu pungente relato [do jornal], desfila ante nossos olhos um infindável rosário de desditas e amargas experiências vivenciadas pelos imigrantes, desde o momento em que abandonam suas terras de origem ate ao desembarque em solo brasileiro. Mas este relato não se fixa tão somente nos infortúnios e misérias do mundo do imigrante. Ele traz, igualmente, ate nos a marca das tensões e conflitos gerados no calor dos enfrentamentos, recusas, concessões e solidariedades, afinal as praticas sociais que mediatizam as relações entre nacionais e portugueses.

Já Márcia Blasques e Patrícia Giuffrida (1994, p.75-86) mencionam os jornais da colônia portuguesa de São Paulo como fonte de orgulho para sua entrevistada (Deolinda Adelaide Lopes Jardim, 49 anos, dona-de-casa e diretora do departamento feminino da Portuguesa de Desportos):

Hoje Deolinda mostra feliz os inúmeros poemas que já escreveu e que foram publicados em jornais da colônia portuguesa. *Portugal em Foco* foi o primeiro jornal que deu vida aos meus poemas. Depois disso vieram *A Voz de Portugal* e o *Mundo Português*. Ela também escreveu poesias que foram recitadas no programa *Trilha Nova*, de José Varela Leal, aos domingos, na Rádio ABC.

4. O jornal *Mundo Lusíada*

Em 2005/2006 circulam cinco publicações voltadas para a comunidade portuguesa de São Paulo. Os jornais *Mundo Lusíada*, *Jornal do Imigrante* e *Portugal em Foco* e as revistas *Nau's* e *Revista da Câmara Portuguesa de Comércio no Brasil – SP*.

Destas, o *Mundo Lusíada* pode ser considerado uma das mais expressivas e atuantes. A seguir o histórico mais detalhado da publicação, uma vez que se trata do nosso objeto de estudo.

Fundado em 1998, o jornal *Mundo Lusíada*, apesar de ter sede em São Bernardo do Campo⁴⁴, circula, em sua maioria, na cidade de São Paulo. Além de ser voltado para a comunidade luso-brasileira (portugueses que vivem no Brasil e seus descendentes), divulga notícias das Comunidades dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e também está ligado à instituição Elos Internacional da Comunidade Lusíada⁴⁵, atendendo a seus filiados.

O Elismo é um movimento de congregação de valores humanos dispostos ou, pelos menos, predispostos a defenderem a aliança e a promoverem a boa compreensão dos povos de língua portuguesa. Veículo de propagação e de defesa dos ideais que formam a comunidade lusíada é também o Elismo, por decorrência e paralelamente, fonte de alta confraternização de quantos nele se integram. Tendo por trilha o idioma português, pois, fadado a se expandir por lugares os mais diversos e distantes, sejam quais forem as suas peculiaridades locais próprias e típicas, o Elismo é um símbolo de manutenção e de garantia da sobrevivência, em qualquer lugar do mundo, de princípios e ideais que a língua mater conferiu e consolidou nos homens de todos os tempos.⁴⁶

Segundo o editor de *Mundo Lusíada*, Odair Sene⁴⁷, a maioria dos leitores pertence à classe econômica A ou B. “São mais de 90% formado por empresários, comerciantes, panificadores, supermercadistas, industriais, etc.”.

A publicação tem periodicidade quinzenal (fechamento nos dias 01 e 15 de cada mês) e, além de ser vendida por assinatura, é distribuída gratuitamente nas associações (ligadas à colônia

⁴⁴ A sede do jornal é na Avenida Getúlio Vargas, 414 (cj. 04), Baeta Neves, São Bernardo do Campo.

⁴⁵ O Elos Clube é um clube de serviço que traz como principal objetivo a defesa e propagação da Língua Portuguesa. São cinco unidades (clubes) em São Paulo: no Centro, Zona Sul, Zona Norte, Oeste, Grande ABC, na Baixada Santista, além dos outros sete países que falam o idioma (os próprios clubes remetem o jornal).

⁴⁶ Texto retirado do site oficial do Elos Clube. Disponível em: <<http://www.elosclube.org.br>>. Acesso em: 20 jul.2006.

⁴⁷ Odair Sene concedeu entrevista à autora, via e-mail, em 26 jan.2006.

portuguesa) de São Paulo, em cerca de 30 eventos/mês com público médio de 300 pessoas por evento.

Segundo documento particular do jornal (sobre suas características) enviado à autora:

Mundo Lusíada surgiu com o intuito de suprir a necessidade de uma mídia representativa da colônia portuguesa e que apresentasse seriedade no seu conteúdo. Na época havia concorrência, entretanto a mídia existente até hoje, se restringe mais aos eventos associativos. Já o *Mundo Lusíada* traz um leque maior de informações.⁴⁸

Quanto aos aspectos físicos, o jornal atualmente é *standard* (mas no início, era tablóide), tem capa e contra capa colorida (o restante é preto e branco) e traz edições de oito a 12 páginas, “dependendo do número de notícias e anúncios”.

Seu conteúdo editorial não é dividido em editorias fixas. Matérias sobre política de Portugal, por exemplo, se misturam às de esporte, economia, cultura, notas de falecimento etc. Além das matérias jornalísticas, há colunas de opinião e passatempos (palavras cruzadas). Também publica a agenda de eventos, com informações sobre as atividades das associações, clubes e entidades portuguesas de São Paulo.

Mundo Lusíada tem tiragem de cinco mil exemplares, é filiado a Abrarj - Associação Brasileira de Revistas e Jornais e é mantido por meio de anúncios publicitários e convênio com o Elos Clube.

O editor Odair Sene diz que a participação dos leitores, descendentes de portugueses ou não, acontece de forma massiva na publicação. “Temos tido muita interatividade, interesse e participação do nosso público, que conta com o veículo para divulgação de seus interesses” e ainda garante que os “jovens descendentes têm total interesse não só pela cultura mas por tudo que seja ligado à luso-brasilidade”⁴⁹.

O jornal tem um site (www.mundolusiada.com.br), fruto da edição impressa. Apresenta editorias fixas e notícias atualizadas semanalmente sobre política, economia, cultura (que têm como fonte a Agência PNN e a Agência Brasil) e informações sobre a comunidade portuguesa em geral e CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), com coberturas de eventos ocorridos. Lista de acesso referente a dezembro de 2005 mostra que os internautas que mais

⁴⁸ O documento, intitulado “Mundo Lusíada”, foi enviado à autora, via e-mail, no dia 14 fev.2007.

⁴⁹ IDEM nota 48

visitam a página são: 1) do Brasil; 2) dos EUA; 3) Portugal; 4) da França; e 5) da Suíça. Semanalmente, é enviado um boletim com as últimas atualizações do site para cerca de cinco mil endereços eletrônicos.

CAPÍTULO V
UM GRITO DE OLÉ EM SÃO PAULO: IMPRENSA E
IMIGRAÇÃO ESPANHOLA

1. Imigração espanhola: brevemente, do princípio aos dias de hoje

CANCIÓN DE DESPEDIDA
Como se marcha el buen amigo,
Y el melancólico bordón
pulsa Recuero en su guitarra
cantad conmigo esta canción:
¡Torres de Segovia
cigüeñas al sol!
Eduardo va de camino
por esos campos de Dios
en los zarzales blanca flor.
Verdad que el agua del Erisma
Nos va lamiendo el corazón
Y que al festín de mariposas
Acude el negro abejarrón;
mas a la clara despedida
no le pongáis más de un bemol.
Y en esta tarde de verano
cantad a plena voz:
¡Torres de Segovia, etc...
 (MACHADO, 1997, p.436)¹

O fluxo imigratório espanhol para o Brasil é o terceiro em importância numérica, perdendo apenas para a quantidade de italianos e portugueses que aqui se instalaram. A exemplo do caso português, não é possível fixar uma data exata para o início da chegada espanhola em terras brasileiras. Podemos considerar, por exemplo, que na expedição de Cristóvão Colombo (descobridor oficial da América em 1492) vieram espanhóis para cá, sendo o próprio fundador da cidade de São Paulo, em 1554, o padre jesuíta José de Anchieta, espanhol². No entanto, a grande corrente imigratória espanhola, assim como de outras nacionalidades, se deu no fim do século XIX até fim da década de 1950 do século XX. Segundo dados do Memorial do Imigrante³, entre 1870 a 1953 chegaram ao país 644.469 imigrantes espanhóis. E, se no caso

¹ Optamos por manter o idioma das epígrafes no original por se tratar, na maioria das vezes de trechos literários ou textos de caráter romântico ou poético.

² De acordo com García-Guillén (2005, p.91), muitos historiadores constataram a presença de espanhóis no Brasil antes até do descobrimento oficial por Pedro Álvares Cabral (1500). É o caso de Alonso de Ojeda, Vicente Yañez Pinzón e Diego de Lepe.

³ Disponível em <<http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br>>. Acesso em 24 ago.2006.

de Portugal, a quantidade de trabalhos, livros e estudos sobre o tema é pouca, com relação aos espanhóis é ainda menor.

[...] nunca se fez um estudo completo dessa migração, nem existem estudos monográficos sérios que sirvam de base a para a reconstrução dela. A história desses espanhóis foi ignorada tanto por seu país de origem como por sua pátria de adoção (KLEIN, 1994, p.07).

Comparativamente a outras correntes que demandaram o Brasil — italianos, alemães, japoneses, sírios-libaneses —, pouco se produziu aqui acerca desse contingente [o dos espanhóis].

[...] Há poucos trabalhos de pesquisas específicos e alguns artigos enfocando questões mais pontuais, além de alusões esporádicas, dispersas nos trabalhos que versam sobre a questão imigratória em geral ou tratam de grupos específicos (CÁNOVAS, 2001, p.37).

No caso dos imigrantes espanhóis para o Brasil, tratamos de grupos duplamente excluídos: primeiro por serem pobres, trabalhadores, pessoas comuns, como milhares de outros imigrantes e brasileiros de nascimento, considerados ‘cidadãos de segunda classe’, cuja memória não foi preservada pelos registros, nem está recolhida nos arquivos. Segundo, pelo fato de serem espanhóis, que sem amparo legal do Estado Espanhol e suas representações diplomáticas, tornam-se duas vezes ‘estrangeiros’ (ANTONACCI, 2000, p.138).

Outro agravante é que, além da quantidade menor, o material sobre a Espanha encontra-se bem mais disperso que no caso português (reunido em bibliotecas como a da Casa de Portugal ou a do Clube Português), sendo localizado, na grande maioria, nas mais diversas universidades. Até mesmo a biblioteca do Instituto Cervantes⁴, de São Paulo — muito bem organizada e toda informatizada —, volta-se principalmente para volumes literários ou de ensino do espanhol, sendo poucos os livros e documentos referentes à história ou sociedade espanhola.

Sabe-se, entretanto, que os espanhóis que migravam para o continente americano durante o grande fluxo vinham, nos “vapores”, na “classe imigrante” de diversas partes da Espanha e preferiram, em sua maioria, se instalar em países de língua espanhola, como Argentina e Cuba, além dos Estados Unidos⁵. Segundo Herbert S. Klein (1994, p.37), “no total, apenas 12% de todos os espanhóis migrantes da Espanha para qualquer região entre 1882-1930 vieram para o Brasil”. Porém, dos que vieram (só de 1880 a 1900 entraram no Brasil 199.193

⁴ O Instituto Cervantes está localizado na Av. Paulista, 2439 – 7º andar. Tel.: 3897-9600; site: <http://saopaulo.cervantes.es>.

⁵ Cánovas (2001, p.55) lembra que a emigração espanhola desse período, “de caráter quase peninsular”, teria como destino diversos países e era determinada, mais que por opção pessoal do emigrante ou por variáveis regionais, por uma série de fatores muitas vezes independentes de sua vontade, como conexões portuárias, subsídios concedidos pelos países receptores, propagandas levadas a efeito pelos agenciadores, cartas de chamadas de parentes e amigos já estabelecidos etc.

espanhóis — 12% do total de estrangeiros⁶) a origem exata variava de acordo com as políticas migratórias adotadas tanto por parte do governo espanhol como do governo brasileiro (que veremos a seguir). No início, se caracterizou da seguinte maneira:

No final do século XIX até a década de 30, houve o predomínio dos habitantes das províncias costeiras do Noroeste e do Leste da Espanha: galegos, bascos, catalães, valencianos e os de Navarra. Vieram das províncias do Sul: das cidades de Sevilha, Cadiz, Córdoba, Almeria, Granada e Málaga. (FREITAS; RODRIGUES, 2003, p.09).

Ou nas palavras de García-Guillén (2005, p.92):

Durante esse período [fim do século XIX até anos de 1930] vieram habitantes principalmente do sul da Espanha: Sevilha, Córdoba, Almería, Granada, Málaga. E também moradores do noroeste do leste daquele país: galegos, bascos, catalães, valencianos.

De acordo com Klein (1994, p.42), no começo os espanhóis pegavam os navios nos portos de Vigo e Coruña. “Mas um importante grupo de imigrantes para o Brasil veio também dos portos mediterrâneos de Barcelona, Valência e Málaga”. Segundo o autor, uma viagem de Barcelona a Santos chegava a durar 12 dias. Alguns vinham chamados por parentes e amigos previamente estabelecidos (a conhecida “carta de chamada”); outros negociavam sua vinda com os “*ganchos*” (nomes que se davam aos agenciadores)⁷.

Espanha e Brasil têm seus motivos para enviar e receber migrantes, respectivamente. De um lado, no fim do século XIX, fazia parte da vida do espanhol (assim como os demais europeus) as guerras (em especial as de defesa das últimas colônias espanholas ultramarinas), fome, miséria, doenças, desemprego, perseguições política ou religiosa, superpopulação etc. Somase a isso, o simples desejo de aventura ou a possibilidade de se enriquecer e garantir prestígio que o imaginário comum sobre emigração proporcionava.

Na virada do século XX, a Espanha tinha uma população de 18,5 milhões de pessoas, densidade considerada crítica para um país pobre, com um setor agrário representando 2/3 de sua população e com acentuadas contradições internas, que resultaram em um profundo descompasso não apenas entre distintos setores da sociedade, mas, igualmente, entre as várias regiões (CÁNOVAS, 2001, p.73).

⁶ KLEIN, 1994, p.31.

⁷ Nas palavras de Cánovas (2001, p.55), “atuavam como ganchos desde secretários das prefeituras e juizados locais, farmacêuticos, comerciantes e até párocos, ou qualquer indivíduo que fosse bem relacionado. Muitos eram proprietários das pensões próximas aos portos de embarque. Sua ação abusiva foi objeto de muitas reclamações aos cônsules dos países de destino”.

Do outro lado, o Brasil, em parte como já vimos, se propunha a receber o imigrante (não só espanhol, mas de diversas outras nacionalidades) para solucionar seu problema de mão-de-obra, uma vez que a escravidão fora abolida em 1888 (com a promulgação da Lei Áurea) e não havia trabalhadores livres o suficiente para atender a demanda interna (a população nativa era relativamente pequena), principalmente a das fazendas de café do Estado de São Paulo, na época em ampla expansão inclusive com a instalação de linhas férreas. Além disso, como ressaltam os autores García-Gullén (2005, p.92) e Bellotto (1992, [s.p]), o fim da Guerra do Paraguai e a substituição da Monarquia pela República fizeram com que o país se tornasse, em termos econômico-sociais, um dos destinos preferidos dos imigrantes.

Entretanto, é necessário lembrar, como bem destaca Cánovas (2001, p.65-66) e que também serve para o caso português, visto anteriormente, que os motivos que levam uma pessoa a imigrar vão além desses citados, de caráter pontual:

[...] parece-nos mais plausível enxergar neste movimento, pelas razões antes apontadas, não apenas um fenômeno local e isolado, mas um movimento com articulação ampla e relacionado a um processo global de expansão do sistema capitalista, cujas transformações estruturais, relacionadas à configuração da economia a níveis mundiais, se reproduziriam a nível local e seriam as responsáveis pelas causas apontadas.

Não conseguimos levantar com precisão o perfil do imigrante espanhol que chegou ao Brasil a partir de 1880 até cerca de 1930. Sabemos que ele pode ser reconhecido como o homem camponês, empobrecido⁸, de pouca instrução e, principalmente, que vinha com a família — de acordo com Klein (1994, p.40), de 1901 a 1908, por exemplo, 57% dos espanhóis que desembarcaram em solo brasileiro eram homens e 43% mulheres; 58% destes tinham idade entre 14 e 60 anos. O objetivo era encontrar oportunidades na nova terra e, quem sabe, retornar ao país de origem com dinheiro, prestígio e relatos de grandes experiências vividas.

Assim, pode-se aceitar que o perfil que mais se aproxima do emigrante que veio para o Brasil e, especialmente, para S.Paulo neste período, é aquele que o identifica com o pequeno proprietário empobrecido, sem condições de sobreviver e manter a sua família apenas da exploração da sua propriedade, ou sequer de alimentar qualquer expectativa quanto a uma provável melhoria nas condições de vida [...] (CÁNOVAS, 2001, p.103).

Está claro que os espanhóis eram incomuns nesse fluxo migratório por estarem entre os que mais vieram em grupos familiares e os que mais trouxeram filhos.

⁸ “[...] os emigrantes potenciais não se constituíam de pessoas provenientes das mais baixas camadas daquela população, os *jornaleros*, por exemplo, mas de pequenos proprietários a quem, mesmo empobrecidos, restava lançar mão de algum estratagema que lhes fornecesse o montante necessário para fazer frente aos demais gastos da viagem” (CÁNOVAS, 2001, p.134).

[...] Em comparação com os outros imigrantes europeus, os espanhóis foram mais classificados como agricultores, e nisso também estavam próximos dos japoneses. Mas o que é mais surpreendente é que, mesmo em comparação com os portugueses, eles eram indiscutivelmente os menos instruídos dentre os principais grupos de imigrantes que vieram para o Brasil nesse período (KLEIN, 1994, p.51).

O fato de o imigrante espanhol vir com mulheres e filhos pode ser explicado, em parte, por se tratar de uma migração subsidiada, o que estimula a vinda não só do homem, como foi no caso português, mas de toda a família. Além disso, eram os mais pobres que se aproveitavam deste estímulo governamental o que nos ajuda a entender o porquê de muitos imigrantes espanhóis preferirem o Brasil a outros países de língua e colonização espanhola da América — o que, sem dúvida, facilitaria seu processo de assimilação e aculturação.

A maioria, inicialmente e, ao contrário dos portugueses que se instalaram nas cidades, foi para as fazendas de café do interior paulista. Pouco antes de 1914, segundo Klein (1994, p.35), eles chegaram a ultrapassar temporariamente os italianos em importância nos cafezais e responderam por 22% de todos os imigrantes chegados ao país. Os que ficavam nos centros urbanos, entretanto, trabalhavam no comércio e no setor de serviços como sapateiros, alfaiates, carpinteiros e até ficaram conhecidos pela introdução de uma nova atividade: a do sucateiro — que consistia, resumidamente, em andar com carroças pelas cidades arrecadando material velho a ser vendido a donos de depósitos, oficinas etc., ou nas palavras de Antonacci (2000, p.145): “atividade considerada marginal por basear-se no desmanche e reaproveitamento de objetos e resíduos animais ‘sem valor’”.

No que diz respeito às cidades, temos que:

Seu destino foram cidades como Belém, capital do Pará, no norte do Brasil; ou Salvador, capital da Bahia, grande centro receptor de imigrantes espanhóis, e Recife, capital de Pernambuco, ambas no nordeste do País; ou ainda a cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, e a cidade de São Paulo, ambas capitais na região sudeste (BELLOTTO, 1992, [s.p.]⁹).

Segundo Marília D. K. Cánovas (2001, p.43), desde 1834 a Espanha tinha leis sobre emigração, a maioria, entretanto, restritiva. Por outro lado, já em 1850, no Brasil, a imigração passou a ser de responsabilidade dos governos provinciais (ao mesmo tempo, estimulada pela iniciativa privada). Foi então que São Paulo, movido pelo ciclo do café, saiu na frente e estabeleceu uma série de leis, campanhas e estratégias para atrair trabalhadores não só

⁹ Quando não foi possível identificar na obra o número da página, utilizamos [s.p.].

espanhóis, mas como europeus em geral e também japoneses em sistemas de Parcerias, Colonatos e Imigração Subvencionada já vistos no capítulo anterior.

De 1889 ao início do século seguinte, chegaram quase 750.000 estrangeiros a São Paulo, dos quais 80% eram subsidiados pelo Governo. De 1886 a 1934, entraram quase 2.250.000 imigrantes, comparados a uma população-base de 1.250.000 habitantes em São Paulo, em 1886. Cerca de 58% dos imigrantes naquele período foram subsidiados pelo Estado. (PETRI, 2005).

A exemplo do português, já visto, e dos imigrantes das demais nacionalidades, os espanhóis, ao chegarem aqui, eram submetidos a péssimas condições de trabalho com jornadas na lavoura que poderiam durar até 14 horas por dia. Todos da família trabalhavam, inclusive as crianças. Inúmeros eram os problemas desses estrangeiros.

Os colonos se endividavam. Os fazendeiros obrigavam o trabalhador a se abastecer dos diversos produtos que necessitasse, nas vendas da própria fazenda, cujos preços eram mais elevados do que os praticados em outros estabelecimentos.

Foram inúmeras as queixas sobre o não-pagamento dos salários [...]. Ocorreram conflitos entre os fazendeiros e os colonos devido à falta de pagamento e aos maus-tratos, acarretando greves e fugas.

Muitas foram as queixas sobre o isolamento social e cultural a que os colonos estavam sujeitos. As grandes distâncias entre as fazendas, e mesmo das fazendas até as cidades, dificultavam os contatos [...]

Outro fator negativo era a falta de escolas, que dificultava a instrução dos filhos desses imigrantes; não havia igrejas e a assistência médica era inexistente (FREITAS; RODRIGUES, 2003, 19).

A crueza da realidade local, não muito diversa daquela que havia deixado para trás em seu país de origem, e que de pronto se insinuaria, muitas vezes antes mesmo do desembarque, deve ter-lhe imposto dilemas pessoais e familiares de toda sorte, ainda mais considerando a distância abissal entre aquela e as expectativas que haviam motivado a decisão.

Contudo, uma vez imigrado, e com família, pouco lhe restava, a não ser arregaçar as mangas e tentar encurtar o tempo na consecução do seu projeto que, certamente, incluía prosperar o suficiente para retornar a seu país numa condição menos desfavorecida ou adquirir uma propriedade, que lhe restabeleceria, pelo menos em teoria, sua antiga condição de pequeno proprietário (CÁNOVAS, 2001, p.201).

Quando os emigrantes chegaram às fazendas de café, estavam de tal maneira fragilizados, que a maior parte deles não resistia às brutais condições de trabalho que se impunham nas plantações [...]. Os barões de café e seus capatazes não haviam abandonado a maneira dura de tratar aos escravos e, salvo raras exceções, a empregavam com os homens livres que chegaram para substituí-los (MERCHÁN, 1993, p.16 – Tradução nossa).

Com tudo isso, o processo de imigração para o Brasil ganhou uma publicidade muito negativa, inclusive na Europa, o que se tornava um obstáculo para os fazendeiros. Dessa maneira, o governo paulista se viu obrigado a tomar algumas medidas, como, por exemplo,

criar, em 1886, a Sociedade Promotora de Imigração com o objetivo de incentivar a vinda de mão-de-obra para as lavouras de café.

Uma das primeiras realizações (da Sociedade Promotora de Imigração) foi a publicação de uma brochura, pormenorizando as atrações de São Paulo. O texto, sempre que possível, fazia comparações favoráveis com a Argentina, os Estados Unidos e países europeus. Não havia menção a problemas raciais ou à existência, ainda, da escravidão, mas se assinalava cuidadosamente que em São Paulo ‘a maneira de vestir, mobiliar as casas, alimentar-se e, em geral, todos os costumes são europeus (...) transporte do Rio de Janeiro ou Santos para a cidade de São Paulo, comida para até oito dias e alojamento na hospedaria, incluindo tratamento médico gratuito e transporte ferroviário igualmente gratuito para a destinação final no interior da Província’ (PETRI, 2005, [s.p.]).

O governo espanhol, por sua vez, tinha ciência das condições precárias às quais seus cidadãos eram submetidos em terras brasileiras, porém, só foi tomar uma atitude concreta em 1910 — a exemplo da Holanda, Itália e Alemanha — quando, após investigação sobre denúncias de escravidão¹⁰, proibiu a imigração subsidiada para o Brasil (o conhecido Real Decreto de 26 de agosto de 1910). Não podemos esquecer que esta ação foi adotada principalmente com a finalidade de garantir que os homens do país, indispensável na defesa das últimas colônias ultramarinas espanholas, não fossem embora. Entretanto, de acordo com Freitas e Rodrigues (2005, p.20), “tal atitude do governo espanhol não teve muitas conseqüências e a imigração contratada funcionou até o final dos anos 20, através do porto de Gibraltar”. Temos então dois aspectos a destacar: a mudança na origem e locais de partidas dos emigrantes espanhóis e a clandestinidade.

[A partir de 1910] tais saídas se davam preferentemente pelos portos portugueses de Lisboa e Porto, onde os emigrantes, em sua maior parte galegos, saíam com passaporte português, sobretudo com destino ao Brasil, mas também pelos portos franceses pelos quais os bascos-navarros embarcavam com destino a outras localidades americanas. [...] Gibraltar — colônia inglesa —, era o porto preferido pelas Companhias para o transporte, já que não sofria a tutela das autoridades espanholas; ali embarcavam clandestinamente muitos dos que não podiam fazê-lo de maneira legal pela Espanha. [...] As pessoas, em sua maioria recrutadas na Andaluzia, ali se amontoavam à espera dos navios, onde embarcavam na terceira classe (CÁNOVAS, 2001, p.50).

Ou nas palavras de Klein (1994, p.44-45):

¹⁰ Antón Corbacho Quintela (2005) salienta que a maior parte da imprensa diária espanhola evitou fornecer informações tanto em relação às dificuldades pelas que passavam os países de destino da emigração quanto sobre as conseqüências que esta reportava a muitas regiões espanholas que perdiam uma desproporcionada percentagem de sua população. “Destartes, a imprensa foi um dos veículos que se serviram armadores, consignatários e prestamistas para divulgar sua hiperbólica propaganda acerca das vantagens da expatriação, pretendendo com isso evitar o surgimento nos periódicos de qualquer linha editorial crítica e da conformação de uma opinião contrária à sangria humana para além-mar. Através dos jornais, informava-se das melhoras nos portos de embarque, da venda de passagens de navio e das condições de viagem. Paralelamente, projetava-se sobre o imaginário popular a construção de um horizonte de expectativas ao redor de uma boa fortuna que aguardava na América a quem decidisse emigrar”.

Nas regiões do norte, em especial na Galícia, a proibição formal teve pouca consequência. Tendo em vista que nessa região a grande maioria dos imigrantes era de camponeses donos de pequenas propriedades, as elites e autoridades locais não se preocupavam muito com a perda de população nessas zonas densamente povoadas e de minifúndios. Isso, mais uma rede bem montada de agentes de recrutamento e o contato muito próximo com Portugal, significou que mesmo no início da década de 1910 essa atividade ‘ilegal’ podia se dar abertamente nos portos regulares.

[...] Com a proibição formal dos contratos de ‘enganche’ após 1910, os navios com destino ao Brasil deixaram de apanhar imigrantes subsidiados nesses portos. Então, o anteriormente esquecido porto de Gibraltar tornou-se o porto principal de partida para os imigrantes que não eram do norte. Embora alguns viessem de Sevilha, Cadiz e Córdoba, o grosso dos emigrantes que partiam de Gibraltar devem ter vindo da tradicional região da Andaluzia.

Assim, segundo Freitas e Rodrigues (2003, p.16), entre 1904 a 1914, entraram no Brasil 243.617 espanhóis; entre 1915 e 1918, 31.539; de 1919 a 1930, 91.776. Conforme dito no capítulo anterior, a Primeira Guerra e, em seguida, a grande crise econômica mundial de 1929 alteraram os números do fluxo migratório em todo o globo. Já a Espanha, neste período, sofreu grandes transformações políticas, inclusive com o início da ditadura franquista (em 1936) e a chamada Guerra Civil Espanhola.

Na Espanha, a década de 1930 caracterizou-se, também, pela fermentação de crises de natureza institucional, política, ideológica, social e econômica, que assolavam o restante do mundo. As eleições municipais de 1931 redundaram na formação de uma maioria de representantes republicanos e socialistas. O desdobramento institucional acabou por consagrar, em um país tradicionalmente monárquico, o estabelecimento da II República, em abril de 1931, por ação de Alcalá Zamora, e a promulgação de uma Constituição republicana, de perfil liberal-socialista, em dezembro desse mesmo ano. Em 1933, José Antonio Primo de Rivera, tendo buscado possível inspiração na Milícia de Mussolini, idealiza e cria a Falange Espanhola. As eleições de 1936 consagraram os socialistas, que unidos a sindicalistas, anarquistas, republicanos e comunistas, constituem a Frente Popular. A oposição ao governo republicano estava mesclada pela união de monarquistas, representantes do alto clero, oficiais militares identificados com a direita e organizações anti-republicanas. Neste conturbado e complexo quadro institucional, o assassinato de Calvo Sotelo, que exercia a liderança da facção monarquista, ensejou o pretexto para que irrompesse, em julho de 1936, no Marrocos e na Península, o movimento revolucionário, que tinha nos generais Franco, Mola e Queipo de Llano seus chefes. Em outubro de 1936, o general Franco era guindado à condição de Chefe do Estado Espanhol (BELLOTTO, 1992, [s.p]).

Dessa maneira, o grosso dos imigrantes espanhóis veio antes de 1930, embora viessem em número significativo também após a Segunda Guerra Mundial. De 1931 a 1940, o número de espanhóis que entrou no Brasil caiu para 9.937; de 1941 a 1945 a redução foi a apenas 275 indivíduos. Nova alta só veio a ser verificada de 1946 a 1963, quando foi registrada a entrada de 123.590 imigrantes espanhóis, conforme Freitas e Rodrigues (2003, p.16).

A partir da década de 1950, o fluxo migratório entrou em profundo declínio, o perfil do imigrante espanhol que chegava ao Brasil começou a mudar, bem como a condição do Brasil como país receptor. Com o fim das guerras e o início do desenvolvimento da economia espanhola, a emigração já não era tão vantajosa como no início. Além disso, no Brasil, o desenvolvimento da era industrial, em especial com o crescimento dos setores automobilístico e siderúrgico, exigia mão-de-obra especializada. Não podemos esquecer ainda o início da migração interna em massa do nordeste do Brasil para a região Sudeste que também contribuiu para diminuir o movimento de imigrantes não só espanhóis, mas de todas as outras nacionalidades, no Brasil.

[...] o governo brasileiro entrou numa nova era de desenvolvimento industrial na década de 1950. [...] O principal alvo foi a produção de automóveis e o resultado foi a construção da maior indústria automobilística da América Latina no espaço de dez anos. Para suprir a falta de mão-de-obra especializada necessária a essa indústria, o Brasil buscou imigrantes europeus especializados. Dessa forma, ao surto normal posterior a 1945 de imigrantes espanhóis que vinham ao encontro de parentes bem-sucedidos, acrescentou-se então uma nova imigração subsidiada de trabalhadores especializados espanhóis (KLEIN, 1994, p.61).

De 1964 a 1972 entraram no Brasil 4.467 espanhóis, enquanto que de 1970 a 1980, apenas 2.074, de acordo com Aguiar (2001, [s.p.]). Estes, em sua maioria, emigraram espontaneamente e em melhores condições econômicas, uma vez que muitos eram trazidos pelas empresas que necessitavam de maior qualificação; outros, no entanto, vieram por meio do Centro Intergovernamental para as Migrações Europeias (CIME)¹¹, criado por cerca de 30 países europeus e de outros continentes para facilitar a migração europeia. Além de maior qualificação, outra característica relevante verificada nesta nova leva de migrantes é a volatilidade, ou seja, a maioria vinha fazer seu trabalho e depois retornava para a Espanha.

[o emigrante espanhol] encontrou colocação nas fábricas da região do ABC, na Grande São Paulo. Mas essa emigração foi relativamente pequena (cerca de 24.500) e altamente volátil, retornando em grande número para a Espanha quando a economia desse país decolou, no final da década de 1960 (KLEIN, 1994, p.64).

No entanto, é a partir dos anos de 1980 que se nota uma mudança significativa no fluxo migratório internacional. Com os baixos e instáveis índices de desenvolvimento da economia brasileira (má distribuição de renda, inflação, problemas sociais etc.), o Brasil passa de país receptor para emissor de migrantes, isto é, a situação se inverte: são os brasileiros que vão buscar trabalho na Europa. Filhos e netos de imigrantes, inclusive espanhóis, voltam para os

¹¹ “O CIME ajudou também a patrocinar a emigração europeia do pós-guerra não só dos espanhóis como de emigrantes de outras nacionalidades, tanto de seus próprios países como de refugiados políticos” (FREITAS; RODRIGUES, 2003, p.16).

países de seus antepassados para tentar a vida, com alguma familiaridade cultural e facilidades burocráticas que a dupla-cidadania proporciona.

Durante as décadas de 80 e 90, milhares de brasileiros deixaram o país fugindo da situação econômica instável, sacrificando-se no exterior em nome de uma poupança que garantisse na volta ao Brasil uma condição social melhor. Os dados mais recentes do Ministério das Relações Exteriores apontam que pelo menos 1,5 milhão de brasileiros reside no exterior. Os destinos mais procurados são EUA (622.005 brasileiros), Japão (201.867), Portugal (44.374), Alemanha (40.009) e Itália (32.026) (TAVARES, 2003, p.49).

De acordo com Gómez Lobo (2002, p.74), a Dirección General de Registros y Notariado del Ministerio de Justicia registrou em 2001 que 16.743 estrangeiros obtiveram o registro de nacionalidade espanhola. Destes, 58,8% eram originários do território americano, sendo que 273 eram brasileiros.

Além disso, no fim do século XX, no Brasil, a instalação de multinacionais — alavancadas especialmente pelos processos de desestatização de empresas e da globalização econômica — atraiu nova leva de migrantes e a Espanha, conforme explica Marcela Cardoso Tavares (2003, p.53), ocupa lugar de destaque neste processo:

Nesse breve espaço de tempo, ela [a Espanha] se tornou o segundo maior entre os investidores estrangeiros no Brasil, atrás apenas dos EUA. O Ministério das Relações Exteriores aponta que até maio de 2000 a participação da Espanha nas privatizações dos setores de telecomunicações e energia atingia US\$ 9 bilhões (12% do total). Em 1995, os investimentos espanhóis no Brasil somavam apenas US\$ 300 milhões. A atuação dos bancos BBVA e do Santander, antes mesmo de esse vencer o leilão de privatização do Banespa e se tornar o terceiro maior banco do Brasil, também contribuiu para a posição estratégica da Espanha entre os investidores.

Os imigrantes trazidos por essas empresas, por sua vez, são executivos, diretores, presidentes, consultores, gerentes e técnicos que vêm com a família para trabalhar no Brasil durante um período e depois acabam retornando¹².

¹² Marcela Cardoso Tavares (2003) traçou, em sua dissertação, o perfil dos imigrantes espanhóis que vieram para Salvador neste período. Nas palavras da autora (p.86-87): “No caso dos imigrantes espanhóis que vieram para Salvador (BA) a partir de 1995, a oportunidade surgiu através do convite da empresa em que trabalhavam. Esses migrantes temporários não estavam passando por problemas financeiros na Espanha, tinham empregos fixos, moravam em grandes centros e possuíam um alto grau de instrução. Para convencê-los a trabalhar na reorganização das filiais recém-adquiridas no Brasil, as multinacionais não pouparam esforços e ofereceram uma gama de atrativos: promoções, apartamento funcional, carros, cursos, e todo o tipo de comodidades no ato da migração. A partir do momento em que os custos para a manutenção desses estrangeiros no Brasil começaram a pesar e a filial e matriz se entendiam perfeitamente, os espanhóis foram convocados a retornar. É provável que sintam saudades do Brasil, mas não é como se voltassem sem perspectivas para a Espanha; a sua vaga na empresa está garantida”.

A Espanha se integrou à União Européia e passou por vários tipos de governo: de direita, de esquerda, de direita... Ela está perfeitamente colocada no Primeiro Mundo, e no Brasil entram grandes bancos e instituições espanholas internacionais. A importância dos que chegam agora é maior, eles têm categoria, são, na sua totalidade, especialistas em administração, em computadores, advocacia. Tecnologia audiovisual... Enfim, os espanhóis agora são outros (GARCIA-GILLÉN, 2005, p.77-78).

O fato é que durante o século XX, cerca de seis milhões de espanhóis deixaram seu país para buscar, conforme Gómez Lobo (2002, p.63 – tradução nossa), “soluções econômicas e políticas para suas vidas”. Ainda segundo o autor, em 1997, residiam no exterior 2.256.931 espanhóis, o que significa 5,6% do total da população espanhola da época.

No balanço geral, temos que a emigração espanhola para o Brasil teve caráter tardio se comparada com outras nacionalidades.

Q5 – Principais grupos de imigrantes estrangeiros para o Brasil¹³			
Período	Italianos	Portugueses	Espanhóis
1820-1876	16.562	160.119	2.901
1877-1886	132.153	83.998	15.715
1887-1903	995.620	305.582	193.607

Esse “atraso” (que pode ser atribuído a diversas características de ordem interna de cada país), segundo alguns autores, refletiu na adaptação do espanhol em terras brasileiras, dificultando suas oportunidades.

Alguns indicadores [...] parecem demonstrar que o caráter tardio dessa imigração pode ter revelado uma dificuldade maior a esse imigrante quanto ao acesso às oportunidades locais para a concretização desse objetivo, exigindo-lhe doses adicionais de sacrifício e esforço, quando não de obstinação, pois, se de um lado, as oportunidades rareavam ou já haviam sido aproveitadas por outros grupos que o antecederam, as condições oferecidas nem de longe conformavam o modelo imaginado ou eram compatíveis às promessas dos contratadores que nutriam suas esperanças e expectativas (CÁNOVAS, 2001, p.120).

Conseqüência disso — aliada à constante rotatividade de mão-de-obra colona e uma fluidez geral ao mercado de trabalho imigrante, conforme defende Klein (1994, p.25) — é que a capacidade de mobilidade internacional do espanhol passou a ser identificada como uma das características importantes deste processo, revelando-se uma das mais sensíveis às crises econômicas locais. Em geral, por causa das péssimas condições de trabalho, a grande maioria não ficava nas fazendas por mais de uns poucos anos; era comum a migração para as cidades

¹³ Fonte: Maria Stella Ferreira Levy (apud FREITAS; RODRIGUES, 2003, p.16).

brasileiras, para outros países da América Latina (em especial a Argentina) e até o retorno para a Espanha.

As poucas estatísticas disponíveis de fontes espanholas sobre essa migração de volta sugerem que foram, em esmagadora maioria, os homens mais jovens — e muito provavelmente solteiros — que voltaram para a Espanha.

[...] Outro traço característico da emigração de espanhóis do Brasil é que com maior frequência iam para outro país das Américas. Quando deixavam o Brasil, os espanhóis tendiam mais a ir para a Argentina do que voltar para a pátria (KLEIN, 1994, p.52/57).

Entre os imigrantes os descontentamentos eram muitos e nos primeiros anos de século XX começaram os retornos para os países de origem ou, o que foi muito freqüente, a ida para a região platina. Foram constantes os casos de imigrantes, envolvendo sobretudo espanhóis e italianos, que tendo vindo subvencionados pelo governo brasileiro, acabaram por ir se fixar na Argentina ou no Uruguai (BELLOTTO, 1992, [s.p.]).

São Paulo — Somando a importância da atividade econômica cafeeira à localização do porto de Santos (onde a maioria dos navios atracava), São Paulo foi o Estado que mais recebeu imigrantes em toda a história do Brasil. No caso dos espanhóis, São Paulo foi o Estado onde mais eles se concentraram. De acordo com Marília D. K. Cánovas (2001, p.110), de 1872 a 1900 o número de espanhóis no território paulista cresceu 9.500%; entre 1910 e 1919 entraram em São Paulo 135.326 espanhóis. Conforme identifica Klein, no censo brasileiro do ano de 1920, 78% dos 219.142 imigrantes espanhóis residiam no Estado paulista; pelo censo nacional de 1940, 81% dos 160.557 espanhóis do país estavam em São Paulo. Para García-Guillén (2005, p.95-96), a maior concentração de espanhóis ocorreu nas cidades de Catanduva, Araraquara, Santa Adélia, Bauru, Piraju, Araçatuba, Marília, Tanabi, Mirassol, Nova Granada e São José do Rio Preto.

Os espanhóis trouxeram grande contribuição ao Estado bandeirante, pelo seu apego à terra e à lavoura, baseados numa grande tradição agrícola.

[...] Esses imigrantes chegavam, muitas vezes, a formar colônias agrícolas, que acabavam transformando-se em cidades de importância, como era o caso, nos anos 30, da cidade de Nova Granada (CASTELLANI, [s.d.], p.108-109).

Na capital, em 1920 registra-se a presença de 24.902 espanhóis e, em 1940, de acordo com Freitas e Rodrigues (2003, p.21) 35.136, fixados, principalmente nos bairros do Brás, Mooca e Ipiranga.

As ruas Caetano Pinto e Carneiro Leão, no Brás, foram cenário de convivência, lutas e discussões entre espanhóis e italianos, motivadas por futebol: os espanhóis torcendo pelo Corinthians e os italianos pelo Palmeiras, antigo Palestra Itália (GARCÍA-GUILLEN, 2005, p.96).

Estes bairros, porém, não chegaram a ficar conhecidos como redutos tipicamente espanhóis, como o caso do Bixiga (associados aos italianos) ou da Liberdade (aos orientais). Klein (1994, p.92-93) justifica esse fator à dispersão característica dos espanhóis.

Enquanto os portugueses mantiveram sua identidade devido à sua maior concentração nas cidades e em atividades comerciais, os espanhóis tenderam a se misturar com a população local com mais rapidez — paradoxalmente, tendo em vista sua maior endogamia inicial. [...] É evidente que os espanhóis se integraram mais rapidamente à cultura dominante e se associaram mais completamente às instituições nativas do que qualquer outro grupo importante de imigrantes.

Na capital, de acordo com García-Guillén (2005, p.98), os espanhóis assumiram diversas profissões: operários (principalmente no setor têxtil, da construção civil e nas estradas de ferro), sapateiros, carpinteiros, mecânicos, pequenos comerciantes de frutas ou flores, donos de bares, de restaurantes, de padarias, de hotéis e de pensões, e “se dedicaram com destaque ao comércio da sucata de ferro e de papel”.

Tiveram ainda grande destaque nos movimentos operários, anarquistas e nas organizações dos trabalhadores. Foram participantes ativos nas greves de 1917 na cidade e, conforme lembra Freitas e Rodrigues (2003, p.22), “o estopim dessa greve foi a morte do operário espanhol José Iniguez Martinez, após choque com a polícia, em frente da fábrica de tecidos Mariângela, no Brás”.

[...] os espanhóis foram surpreendentemente importantes, desde os primórdios, nas tentativas de organizar os trabalhadores nos movimentos socialistas radicais e anarco-sindicalistas do Brasil. Entre as 106 pessoas identificadas como líderes importantes dos trabalhadores no Brasil entre 1890 e 1920, havia 22 espanhóis (KLEIN, 19914, p.76).

Por fim, destaca-se a grande contribuição cultural que introduziram, com seus hábitos e costumes, na cidade. Citamos como exemplo a culinária: a *paella* (arroz temperado com açafrão e misturado com frutos do mar e diversas outras carnes), os *churros* (massa frita recheada com doce de leite) e as *tortillas* (omeletes com batata) são bem apreciados pelos brasileiros.

2. Identidade e as ‘comunidades’ espanholas de São Paulo

Outra idéia que me assaltava era a da imigração. Você chega a um país novo, com ajuda de governos de lá e de cá. A viagem, o emprego garantido, a liberdade da mudança e da independência da família. Por outro lado nem a distância nem o tempo permitem esquecer sua terra de origem, que para você vai ser sempre igual, a mesma. Sem mudanças. Tal qual você a deixou. (GARCÍA-GULLÉN, 2005, p.45).

2.1 – Elementos de uma identidade espanhola

Não é simples, como no caso português, encontrarmos os elementos identitários espanhóis que permeiam o perfil e a memória coletiva dos imigrantes espanhóis que vieram para o Brasil, em especial durante o grande fluxo migratório (do fim do século XIX até 1960). Se no caso português tínhamos a saudade, o espírito aventureiro e o trabalho como fonte de reconhecimento e pertencimento, no espanhol, talvez devido as já citadas dispersão e rápida integração desses imigrantes na sociedade receptora — que, conforme García-Guillén (2005, p.75) já na primeira geração aportuguesaram seus nomes e sobrenomes —, ou ainda, por questões sociais profundas ligadas à própria formação histórica e cultural da Espanha, ou mesmo à pouca bibliografia sobre o assunto é mais difícil a definição destas características. Não vamos nos atrever aqui a entrar pela discussão tão polêmica sobre “identidade espanhola”. Até porque o tema, não raro, remete à idéia de nacionalismo ou patriotismo — questão, no mínimo, considerada complicada em um país onde o regionalismo (basco, catalão, galego etc.), estruturado até por idioma próprio, muitas vezes se sobrepõe à questão nacional. No entanto, esboçamos algumas características (não definitivas e estáticas) que podem compor esse imaginário que ajudou a construir a vida e a identidade espanhola no Brasil.

Mario García-Guillén (2005, p.28/89) classifica os espanhóis como conquistadores, aventureiros, religiosos e fundadores. “Esse povo bravo da península ibérica que tinha surgido como mistura de celtas e navegantes mediterrâneos, iberos, godos, visigodos, árabes e judeus, para formar o que seria o espanhol”. Tal perfil ajuda a compor o caráter e a forma da aculturação e da assimilação do povo espanhol no território brasileiro. O fato de serem identificados como conquistadores, aventureiros e fundadores está intimamente ligado, assim como no caso português, ao período histórico das grandes navegações, descobertas e colonizações, podendo remeter até ao período da formação da Península Ibérica e conseqüente mistura dos povos na época — o termo visigodo, por exemplo, teria como significado “povo valente”. Já sobre a questão da religião, tem-se a idéia de que o espanhol (assim como os italianos ou portugueses) sempre foi católico. Uma pista para tal imaginário talvez seja a forte

atuação da Igreja Católica desde a Idade Média na Europa e o reinado dos monarcas católicos, Isabel e Fernando de Aragon (nos anos de 1400), lembrados até hoje por toda a Espanha; esta imagem, por sua vez, pode ter sido reforçada pela atuação da Missão Católica Espanhola, na década de 1960, em São Paulo¹⁴.

No começo da Idade Média, a Península Ibérica era um mosaico de cultura ao qual a Europa cristã olhava com incompreensão e receio por sua duvidosa identidade. A homogeneização cultural em termos cristãos passa a ser um esforço para superar a excentricidade com respeito à Europa: tratou-se de criar uma sociedade homogênea, cristã e branca, aceitável pelo resto da Europa. Para demonstrar o cristianismo que se formou em parte dela, se recorreu a uma solução ‘moderna’: homogeneizar culturalmente o país eliminando pelas forças a minoria [...]. Assim, foi configurando entre os súditos da monarquia hispânica uma identidade popular, homogênea, baseada no catolicismo e na contra-reforma (JUNCO, 2005, [s.p.] – Tradução nossa).

Outra característica que revela o chamado espanholismo em terras brasileiras é o caráter contestador do espanhol, eternizado na popular frase “se hay gobierno, soy contra”. Sua participação ativa, já citada, no movimento operário no início do século XX, fez com que o trabalhador espanhol, de um modo geral, fosse rotulado de “anarquista”. Um trecho do livro de Mario García-Guillén (2005, p.14) nos mostra esta idéia de contestação:

Estava louco com essa idéia. No primeiro fim de semana passei pelos centros espanhóis [de São Paulo], anunciando em todos eles minhas viagens. Na Casa de Espanha, no Centro Asturiano, na Casa de Galícia, no Democrático, que acolhia os da oposição ou os “do contra”, como eram chamados... Eu tinha de lhes informar meu compromisso sobre as primeiras viagens.

- Prece que você já está trabalhando como jornalista.
- Não só estou como tenho uma importante missão: vou escrever uma reportagem sobre cada cidade visitada. E espero que vocês me leiam.
- Sim, leremos seus artigos, mas também os contestaremos caso você escreva alguma bobagem.

Outros fatores de reconhecimento ligados aos espanhóis são também trabalho e família. Após colher depoimentos de imigrantes que vieram da Espanha e formaram a colônia de espanhóis em Villa Novaes (SP), Marília D. K. Cánovas (2001) constatou que, para estas pessoas, a família e o trabalho representavam o núcleo em torno do qual orbitava todo o plano cotidiano da vida, todos os interesses e projetos, assumindo, assim, para o imigrante, quer nas fazendas

¹⁴ A Missão Católica Espanhola teve como objetivo trazer os preceitos do Movimento de Cursilhos de Cristandade — criado na Espanha, na década de 1940, por iniciativa da Juventude da Ação Católica Espanhola (JACE) da Diocese de Palma de Mallorca. Consistia, resumidamente, em uma grande peregrinação de jovens, com o objetivo de reavivar a fé que os espanhóis tinham perdido com as guerras: “trazer de volta para Cristo, aqueles que o haviam abandonado”. Esta peregrinação chegou ao Brasil em 1960 e, na Semana Santa de 1962, realizaram o primeiro Cursilho de Cristandade no Brasil, na cidade de Valinhos (SP). Fonte: Movimento de Cursilhos de Cristandade do Brasil. Disponível em: <http://www.cursilho.org.br/historico.php>. Acesso em: 30 ago. 2006.

de café ou nas cidades. Segundo a autora (p.293), “a família, o trabalho, o trabalho em família: essa tríade sintetizava e canalizava de certo modo os interesses comuns e as estratégias de sobrevivência” do imigrante. Estes aspectos, por sua vez, estão ligados a valores tradicionais, morais e conservadores adotados pelos espanhóis, em especial da primeira geração. A manutenção da língua, da culinária, da religião, ainda que no âmbito familiar, não deixa de ser uma forma de proteção e resistência. De acordo com Klein (1994, p.83), era alto o nível inicial de endogamia entre os imigrantes espanhóis, principalmente se comparado a outros imigrantes europeus¹⁵.

Por fim, vale destacar, o perfil de sucateiro e negociante que a introdução do comércio da sucata de ferro e de papel (mencionada no item anterior) na capital paulista lhes rendeu — embora os espanhóis, de uma maneira geral, não se deram tão bem nos negócios, comércio e indústria, se comparado com italianos ou com os portugueses¹⁶. Maria Antonieta Antonacci (2000, p.141) relata depoimentos que colheu com mulheres espanholas que migraram para São Paulo: “...possuía apenas uma carrocinha, com a qual percorriam a cidade, arrecadando sucata para ser vendida aos donos dos depósitos, ou eram empregados dos depósitos, no serviço de triagem e classificação dos materiais”. García-Guillén (2005, p.62) também cita o ferro-velho: “Muitos espanhóis transformaram suas próprias casas em [...] depósitos de cereais, frutas e óleos, como revendedores, e na comercialização do ferro-velho, segmento comercial em que a presença espanhola marcaria bairros como o Brás e a Mooca”.

Uma última observação a ser feita sobre essa questão da identidade é sobre a situação da Espanha no fim do século XIX, ou seja, início do grande fluxo emigratório. Vimos que as conjunturas, social, político e, principalmente, econômica não eram boas. Além disso, a perda das últimas colônias americanas com os processos de independência (Cuba, Porto Rico e Filipinas, em 1898) agravou ainda mais aquilo que podemos considerar uma crise, inclusive de identidade. Porém, como destaca Marcelino Merchán (1993, p.07), “España estaria dormida, pero no muerta”. Segundo o autor, em reação “à catástrofe”, o país recorreu ao seu interior e foi deste reconhecimento que nasceu a gloriosa geração de 1898, que trouxe “a luz

¹⁵ Segundo Klein (1994, p.83), entre 1916 e 1917, 34% dos italianos e 43 % portugueses se casaram com mulheres italianas e portuguesas, respectivamente. No caso dos espanhóis, o número de homens que se casaram com mulheres da mesma nacionalidade sobe para 62%. Uma das causas dessa característica pode ser o equilíbrio entre os sexos, como vimos anteriormente.

¹⁶ Boletim da “Directoria de Industria e Comercio” da “Secretaria da Agricultura, Comercio e Obras Públicas de São Paulo” (*Apud* KLEIN, 2005, p.77), revela que de uma amostra de 300 empresas (comerciais e industriais) que foram incorporadas no Estado de São Paulo de abril a novembro de 1917, os espanhóis representavam apenas 2% dos homens envolvidos nessas incorporações e tinham apenas 3% de participação nelas.

da realidade os grandes valores da alma espanhola. Merchán se refere, dessa maneira, à revitalização do idioma e da cultura espanhola pelas obras de Ganivet, Unamuno, Azorín, Antonio Machado, Valle Inclán, Maeztu e os mais jovens Ortega e Gaset; além dos feitos dos “mestres” no terreno científico Don Santiago Ramón e Cajal.

Todos esses homens demonstraram, então, que a realidade espanhola existia profundamente, Que seu patrimônio era rico e original, o suficiente para devolver ao homem espanhol sua personalidade perdida.

Esta influencia foi transcendendo fronteiras a fora, chegando até Ultramar, onde, todavia, existiam espanhóis que por haver fixado raízes novas em países hostis, resistiram a todos os embates até que lhes chegaram as influências da divulgação cultural que estava começando na Pátria Mãe e, com estas específicas armas, começaram a ganhar batalhas com o nacionalismo que queriam impor (MERCHÁN, 1993, p.07 – Tradução nossa).

Sobre essa influência no Brasil (e em São Paulo), diz o autor (1993, p.07-08 – Tradução nossa):

Também ocorreu no Brasil, onde existiam espanhóis conscientes da situação, material e moral, pela qual estava atravessando a Espanha e pela qual os mesmos estavam passando [...]. Esse é o caso dos imigrantes em São Paulo [...], que é preciso dizer, não sofreram discriminação, porém, a situação deles não era muito melhor, tendo em conta as causas que os levaram a deixar a terra querida e a pouca esperança de poder voltar.

2.2 – Associações, entidades, comunidades, colônias e afins

La vida les había enseñado todo aquello que necesitaban para poder luchar y poder vencer en medios hostiles. Exento de egoismos, con una sensibilidad infinita, que les hacía aminorar los sufrimientos de los que acobardados se entregaban a la desesperación; y asta una gota de agua les podía ahogar (MERCHÁN, 1993, p.08).

Assim como outras nacionalidades de migrantes que vieram para o Brasil, os espanhóis também revelaram espírito associativo e formaram suas próprias comunidades ou colônias, concretizadas não em bairros (como outros estrangeiros), mas em associações, sociedades, clubes, entidades etc.. No entanto, é preciso ressaltar que estas surgiram em número muito menor que a dos portugueses ou italianos, por exemplo, bem como tiveram vidas mais curtas; entre as causas disso, podemos considerar: o rápido processo de aculturação e assimilação do imigrante espanhol na sociedade receptora e seu padrão difuso e disperso de fixação, motivado, entre outros, até pela mobilidade internacional (como vimos, característica do processo migratório espanhol).

Das 290 associações beneficentes do Estado, somente doze estavam ligadas à comunidade espanhola, sendo as mais importantes as duas da capital e as três de Santos. Estatísticas

anuais parciais fornecidas pelo governo estadual de São Paulo sugerem que as sociedades beneficentes espanholas (conhecidas como *sociedade espanhola de socorros mútuos*) tinham usualmente menos membros e recursos muito mais modestos do que associações italianas e portuguesas, que também estavam mais bem distribuídas pelo Estado. Ademais, mesmo essas comunidades de imigrantes mais abastadas, embora fossem responsáveis por quase metade das associações voluntárias do Estado, ainda assim respondia, por menos de um terço dos recursos acumulados por todas as sociedades beneficentes paulistas (KLEIN, 1994, p.90).

A justificativa para a criação dessas associações não difere muito do que vimos no caso português. O desenraizamento causado pelo processo migratório, muitas vezes traumático, abala a estrutura emocional do imigrante colocando em cheque sua identidade e gerando inúmeros tipos de conflitos. O novo território totalmente desconhecido e a expectativa do que estar por vir causam uma insegurança natural e própria do ser humano fazendo com que este se apóie em fatores que integram seu sistema de referências até então — ainda que este seja “apenas” a nacionalidade ou o idioma que, em situação usual (como, por exemplo, no seu país de origem), não teria tanta importância a ponto de gerar elos de reconhecimento ou fraternais.

Na sociedade de adoção, com efeito, a convergência de interesses em torno de um projeto, reforçará a relação e a importância assumidas pela família nuclear, porém, evidenciou-se, igualmente, fator de aproximação e vinculação a outros grupos, engendrando redes ligadas por grau de parentesco mais afastado ou apenas por afinidade e inclusive relações de vizinhança ensejando a origem local, as quais tiveram uma função muito importante na integração do imigrante.

Manifestando-se como vimos, em situações mais usuais, como no chamamento, na acolhida aos recém-chegados, na obtenção de trabalho; estendendo-se a questões que envolviam interesses comuns [...] e manifestando-se em situações mais graves [...], tais redes atenuaram o impacto provocado pelas mudanças impostas pelo processo migratório (CÁNOVAS, 2001, p.294-295).

No início, o objetivo destes grupos, entidades ou associações, com algumas particularidades, era, no geral ajudar o imigrante a enfrentar as dificuldades na nova pátria e preservar sua identidade cultural, ou, como explica Quintela (2005), “para se reunirem e prestarem socorro mútuos, estabelecendo e mantendo vínculos com a pátria que os expulsaras e, ao mesmo tempo, legitimando-se como cidadãos residentes no Brasil”.

Deve se sublinhar que a fundação e conservação das sociedades mutualistas, beneficentes e recreativas foi um meio de, por um lado, delimitar e estruturar um espaço simbólico específico destinado a marcar, mediante a fixação de formas de sociabilidade próprias dos lugares de origem, a diferenciação da imigração espanhola em relação aos brasileiros e aos imigrantes de outras nacionalidades e, além disso, de estabelecer fronteiras no interior da própria colônia através de uma auto-representação baseada na canonização de padrões de comportamento e de hábitos corporativos no que se reconheciam os membros dessas sociedades (QUINTELA, 2005, [s.p.]).

Breve panorama — A primeira instituição espanhola criada em São Paulo foi a Sociedade Espanhola de Socorros Mutuos e Instrucción, no dia 13 de março de 1898. Considerada a mais antiga é também a mais representativa atualmente — já que sobrevive até os dias de hoje, com o nome de Sociedade Hispano Brasileira de Socorros Mútuos e Instrução (SHB¹⁷). Veremos sua história, de forma mais detalhada, no próximo item, uma vez que é justamente esta entidade que produz o jornal *Alborada*, objeto de estudo desta dissertação. Para o momento vale ressaltar que a SHB, da forma como se encontra hoje, é o resultado de uma junção de várias outras instituições de caráter semelhante que existiram ao longo do tempo na capital paulista.

Sobre as outras associações que surgiram ao longo do tempo, infelizmente, não temos nomes, datas e números precisos, por falta de documentos ou bibliografia sobre o assunto. Destacamos, no entanto, apenas o que encontramos no que diz respeito à cidade de São Paulo: Centro Galego (criado em 1902; existiu até 1970), Centro Español de São Paulo, Circulo Cervantino, Centro Asturiano (conhecido como CETRIN), Centro Andaluz, Grêmio Dramático Hipanoamericano, Casa da Galicia, Hogar Español, Instituto Regional Valenciano, Casa de España, Sociedad Beneficiencia Española (criada em 1910 pelo dr. Don José Aspret), Federación Española, Grupo Dramático Cervantes, Grupo Dramático Isaac Peral, Casa de Aragón, Centro Democrático Español e El Instituto Regional Valenciano.

Atualmente, além da já citada SHB, localizamos a existência das seguintes instituições: a Sociedade Benéfica Rosalía de Castro de São Paulo (com sede na R. Barão de Itapetinga, 255 – 11º andar. Tel.: 3120-3173); a Associação Cultural Catalonia (fundada em 1990 e localizada na Av. Lins de Vasconcelos, 1807, São Paulo. Tel.: 5549 3840); Centro Vasco (localizado na R. Fonte do Salgueiro, 173, São Paulo. Tel.: 6914-4244 ou 5929-3716); Centro Canário (R. Wilson Valin, 52, São Paulo, Tel.: 5566-2133); Centro Valenciano – La Senyera (R. Serra da Saudades, 10, São Paulo); e o Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio (fundado em 1998 mas que difere um pouco do perfil das entidades traçadas aqui, uma vez que tem como objetivo principal apoiar e fomentar, no Brasil, estudos filosóficos, especialmente sobre o pensador maiorquino Raimundo Lúlio, mas que também tem como meta divulgar a cultura catalã — fica na Praça. da Sé, 21 – Centro. Tel.: 3104-3937. Site: http://www.ramonllull.net/sw_principal/l_br/home.php).

¹⁷ Sigla adotada atualmente pela Sociedade que passará a ser usada a fim de facilitar a escrita e leitura do texto, evitando, dessa forma, a repetição do longo nome da entidade (Associação Hispano Brasileira de Socorros Mútuos e Instrução).

Destacamos ainda a Câmara Oficial de Comércio Espanhola no Brasil que, apesar de suas origens e objetivos comerciais, não deixa de ser reconhecida como um reduto de espanhóis na capital paulista — foi fundada em 1955 e conta atualmente com cerca de 400 associados dos mais variados setores de atividade. Está localizada na Av. Engº, Luís Carlos Berrini, 1681 – 14º andar; tel.: 5508-5959; site: <http://www.ecco.org.br/>; e o Instituto Cervantes que, embora seja conhecido como centro de preservação da cultura espanhola (e este é um dos seus objetivos), não pode ser confundido com as associações de imigrantes que estamos abordando, uma vez que trata-se de uma instituição oficial e sem fins lucrativos do Ministério de Assuntos Exteriores da Espanha. “Sua finalidade é a de promover o ensino da língua espanhola, difundir a cultura dos países hispanoparlantes e participar na promoção de intercâmbios culturais no mundo inteiro”¹⁸. Ainda como espaço de identificação da cultura espanhola em São Paulo estão o Colégio Miguel de Cervantes (Av. Jorge João Saad, 905 – Morumbi. Tel.: 3779-1800; site: <http://www.cmc.com.br/>) e a Associação Brasileira de Hispanistas (ABH) — com sede atual na Av. Professor Luciano Gualberto, 403 – sala 25, Cidade Universitária (USP), Butantã; site: <http://www.hispanista.com.br/abhesp.htm>.

Características — A exemplo do caso português e também de outras comunidades de estrangeiros, nota-se que as instituições, no início, tinham caráter filantrópico e de prestação de ajuda e amparo ao imigrante recém-chegado (trabalho, moradia etc.), doente ou que necessitasse de algum tipo de “socorro”, por exemplo, quem precisasse ser repatriado ou obter documentos¹⁹. A própria SHB foi criada com o objetivo de:

- a) Atender o restabelecimento da saúde, proporcionando aos enfermos socorros médico-farmacêuticos e pecuniário;
- b) Propender, por meio da cooperação moral e material, o fomento da cultura; a propagação do espírito e do bem-estar social;
- c) Impor toda sua influência moral para a defesa de seus associados, em caso de manifesta e ilegal perseguição, por parte de qualquer poder ou entidade;
- d) Intervir nos assuntos da Colônia Espanhola que guarde relação com seu progresso e bom nome;
- e) Contribuir para a diminuição dos danos produzidos por grandes calamidades públicas (Apud MERCHÁN, 1993, p.11 – Tradução nossa).

¹⁸ Disponível em: <http://saopaulo.cervantes.es>. Acesso em: 31 ago. 2006.

¹⁹ Não só as associações, entidades, clubes ou instituições tinham como principal característica a ajuda. Marília D. K. Cánovas (2001, p.283) identificou que a Vila Novaes (SP), formada por imigrantes espanhóis, tinha, “assim, uma função; fora criada por um bem sucedido imigrante espanhol, e seja qual tenha sido sua intenção nessa iniciativa, para todos ela tinha uma vocação estratégica: a de proporcionar algum conforto material na satisfação de algumas necessidades elementares a todos que a ela precisassem recorrer, concentrando alguns serviços essenciais à comunidade”.

Com o passar do tempo e a conseqüente aculturação e assimilação do imigrante na sociedade receptora, essa função filantrópica se perdeu. Hoje, as entidades que restam (localizamos apenas três) se propõem a defender e preservar a cultura espanhola, por meio de ações recreativas — a maioria, celebrando os laços étnicos, consangüíneos e de amizade entre os dois países — ou do próprio ensino do idioma de origem. Tal perfil nos remete a uma observação: mesmo com a total integração à sociedade brasileira o imigrante sentiu a necessidade de se vincular a um centro de cultura para manter as tradições, hábitos, língua e cultura da terra de origem.

Aliás, o ensino da língua espanhola²⁰ é outra característica destas entidades, na atualidade, com exceção (obviamente), do caso português. A SHB oferece cursos de espanhol, não só aos associados, mas a quem estiver interessado; já a Associação Cultural Catalonia dispõe de cursos de catalão. A impressão que se tem é que os vínculos diretos com a Espanha obtidos por estas instituições as legitimam e dão um caráter oficial (se comparado a escolas de idiomas comuns) no processo de ensino do idioma.

As escolas reafirmaram a etnicidade pelo ensino da língua e cultura de origem e por tornarem-se pontos de encontro e de lazer de alguns grupos [de imigrantes ou descendentes]. Dessa maneira, são colocados os elementos de constituição e de afirmação de suas identidades (FREITAS, 2002, p.130).

Segundo dados da organização Sí, Spain²¹, atualmente a língua espanhola é a quarta do mundo no que se refere a números de falantes: mais de 330 milhões de pessoas localizadas na Espanha, Guiné Equatorial, Saara, América Central e do Sul, Filipinas e parte dos Estados Unidos.

Também observamos, bem como no caso português, que essas associações espanholas são criações urbanas — embora suas raízes remontam da solidariedade tradicional do meio rural, já que a maioria dos imigrantes espanhóis se estabeleceu primeiro nas fazendas de café para depois se fixar na capital paulista. Foram nas cidades que os imigrantes puderam criar laços de grupos por meio da organização e manutenção de sociedades de socorros mútuos, uma vez

²⁰ A situação do espanhol no início do século XXI no Brasil é, conforme indica Francisco Moreno Fernandez, de “bonança, auge e prestígio”. Nas palavras do autor (2000, [s.p.] – Tradução nossa): “Neste momento se vive um crescimento espetacular da demanda de cursos de espanhol [...] Por que está se experimentando esta bonança e este auge? Por que o espanhol está sendo prestigiado? [...] A resposta envolve três feitos de notável importância na vida econômica, social e cultural do país, a saber: a criação do Mercosul, o mercado comum dos países da América do Sul, em 1991; a aparição de grandes empresas de origem espanhola e o estreitamento dos laços comerciais com a Espanha, sobretudo a partir de 1996; e o peso da cultura hispânica em geral”.

²¹ Site <http://www.sispain.org>, Acesso em: 04 nov. 2005 (em espanhol).

que encontrou mais liberdade e melhores condições para preservar sua cultura e tradições que nos núcleos coloniais das fazendas.

Não podemos esquecer ainda o caráter regionalista dessas entidades. Não só a origem local contava (ou conta) como também o local específico de onde saíram esses imigrantes, causando uma sobreposição, dessa maneira, do regional ao nacional. Por isso da existência do Centro Galego, Centro Andaluz, Associação Cultural Catalonia, El Instituto Regional Valenciano, Casa de Aragón etc..

Certamente os espanhóis também pensavam assim, mas estavam agrupados por regiões. Assim, os galegos tinham sua Casa de Galícia; os asturianos seu Centro Asturiano; os catalães o da Catalunha; os de Andaluzia o Andaluz; embora houvesse também a Casa de Espanha e a Sociedade Hispano-Brasileira. Verdadeiramente predominava a divisão, a separação. Mesmo na cidade de Santos, existiam, nessa época, dois clubes: o Centro espanhol, que era um dos mais antigos, e o Clube Juventude Espanhola de Santos (GARCÍA-GUILLÉN, 2005, p.56).

Outro fator interessante, desta vez apontado por Gattaz (1996, p.63-65), é que logo após a Segunda Guerra Mundial — quando houve um aumento no número de espanhóis que migraram para o Brasil — o espanhol recém-chegado demorou muito tempo para entrar em contato com as atividades da colônia espanhola (nessa época bem mais intensas que nos dias de hoje) realizadas por meio das associações, centros e clubes. Porém o próprio autor esclarece que tal situação é compreensível:

O contato tardio que estas pessoas tiveram com associações do tipo regionalista ou com o Centro Democrático Espanhol é compreensível. Chegando ao Brasil, as preocupações daqueles que emigraram por motivos econômicos voltaram-se prioritariamente à realização profissional e estabilidade material, o que exigiu maior dedicação e integração à sociedade brasileira.

Por fim, destaca-se que estas poucas associações restantes tentam resistir ao tempo e às transformações sociais ocorridas, tanto no país de origem, como no receptor. Verificando seus quadros atuais de sócios e/ou membros, notamos que muitos não têm qualquer elo com a cultura espanhola, seja de parentesco ou de amizade. Sua associação se dá por motivos de ordem pessoal (aproveitar de sua estrutura, por exemplo — piscinas, quadras, bibliotecas etc.), financeira (mensalidade acessível) ou local (proximidade da residência). Assim como este sócio frequenta o clube espanhol, poderia frequentar qualquer outro entre tantos que existem em São Paulo. Observa-se, então, o esforço dos presidentes, diretores ou funcionários — que ainda mantém algum vínculo com a Espanha, seja por serem descendentes dos imigrantes espanhóis que vieram para cá ou os próprios imigrantes, de gerações mais novas

— de manter a identidade da associação, preservando, muitas vezes, valores, culturas e hábitos que não se aplicam mais à Espanha atual ou aos próprios sócios. No entanto, como ressalta García-Gullén (2005, p.69): “os espanhóis estavam mudando. A maioria estava se integrando de tal forma aos paulistas que o conceito de coletividade começava a se perder [...] Era como se tivessem desaparecido os espanhóis”. Tal afirmação ganha força quando verificamos o número atual de espanhóis em São Paulo. Segundo o Consulado Geral da Espanha em São Paulo (Apud FERNANDEZ, 2000, [s.p.] – Tradução nossa), em 2000, o número de espanhóis “censados” era de cerca de 120 mil no Brasil e por volta de 88 mil (65%) na cidade de São Paulo. Deste montante, são pouquíssimos os que participam das atividades das associações restando aos imigrantes mais velhos a tarefa de manter estas entidades com uma forte ligação ao passado. Isto significa que essas pessoas podem ter origem espanhola, mas estão longe de ter ou cultivar o chamado “espírito comunitário” e tudo que este implica: pertencimento, reconhecimento, ajuda mútua, engajamento etc.. Talvez por serem em menor quantidade, as associações atuais mantêm algum tipo de atividade cultural ou recreativa regular — ao contrário de algumas portuguesas, praticamente abandonadas. Dessa maneira, resta-nos destacar que a coesão interna do grupo de emigrantes espanhóis que se estabeleceram em São Paulo foi visivelmente mais forte nos anos iniciais, quando ainda perduravam os laços ligados à terra natal ou mesmo a esperança no retorno ao país de origem.

3. A imprensa da colônia espanhola de São Paulo

Assim como no caso português, infelizmente não encontramos nenhum estudo histórico ou atual profundo sobre os jornais voltados para a colônia espanhola, pelo menos, no que diz respeito à cidade de São Paulo. Antón Corbacho Quintela (2005) ao tentar fazer um levantamento deste tipo de imprensa reconheceu que “a análise atual dos mesmos enfrenta-se ao sério empecilho que supõe a dificuldade de sua localização, pois não se conhece nenhuma instituição que conserve a coleção completa de algum desses periódicos”. No entanto, tal breve trabalho do autor (na verdade, um artigo) pode ser considerado um avanço ou o início de uma grande caminhada, uma vez que o tema ainda carece de bibliografia, trabalhos, estudos etc. e proporciona análise nas mais diversas áreas do conhecimento sob os mais variados ângulos. Maria Antonieta Antonacci (2000, p.145) chega a classificar a imprensa espanhola do começo do século XX como “ativa” e extremamente importante para a recuperação da memória do processo de imigração espanhola para o Brasil.

Situação semelhante a da própria imigração espanhola em São Paulo, que sem amparo oficial do governo espanhol, sem respaldo das autoridades brasileiras e sem o reconhecimento do empresariado paulistano [...] foi sendo diluída e relegada ao esquecimento. Para romper com este silêncio, importa rastrear os poucos registros da ativa imprensa espanhola que restam nos arquivos públicos, o esparso e mal preservado acervo da última associação espanhola que é mantida em São Paulo e ouvir as memórias de espanhóis carentes que moravam na Sociedade Beneficente Rosalia de Castro.

Neste trabalho, encontramos o mesmo obstáculo de Quintela; se conseguimos localizar — e fazer uma breve análise do formato e conteúdo — grande parte dos jornais (ainda que seja apenas um exemplar de cada título) das publicações portuguesas em bibliotecas e centros e associações da colônia, o mesmo não aconteceu com a imprensa espanhola. Só localizamos pouquíssimos títulos (nem dez no total) na Sociedade Hispano Brasileira (SHB) e no Memorial do Imigrante — os quais terão suas principais características relatadas a seguir. Os demais tivemos que recorrer a livros ou estudos que apenas citam estes periódicos ao falarem do processo de migração espanhola como um todo; em alguns casos, recorreremos à (re)transcrição de trechos destas publicações utilizados por estes autores para entendermos melhor o conteúdo desta imprensa, uma vez que não as localizamos.

O título mais antigo que temos notícia é o *Correo Ibérico*, de 1871, porém, não conseguimos identificar onde ele circulava. Na capital paulista, o mais antigo é *O Socialista*, veiculado em 1896, segundo Emilio Fernandez Cano ([s.d.], p.03).

Um ano depois, em 1897, surgiu *La Voz de España*, que mais tarde se transformou no *Diario Español*. Sob o título *La Voz de España*, é possível afirmar que circulou até 1912 (após a mudança de nome para *Diario Español* continuou até 1922) e foi dirigido por José Eiras Garcia. Este, por sua vez, acabou sendo deportado justamente por sua atuação na imprensa, ao lado de outros jornalistas espanhóis da época, como Everardo Díaz, que dirigia o periódico *Grito del Pueblo*.

Como vemos os nomes destas publicações aludem às exigências libertárias o que motivou repressões, proibições, processos e deportações como no caso de Everardo Díaz, responsável por ‘Grito del Pueblo’ que, como dissemos foi deportado em 1920, e José Eiras García, de ‘La Voz de España’ que, por sua constante defesa dos trabalhadores espanhóis foi preso e sofreu ataques da imprensa brasileira que ofendiam ao periódico e à própria Espanha CANO ([s.d.], p.03 – Tradução nossa).

Nesse começo do século XX, ainda identificamos a circulação de: *La Tribuna Española* (1901), *O Libertário*, *Terra Libre* (1905/1906), *Na Barricada* (1915), *Trabalhador Gráfico*, *El Progreso* (dirigido por Andrés Ortega), *La Nación* e *Gazeta Hispana* (que circulou, pelo

menos, até 1939). Cano justifica a existência destes jornais à presença de grande quantidade de trabalhadores gráficos na capital. Nas palavras do autor ([s.d.], p.03 – Tradução nossa):

Para estas atividades sociais e políticas havia uma considerável estrutura como consequência da presença de numerosos trabalhadores gráficos o que possibilitou o aparecimento de uma importante imprensa libertária por meio de publicações periódicas de vida efêmera, porém, de grande importante contribuição ao movimento operário. Porém o conteúdo destes jornais não estava totalmente ligado a questões ou ideais políticos, sendo aberto a outros temas, incluindo ainda anúncios publicitários.

Assim sendo, por meio de trechos de alguns destes jornais podemos ter uma idéia melhor do conteúdo deste tipo de imprensa nesta época:

* Relação entre colonos imigrantes e proprietários e administradores das fazendas de café, bem como a situação geral na fazenda:

Colonos não recebem. Na fazenda S.Cruz de propriedade de Eduardo da Silva em Bebedouro, o fiscal da fazenda rachou a cabeça de um colono e este vai procurar o delegado de polícia local. O ingênuo colono foi queixar-se ao delegado de polícia [...] O fazendeiro não pagou os colonos e não cumpre direito os contratos de trabalho. Além disso, exige muito trabalho e dá pouca alimentação, fora a violência que impera na fazenda (TERRA LIBRE. São Paulo, ano I, n.1, 28 jun.1906, seção Ecos das Fazendas, apud CÁNOVAS, 2001, p.183).

* Falta de assistência oficial do governo espanhol e das autoridades espanholas no Brasil:

Os representantes da Espanha não são aqui funcionários políticos ou administrativos, homens que encarnaram o direito legislado, espanhóis convertidos em caudilho militar de seus compatriotas, irmãos de seus irmãos de nacionalidade. Não: são Césares de sequeiro, tiranos que não dormem, deuses em miniatura que pretendem dispor a seu desejo da sorte das criaturas. [...] Alguns senhores vice-consult — que todavia não puderam chegar a compreender que para ser boa autoridade espanhola neste país a primeira e mais apreciável condição é de tratar a pontapés, depreciar e não dar ouvidos a seus compatriotas (LA VOZ DE ESPAÑA, n.406, de 19 mar.1908, p.01 - Tradução nossa, apud CÁNOVAS, 2001, p.183).

* Emigrantes espanhóis que deram certo (que venceram no território receptor):

[...] e tudo isso é obra de espanhóis que ainda não faz 6 anos chegaram a estes lugares demandando terras que então se vendiam baratas e hoje alcançam preços fabulosos. Foram eles, quem, com machado nas mãos, penetraram no mato, construíram uma cabana e lançaram as primeiras sementes de um futuro promissor que hoje compensa com grandeza seu sacrifício de outras épocas.

Ao ver-los hoje, donos de pequenas fazendas, sortindo o mercado com a produção de suas terras, intervindo no comércio, procurando o desenvolvimento da indústria, trabalhando pelo progresso deste país, no qual têm radicada sua fortuna, se orgulha a alma (EL DIARIO ESPAÑOL, n.1356, 02 maio1913, p.02 – Tradução nossa, apud CÁNOVAS, 2001, p.256).

* Emigrantes que vinham enganados pelos *ganchos* (agenciadores) na esperança de enriquecerem no Brasil:

Para que consentir, pois com nosso silêncio, o que laboriosos agricultores espanhóis, muitos dos quais vendem suas fincas, vêm para o Brasil em busca de melhoras que só existem nos fementidos lábios dos engajadores? (LA TRIBUNA ESPAÑOLA, n.104, 09 jan.1904, p.01 – Tradução nossa, apud CÁNOVAS, 2001, p.102).

* Anúncios de emprego para imigrantes nas fazendas:

Na Fazenda Villa Bella – Estação S.J. do Rio Pardo – Trem da Linha Mogiana, paga-se 250\$000 réis por cinco limpezas anuais, 1.200\$000 réis por sacas de 100 l. por saco de café coletado [...] os pagamentos são efetuados semanalmente, todos os sábados. O colono tem casa para viver, pastos para criar gado e terras para plantar cereais. E, por conta do trabalho, a fazenda efetua o que for necessário antecipado (EL DIARIO ESPAÑOL, 18 jan.1913, p.04 – Tradução nossa, apud CÁNOVAS, 2001, p.180).

* Tráfico ilegal de trabalhadores espanhóis:

Porém será possível que o governo da nossa Pátria continua com sua torpe mania de fechar os portos da península ibérica a todos os que desejam abandonar sua terra natal porque nela não se encontram satisfeitos, favorecendo com semelhante modo de proceder o infame e explorador tráfico que é feito no porto de Gibraltar, prejudicando o desgraçado e emigrante e os próprios interesses da Nação hispânica (DIARIO ESPAÑOL, 19 set.1913, p.1 – Tradução nossa, apud KLEIN, 1994, p.47).

* Situação política — no caso, o jornal a favor do nacionalismo brasileiro da década de 1930 motivado pelas experiências da Guerra Civil espanhola.

São ditadas com o coração as palavras que brindamos à nação que nos abriga, com a irmandade que nos une na defesa de um mesmo Deus e de um mesmo sentido de civilização. Ditadas com o coração e renovadas de gratidão pelos milhões de brasileiros que vêm nos inimigos da Espanha seus próprios inimigos. Oxalá que a dolorosa experiência da Espanha ilumine com seu exemplo a nação amiga, ao governo e ao povo irmão. Para nós, que estamos unidos ao tronco hospitaleiros desta pátria adotiva, dizer ‘Arriba Espana!’ é sinônimo de ‘viva o Brasil!’. Que sem gritos não-sinceros, expressamos o nome da autêntica colônia espanhola na pátria grande, culta e amiga onde vivemos (LA NACIÓN, 1938, p.06 – Tradução nossa, apud QUINTELA, 2005, [s.p].).

Apesar de datas imprecisas, faz-se necessário lembrar que o período de circulação destes primeiros periódicos coincide exatamente com a época em que a imigração espanhola para o Brasil foi mais intensa. Já foi citado que em 1910 o governo da Espanha proibiu a imigração subsidiada — o que não acabou por completo com o processo imigratório, mas o diminuiu bastante. Dessa maneira, a imprensa espanhola foi mais ativa e representativa do fim do

século XIX até os anos de 1930 do século XX, concluindo o que chamaremos aqui de seu primeiro período.

E como todos os acontecimentos sociais refletem na imprensa de um modo geral, nos periódicos imigrantes espanhóis isso não poderia ser diferente. Como vimos, com a Guerra Civil (de 1936 a 1939) sofrida pela Espanha e as duas grandes guerras deste período (a Primeira e a Segunda Guerra Mundial) quase que cessou o fluxo de imigrantes espanhóis, seja para o Brasil como para outros países do mundo. Isso foi sentido na imprensa imigrante paulista. Nesse período, não encontramos registros de surgimento de jornais espanhóis e os que já existiam tiveram, em sua maioria, circulação insignificante.

Elas (as guerras) provocaram a paralisação da imigração no Brasil e uma conseqüente ruptura na continuidade de geração entre os imigrantes espanhóis, por outro lado, a imprensa livre deixou de existir, entrando em um processo de profundo letargo (QUINTELA, 2005, [s.p.]).

A retomada da imprensa imigrante em São Paulo só aconteceu por volta dos anos de 1960. Um dos motivos, novamente, pode ser atribuído à imigração, porém, desta vez, na maior parte de ordem interna. O processo de industrialização paulista (o chamado surto fabril) fez com que muitos estrangeiros que trabalhavam nas fazendas de café migrassem para as grandes cidades, em especial a capital. Novamente foram se formando associações de ajuda e, conseqüentemente, surgindo outros periódicos. Nesta época — que classificaremos de segundo período da imprensa espanhola em São Paulo — temos:

Em 1957 circulava o *Boletín del Centro Gallego – Centro Democrático Español*, o órgão informativo e oficial das duas entidades, na época unidas. Uma notícia do *Boletín* transcrita por Gattaz (1996, p.71-72) mostra a função assistencialista da instituição.

BOAS NOTÍCIAS!

A partir do dia 18 do atual, todos os sócios poderão beneficiar-se de consultas médicas e operações cirúrgicas gratuitamente.

Igualmente todos os espanhóis e amigos da Espanha poderão utilizar o Serviço de colocação e orientação do Centro Democrático Espanhol da seguinte maneira:

- os que precisam de pessoal podem passar pela Secretaria do Centro todos os dias das 14 às 22, podem escrever oferecendo vagas à Rua da Figueira, 257, ou podem telefonar ao 35-7568.
- Os que buscam trabalho podem passar pela Secretaria todos os dias das 7 às 8 da tarde.

Também em 1957 surgiu o *Prensa Hispânica* — “semanario independente al servicio de la colectividad hispanoamericana”. Escrito todo em espanhol, a publicação pode ser considerada

uma das mais representativas da imprensa para a “comunidade” espanhola de São Paulo, chegando até a ser vendida em bancas, na época Cr\$ 5,00 o exemplar. De formato tablóide grande, preto-e-branco, tinha oito páginas (em média) e era dirigido por Deodoro Guadalini. Em seu conteúdo, verifica-se diversas notícias sobre as associações espanholas da capital, informações sobre a Espanha, notas internacionais e anedotas. A maioria dos anúncios publicitários era de estabelecimentos ou produtos ligados à colônia: restaurante La Casa de Cervantes, Professora de “bailes españoles”, Calzados La Fidalga etc.. Posteriormente, em 1964, encontramos o jornal *Prensa Hispana-Brasileira*. Não conseguimos identificar, entretanto, se é continuação *Prensa Hispânica* (ainda que o aspecto gráfico e a diagramação de ambos sejam bem semelhantes) ou um título novo — localizamos apenas uma folha, solta, no arquivo da SHB.

Em janeiro de 1961 surgiu o *Lucha* – “Boletim Informativo da Agrupação Cultural ‘Pablo Iglesias’ de São Paulo”. De estrutura bem simples, trouxe apenas um texto corrido, datilografado, todo em espanhol em papel sulfite A4. Fazendo uma breve análise do conteúdo, podemos destacar o objetivo político da publicação:

Nos propomos, dentro de nossas possibilidades, colocarmos ao curso das notícias que vêm de nossa Pátria e dos movimentos internacionais que estão a nosso favor e de divulgar [...] os ideais socialistas (LUCHA, jan.1968, ano 1, n.1 – Tradução nossa).

Em 1968, encontramos o jornal *España* – “Órgano oficial de la Casa de España”. Podemos afirmar, com certeza, que foram publicados pelo menos sete exemplares deste título, porém, não identificamos sua periodicidade. De formato tablóide (A4), todo em preto-e-branco, possuía quatro páginas. Seu conteúdo jornalístico, todo escrito em espanhol, resumia-se a notícias sobre atividades da Casa de España (na época localizada na Av. Alcântara Machado, 579), artigos de opinião políticos e notícias sobre o Brasil e a Espanha. Em 1972, entretanto, a Casa de España passou a publicar o jornal *Las Provincias* – “Órgano de la Colectividade Española de São Paulo y su Estado”. Não conseguimos identificar se este é uma transformação do jornal *España* ou um novo órgão, uma vez que seu conteúdo também se concentrava, majoritariamente, na divulgação das atividades da Casa — suponhamos que sim, já que imprime em suas páginas “15 anos de publicação”. Também tinha formato tablóide (A4), preto-e-branco, era todo escrito em espanhol e tinha distribuição gratuita. A redação (apesar da Casa ainda se encontrar na Av. Alcântara Machado) estava localizada na R. Paes de Andrade, 497, Aclimação.

Em 1975 surgiu o *Informaciones Hispano-Brasileñas*, dirigido por José Iglesias Miguez. Redigido todo em espanhol, tinha o formato de livro, preto-e-branco e 30 páginas (em média). Seu conteúdo resumia-se em notícias políticas, econômicas e sociais sobre a Espanha, história, turismo, artes, culinária e passatempos. Trazia anúncios de produtos e comércio ligados à Espanha, como por exemplo: Aceite Carbonel, Muebles Mediterraneo, Calzados Pepe, restaurantes La Coruña, Don Velazquez e El Puchero Español.

Estima-se que neste período tenha circulado ainda: *Tribuna Hispânica*, *Gaceta Hispânica del Brasil*, revistas *Nueva de Espanha*, *Alma de España* e *Hispano-Americana*. Este ciclo, entretanto, durou menos que o primeiro. Além da inserção do imigrante espanhol à sociedade e, principalmente, à fusão, em 1968, de 12 entidades espanholas paulistas formando a atual Sociedade Hispano Brasileira de Socorros Mútuos (SHB), os periódicos foram reduzidos a um só: O *Alborada*, que circula até os dias de hoje (e veremos mais detalhadamente no próximo item). Para o momento, vale destacar que é um jornal de circulação interna da SHB, distribuído gratuitamente, considerado o mais antigo, representativo e constante da “comunidade” espanhola de São Paulo.

O que classificamos aqui como o terceiro ciclo da imprensa espanhola em São Paulo se dá apenas no fim do século XX. Com exceção do *Alborada*, localizamos:

Novo Mundo – “Órgão oficial do Instituto Histórico e Cultural Cristóvão Colombo”, lançada em outubro de 1988. De formato revista, com cerca de 80 páginas em preto-e-branco, era escrito em espanhol e português. A edição encontrada se intitulava “edição especial”, uma vez que comemorava o “Día de la Hispanidad y Fiesta Nacional de España” (o 12 de outubro). Em seu conteúdo, destacam-se matérias e artigos sobre a história do descobrimento da América. Publicava anúncios de estabelecimentos comerciais de São Paulo ligados a espanhóis, como: Jamón Laticínios Dourados Ltda., Restaurante Vista ao Mar: o rei da Paella Valenciana, Supermercados Madrid, Confecções Gutierrez, entre outros. Além das comemorações pelo descobrimento, a revista celebrava os laços de amizade entre Brasil e Espanha, como podemos verificar num trecho do artigo escrito por Antonio Soler Algaba, cônsul da Espanha em São Paulo (1998, p.05 – Tradução nossa): “Os vínculos históricos que unem as coletividades hispano-brasileira encontram nesta iniciativa um louvável motivo para reforçar os muitos laços de amizade já existente entre nossos povos”. Infelizmente, não conseguimos identificar se a revista teve continuidade, bem como se o Instituto (na época localizado na R. Mauá, 836, casa 20) ainda existe.

Revista ASEESP – Associação de Empresários Espanhóis no Brasil. Voltada especialmente para notícias econômicas, tanto do Brasil como da Espanha, verifica-se em seu conteúdo, majoritariamente, informações sobre as atividades da Associação. Na edição de novembro de 1996, havia anúncios publicitários e uma seção de classificados, com ofertas de diversos tipos de produtos ou serviços. Com cerca de 15 páginas, todas coloridas, os textos eram escritos em português e espanhol.

Uma outra publicação que merece destaque é a revista *Hispania*. Embora não fosse voltada prioritariamente para a comunidade de emigrantes espanhóis de São Paulo, não deixava de atender a esse público, uma vez que tinha como leitor-alvo estudiosos ou apreciadores do idioma espanhol. Seu conteúdo era cultural (cada edição abordava um país da América Latina) e a revista circulou de 1995 a 1997 — com relevante qualidade gráfica, toda colorida e escrita em espanhol. Sobre o objetivo da publicação, a editora Maria Eulália Alzueta de Bartaburu²² conta: “Como também somos uma escola de línguas²³, sentíamos falta de dar um material maior para nossos alunos. Foi aí que surgiu a idéia de fazer uma revista voltada para cultura, em especial, à cultura latino-americana. Ela permitia que os estudantes se familiarizassem mais com a língua espanhola e ainda ficassem culturalmente informados”.

Nos anos de 1980, o Colégio Miguel de Cervantes de São Paulo editou, pelo menos, 17 números do jornal *El Cervantino*. De formato tablóide (A4), preto-e-branco, era escrito em espanhol e português e, no lugar de anúncios, contava apenas com o patrocínio da companhia aérea Ibéria. Em seu conteúdo — feito em parte com a colaboração dos alunos — destacam-se textos literários, informações sobre atividades do Colégio e anedotas.

Ainda neste período, destacamos mais dois títulos de jornais: *La Fragua* — um boletim interno da Asociación Cultural Julian Besteiro, cujo número 01 circulou em outubro de 1990 — e *El Quijote em Acción* — uma publicação interna do Departamento de Estudos

²² Maria Eulália Alzueta de Bartaburu, editora da revista *Hispania*, concedeu entrevista sobre a publicação, por telefone, no dia 24 out.2005.

²³ A empresa Hispania Línguas Latinas Editora Ltda., além de ser uma editora de livros e material didático em espanhol, possui uma escola de línguas em São Paulo, fundada em 1988, especializada no ensino da língua espanhola. Os livros adotados nos seus cursos são produzidos na própria editora e elaborados por Maria Eulália Alzueta de Bartaburu (que também era editora da revista *Hispania*). Mais informações no site www.hispanialinguas.com.br.

Hispânicos feito com a colaboração especial dos alunos dos cursos de espanhol da entidade; sua circulação também data de 1990.

A publicação mais recente deste período, lançada em dezembro de 2005, é a revista *¡Saludos!*, publicada pela Câmara Oficial de Comércio Espanhola no Brasil. De alta qualidade gráfica, a publicação visa “proporcionar aos leitores a oportunidade de obter informações pertinentes ao mercado bilateral Brasil-Espanha, bem como dados turísticos, gastronômicos e culturais destes países”, além de notícias sobre atividades da Câmara. Tem cerca de 50 páginas, todas coloridas e é escrita em português. Traz anúncios de grandes empresas ou instituições brasileiras e espanholas, como Banco Santander e Sebrae. Outra publicação da entidade é o *Diretório da Câmara*, distribuído gratuitamente aos associados e colaboradores, a empresas da Espanha e do Brasil; Câmaras de Comércio estrangeiras estabelecidas no Brasil; Câmaras de Comércio Regionais na Espanha, Câmaras Espanholas de Comércio no Exterior; todo tipo de associações e entidades de classe no Brasil e na Espanha, etc. Trata-se, na verdade, de um guia econômico e empresarial utilizado freqüentemente por empresas e entidades como material de consulta. Tem periodicidade bi-anual e tiragem dois mil exemplares.

A *Revista Brasil Espanha*, ao lado da *¡Saludos!* e *Alborada*, integra o conjunto de publicações espanholas mais representativo de São Paulo atualmente. Junto com a revista (publicada pela Vinho e Cultura CEC Ltda.), vem um suplemento com um guia gastronômico de restaurantes espanhóis no Brasil e na Espanha. A redação fica localizada na R. Rua Vergueiro, 3169 – São Paulo. Tel.: 6194 2829; site: www.revistabrasilespanha.com.br. Lançada em 2005, tem como diferencial a circulação: dos 10 mil exemplares que imprime trimestralmente, cinco mil circulam no Brasil (vendida a R\$ 9,00) e os outros cinco mil na Espanha (a 3,50 €).

Por fim há ainda o conhecimento de dois títulos *La Heria* e *Revista España*; porém, por falta de mais informações não pudemos classificá-los em nenhum dos três períodos vistos.

Outros modelos impressos — A exemplo do caso português, consideramos relevante destacar outros modelos de jornais e revistas voltados para a comunidade hispânica em geral não só que vive no Brasil, mas em diversas partes do mundo, com destaque para a América Latina; porém que circulam também em São Paulo.

Um destes títulos é a revista *Ronda Ibéria*, uma publicação da empresa área Ibéria, distribuída gratuitamente aos passageiros durante os vôos e produzida em Madri. De sofisticado aspecto

gráfico, possui cerca de 60 páginas, todas coloridas e escritas em espanhol. Entre o conteúdo destacam-se matérias de turismo, culturais e notícias da própria companhia (vôos, tarifas, rotas etc.). Tem anúncios de marcas mundialmente conhecidas (cigarros, bebidas, jóias). Atualmente, a empresa mantém o *e-Boletines*, um boletim eletrônico gratuito enviado via e-mail com ofertas, promoções, notícias etc. “que le permitirán beneficiarse de ser un cliente de Iberia”. Para receber, basta fazer o cadastro no site www.iberia.com.

Outra publicação localizada é o *Boletín España*, publicado pela Secretaria General de Turismo de España (Inprotur). Com cerca de 20 páginas (tablóide, A4), coloridas e de boa qualidade gráfica, traz informações turísticas sobre a Espanha: moeda, vistos, alfândega, diversão e costumes culturais por região, clima, calendário de eventos etc. Escrito todo em espanhol e produzido em Madri.

Nesta mesma linha encontra-se a revista *Espanoles em el mundo*, publicada pela fundação Ramón Rubial, cuja sede em São Paulo está na Av. Paulista, 2073, Horsa I – espanhóis.brasil@terra.com.br. Existente até os dias de hoje, divulga o objetivo da própria entidade, que é “mantener la presencia española en el mundo por medio de los españoles que residan más allá de nuestras fronteras fomentando todo tipo de relaciones entre España y todos los países del mundo”²⁴.

Verifica-se ainda a circulação de *Historias de la Emigraciones* — Boletín Informativo del Centro de Documentación de la Emigración Española. Todo escrito em espanhol e impresso em Madri, traz informações sobre espanhóis que moram nas mais diversas partes do mundo, legislação, eventos e novas medidas governamentais sobre o tema migração etc. Na edição de número 11, de 2002, publicou uma lista com as principais entidades espanholas no mundo; entre elas estava a SHB.

Por fim, temos a *Revista Carta de España*, uma das mais antigas dentre as destes modelos (o exemplar número 508 é de agosto de 1996). Publicada pelo Ministerio de Trabajo y Asuntos sociales de España, possuía cerca de 40 páginas, tamanho A4 — sendo apenas a capa e contra-capas coloridas (o resto era preto-e-branco). As matérias, voltadas para espanhóis que vivem em diversas partes do mundo, eram redigidas em espanhol. Entre os exemplos de assuntos abordados, destacamos uma notícia sobre o programa de rádio na Argentina “*Casa de España*”, que completou em outubro de 2000 cinco mil edições em 43 anos ininterruptos

²⁴ Fonte: <http://www.espamundo.org>. Acesso em: 12 set. 2006.

no ar; e ainda entrevistas com o cônsul espanhol na Austrália Arturo Pérez. Uma particularidade: de todas as publicações analisadas até aqui é a única que não traz anúncios publicitários.

Porém, não são só publicações feitas em Madri que circulam em São Paulo. Há ainda mais dois casos, ambos de títulos produzidos no Brasil. Um deles é o *Anuario brasileño de estudios hispánicos*, feito pela Embaixada da Espanha em Brasília; outra é o *Cuadernos de Recienvenidos*, editada pela Universidade de São Paulo (USP) e produzida pela Associação Brasileira de Hispanistas (ABH). As duas publicações não são necessariamente voltadas para imigrantes espanhóis e descendentes, mas aos estudiosos hispano-brasileiros em geral. Trazem trabalhos e artigos científicos (escritos em espanhol ou português) sobre temas ligados à Espanha e América Latina (imigração, atualidades, idioma etc.).

Outras mídias — Além dos jornais, boletins e revistas impressos, vale chamar a atenção para a existência de sites e um programa de rádio voltados para a colônia portuguesa de São Paulo.

Entre os sites encontrados podemos, inicialmente, adotar a mesma divisão por tipos do caso português: a versão on-line das publicações impressas, como a do jornal *Alborada* (www.sociedadehispano.com.br/alborada_229.htm) e a da *Revista Brasil Espanha* (www.revistabrasilespanha.com.br/); a *homepages* das instituições que mantêm a publicação, como a da Câmara Oficial de Comércio Espanhola no Brasil (www.ecco.org.br); ou a instituições que mantêm um boletim ou jornal apenas on-line, como é o caso do Centro de Cultura Catalã São Paulo – Brasil (www.catalonia.com.br/noticias_info_catalonia.asp) e o Colégio Miguel de Cervantes (www.cmc.com.br/default.asp). No entanto, há algumas outras características relevantes: no caso dos dois primeiros tipos, por exemplo, há um boletim eletrônico enviado aos leitores periodicamente, com informações atualizadas surgidas entre a impressão de uma e outra edição (sobre atividades da comunidade, eventos, notícias de Portugal e do Brasil etc.). Para recebê-los, basta cadastrar o e-mail na página, gratuitamente. Além disso, o site é atualizado com informações que muitas vezes podem não ser publicadas em suas versões impressas. E, no caso espanhol, se faz necessário ainda destacar um outro tipo: o de associações que atualizam suas informações no próprio site sem, necessariamente, manter um jornal ou boletim na página, ou seja, as informações são atualizadas na própria *homepage*. É o caso da Associação Brasileira de Hispanistas (ABH), com sede na Universidade de São Paulo - USP (www.hispanista.com.br) e o Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lulio (www.ramonlull.net/sw_principal/l_br/home.php).

Sobre rádio, verificamos a existência de apenas um programa (que existiu nos anos de 1960) voltado para a colônia espanhola de São Paulo: o *Alma de Espanha*. Feito pelos padres da Missão Católica Espanhola, era veiculado na capital pela rádio Nove de Julho de São Paulo (podia ser ouvido também em São Caetano e Santos).

[...] entre seus oradores destacaram-se os padres Pablo Canelles, catalão, e o padre Javier, aragonês, ambos encarregados de orientar as famílias de imigrantes e seus jovens filhos. Porém, o programa diário mais popular foi “Ondas de Espanha”, que era comandado pelo locutor García de Sabadell (GARCÍA-GUILLÉN, 2005, p.64).

Algumas considerações — Encontramos, ao longo da pesquisa, mais de 30 títulos de jornais e revistas voltados para a colônia espanhola que surgiram em São Paulo desde o fim do século XIX. Destes, pelo menos três circulam nos dias de hoje.

A exemplo do caso português, é complicado classificar se tal publicação é ou não voltada especificamente para a comunidade hispano-brasileira; mais uma vez, tal dificuldade se dá devido ao idioma: como o espanhol é falado em toda a América Latina, muitas publicações se misturam e, apesar de serem redigidas em espanhol, tem o conteúdo voltado para os latino-americanos, o que não deixa de interessar aos espanhóis e descendentes, devido aos laços históricos e culturais existentes com a Espanha desde o descobrimento do continente. Como exemplo deste caso apontamos, além da já citada revista *Hispania*, a revista *Nuestra América*, publicada atualmente pelo Memorial da América Latina, com versões em espanhol e português. Em seu conteúdo estão matérias de cultura, todas voltada para a América Latina, segundo o site da instituição, a “especialidade da casa”. A revista *Nuestra América* fala “da nossa especialidade – a América Latina – como nenhuma outra instituição pode fazer”²⁵. É dirigida por José Herinque Reis Lobo (presidente do Memorial). Algumas de suas manchetes: “Voltaire: pionero en la conexão em rede”; “Circo: eterno en el imaginario popular”; etc.

Outro fator relevante é a divisão da imprensa imigrante por períodos que pudemos fazer no caso espanhol. Os três ciclos distintos em que foram classificadas as publicações, cada um com suas peculiares características, refletem, como já dito, as transformações sociais do processo migratório como um todo. Notamos que na primeira fase, os títulos encontrados tinham mesmo a função principal de ajudar o imigrante recém-chegado no seu processo de aculturação e assimilação no novo território — tão carente de ajuda institucional —, além de

²⁵ Fonte www.memorial.sp.gov.br. Acesso em: 12 set. 2006.

tentar criar uma consciência política e social entre seus leitores ao denunciar os abusos nas fazendas, no processo de contratação de colonos, nas viagens da Espanha para o Brasil etc. Dessa maneira, podemos afirmar que estes jornais serviam como elemento de coesão, aglutinação e identificação desta “comunidade”.

De acordo com Nicolas Kanellos (1998) — um estudioso dos periódicos espanhóis nos Estados Unidos — “a principal função da imprensa imigrante hispânica é preservar sua cultura e defender sua comunidade”.

Do meio do século XIX até o presente, os imigrantes hispânicos criaram uma linguagem de periódicos para manter a sua conexão com a terra de origem enquanto que os mesmos ajudavam os imigrantes a se ajustarem na nova sociedade e na cultura daqui. (KANELLOS, 1998, p.01 – Tradução nossa).

Em alguns casos, este tipo de imprensa chegou a complementar a função dos espanhóis que tinham pequenos comércios em povoados agrícolas (e conseqüente contato com a cidade) de servirem como centros de comunicação para membros da comunidade dos imigrantes, citada por Klein (1994, p.60):

Tendo em vista a natureza dispersa do povoamento agrícola e a precariedade dos contatos, não era raro que os comerciantes espanhóis das pequenas aldeias do interior de São Paulo servissem de centros de comunicação para os membros da comunidade dos imigrantes. Essas pessoas serviam como fontes de informação sobre as condições de trabalho no local e até de protestos. As notícias sobre greves em fazendas, ou abusos contra os imigrantes da localidade vinham amiúde desses contatos.

Já no segundo ciclo é possível notar a transformação do caráter da imprensa imigrante em São Paulo. Apesar de ainda intensa a imigração, os jornais, bem como as associações às quais eles estavam ligados, já não tinham, primordialmente, a função de prestar ajuda; mas sim o desejo de preservar a tradição espanhola, resgatar a ancestralidade e a necessidade de cultivar em terra estrangeira uma identidade — muitas vezes mais forte e presente do que no país de origem.

Coube ao imigrante vindo após a Segunda Guerra [...] retomar a vida associativa e dar um novo impulso às comunidades que haviam sido desorganizadas; e por fim, recriar as suas tradições e reconstruírem as suas identidades étnicas pelo encontro da cultura trazida de seu país de origem com a cultura brasileira, mas ainda mantêm laços culturais muitas vezes já transformados no país de origem, e não estão tão integrados, aculturados, abasileirados como se propala (FREITAS, 2002, p.131).

Outra característica intensa deste período é o aspecto político das publicações — muitas delas feitas por refugiados da Guerra Civil Espanhola que aqui se estabeleceram e o desejo de manifestação de ideais.

Por fim, o terceiro ciclo, tem um caráter disperso — uma vez que nele não é possível identificar um modelo único de publicação — e efêmero. Com exceção de *Alborada* e das publicações da Câmara de Comércio ou a própria *Revista Brasil Espanha* (voltada para economia), são publicações que, no geral, celebram os chamados “laços de amizade” entre Brasil e Espanha e aparecem ao mesmo tempo em que desaparecem sem deixar rastros, sem criar vínculos afetivos com o leitor; são publicações variadas, que misturam assuntos, a fim de atender a diversos públicos — uma vez que a imigração é quase que insignificante neste período e os descendentes dos primeiros grupos de espanhóis que aqui chegaram já estão totalmente brasileiros. Aliás, este é apenas um fator que pode justificar a ausência de publicações voltadas para a colônia espanhola atualmente. Seguem outros: a facilidade de se obter informações estrangeiras pela Internet ou TV a cabo (o imigrante — em especial os que chegam trazidos por empresas, geralmente com alto poder aquisitivo — pode ter acesso a jornais espanhóis em tempo real) e a dificuldade financeira enfrentada pelas empresas de comunicação (atualmente, é caro se produzir uma publicação).

As publicações da coletividade também acabaram. Só o *Alborada* permaneceu, mas agora como informativo da Sociedade Hispano-Brasileira. E com o desaparecimento desses jornais que eram lidos pelos espanhóis, sumira também um bom número de personagens importantes que nos transmitiam sua opinião.

Por outro lado, podia-se agora comprar algum dos diários da Espanha ou assistir à Televisão Espanhola diretamente.

Foi uma grande mudança (García-Guillén, 2005, p.69).

Talvez este aspecto que notamos hoje também esteja relacionado à dispersão do imigrante espanhol e a conseqüente dificuldade de encontrarmos seus elementos identitários que permeiam o perfil e a memória coletiva dos imigrantes espanhóis que vieram para cá. Conforme dito anteriormente, se comparado a outras colônias, não houve bairros tipicamente espanhóis em São Paulo (embora fosse notável sua presença no movimento operário organizado) o que influenciou no surgimento de poucas instituições de assistência e bem-estar para cuidar de suas necessidades — uma norma bem diferente do que ocorreu com os italianos e portugueses, com suas associações, escolas e hospitais poderosos e duradouros.

[...] eles [os espanhóis] se encontravam entre os mais pobres e menos preparados dos imigrantes europeus. Chegaram com mais grupos familiares, menos preparação e instrução e apresentaram taxas menores de mobilidade social [...] Embora tenham criado

associações voluntárias e tenham até sustentado um jornal diário durante algumas décadas, nunca dominaram qualquer colônia, [...] como os italianos e portugueses [...] Com poucas escolas especiais e nenhum bairro urbano ou mesmo rural, devido a sua dispersão, a integração desses imigrantes espanhóis ocorreu com alguma rapidez já na segunda geração (García-Guillén, 2005, p.93).

Outra característica da imprensa espanhola é que, ao longo da história, pode ser entendida em dois tipos. O mais comum e característico dos próprios espanhóis (o mesmo não se verifica na colônia portuguesa, por exemplo) são os jornais e revistas ligados a centros, associações, entidades etc. espanholas. Eles surgiram como resultado de um processo quase que natural de comunicação da instituição com seus membros. Era preciso informar esses imigrantes, mantê-los por dentro dos acontecimentos que lhe interessavam, tanto no que se referia à nova terra, como no que estava ocorrendo na Espanha. O segundo tipo de imprensa imigrante espanhola que verificamos é aquela ligada a uma empresa privada, que nunca foi criada com o objetivo de prestar ajuda ou participar do processo de integração do espanhol na sociedade, mas simplesmente, com o objetivo de divulgar a cultura hispânica por meio, por exemplo, de seu idioma.

Sobre outras características, as que mais nos chamaram a atenção é a vida curta de alguns títulos e seu aspecto gráfico e editorial rudimentar, o que, como vimos, não se aplica no caso da maioria das publicações portuguesas. Grande parte não é feita por jornalistas responsáveis nem por intelectuais de renome, com rara exceção dos periódicos do primeiro ciclo, geralmente com seus proprietários engajados em lutas políticas. Os temas abordados por elas variam de acordo com a fase em que estão inseridos (explicadas anteriormente), o que também não acontece no caso português, no qual se nota grande variedade e abundância temática.

Com relação aos anúncios publicitários, verifica-se uma tendência a publicação de estabelecimentos ou produtos ligados de alguma maneira à colônia, porém, não de grandes empresas, como no caso português — a exceção da Companhia Ibéria.

À primeira vista não se verifica também o caráter de status das publicações espanholas, tão presente no caso português (como forma de reconhecimento social). E, com relação ao perfil religioso atribuído ao imigrante espanhol, notamos uma reflexão maior na imprensa, ou melhor, no rádio; não especificamente com o programa *Alma de Espanha* (veiculado na capital pela rádio Nove de Julho de São Paulo), mas sim com a reconhecida atuação dos

padres da Missão Católica Espanhola na capital, incluindo a realização de missas matinais em espanhol aos domingos no subsolo da Catedral da Sé, nos anos de 1960.

4. O jornal *Alborada*

O jornal *Alborada* é o atual informativo da Sociedade Hispano Brasileira de Socorros Mútuos e Instrução, localizada no bairro do Ipiranga, em São Paulo. Como sua história e desenvolvimento se mistura à própria história da entidade, faremos inicialmente um breve resgate histórico da SHB para então passar ao periódico.

A história da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos e Instrução nos mostra como ela foi útil à emigração, carente de ajuda e proteção [...] [a entidade] se pôs, não só em defender a seus sócios, dos males do corpo, como também em proteger-lhes juridicamente em seus direitos e ainda mais, em proporcionar-lhes uma instrução, para que mediante uma educação cultural, ainda que fora somente equivalente a um 1º grau atual, adquiriram os conhecimentos necessários para saber ler, escreve e alguma coisa de matemática, para não ser enganados nos ajustes do contas em administrações respectivas, ao liquidar seus dividendos (MERCHÁN, 1993, p.17-18 – Tradução nossa).

Conforme vimos, a SHB foi fundada em 1898, com o nome de Sociedade Española de Socorros Mutuos e Instruccion, e os objetivos principais de: prestar assistência médica, farmacêutica, jurídica, emocional e material aos imigrantes espanhóis recém-chegados, além de servir como espaço para a preservação da cultura espanhola. Sua criação foi uma iniciativa dos imigrantes espanhóis estabelecidos em São Paulo: Valentin de Diego, Juan Bautista Pérez, José Eirós, José Aparicio Martí, Higinio Bisbal, Juan Rocoy e Manuel Rodriguez. A sede ficava na R. Benjamin Burchart, 12, capital. Fizeram estatutos, dividiram as funções (Valentin de Diego ocupou a presidência), angariaram sócios etc.

Já em 1908, entretanto, a instituição, sentindo as mudanças sociais no que diz respeito aos imigrantes, passou por transformações, tanto estatutária, como de identidade, se fundindo com o Centro Gallego de São Paulo dando início, assim, àquela que seria uma de suas características de reconhecimento atuais: resultado da fusão de diversas instituições ao longo do tempo. Em 1938, atendendo a mudanças da legislação brasileira, elegeu uma diretoria formada por brasileiros natos, porém descendentes de imigrantes espanhóis — consideramos esta ação já um indicativo da aculturação e assimilação do imigrante espanhol.

Em 1940, a Sociedade mudou sua sede e adquiriu um dos primeiros terrenos onde se localiza atualmente. Nas palavras de Merchán (1993, p.24 – Tradução nossa): “em plena Av. D. Pedro II, aos fundos da R. Ouvidor Portugal, 541, com uma área total de 6.200 m²”. Ainda segundo o autor, as atividades da Sociedade eram intensas, ainda mais na promoção de eventos para arrecadar fundos a fim de garantir sua sobrevivência e expansão. Na campanha para construção de seu hospital (o que demandou muito dinheiro) foram realizados diversos eventos, entre festas típicas, apresentações de teatro, dança e filmes.

Em 1942, novamente para se enquadrar na legislação vigente da época, mudou o nome para Sociedad Brasileira de Socorros Mútuos. O fato do novo nome não conter nenhuma referência ao espanholismo da entidade gerou protestos entre os sócios e, nove anos mais tarde, foi mudado novamente, desta vez para Sociedade Hispano Brasileira de Socorros Mútuos, Instrução e Recreio. Nota-se que nesta mudança a Sociedade assumiu seu caráter recreativo, fruto de mudanças sociais e processos de aculturação e assimilação do imigrante, uma vez a prestação de ajuda, como era no início de sua formação, já não se fazia tão necessária. Foram então construídos na sede piscinas, quadras esportivas, salões de baile, campos de bocha etc. e passaram a vender (até por uma questão de sobrevivência) os chamados “títulos patrimoniais” a novos sócios, primeiramente só a espanhóis e mais tarde à população em geral. Porém, conforme indica Merchán (1993, p.41), a verdadeira finalidade de angariar novos, que era “injetar um sabor genuinamente espanhol” ao clube, não se concretizou. Segundo o autor, o motivo foi principalmente de ordem sociológica. Esses novos sócios que entraram, vindo muitas vezes de outras associações espanholas, já estavam inseridos e totalmente integrados à sociedade brasileira. Então, não se opunham a nenhum tipo de atividade cultural ou social. Além disso, a morte dos fundadores e dos espanhóis mais velhos contribuiu para uma abertura maior do clube. Prova disso é que em 1967 a Sociedade Hispano Brasileira de Socorros Mútuos, Instrução e Recreio realizou seu primeiro baile de Carnaval (festa típica brasileira), considerado um grande sucesso.

Sobre a fusão das entidades, 12 no total, foram muitas as discussões, desavenças e negociações, concretizadas, principalmente a partir do fim dos anos de 1960, com a integração basicamente da Casa de Galicia, Centro Asturiano, Casa de Aragón, Centro Democrático Hispanoamericano, Instituto Regional Valenciano e Centro Andaluz; estes, por sua vez, já tinham sido integrados a outras associações — por isso o nome de todas não aparece neste processo, encerrado no fim dos anos de 1970. Foi nesta década, ainda, que a

Sociedade passou a oferecer cursos de espanhol, ministrado pelo professor Mario García-Guillén (autor constantemente utilizado neste capítulo).

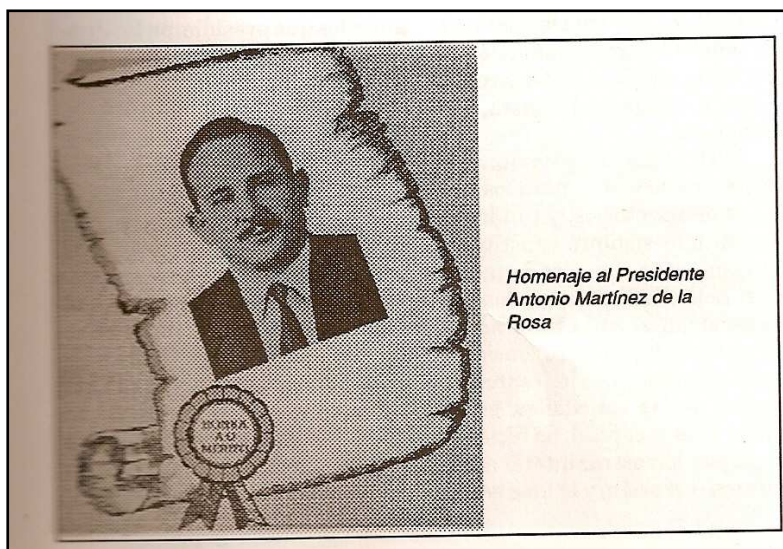
Hoje, obviamente, o fato é que a instituição não tem mais os objetivos que tinha no início — teve, como vimos, que se adequar à mudança natural do tempo até mesmo por uma questão de sobrevivência. Funciona, mais especificamente, como um clube recreativo e cultural, oferecendo lazer, cursos, eventos, entre outras atividades, aos cerca de 700 sócios (espanhóis, descendentes, ou membros da comunidade em geral). Pode ser considerada, em sua unidade, como um órgão de preservação da cultura espanhola e não mais assistencialista como antigamente. “Somos voltados para a cultura espanhola, sem dúvida. Temos nosso jornal na nossa língua, cursos de espanhol e de flamenco, por exemplo, e oferecemos jantares típicos, como a Noite da Paella. Mas não cabe mais aquele objetivo assistencialista inicial porque a sociedade mudou. A realidade do espanhol que vem para cá hoje não é mais a mesma do espanhol que vinha no século passado para trabalhar nas fazendas de café”, diz o presidente da Sociedade em 2005, Olegário Garcia²⁶.

A partir das últimas décadas do século XX a entidade assumiu um caráter mais cultural e recreativo, contribuindo para uma melhor integração entre os espanhóis e brasileiros que a freqüentavam. Em sua sede realizam-se festas comemorativas regionais ou comunitárias da Espanha e do Brasil, com a apresentação de grupos folclóricos. Destacam-se: Festa do Mediterrâneo (abril), Festa da Andaluzia (maio), Festa Madrilenha (junho), Festa do Apóstolo São Tiago (julho), Festival Flamenco (agosto), Festa de São Mateus e *Fabada* Austuriana (setembro) e Festival do Folclore Ibero-americano (outubro) (GARCÍA-GUILLÉN, 2005, p.100).

Foi em 1968 que o jornal *Alborada* surgiu como órgão oficial da SHB, idealizado por Angel Nieto de Vicente, como o objetivo de falar sobre a vida do espanhol em São Paulo e orientado a eles. No entanto, esta não foi a única iniciativa da entidade em produzir um periódico. Um ano antes, em 1967, foi produzida a *Socorros Mutuos en Revista*, feita pela então diretoria da entidade: Dr. Antonio Martinez de la Rosa (presidente) e de Newton Pereira.

²⁶ A entrevista do sr. Olegário García foi concedida, pessoalmente, à autora em 02 de nov.2005.

Segundo Merchán (1993, p.45 – Tradução nossa), a revista (imagem ao lado) era de bonita apresentação e teve o primeiro número dedicado ao próprio Dr. Antonio Martínez de la Rosa, “com sua fotografia emoldurada [...] onde se lia ‘honra ao mérito’”. No entanto, o projeto não foi para frente: o número 1 saiu em agosto-setembro de 1967 e o número 2, em novembro-dezembro. Parou por aí. Infelizmente, não conseguimos identificar o motivo de seu fim, bem como localizar estes exemplares.



Entretanto, no ano seguinte surgiu o jornal *Alborada*, caracterizado por Merchán (1993, p.16) como o periódico porta-voz da Sociedade, cuja competência é se reportar aos humildes ao mesmo tempo em que publica em suas páginas a história da própria Socorros Mútuos.

Desde sua criação, a circulação do jornal é mensal. Porém, houve períodos, sete no total, em que a publicação não saiu. Segundo o presidente da SHB em 2005, Olegário J. V. Garcia, o motivo foi sempre de ordem financeira. “Quando a entidade não tinha dinheiro, não saía. Chegou a ficar quase um ano seguido sem circular”. O exemplar de outubro de 2005 é o de número 227. Se tivesse saído regularmente, durante todos estes anos (62 no total), teríamos o número de 744. Mesmo assim, o *Alborada* é reconhecido como o jornal de maior constância e regularidade da comunidade espanhola de São Paulo. Também, ao longo do tempo, passou por diversos formatos físico, gráfico e editorial (a coleção completa encontra-se na própria sede da SHB).

Atualmente, o jornal — que tem tiragem de cerca de três mil exemplares — é distribuído gratuitamente para os sócios da instituição. “Mas não são apenas os sócios que recebem. Às vezes vêm pessoas aqui que não tem nada a ver com a cultura espanhola pedindo um exemplar também”, diz Garcia²⁷.

²⁷ IDEM nota 26.

É escrito todo em espanhol e até 2005 não havia um jornalista responsável — era de responsabilidade da direção administrativa da Sociedade, que escrevia, por exemplo, os editoriais. As outras matérias e artigos são produzidos por colaboradores não remunerados que podem ser um funcionário ou sócio da entidade. “Temos um colaborador, o Luis Salgado, que escreve para o jornal há quase 50 anos”, lembra o diretor. Além do dinheiro da Sociedade, que é mantida por mensalidades pagas pelos sócios, *Alborada* é custeado por anúncios que divulgam. Porém, segundo Olegário Garcia, a publicidade nunca dá para bancar toda a edição. “Sempre a entidade precisa pôr dinheiro”.

Até dezembro de 2005, *Alborada* tinha 12 páginas, sendo a primeira, a última e as do meio, coloridas (o resto preto e branco). Era dividido em duas colunas, com texto, fotos, ilustrações e as seguintes sessões: Editorial, Cultura, Sociedade, Autonomias (assuntos da Galícia), Tecnologia e Esportes. Em 2006, entretanto, por conta da mudança da diretoria da SHB — assumiu Rodrigo Ventin Sanchez —, o jornal passou por uma mudança gráfica e editorial. Apesar de manter o mesmo formato tablóide (A4) e o número médio de páginas, adotou nova diagramação, novo logotipo e cores em todas as páginas. Sua periodicidade também mudou, passando a ser de mensal para semestral. Foi contratado um jornalista responsável, Lylian Loureiro (MTB 43199) que assina a edição. No conteúdo, observa-se notícias sobre as atividades da Sociedade, espanhóis que se destacam no mundo esportivo, cultural ou político, matérias de saúde e bem-estar, coluna social (a maior parte) etc. Também é possível agora ler a edição atual do jornal na Internet, no endereço http://www.sociedadehispano.com.br/alborada_229.htm. Ao contrário das edições anteriores, há textos escritos em português.

CAPÍTULO VI

DO QUE FALAM OS JORNAIS MUNDO *LUSÍADA* E *ALBORADA*

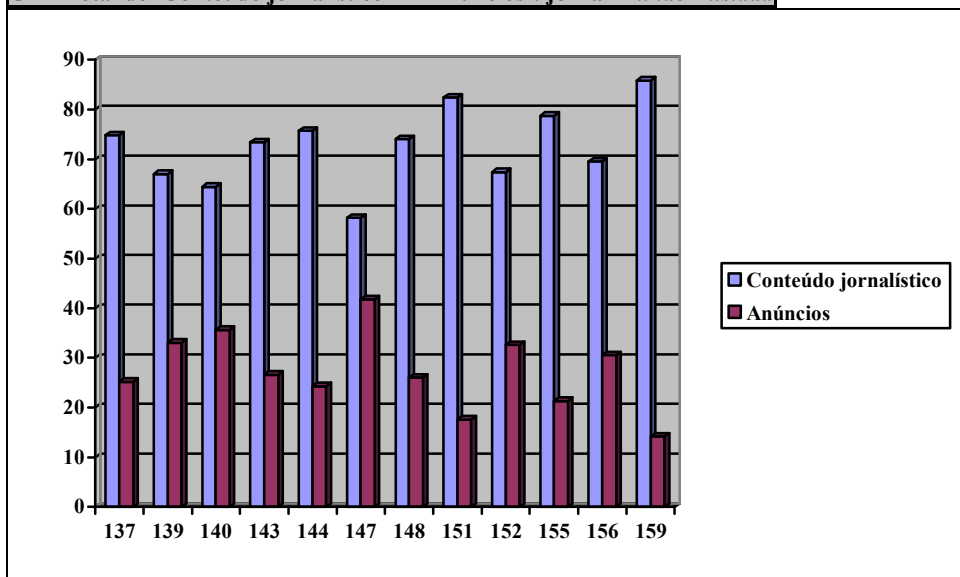
1. Relação entre conteúdo jornalístico e anúncios publicitários

Iniciamos a análise de conteúdo dos jornais *Mundo Lusíada* e *Alborada* separando e identificando na mostra definida¹ as duas unidades de análise — denominadas “Conteúdo jornalístico” e “Anúncios” e especificadas no capítulo I, dos aspectos metodológicos. Tais processos de separação e identificação (em termos quantitativos — cm², porcentagem e quantidade) foram feitos página por página de cada edição de ambas as publicações e os resultados obtidos encontram-se, de forma detalhada, em tabelas do Anexo 1². Aqui, nos concentramos em apresentar os resultados totais referentes a cada edição da publicação portuguesa e espanhola a fim de facilitar a leitura, compreensão e interpretação dos números, seguida da análise, interpretação e considerações. Dessa maneira, o panorama dos dados gerais obtidos, é o seguinte:

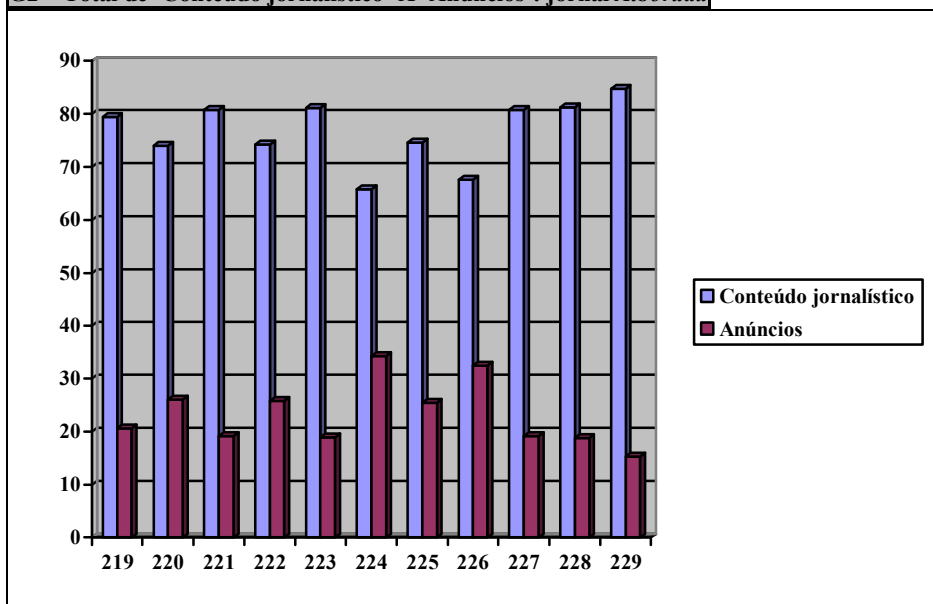
T2 – Total de ‘Conteúdo jornalístico’ x ‘Anúncios’: jornal <i>Mundo Lusíada</i>							
Área total medida: 12 edições = 144.900 cm ²							
Edição	Data	Nº de páginas	Conteúdo jornalístico		Anúncios		
			cm ²	%	cm ²	%	QTD
137	1ª quinz. julho de 2005	8	9.420	74,8	3.180	25,2	34
139	2ª quinz. agosto de 2005	8	8.435	67	4.165	33	43
140	1ª quinz. setembro de 2005	8	8.115	64,4	4.485	35,6	46
143	2ª quinz. outubro de 2005	8	9.182,5	73,4	3.417,5	26,6	37
144	1ª quinz. novemb. de 2005	8	9.533,75	75,7	3.066,25	24,3	39
147	2ª quinz. dezembro de 2005	12	10.998,5	58,2	7.901,5	41,8	67
148	1ª quinz. janeiro de 2006	8	9.319	74	3.281	26	30
151	2ª quinz. fevereiro de 2006	6	7.785	82,4	1.665	17,6	19
152	1ª quinz. março de 2006	6	6.372,5	67,4	3.077,5	32,6	28
155	2ª quinz. abril de 2006	6	7.438,5	78,7	2.011,5	21,3	21
156	1ª quinz. maio de 2006	6	6.565	69,5	2.885	30,5	30
159	2ª quinz. junho de 2006	8	10.815	85,8	1.785	14,2	21
Total			103.979,75	71,7	40.920,25	28,3	415

¹ Apenas para lembrança, uma vez que as definições metodológicas foram vistas no capítulo I: compreende a amostra submetida à análise de conteúdo 12 edições do jornal *Mundo Lusíada* e 11 edições do jornal *Alborada* — o que significa um ano de cada publicação. O período recolhido foi entre julho de 2005 e junho de 2006. No caso do jornal português, por ter periodicidade quinzenal, foi seguindo o esquema de mostra construída — selecionamos uma quinzena de cada mês, alternando primeira quinzena de um mês e segunda quinzena de outro, sucessivamente; da publicação espanhola, por ser mensal, reunimos simplesmente uma edição de cada mês, ou seja, o universo do período estabelecido.

² Foram analisadas no total 92 páginas de *Mundo Lusíada* e 112 de *Alborada* (estes números, porém, não representam quantidade de conteúdo, uma vez que cada jornal possui um formato específico, daí a necessidade de se identificar o cm², % ou quantidade).

G1 – Total de ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal *Mundo Lusíada***T3 – Total de ‘Conteúdo jornalístico’ x ‘Anúncios’: jornal *Alborada***Área total medida: 11 edições = 63.004 cm²

Edição	Data	Nº de páginas	Conteúdo jornalístico		Anúncios		
			cm ²	%	cm ²	%	QTD
219	novembro de 2004	8	3.559	79,4	925	20,6	15
220	dezembro de 2004	8	3.318,5	74	1.165,5	26	15
221	janeiro de 2005	12	5.437	80,8	1.289	19,2	17
222	março de 2005	8	3.326,5	74,2	1.157,5	25,8	17
223	maio de 2005	12	5.453	81,1	1.273	18,9	18
224	junho de 2005	8	2.951,5	65,8	1.532,5	34,2	21
225	julho de 2005	12	5.018	74,6	1.708	25,4	19
226	agosto de 2005	8	3.030,5	67,6	1.453,5	32,4	21
227	outubro de 2005	12	5.436	80,8	1.290	19,2	15
228	dezembro de 2005	12	5.462,5	81,2	1.263,5	18,8	16
229	1º semestre de 2006	12	5.890	84,7	1.064	15,3	19
Total			48.882,5	77,6	14.121,5	22,4	193

G2 – Total de ‘Conteúdo jornalístico’ X ‘Anúncios’: jornal *Alborada*

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)